

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM HISTÓRIA**

**“EU VOLTAVA REVOLTADO PRA CASA POR NÃO FICAR MAIS TEMPO  
NO COLÉGIO”: AS OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS EM ANÁPOLIS-GOIÁS,  
CULTURA ESCOLAR E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA.**

FELIPE SILVA DE FREITAS

GOIÂNIA - GO

2021

FELIPE SILVA DE FREITAS

**“EU VOLTAVA REVOLTADO PRA CASA POR NÃO FICAR MAIS TEMPO  
NO COLÉGIO”: AS OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS EM ANÁPOLIS-GOÍÁS,  
CULTURA ESCOLAR E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, na linha de pesquisa Educação Histórica e Diversidade Cultural, para obtenção do título de Mestre em Geografia.

**Orientador:** Prof. Dra. Thais Alves Marinho

GOIÂNIA – GO

2021

F866e Freitas, Felipe Silva de

"Eu voltava revoltado pra casa por não ficar mais tempo no colégio" : as ocupações secundaristas em Anápolis-Goiás, cultura escolar e consciência histórica / Felipe Silva de Freitas.-- 2021.

214 f.: il.

Texto em português, com resumo em inglês

Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores e Humanidades, Goiânia, 2021

Inclui referências: f. 208-214

1. Escolas públicas. 2. Percepção social. 3. Cultura. 4. Memória coletiva. 5. História oral. 6. Parceria público-privada. I. Marinho, Thais Alves. II. Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Programa de Pós-Graduação em História - 2021. III. Título.

CDU: Ed. 2 -- 316.64:37.014(043)

**"EU VOLTAVA REVOLTADO PRA CASA POR NÃO FICAR MAIS TEMPO NO COLÉGIO": AS OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS EM ANÁPOLIS-GOIÁS, CULTURA ESCOLAR E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA**

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, aprovada em 29 de abril de 2021.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof.ª Dra. Thais Alves Marinho / PUC Goiás



Prof. Dr. Luis Antonio Groppo / UNIFAL-MG



Prof. Dr. Rafael Saddi Teixeira / UFG

---

Prof. Dr. Eduardo José Reinato / PUC Goiás

---

\_\_\_ Prof.ª Dra. Tânia Ferreira Rezende / UFG

## **DEDICATÓRIA**

**Aos que ficam, aos que já partiram, e aos que ainda lutarão  
por uma educação pública, gratuita, de qualidade, laica e  
para todos.**

**In Memoriam a Thallys Henrique Pereira Salgado,  
guerreiro, integrante da Ocupação do Colégio Polivalente  
Frei João Batista vitimado aos 26 anos pela Covid-19.**

**Thallys Henrique Pereira Salgado, Presente!**

## AGRADECIMENTOS

Agradecer talvez seja uma das fases mais difíceis da minha escrita, não porque haja ausência de pessoas para agradecer ao longo destes dois anos, mas sim porque agradecer deve ser um hábito, nem sempre utilizado por nós habituados ao cotidiano movimentado e atarefado. Muitas vezes a solidão intensificada pelos momentos de pandemia mas recorrente de uma trajetória de rejeição familiar nos trona ríspidos suficientemente para desenvolvermos soberba de acreditar que chegamos em determinados lugares fruto de um esforço pessoal e meramente individual.

Agradecer é uma das maiores formas de exposição de alguém que a todo momento deve apresentar-se forte e vigilante; alguém que construiu castelos sentimentais com muros altos e protegidos e escondeu-se no centro dele como uma forma de esquecer-se da plebe que o aflige diariamente com críticas; e no final das contas como canta Billie Eilish “se as lágrimas pudessem ser engarrafas, haveria piscinas enchidas por modelos”.

Quero agradecer as circunstâncias que me permitiram chegar neste momento e possibilitaram que aprendesse com a rejeição, a solidão, o abandono, o rebaixamento e os desafetos; todas essas circunstâncias me permitiram crescer ou pelo menos refletir sobre quem queria ser ou não para as pessoas. Mas existiram aqueles e aquelas que propiciaram o acolhimento, a aceitação, um abraço, afeto, carinho, que pegaram em minha mão e mostraram que é possível alçar voos necessitando somente da coragem de pular de uma ponte; são a estas pessoas os meus agradecimentos especiais que me propicia alçar voos diários.

Existem famílias unidas pelo sangue, um laço eterno e impossível de ser quebrado em existência. Agradeço a minha família carnal, fortaleza de afeto, carinho e auto cuidado. A minha vó Vera Sillos de Freitas que consolida-se enquanto a matriarca familiar, e com sabedoria diariamente nos unifica com amor; ao meu pai Jessé Sillos de Freitas que da forma dele procura demonstrar interesse em minhas atividades; as minhas irmãs Rebeca Freitas Vasconcelos e Mariana Silva de Freitas que mesmo ausentes em alguns momentos são exemplos de mulheres fortes que não permitem serem abatidas pelas dificuldades enfrentadas diariamente; a minha irmã Isabelle Silva de Castro, que mesmo distante, e com uma diferença etária enorme me incentiva a cultivar afetos independentemente de convivência. Aos meus sobrinhos Benício Freitas Vasconcelos e

Anelise Freitas Vasconcelos que brilham meus olhos na perspectiva de compreender a possibilidade de construção de um mundo melhor aonde eles possam ser livre de opressões e os diversos “ismos” que nos afligem; aos meus tios Jacques Sillos de Freitas e Marcelo Fagerlande que são exemplos a serem seguidos de dedicação a vida acadêmica e verdadeiros conselheiros acadêmicos e de vida, nem sempre é fácil ser diferente perante a uma sociedade que nos oprime a sermos homogêneos.

Existem famílias unidas pelo amor, e não que a carnal não seja, mas nesta podemos escolher quem a pertence. Graças a meu pai Odé tive a oportunidade de participar de muitas famílias unidas pelo amor as quais agradeço. A família Dias Lima: Solange Dias Lima, Douglas Augusto Dias Lima, Sarah Dias Lima, Marco Antônio Dias Lima, família que me acolheu desde os meus 13 anos de idade, quando ainda dava meus primeiros passos para as decisões que influenciariam na formação da minha identidade, e que até hoje fazem-se presente com muito amor e carinho e participaram da empreitada das ocupações juntamente comigo.

A Família Ilê Asé Ojú Oyá tí Rú Ofá: Iyalorixá Watusi Santiago; Egbomi Ramayka Valverde; Egbomi Isneilton Porto; Ekedí Hevellyn Dias; Ekedí Aliny Silva; Ekedí Emília Motta; Ana Cláudia Azevedo; Weruska Santiago; Felipe Celedonio; Yara Santiago; Lucília Chaves; Kaue Alencar; Wagner Santiago; Emilly Dias; Pâmela Dias; Estella Santiago; Mandela Santiago; Lélia Santiago; Yuri Santiago; Evellyn Lopes; Dandara (ainda em gestação); Andréia Barbosa; Sergio Eduardo; Mateus Eduardo (ainda em gestação); Margot Sá; Verciane Gomes; Anita Benite e Família que me ensinam diariamente não somente a religiosidade mas valores e modos de vida destoantes da cultura capitalista ocidental.

A Família Santiago especificamente Waleska Santiago, Nilda Santiago, Matheus Santiago e Iago Santiago já que os demais membros encontram-se na família Ilê Asé Ojú Oyá Tý Rú Ofá. Este é um dos meus baluartes que permitem-me simplesmente ser quem sou. Obrigado pelas noites de vinhos, pelas conversas jogadas fora, pelas tardes de baralho, pelas boas cervejas tomadas e pelas acolhidas no dia a dia e principalmente no Natal. O acolhimento faz-me bem e vocês são experts na realização desse acolhimento.

A Família Fonceca: Divina Fonceca, Olímpio Fonceca, Kenia Fonceca, Marcos Focenca e Júlia Fonceca que a partir da amizade desenvolvida na ocupação com o Marcos Fonceca em 2015, passei a não só carregar como integrar essa família. Muito obrigado

pelas noites as quais dormi na cama ou no sofá e nunca me faltou conforto e um bom cobertor, pelas viagens a Caldas Novas ou Pirenópolis, pelas conversas, pelos apoios e a amizade incondicional.

A família que eu escolhi ter pra mim, meus amigos, muitos já citados em outras famílias que não citarei aqui: Tales Damascena de Lima, companheiro de graduação, mestrado e da vida, ex-vizinho que saía para caminhar nos dias nublados e de sol para debater sobre os mais variados assuntos, e corajoso ao aceitar as minhas empreitadas nas organizações de livros, minicursos e simpósios temáticos; Gabrielle Silva Andrade, companheira de novidades, para não dizer fofocas, e grande parceira acadêmica, que assim como Tales aceita as minhas empreitadas acadêmicas, sendo a última o livro: “Ensaio de uma Educação Libertária: Em busca de Autonomia”.

Meus agradecimentos a Célia Maria e Thainá Alves, que me socorrem sempre que o processo criativo encontra barreiras e dificuldades. Obrigado pelas palavras de acalanto e pelos momentos vividos de distração que permitiram espairecer para voltar a ativar durante esse momento de minha vida. Aos meus orientadores oficiais da vida acadêmica Dra. Thais Alves Marinho e Dr. José Maria Baldido (Trabalho de Conclusão de Curso) que com muito amor, carinho, compreensão conseguiram me moldar de forma a ser quem sou atualmente.

E agradeço especialmente aquele que me mantém de pé, e que não permite-me sentir-se só independentemente da quantidade de pessoas que me cercam: Obrigado meu pai Odé, por se presente em todos os momentos de minha vida, não somente na espiritualidade, mas no cotidiano.



## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo debater a Cultura escolar contraposta pelos estudantes secundaristas durante o processo de ocupação secundaristas contrário a implementação da parceria público privada com Organizações Sociais na educação firmada através do Edital 001/2016. Ao longo do trabalho identificamos historicamente a origem de determinadas características da atual Cultura escolar, impulsionada pelo desenvolvimento da política neoliberal no processo educacional, e reconstruímos o processo de ocupação das escolas públicas, através da análise da ocupação do Colégio Estadual Polivalente Frei João Batista (CEPFJB). É possível compreender portanto, que as ocupações secundaristas para além de contrapor o desenvolvimento de uma política neoliberal na educação, colocava em cheque a Cultura escolar e funcionou como um espaço formativo para os estudantes secundaristas que participaram na possibilidade de contribuir com a Consciência Histórica destes estudantes. Dentre as diversas metodologias desenvolvidas para que pudéssemos resolver os problemas de compreender a construção da Cultura escolar, utilizamos da leitura bibliográfica para realização de uma análise do campo educacional através da teoria de Pierre Bourdieu, e para analisar os últimos anos de desenvolvimento de políticas neoliberais na educação goiana; por conseguinte nos utilizamos de duas metodologias importantes para compreender a consciência histórica dos agentes do campo participantes das ocupações: a História Oral, e a História de Vida, que nos permitem compreender o seu envolvimento nas ocupações e quais foram as influências de instituições primárias e secundárias para a formação de suas consciências históricas. Por último, buscamos através da entrevista semi estruturada e da análise do discurso destes sujeitos, compreender aonde que o envolvimento nas ocupações auxiliou estes estudantes a construir/expandirem as suas consciências históricas, ampliando também seu capital cultural.

**Palavras Chave:** Ocupações Secundaristas; Consciência Histórica; Cultura Escolar.

## **ABSTRACT**

The present work aims to debate the School Culture opposed by high school students during the high school occupation process, contrary to the implementation of a public-private partnership with Social Organizations in education signed through Edital 001/2016. Throughout the work, we have historically identified the origin of certain characteristics of the current School Culture, driven by the development of neoliberal policy in the educational process, and reconstructed the process of occupation of public schools, through the analysis of the occupation of the Colégio Estadual Polivalente Frei João Batista (CEPFJB ). It is possible to understand, therefore, that secondary occupations, in addition to opposing the development of a neoliberal policy in education, put into question the School Culture and functioned as a formative space for high school students who participated in the possibility of contributing to the Historical Consciousness of these students . Among the various methodologies developed so that we could solve the problems of understanding the construction of School Culture, we use bibliographic reading to carry out an analysis of the educational field through the theory of Pierre Bourdieu, and to analyze the last years of development of neoliberal policies in Goiás education; therefore, we use two important methodologies to understand the historical awareness of field agents participating in occupations: Oral History, and Life History, which allow us to understand their involvement in occupations and what were the influences of primary and secondary institutions for the formation of their historical consciences. Finally, through semi-structured interviews and discourse analysis of these subjects, we seek to understand where the involvement in the occupations helped these students to build / expand their historical consciences, also expanding their cultural capital.

**Keywords:** Secondary Occupations; Historical Consciousness; School Culture.

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1** – Manifestação de Rua contrário a retirada de titularidades dos professores (2012)

**Figura 2** – Reunião no Colégio Professor Faustino para articulação da ocupação no Colégio

**Figura 3** – Reunião na Praça Bom Jesus para novas articulações de ocupação na cidade.

**Figura 4** – Assembleia de Ocupação do Colégio Polivalente Frei João Batista

**Figura 5** – Fixação da faixa confeccionada pelos ocupantes para sinalizar que o colégio encontrava-se ocupado.

**Figura 6** – Roda de Conversa com Professores Universitários e Estudantes Secundaristas

**Figura 7** – Limpeza no Colégio Polivalente Frei João Batista

**Figura 8** – Oficina de Revitalização da Praça do Colégio Polivalente Frei João Batista

**Figura 9** - Atividade de Vôlei na Quadra do Polivalente Frei João Batista

**Figura 10** – Mesa de Truco na Ocupação do Colégio Polivalente Frei João Batista

**Figura 11** – Atividade de Ping Pong

**Figura 12** – Futsal na Quadra

**Figura 13** – Oficina de Capoeira

**Figura 14** – Roda de Break Dance

**Figura 15** – Oficina de Capoeira na Ocupação

**Figura 16** – Campeonato de Fifa no Playstation

**Figura 17** – Oficina de Parkour

**Figura 18** – Pintura na Quadra de Esportes

**Figura 19** – Decoração da noite de Natal na Ocupação do Colégio Polivalente Frei João Batista

**Figura 20** – Noite de Natal no Colégio Polivalente Frei João Batista

**Figura 21** – Festa de Ano Novo na Ocupação

**Figura 22** – Tarde Cultural do Polivalente Frei João Batista

**Figura 23** – Círculos Históricos por Estevão Martins

## **LISTA DE GRÁFICOS**

## **LISTA DE TABELAS**

**Tabela 1** – Relação de Escolas Ocupadas no Estado de Goiás

## LISTA DE SIGLAS

- ABE** – Associação Brasileira de Educação
- BM** – Banco Mundial
- BNCC** – Base Nacional Comum Curricular
- CEPFJB** – Colégio Estadual Polivalente Frei João Batista
- CEPMG** – Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás
- DEM** – Democratas
- EJA** – Educação para Jovens e Adultos
- EUA** – Estados Unidos da América
- FMI** – Fundo Monetário Internacional
- IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IDEB** – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
- IDEGO** – Índice de Desenvolvimento da Educação de Goiás
- Ince** – Instituto Nacional de Cinema Educativo
- JCA** – José Carlos de Almeida
- LDB** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação
- MBL** – Movimento Brasil Livre
- MEB** – Movimento Endireita Brasil
- MP-GO** – Ministério Público de Goiás
- OS's** – Organizações Sociais
- PCB** – Partido Comunista Brasileiro
- PCN's** – Parâmetros Curriculares Nacionais
- PL** – Projeto de Lei
- PMDB** – Partido Movimento Democrático Brasileiro
- PM** – Polícia Militar

**PM-GO** – Polícia Militar de Goiás

**PNAC** – Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania

**PNE** – Plano Nacional da Educação

**PSD** – Partido Social Democrático

**PSDB** – Partido da Social Democracia Brasileira

**PT** – Partido dos Trabalhadores

**PSEC** – Plano Setorial de Educação e Cultura

**SAEGO** – Sistema de Avaliação Educacional de Goiás

**SEDUC** – Secretaria de Educação e Cultura

**SEDUCE** – Secretaria de Educação Cultura e Esportes

**SPHAN** – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

**TI** – Tecnologia da Informação

**TIC's** – Tecnologias da Informação e Comunicação

**UBES** – União Brasileira de Estudantes Secundaristas

**UCA** – Um Computador por Aluno

**UDN** – União Democrática Nacional

**UEG** – Universidade Estadual de Goiás

**UFG** – Universidade Federal de Goiás

**UGES** – União Goiana de Estudantes Secundaristas

**UNE** – União Nacional dos Estudantes

**USAID** – Agência Norte Americana para o Desenvolvimento Internacional



## Sumário

INTRODUÇÃO .....	19
CAPÍTULO I – HISTÓRIA DO CAMPO EDUCACIONAL BRASILEIRO E A TEORIA DE BOURDIEU.....	27
1.1 A educação jesuítica e o início da composição do campo educacional no Brasil. ....	28
1.2 A Escola brasileira no Império.....	38
1.3 A instauração da república e os desdobramento da educação .....	46
1.4 A Educação no período Vargas .....	50
1.5 Redemocratização de 1946 ao Golpe de 1964 .....	53
1.6 Ditadura Militar e o campo educacional.....	55
1.7 Redemocratização e a Escola brasileira .....	58
CAPÍTULO II – O CAMPO EDUCACIONAL DO ESTADO DE GOIÁS NO TEMPO PRESENTE: SUCATEAMENTO, PRECARIZAÇÃO E O PROJETO DE DESCONSTRUÇÃO DO PROCESSO EDUCACIONAL GOIANO.....	64
2.1 Compreendendo o Neoliberalismo no Contexto Educacional Brasileiro.....	64
2.2 O Discurso da Qualidade na Educação e o respectivo Sucateamento das relações de trabalho. .....	68
2.3 A Reforma Educacional Goiana: “Pacto pela Educação” .....	71
2.4 Militarização das Escolas Públicas de Goiás e o Modelo a ser seguido. ....	85
2.5 Organizações Sociais na Educação Goiana. ....	89
CAPÍTULO 3 – <i>HABITUS</i> , CULTURA ESCOLAR E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA: O DIA A DIA NO CHÃO DA ESCOLA, OS CONFLITOS DO CAMPO ESCOLAR, E AS OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS.....	94
3.1 O campo educacional para além da construção das Políticas Educacionais. ....	95
3.2 Cultura escolar da Escola Moderna: uma análise conceitual. ....	98
3.3 A insatisfação dos estudantes secundaristas com a Cultura escolar. ....	102
3.4 Há quem ouse pensar diferente: As ocupações secundaristas e o questionamento para além da implementação das Organizações Sociais na Educação. ....	104
3.5 A ocupação do Colégio Polivalente Frei João Batista e o funcionamento cotidiano da ocupação.....	107
3.6 A realidade diária da ocupação e sua organicidade.....	116
3.7 Os momentos de confraternização e o fim da ocupação secundarista no Colégio Polivalente Frei João Batista. ....	118
3.8 “Não seremos os mesmos jamais” Quem eram estes estudantes antes da ocupação? Histórias de Vida e início do debate de formação de Consciência Histórica. ....	130
3.9 Consciência Histórica e Ocupações Secundaristas .....	135

3.10 Pequenas reflexões a respeito do ambiente educacional e a possibilidade de construção de uma escola diferenciada.....	138
4. Considerações Finais.....	141
5. Fontes .....	146
6. Referências Bibliográficas .....	210

## INTRODUÇÃO

O final do ano de 2015 e início do ano de 2016 foi permeado pelas ocupações secundaristas contra o processo de compartilhamento da gestão escolar para o modelo de Organizações Sociais. A implementação do Edital 001/2016 de Convocação das Organizações Sociais sem o devido diálogo com a comunidade escolar, incentivou os estudantes a procurarem uma metodologia de resistência às imposições governamentais. Em consonância com os bons resultados construídos em São Paulo, em relação às ocupações contra o processo de reorganização das escolas, os estudantes goianos decidiram por ocupar suas escolas.

No Estado de Goiás 27 Escolas foram ocupadas contra as implementações da gestão compartilhada com as Organizações Sociais, em alguns colégios a ocupação durou por mais de 60 dias. Certamente a juventude presente nas ocupações queriam contestar algo e “passar o seu recado”. Nesta perspectiva, a presente pesquisa importar-se-á com a temática das ocupações dos colégios estaduais e destes sujeitos que ocupam suas escolas em busca de uma educação de qualidade, procurando compreender através da metodologia da História de Vida a consciência histórica dos sujeitos que ocuparam os colégios que conseqüentemente possibilitaram o desenvolvimento da ocupação, e como a ocupação tornou-se um espaço de desenvolvimento de consciência histórica.

As ocupações constituíram para um espaço formativo político, de possibilidade de aquisição de responsabilidade coletiva sob o espaço escolar e fomentou a autonomia e a criatividade dos estudantes que ocuparam as escolas, a fim de questionar não somente as Organizações Sociais, mas a cultura escolar consolidada desde a implementação da instituição escolar no Brasil. Entendemos, que esse processo das ocupações secundaristas ocorreram em função de uma consciência histórica já presente entre os estudantes, e que o fenômeno das ocupações possibilitou que os sujeitos envolvidos se inserissem (estudantes secundaristas, professores, estudantes universitários) em um movimento de redes, que favoreceu trocas de experiências típicas da convivência em comunidade, muitas vezes contrária à própria lógica de constituição do campo escolar.

Isso porque entendemos a constituição do campo escolar a partir da perspectiva teórico-metodológica de Pierre Félix Bourdieu (1989), um sociólogo francês que entende a sociedade compartimentada por campos. Essa separação possibilita analisar como esses espaços sociais se constituem, se organizam e se relacionam entre si, ou seja, o campo é

uma parte da sociedade que possui regras institucionalizadas (*nomos*), agentes (que podem ser pessoas e/ou instituições) que ocupam posições relacionais de dominados e dominantes, senso comum (*doxa*), um capital que busca ser alcançado pelos agentes, e um *habitus* legitimado através da consecução do capital do campo.

Nessa perspectiva, o campo escolar teria se constituído a partir da invasão portuguesa em terras indígenas, no que se convencionou chamar de Brasil, com a chegada dos Jesuítas, que criam as primeiras escolas. Buscaremos apresentar esse campo e como ele se constituiu por diretrizes orientadas pela noção de hierarquia, autoridade, disciplina e obediência, e que apesar do movimento histórico, tais diretrizes são ressignificadas à luz dos paradigmas econômicos e políticos adotados pelo país ao longo de sua constituição. Assim, buscaremos nesse trabalho compreender como as ocupações secundaristas se consolidaram no século XXI como um fenômeno de contestação da lógica hierárquica, disciplinar e autoritária da escola brasileira.

Nossa hipótese é de que os secundaristas ocupantes que se engajaram e lideraram o movimento teriam desenvolvido uma consciência histórica ao longo de suas trajetórias individuais, perceptíveis em seus *habitus*, que possibilitaram a eles a reflexividade necessária para ingressarem em tal movimento. Hipotetizamos, que tal consciência não foi desenvolvida no contexto escolar, já que este dissemina um capital voltado à disciplinarização e hierarquias autoritárias, mas que tal consciência histórica pode ter sido desenvolvida a partir do contato de outras instituições sociais, como a família, a religião e mesmo a participação em movimentos estudantis e políticos.

Nesta perspectiva nos colocamos à disposição para compreender quais foram os fatores sociais, políticos, históricos e sociais que possibilitaram e contribuíram para a organização do movimento secundaristas de ocupação das escolas em Anápolis, no estado de Goiás. Compreender essas mobilizações é também compreender os sujeitos e questionar-se continuamente quem eram as pessoas que ocupavam suas escolas, quais são suas trajetórias de vida, quais são suas motivações, quais elementos de seus *habitus* favoreceram a ocupação, como constroem suas *illusios*.

Ao buscar entender a partir da História de Vida dos estudantes poderemos compreender os elementos que compõem seus respectivos *habitus* e a consciência histórica necessária para o engajamento nas ocupações, poderemos, portanto, perceber quais instituições sociais favoreceram a construção identitária desses sujeitos. Pode a presença dos grupos primários (família, igreja e comunidade) produzir um sujeito mais interessado com a justiça, autonomia, igualdade, responsabilidade, coletividade e

criatividade, ou seria a participação em grupos secundários (movimentos sociais, partidos políticos, escola) os promotores dessa motivação?

Para além das problemáticas identitárias, nos preocupamos com as questões educacionais também. Portanto, devemos compreender como, a partir de suas consciências históricas, os estudantes tentam realizar a modificação da cultura escolar e possibilitam um processo de aprendizagem mais atrativo para os estudantes, através da autonomia e da criatividade, produzindo novas consciências históricas?

Inicialmente, nosso objetivo com a pesquisa, além de historicizar o processo de ocupação dos colégios estaduais pelos estudantes secundaristas, muitas vezes esquecidos pela historiografia “tradicional” que preocupa-se com grande feitos, buscava compreender o desenvolvimento da consciência histórica dos estudantes que participaram das ocupações, a fim de compreender quais os valores e grupos sociais fizeram com que estes estudantes ocupassem suas respectivas escolas contra as Organizações Sociais.

Questionávamos quais vivências dentro e fora da escola fizeram com que estudantes secundaristas tão diversos em suas subjetividades decidissem defender a educação pública contra algo invisível (Organizações Sociais) materializados após publicação do edital 001/2016. Interrogávamos com que compreensão de mundo e Consciência Histórica os estudantes secundaristas desenvolveram ao longo da ocupação e após o término da ocupação.

Nesta perspectiva nossa hipótese consiste em afirmar que os grupos primários (família, igreja, escola) assumiram um papel de maior importância, durante a infância e juventude, na vida dos estudantes que participaram do processo de ocupação nas escolas estaduais, possibilitando consciências históricas que fomentem princípios como: igualdade, solidariedade, autonomia, criatividade, justiça e que coloquem os estudantes mais próximos de grupos primários ou secundários que desenvolvam princípios fomentados primariamente pelos grupos primários.

Para além disso, hipotetizamos que o processo de ocupação das escolas foram verdadeiras escolas em funcionamento diverso, e possibilitou a aprendizagem de novas formas de apreender, novos conteúdos e novas habilidades e competências a serem desenvolvidas no estudante. A criatividade e a autonomia de auto gerenciar o processo possibilitaram a formação de consciência histórica democrática, mudança gradual e momentânea da Cultura escolar e criaram espaços de aprendizagens muito mais atraentes possibilitando questionarmos alguns dos erros da escola pública brasileira.

Alguns autores e conceitos são primordiais para que possamos alcançar nossos objetivos e averiguar a nossa hipótese. Quando nos colocamos a disposição para compreender qual é a consciência histórica dos estudantes que ocuparam os colégios estaduais, e quais são os principais grupos que possibilitaram o desenvolvimento desta consciência histórica, iniciamos uma discussão que remonta a Durkheim no que tange a solidariedade orgânica e solidariedade mecânica / grupos primários e secundários.

Durkheim (1893) ao tentar compreender a solidariedade orgânica e a solidariedade mecânica as classifica enquanto: a solidariedade mecânica possibilita o desenvolvimento dos afetos através do pressuposto das similitudes e igualdade (presente nos grupos primários), enquanto a solidariedade orgânica possibilita a tolerância pelas funções diferenciadas que exercemos na sociedade e pela compreensão da necessidade do desenvolvimento destas funções para a boa funcionalidade social (presente nos grupos secundários).

Nesta perspectiva os discursos referentes a solidariedade mecânica e orgânica colocaram os cientistas sociais a perguntar onde é construída essas solidariedades. Compreendendo as estruturas sociais construídas, os cientistas sociais desenvolveram dois grupos que podem influenciar na formação das solidariedades; são eles: os grupos primários, constituídos por grupos afetivos como a família, igreja, e os relacionamentos primários no âmbito da comunidade; e os grupos secundários, constituídos através do utilitarismo e instrumentalismo, são exemplos: a escola, a mídia e o Estado.

Estes grupos são muitas vezes os responsáveis pelo desenvolvimento da nossa consciência histórica sobre determinados assuntos. Segundo Rusen (2001, p. 57) a consciência histórica resume-se na “suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo”. Desta forma, a consciência histórica é construída a partir das relações e interações com as estruturas e com os sujeitos.

Essa interação com os demais sujeitos produzem singularidades/subjetividades, que são moldadas de forma a constituir uma identidade social, portanto este é um:

“Saber incorporado, é, portanto, “...o produto de um trabalho social de nomeação e de inculcação ao término do qual uma identidade social instituída por uma dessas ‘linhas de demarcação mística’, conhecidas e reconhecidas por todos, que o mundo social desenha, inscreve – se em uma natureza biológica e se torna um habitus, lei social incorporada” (p. 66). São essas disposições internalizadas que condicionam as habilidades, interesses e prioridades do indivíduo, porque desperta neles um senso

prático de classificações de percepções, que orienta como substituir ou reacomodar as aquisições mais novas pelas mais antigas.” (MARINHO, 2016, p. 102)

No campo metodológico, nossa pesquisa divide-se em 4 etapas: A primeira corresponde a uma leitura bibliográfica do nosso referencial teórico metodológico, e das produções referente as ocupações secundaristas no Brasil e em Goiás. A segunda etapa corresponde ao levantamento dos possíveis estudantes que ocuparam seus colégios para a realização de entrevistas semiestruturadas. O levantamento deverá ocorrer através da indicação de alguns contatos já existentes, e também a procura por perfis em redes sociais de pessoas presentes e fotografias das ocupações e vídeos que remetem às ocupações secundaristas. As entrevistas semiestruturadas deverão ser compostas de perguntas que possibilitem identificar respostas para os problemas elencados.

A terceira etapa da dissertação consiste na aplicação da entrevista semiestruturada com os estudantes que ocuparam seus colégios mapeados pela etapa anterior. Neste momento utilizaremos de duas metodologias para aproveitar das narrativas dos estudantes secundaristas; a primeira consiste na História Oral, que segundo Alberti (2005):

“a História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador à fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente.” (ALBERTI, 2005, p. 155).

Já a segunda metodologia pensada para o melhor entendimento das questões levantadas é a História de Vida<sup>1</sup> que se constitui, enquanto uma metodologia para compreender as histórias da vida dos sujeitos e como eles constituíram seu *habitus* e a possibilidade de construção de consciência histórica. A metodologia apresenta dificuldades enormes, pois a proximidade com os sujeitos investigados se faz essencial para a abertura de suas histórias.

“o método de história de vida participa da metodologia qualitativa biográfica na qual o pesquisador escuta, por meio de várias entrevistas não diretivas, gravadas ou não, o relato da história de vida de alguém que a ele se conta. Nesse processo, a relação entre pesquisador e aquele que narra sua história é um ponto essencial e só acontece na presença de um vínculo de confiança mútua que é construído ao longo de um processo. Ao fim da escuta, todo o material é transcrito e discutido entre o sujeito participante e o pesquisador, que, a partir de então, fará um mergulho analítico para buscar identificar naquele material as pistas que o ajudarão a tentar responder suas questões de pesquisa.” (NOGUEIRA, et al. 2017, p.1)

---

<sup>1</sup> O método da História de Vida constitui-se como um método qualitativo biográfico que busca através das narrativas da história da vida de um sujeito compreender o *habitus* desenvolvido pelo mesmo, ou até mesmo o Mporque do sujeito interessar-se por determinadas coisas.

Desta forma, nossa pesquisa configura-se e ancora-se em metodologias qualitativas biográficas, que possibilitarão a melhor compreensão do processo de ocupação, dos sujeitos, e das mudanças no processo de aprendizagem e da cultura escolar.

O critério de seleção dos entrevistados consistiu em: estudantes que participaram do processo de ocupação do Colégio Polivalente Frei João Batista contra as Organizações Sociais na cidade de Anápolis, que **preferencialmente** sejam maiores de idade; lideranças do movimento das ocupações, independente de sua profissão<sup>2</sup>. Deve-se excluir: estudantes secundaristas, universitários, professores que não participaram ativamente do processo de ocupação das escolas estaduais, a comunidade escolar que não participou ativamente da ocupação; crianças e jovens de 0 a 17 anos; idosos e pessoas com dificuldades de saúde física, indivíduos que não participaram das ocupações na cidade de Anápolis e indivíduos que não participaram da primeira fase das ocupações<sup>3</sup>.

As entrevistas foram precedidas da leitura e assinatura do **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, que continha todas as instruções que sejam importantes para o entrevistado relacionado a pesquisa. A pesquisa também garantiu o direito ao anonimato dos entrevistados, que decidiram por identificarem-se, como uma forma de dificultar/limitar a possibilidade de perseguições políticas e jurídicas.

As intervenções com metodologias qualitativas tem por objetivo compreender através da reconstrução das histórias de vida quais foram as instituições que possibilitaram o desenvolvimento da subjetividades nos sujeitos, e possibilitaram ou não o desenvolvimento de consciências históricas que desenvolveram sentido ao processo de ocupação das escolas estaduais no Estado de Goiás.

A quarta etapa da pesquisa constitui-se como o momento de transcrição e análise dos dados obtidos nas entrevistas, para responder as questões levantadas inicialmente e ao longo da pesquisa. A análise das fontes não configura-se enquanto um momento fácil do historiador; os debates realizados referentes a compreensão da inexistência de verdade

---

<sup>2</sup> Sabemos que muitos estudantes universitários e professores de universidades e de escolas estaduais tornaram-se grandes lideranças do movimento de ocupação das escolas, portanto, a pesquisa deve entrevistar essas lideranças independente de sua formação ou profissão.

<sup>3</sup> Autores como GROPPPO (2018) tem dividido as ocupações em duas fases distintas. A primeira corresponde ao final do ano de 2015 e início do ano de 2016 com ocupações em alguns Estados isolados e com pautas específicas dos Estados, nesta fase que se configura as ocupações secundaristas no Estado de Goiás ao qual nos propomos a investigar. O segundo momento segundo os autores, corresponde as ocupações secundaristas e universitárias contra o Projeto de Emenda Constitucional 55 que contingenciava os investimentos em saúde, educação e políticas sociais durante 20 anos; estas ocupações ocorreram em diversos espaços com uma pauta central, e teve o Estado do Paraná como o principal focus de ocupação.



e a existência de narrativas que se contrapõem, nos colocam em posição de poder nos desprender das correntes da VERDADE, e construir narrativas compromissadas com os fatos, sem jamais nos desprendermos do rigor metodológico de análise das fontes.

Assim, trata-se de uma pesquisa qualitativa que busca compreender quem são os sujeitos do processo de ocupação, suas identidades e trajetórias individuais (*habitus*), a fim de perceber a consciência histórica e a participação nas ocupações. Me interessa investigar as motivações que levaram os sujeitos a participarem das ocupações, para assim nos questionarmos sobre o sistema educacional brasileiro e a produção de consciência histórica.

O trabalho possibilita reconstruir parte da história do movimento secundarista de Goiás, e em um segundo momento, o trabalho possibilita uma reflexão sobre a Cultura escolar e as possibilidades de aprimoramento da mesma para a consecução de um espaço mútuo de aprendizagem e de formação de consciência histórica mais humana e cidadã. Essas discussões nos possibilitam pensar o lugar dos estudantes, enquanto protagonistas do processo de aprendizagem, e coloca a autonomia e a criatividade como possibilidades de desenvolvimento de uma consciência histórica mais crítica e de constante análise e reflexão. Portanto, o trabalho assume importância central para além de compreender como ocorreram as ocupações, mas também como os estudantes, na tentativa de modificar a cultura escolar tornaram a escola mais atrativa e despertaram nos estudantes vontade política de exercer a democracia.

A dissertação divide-se em três capítulos organizados da seguinte forma: no primeiro capítulo buscou-se a reconstrução do campo educacional brasileiro em diversas temporalidades, os questionamentos travados visam a compreender a construção do campo educacional, seus agentes, *habitus*, *doxa*, *nomos*, conflitos e embates, capital e diretrizes; a fim de, através da teoria de Bourdieu conseguirmos compreender as influências históricas existentes que moldam a Cultura escolar e influencia no campo educacional atual. É necessário compreender a origem da Cultura escolar para entender o que questionavam os estudantes secundaristas quando se opunham a Cultura escolar imposta a eles nos diversos espaços escolar.

O segundo capítulo afunila o recorte espacial, e temporal e busca compreender as políticas neoliberais implementadas no século XX e XXI no campo educacional do Estado de Goiás. As análises trazem principalmente as últimas gestões de Marconi Perillo (1999 – 2006), Alcides Rodrigues (2006 – 2010) e Marconi Perillo (2011 – 2018) e reflete

uma extrema precarização da educação goiana através da Reforma “Pacto pela Educação”, da militarização das escolas públicas que desagua nas gestões compartilhadas entre o setor público e privado.

O terceiro capítulo trata de forma mais específica das ocupações secundaristas, e realiza uma análise da ocupação do Colégio Estadual Polivalente Frei João Batista (Anápolis) e das entrevistas realizadas com estudantes secundaristas, na tentativa de compreensão do que os estudantes secundaristas pretendiam com as ocupações para além de barrar as Organizações Sociais na Educação. As ocupações portanto, constituíram-se como um espaço formativo de consciências históricas, que possibilitaram a compreensão do campo escolar, as relações de poder constituídas na escola e permitiram os estudantes para além de barrar a gestão compartilhada, questionar a cultura escolar perpetuada e reproduzida no ambiente escolar e compreender o seu lugar no mundo sob outros olhos.

## CAPÍTULO I – HISTÓRIA DO CAMPO EDUCACIONAL BRASILEIRO E A TEORIA DE BOURDIEU

Este capítulo tem por objetivo realizar uma análise sobre o campo educacional brasileiro, a fim de perceber os agentes, as diretrizes (*doxa*) impostas e “aceitas” pelos dominados do campo, com o propósito de conhecer as estruturas objetivas construídas diacronicamente que constroem os agentes desse campo no contexto da ocupação secundarista em Goiás no século XXI. Essa incursão, é metodologicamente necessária, já que as estruturas objetivas do campo educacional, compreendidas como o conjunto de práticas que dão vivacidade para esse campo, como de qualquer campo de ação, são constituídas em configurações de longa duração, o que requer uma reconstrução histórica de tal processo.

A fim de compreender as relações estabelecidas durante a ocupação das escolas secundaristas em Goiás em 2015-2016, buscaremos reconstruir as diretrizes historicamente formuladas e legitimadas pelo campo educacional no Brasil, numa perspectiva diacrônica. A proposta metodológica é compreender os elementos estruturais que constroem e possibilitam as ações dos secundaristas na atualidade (Ocupações Secundaristas), o que possibilitará perspectivar a posição ocupada por tais estudantes dentro desse campo, a partir da lógica de funcionamento do mesmo.

Assim, iniciamos a incursão desde o momento de surgimento desse campo, a partir da colonização portuguesa, até os dias atuais, visando expor as estruturas objetivas que configuram esse campo, e o peso simbólico dessa estrutura. Logo, este capítulo baseia-se em uma análise ancorada na perspectiva teórico-metodológica do sociólogo francês Pierre Félix Bourdieu, já que sua teoria visa superar as dicotomias presentes nas teorias clássicas, produzindo a possibilidade de compreensão sobre a complexidade da realidade histórica e social.

Desse modo, para compreender a escola e todo o conjunto de estruturas que podem interferir no ambiente escolar, perspectivamos trabalhar com alguns conceitos que possibilitarão a melhor compreensão do cenário educacional em diferentes temporalidades; são eles: campo, capital, agentes, *nomos*, *doxa* e as diretrizes do campo educacional.

### **1.1 A educação jesuítica e o início da composição do campo educacional no Brasil.**

A educação no Brasil certamente não teve início com a chegada dos Jesuítas, seria de imensa ignorância sustentar tal afirmação, mas os elementos que configuram o campo (BOURDIEU, 1989) educacional brasileiro começam a ser delineados a partir da inserção desses agentes no contexto da colonização brasileira. Isso porque a atuação dos jesuítas demarca uma hierarquia que os posicionam enquanto dominantes do campo educacional, e aos indígenas coube o lugar de dominados. Essa imposição arbitrária, tratou de desconsiderar toda organização social previamente estabelecida pelos indígenas para sobreviverem e perpetuarem suas culturas. Até o ano de 1498 antes da chegada de Américo Vespúcio nas Américas, os povos originários preservaram e colocaram em prática diversos processos de ensino e aprendizagem que possibilitaram a construção de incríveis civilizações e a perpetuação de suas culturas (HOLANDA, 1984 apud. VESPÚCIO, 1502, p. 71).

A Antropologia e a História, embora orientadas pelos padrões europeus de cientificismo, podem nos apresentar uma versão da pesca, da coleta, da caça, do artesanato, dos valores, das responsabilidades, dos festejos, da ética e das práticas culturais que eram ensinadas aos mais jovens, mantendo uma prática educacional efetiva para o momento e a realidade que encontravam os povos originários das Américas ou da PachaMama (COHN, 2001). Mas, devido a imposição de sentidos dos colonizadores, cronistas, viajantes e intelectuais grande parte desse conhecimento foi ocultado, invisibilizado e esquecido. A principal estratégia de expurgação da cultura desses povos originários é a violência simbólica.

Segundo Bourdieu (1989), a violência simbólica deve ser compreendida em concomitância com o *habitus* legitimado pelo campo. Os agentes do campo carregados de capital cultural e simbólico vão legitimando uma cadeia de valores que estabelecem lugares de dominantes e dominados aos indivíduos nas diversas relações de poder que são estabelecidas após disputas dos agentes. Essas relações de poder são incorporadas pelos dominados, formulando esquemas de pensamento que acabam por legitimar a ordem simbólica dos dominantes (BOUDIEU, 2002, p. 34). A violência simbólica, portanto, necessita da legitimação do capital simbólico do campo por parte dos dominados, por meio da aceitação das relações de poder impostas. A violência simbólica pode ser efetivada mediante a imposição da cultura do dominante sobre o dominado, inculcando-

lhes valores, costumes e práticas, como ocorreu no caso da Ordem Jesuítica no Brasil com as suas casas de ensino e a imposição do catolicismo.

Como nos salienta Maria Lucia Spedo Hilsdorf (2003) a análise do campo educacional no período colonial no Brasil deve ser amparado pelo conceito de “cristandade”, significando que pela metade do século XVI em Portugal e, conseqüentemente, em suas colônias a “Igreja e o Estado estão unidos por interesses comuns” (HILSDORF, 2003, p. 3), que desencadeiam na construção do campo educacional no Brasil.

Segundo Renan Amauri Guaranha Rinaldi (2014) a história da instituição escola/casas de ensino<sup>4</sup> no Brasil remete à chegada da Ordem Jesuítica<sup>5</sup>. As casas de ensino no Brasil tinham como principal objetivo a catequização e a conversão dos “gentis”<sup>6</sup> ao catolicismo como uma forma de barrar os avanços do protestantismo no mundo (NETO & MACIEL, 2008), a ordem encontrou problemas de comunicação com os gentis, que foram contornadas com o ensinamento do português e, conseqüentemente, ensinamentos dos modos de viver europeu/colonial. Esses elementos passaram a constituir o capital cultural em disputa do incipiente campo educacional brasileiro. Segundo Bourdieu (1989) o capital cultural de um determinado campo é o conjunto de conhecimentos, habilidades e informações que são valorizados para ascensão no campo, podendo o capital cultural alterar as posições na relação de poder do campo. É importante salientar que o capital cultural de um campo é intensamente disputado entre os agentes dominantes e dominados, nos mais diversos campos de lutas e de forças.

O projetos educacionais da Ordem Jesuítica segundo Alexandre Shigunov Neto e LÇizete Shizue Bomura Maciel ultrapassaram a amplitude da catequização e propôs a implementação de “mudanças radicais na cultura indígena brasileira ou seja, era um projeto de transformação social” (NETO & MACIEL, 2008) implementado por intensas

---

<sup>4</sup> RINALDI (2014) nos apresenta as diferenciações das escolas e das casas de ensino, primariamente o que existiu no Brasil foram as casas de ensino: aquelas que restringiam-se ao ensino das primeiras letras. Já a escola veio a surgir posteriormente com a separação das casas de ensino, que seriam destinadas á comunidade indígena, e das escolas, que serviam aos filhos dos colonos e ofertavam cursos de humanidades possibilitando adquirir formação em Filosofia e Teologia.

<sup>5</sup> Compreendemos que a História da Instituição Escola no Brasil inicia-se com a chegada da Ordem Jesuítica por compreender a instituição escola como um aparato colonial, entretanto, atentamo-nos a pensar que os povos que habitavam o que hoje chamamos de Brasil possuíam conteúdos, processos, metodologias e técnicas que compunham um sistema de ensino e aprendizagem.

<sup>6</sup> Termo utilizado para caracterizar os não cristãos.

relações de violência física e simbólica na busca de legitimação de um capital cultural que privilegiasse os europeus. A visão mesmo que romantizada dos autores sobre um processo educacional que alinhava-se à colonização política contribui para que possamos compreender que o projeto da Ordem Jesuítica não era somente catequizar os indígenas e “salvar suas almas”, mas de contribuir para a inculcação de uma cultura de servidão, trabalho, “modernidade” que é apresentado por Teixeira Soares (1961, p. 142) como uma forma de: “Refazer o homem, infundir-lhe espírito novo, arquetipá-lo em finalidades sociais e religiosas, foi a ação da Ordem.”

A Ordem Jesuítica, portanto, configura-se para nós como o primeiro agente do campo educacional formal no Brasil juntamente com as crianças indígenas que eram submetidas ao processo educacional. Estes agentes, são compreendidos como indivíduos ou instituições que através da interação social buscam legitimar um determinado projeto social, neste caso, um projeto educacional que valoriza determinado capital cultural, o europeu cristão.

A prática pedagógica da instituição escola era baseada em regras estabelecidas pelos jesuítas, segundo Bourdieu (1989), essa normatização corresponde ao *nomos* do campo educacional, que não restringe-se somente a legislação oficial, mas também a um conjunto de regras não oficiais mais internalizadas pelos agentes do campo, que se formalizava nesse período. As diretrizes seguiam o documento *Ratio Atque Institutio Studiorum Societatis Jesu*, mais conhecido por *Ratio Studiorum*, documento composto por 467 regras que deveria organizar as ações do processo de ensino e aprendizagem de todos(as) os(as) agentes envolvidos (TOYSHIMA; MONTAGNOLI; COSTA; 2012, p. 4).

Tais regras baseavam-se nos seguintes princípios da Ordem Jesuítica::

“1) a busca da perfeição humana por meio da palavra de Deus e a vontade dos homens; 2) a obediência absoluta e sem limites aos superiores; 3) a disciplina severa e rígida; 4) a hierarquia baseada na estrutura militar; 5) a valorização da aptidão pessoal de seus membros” (NETO & MACIEL, 2008, p. 173)

Esses princípios, aplicados cotidianamente no processo ensino-aprendizagem, legitimavam um *habitus* do ambiente educacional. Segundo Bourdieu (1989) o *habitus* é um sistema de disposições, modos de perceber, de sentir, de fazer, de pensar, que nos levam a agir de determinada forma em uma circunstância dada. Tais características são

incorporadas a partir da interiorização das estruturas sociais, do seu capital cultural e *habitus* e organização do grau de importância de determinadas estruturas em nossas vidas.

Segundo Neto e Maciel (2008) “O método educacional jesuítico foi fortemente influenciado pela orientação filosófica das teorias de Aristóteles e de São Tomás de Aquino, pelo Movimento da Renascença e por extensão pela cultura europeia” (NETO e MACIEL, 2008, p.180) contando como peculiaridades do ensino da Ordem Jesuítica “a centralização e o autoritarismo da metodologia, a orientação universalista, a formação humanista e literária e a utilização da música” (NETO e MACIEL, 2008, p.180). Esses elementos, inculcados no *habitus*, dos sujeitos submetidos à educação jesuítica, vão formalizando um senso comum sobre a função da educação, e sobre o comportamento dito adequado dos sujeitos letrados. Segundo Bourdieu, esse consenso indica a *doxa* do campo, ou seja, a lógica pela qual serão julgados os agentes desse campo, e ajudará a definir os dominantes e dominados do mesmo.

A ideia de implementação de uma educação que pudesse alterar a cultura da população indígena no Brasil como nos apontou Neto e Maciel (2008), teve dispersão facilitada com a fundação da primeira Escola em Salvador – Bahia (1549) sob supervisão do Padre Manuel da Nóbrega; e mais tarde com a fundação das escolas em São Paulo de Piratininga (1554), no Espírito Santo e em Porto Seguro, disseminando, portanto, a instituição escola e os valores da Ordem Jesuítica e da colonização portuguesa.

Desta forma, o *habitus* valorizado no campo educacional neste período era estruturado em disciplina, hierarquia, perfeição humana teológica cristã e obediência aos superiores. Tal *habitus* era efetivado e aceito pelos estudantes sob a ameaça de serem submetidos a castigos físicos, simbólicos e psicológicos. Os castigos corporais não compunham o rol de preferências da ordem jesuítica, como o próprio documento *Ratio Storium* nos atenta, entretanto, os castigos corporais não foram suprimidos, podendo ser aplicados quando outros meios de castigos não tinham sido suficientes (TOYSHIMA & MONTAGNOLI, 2012, p.9).

A sociedade disciplinar em que Gilles Deleuze (1990) nos apresenta em seu artigo "**Post-Scriptum** sobre as Sociedades de Controle" castigavam os corpos em uma perspectiva de adestra-los para a convivência social, visto que os colonizadores compreendiam-se como civilizados frente a barbárie presente nas Américas. O processo

colonial de subjugação e extração de riquezas físicas e culturais da população colonizada apresentado por Frantz Fanon (2005) em “Os Condenados da Terra” necessitava de um dispositivo disciplinar: a violência.

O sentimento de superioridade já presente nos diários dos viajantes legitimava a utilização da força e violência em nome do processo civilizador. Acreditava-se, portanto, que a colonização era de extrema importância para que a população ameríndia adquirisse um capital cultural civilizado e moderno, e a escola/casas de ensino são compreendidas como um braço do processo civilizatório colonial a partir de um controle disciplinar violento e desumano dos corpos e mentes. A imposição cultural violenta fundada nos pilares modernos de raça, gênero e classe é descrita e classificada por Aníbal Quijano (2005) da seguinte forma:

Em primeiro lugar, expropriaram as populações colonizadas – entre seus descobrimentos culturais – aqueles que resultavam mais aptos para o desenvolvimento do capitalismo e em benefício do centro europeu. Em segundo lugar, reprimiram tanto como puderam, ou seja, em variáveis medidas de acordo com os casos, as formas de produção de conhecimento dos colonizados, seus padrões de produção de sentidos, seu universo simbólico, seus padrões de expressão e de objetivação da subjetividade. A repressão neste campo foi reconhecidamente mais violenta, profunda e duradoura entre os índios da América ibérica, a que condenaram a ser uma subcultura camponesa, iletrada, despojando-os de sua herança intelectual objetivada. Algo equivalente ocorreu na África. [...] Terceiro lugar, forçaram – também em medidas variáveis em cada caso – os colonizados a aprender parcialmente a cultura dos dominadores em tudo que fosse útil para a reprodução da dominação, seja no campo da atividade material, tecnológica, como da subjetiva, especialmente religiosa. É este o caso da religiosidade judaico-cristã. Todo esse acidentado processo implicou no longo prazo uma colonização das perspectivas cognitivas, dos modos de produzir ou outorgar sentido aos resultados da experiência material ou intersubjetiva, do imaginário, do universo de relações intersubjetivas do mundo; em suma, da cultura (QUIJANO, 2005, p. 237)

Nessa perspectiva dos estudos decoloniais, a Ordem Jesuítica assume, portanto, a responsabilidade inicialmente de impor o aprendizado da cultura dos dominantes, tornando os indígenas aptos ao trabalho braçal, adeptos da religiosidade judaico cristã, e incorporadores dos valores do homem moderno/colonial, sendo portanto o ambiente educacional formal “escola” concebido como um espaço de constante violência simbólica mesmo que muitos jesuítas utilizavam-se de sua autoridade para defenderem indígenas da escravidão (HILSDORF, 2003, p. 6).



Após a década 1560 a Ordem Jesuítica dedica-se de forma mais específica a educação dos filhos dos colonos<sup>7</sup>, abandonando a sua atuação em comunidades indígenas. A grade curricular contava com disciplinas de gramática latina, humanidades, retórica e filosofia, e o currículo contava com autores que eram lidos no Colégio de Évora (HILSDORF, 2003, p. 9). A dominação cultural praticada pelos jesuítas nos colégios era recheada de ainda mais rigidez e impermeabilidade para a aculturação dos alunos brancos, “os jesuítas usavam formas da tradição, da repetição, da disciplina rigorosa com castigos físicos, da reclusão, da repressão e da exclusão” (HILSDORF, 2003, p. 9).

É inegável que a Ordem Jesuítica teve um importante papel na construção do campo educacional no Brasil, pela formação da elite nacional e consequente no *habitus* da instituição escolar que perdura até a atualidade. O apego da instituição escolar à disciplina e à hierarquia, que deverá ser explanada no segundo capítulo desta dissertação, é uma das características que teve origem com a Ordem Jesuítica, mas que ainda é muito prezada na escola. É necessário também nos atentarmos para o objetivo da instituição nos diferentes momentos históricos no Brasil; se inicialmente a escola servia para moldar os homens para um projeto de colonização, para que o projeto da escola atual nos serve?

A Companhia de Jesus (Ordem Jesuítica) “teve suas atividades suspensas na Colônia brasileira a partir de 1759, com o Decreto-lei de 3 de setembro de 1759 promulgado pelo Rei D. José I. Com a promulgação da lei, o Ministro de Estado, Marquês de Pombal, exilava de Portugal e da Colônia brasileira a Companhia de Jesus, confiscando para a Coroa portuguesa todos os seus bens materiais e financeiros” (NETO & MACIEL, 2008, p.187).

Os motivos de tal expulsão são incógnitas estudadas pelos historiadores/as da educação, entretanto é quase unânime entre eles/as, a existência de interesses políticos e educacionais da coroa portuguesa na expulsão. Segundo Teixeira Soares (1961), os jesuítas apresentavam um empecilho aos interesses do Estado Moderno/Colonial pois além de serem detentores de grande poderio econômico ainda estava enraizada na ideia

---

<sup>7</sup> Percebe-se a multiplicidade de agentes que ocupam o espaço de estudantes; se anteriormente eram somente indígenas, agora os filhos de colonos assumem este espaço de interação e construção do campo educacional.

de formação de um homem cristão, enquanto o Estado buscava a formação de um homem comerciante e burguês seguindo os princípios liberais e Iluministas.

Os diversos acontecimentos políticos, econômicos, culturais na Europa alinhadas ao Iluminismo e novas formas de comercialização, incentivou Portugal a se adequar às mudanças no contexto educacional. Segundo Serrão (1984):

(...) deve ser considerada a hipóteses de que, para além de todas as motivações de natureza ideológica de fundo mais ou menos iluminístico, o fenómeno da expulsão dos jesuítas da Península Ibérica se liga fundamentalmente a uma dada conjuntura imperial quer de Portugal quer de Espanha. É que no Brasil as minas de ouro tendiam para a exaustão, o que tornava necessário rever e recondicionar uma nova política geral para com a grande colônia sul-americana, sem a qual Portugal não fazia sentido no mundo de então. Ora, o tradicional papel dos jesuítas no Brasil – a sua força ideológica e até económica – impedia ou dificultava esse recondicionamento da política luso-brasileira (SERRÃO, 1984, p. 356)

Com a expulsão da Ordem Jesuítica a responsabilidade e tutela pela educação passa a ser do Estado Absolutista, rompe-se, portanto, com o Estado da cruz e da espada, para se adequar às novas configurações que alinhavam para um Estado da indústria e do comércio na Europa.

## **1.2 Marquês de Pombal, as Reformas e a Ilustração.**

Nota-se portanto, que ao campo educacional é incorporado mais um agente configurando um novo rol de lutas: o Estado. O enfrentamento do Estado personificado na figura de Marquês de Pombal<sup>8</sup> à Ordem Jesuítica deve ser compreendido como um campo de luta que perpassa pela confrontação de poderes, que desembocou na extinção da Ordem Jesuítica enquanto agentes do campo educacional, mas não extinguiu a Igreja que mais tarde voltará a atuar fortemente no campo. Os ilustrados Locke, Verney e Newton através de suas obras e seguidores colocavam os jesuítas humanistas-aristotélicos-tomistas acuados (HILSDORF, 2003, p. 18) e a instrução pública na

---

<sup>8</sup> Sebastião José de Carvalho, mais conhecido como Marques de Pombal teve sua vida marcada por alguns momentos, o primeiro deles enquanto assumiu importante tarefa diplomática em Londres e Viena, de onde traz suas heranças e aprendizados do Depotismo Iluminado. Quando regressa a Portugal assume o cargo de Ministro da Fazenda do Rei D. José I aonde inicia uma série de reformas.

metrópole, cada vez mais, era autorizada a ser ministrada por outras ordens como os oratorianos<sup>9</sup>.

A ilustração vinha sendo financiada pela burguesia ascendente e até mesmo pela aristocracia como uma possibilidade de rompimento com o Antigo Regime. Estudos principalmente de Antonio Verney ganharam destaque em Portugal e segundo Hilsdorf (2003) confrontaram jesuítas humanistas-aristotélicos-tomistas e oratorianos por apresentar um novo método de ensino ao “qual critica as diversas disciplinas que eram ensinadas nos colégios secundários e nas universidades da época e defende a importância da prática das ciências modernas e do método empírico-indutivo de Locke e Newton” (HILSDORF, 2003, p. 18).

A cronologia das reformas pombalinas apresentada por Hilsdorf (2003)<sup>10</sup>, assim como a autora realiza em seu livro “História da Educação Brasileira: leituras”, auxiliam-

---

<sup>9</sup> A Ordem Oratoriana tem previsão de chegada a Portugal em 1640, após a restauração de independência e dissolução da União Ibérica (1580-1640). Os oratorianos tem como referencial teórico para pensar a educação Descartes, Gassendi, Francis Bacon e outros autores que confrontavam a Ordem Jesuítica.

<sup>10</sup> **Cronologia das reformas pombalinas**

21/09/1757 – Jesuítas dispensados do cargo de confesores da família real.

08/02/1758 – Idem encargos das aulas de Lisboa.

07/06/1758 – Idem confesores da cúpula eclesiástica de Lisboa.

17/08/1758 – Idem da direção das escolas dos aldeamentos do Pará e Maranhão.

19/01/1759 – Reclusão e Sequestro dos bens dos jesuítas de Lisboa.

05/02/1759 – Fechamento de sete escolas elementares de Lisboa.

19/05/1759 – Criação da Aula de Comércio.

28/06/1759 – Fechamento dos colégios dos jesuítas e criação das aulas avulsas de gramática latina/grega/hebraica, retórica e filosofia.

06/07/1759 – Indicação do Diretor Geral dos Estudos e determinação dos concursos para professores.

29/07/1759 – Edital do primeiro concurso.

03/09/1759 – Expulsão geral dos Jesuítas.

08/11/1759 – Instrução para professores de aulas secundárias.

20/12/1759 – Proibição do uso dos livros dos jesuítas.

11/01/1960 – Regulamentação dos concursos.

25/02/1761 – Desapropriação dos bens dos jesuítas.

07/03/1761 - Transformação do Colégio das Artes em Colégio dos Nobres.

02/04/1962 – Criação de Aula de Artilharia em S. Julião da Barra.

05/04/1768 – Criação da Real Mesa Censória.

30/09/1770 – Determinação do estudo da gramática portuguesa nas aulas de gramática latina.

23/12/1770 – Criação da Junta da Providência Literária.

04/06/1771 – Atribuição dos estudos menores à Real Mesa Censória.

22/05/1772 – Diretrizes para o estudo do grego.

08/08/1772 – Aprovação dos novos Estatutos da Universidade.

18/08/1772 – Criação do Colégio Real de Mafra.

28/08/1772 – Publicação dos novos estatutos da Universidade de Coimbra.

06/11/1772 – Lei e Mapa dos estudos menores e Instrução de professores.

10/11/1772 – Criação do Subsídio Literário.

04/09/1773 – Instruções sobre o Subsídio.

17/10/1773 – Idem para o Brasil.

nos a compreender cronologicamente a sequência de ações do Marques de Pombal para a implementação das reformas educacionais em Portugal e no Brasil.

Maciel e Neto (2006) apontam que a principal medida implementada pelo Ministro da Fazenda por “intermédio do Alvará de 28 de junho de 1759, forma: total destruição da organização da educação jesuítica e sua metodologia de ensino, tanto no Brasil quanto em Portugal”, o que na nossa perspectiva deve ser questionado, visto que algumas características da metodologia educacional dos jesuítas são preservadas e perpetuadas posteriormente, essas características correspondem a disciplina, a hierarquia militar, os castigos corporais e a obediência absoluta (MACIEL E NETO, 2006, p. 470)

Entretanto, devemos concordar com os(as) autores(as) que esta juntamente com a instituição de aulas de gramática latina, de grego e de retórica, aprovação e instituição de aulas de comércio, assim como a introdução de aulas régias e a realização de concursos para escolha de professores para ministrarem estas aulas constituem as principais medidas implementadas por este decreto.

Segundo Haidar, buscou-se:

“[...] criar a escola útil aos fins do estado, e nesse sentido, ao invés de preconizarem uma política de difusão intensa e extensa do trabalho escolar, pretenderam os homens de Pombal organizar a escola que, antes de servir aos interesses da fé, servisse aos imperativos da Coroa.” (HAIDAR, 1973, p. 38)

Para tanto, como nos aponta Hilsdorf (2003) a reforma pombalina institui e regulamentariza o primeiro concurso para professor, promove instrução aos docentes para novas metodologias que deveriam ser adotadas, assim como a alteração dos programas e os métodos de ensino instituindo novas *nomos* para o campo educacional. O resultado segundo a autora é uma proposição de método mais simplificado e indireto, isto é, ensinado via língua materna.

Para a tentativa de rompimento com a educação jesuítica, e ainda configurando o embate no **campo de lutas** educacional, proíbe-se os livros dos jesuítas, modificando portanto os compêndios, “e no caso das aulas elementares para meninos, criadas em 1772, além da ortografia e da gramática da língua nacional e da doutrina cristã, seus professores deveriam ensinar a história pátria” além de estudos que pudessem possibilitar o melhor

---

11/11/1773 – Criação de novas aulas avulsas e regulamentação do ensino particular.

manuseio das moedas, compreensão dos pesos, medidas, frações na possibilidade de formar homens “civilizados, ordenado segundo os costumes sociais” e propícios ao comércio (HILSDORF, 2003, p. 21).

O *habitus* da escola ilustrada, ainda era permeado por metodologias jesuíticas como nos apresenta Luís Carlos Villalta, baseado em Vovelle, que assinala que as “práticas de memorização, de disputas orais e uso de autores latinos do cânone jesuítico” (VILLALTA, 1997, p. 76), configuram enquanto continuidades das metodologias jesuíticas na educação no período da ilustração.

Certamente, devemos concordar com Hilsdorf (2003) que durante o período pombalino e de ilustração houveram modificações no contexto educacional português e brasileiro, entretanto, também devemos ponderar com certas bibliografias acadêmicas que com a expulsão dos jesuítas é formado um vácuo ou um vazio no sistema educacional brasileiro. Parece-nos que as investidas da reforma pombalina tiveram um enorme impacto quanto a expulsão dos jesuítas, entretanto, não na mesma intensidade foi a reconstrução do sistema educacional brasileiro através das aulas régias instauradas pela Coroa.

A historiografia que se dedica à reforma aponta para uma implantação precária, lenta e com problemas de toda ordem: falta de professores qualificados, ordenados atrasados, dificuldade no envio dos livros, alunos que insistiam em continuar estudando com professores não examinados, entre outros (ARRIADA & TAMBARA, 2016, p. 289).

Mesmo com uma modificação “lenta e com problemas” é possível, além de uma identificação de variação da *nomos* (com a mudança das metodologias de ensino, instauração de concurso público e os Regimentos Provinzonais como o caso do Estado do Grão-Pará) e dos agentes (com a expulsão da Ordem Jesuítica e chamada de responsabilidade estatal par ao campo educacional) é possível notar que os objetivos do processo educacional foram modificados. Se anteriormente, com os jesuítas, inicialmente a educação funcionava em vias de catequização e imposição cultural às populações indígenas e, posteriormente, a uma educação aos nobres fundamentada na religiosidade centrada na soberania divina; na ilustração a educação tinha como principal objetivo a civilização. Starobinski (1989) nos afirma o novo objetivo do campo educacional no Brasil colônia (1759 – 1820), apontando que este era alcançar o processo de civilização por meio da linguagem.

Para a civilização dos índios, a imposição da língua portuguesa, ao lado de outras medidas, como os casamentos mistos, era o fundamental. Já para as camadas urbanas letradas, era preciso mais, era preciso uma “civilização da linguagem”, e é para esta tarefa que vai se voltar a reforma dos estudos menores com a criação das aulas régias (STAROBINSKI, 1989, p. 72).

A escola formal era reservada para a nobreza que constituía a elite local e almejava a continuidade da realização de seus estudos maiores na metrópole (Universidade de Coimbra). Já para as comunidades tradicionais, lhes era configurado duas violências simbólicas: a primeira efetuada com a impossibilidade de reprodução dos seus saberes, sentidos e representações fruto do colonialismo; e a segunda com a mentalidade de incentivo aos casamentos mistos que desembocaram posteriormente na política de branqueamento brasileiro incentivada pelos estupros às indígenas e africanas como uma possibilidade de branquear as gerações posteriores e torna-las “civilizadas” conforme a visão do homem europeu.

Foi tão somente com a instituição do imposto de subsídio literário em 1772, que a rede educacional seria financiada e poderia expandir de maneira significativa em redes de aulas avulsas. Em 1772 o Brasil começava com 44 aulas régias segundo a Lei do Mapa, já em 1800 somente na Bahia, segundo as Cartas Soteropolitanas de L. dos Santos Vilhena, existiam cerca de 49 aulas régias distribuídas entre: primeiras letras, gramática latina, geometria, grego, retórica e filosofia.

Com a vinda de D. João – programada desde 1807 - para o Brasil, mas com desembarque no Rio de Janeiro em 1808, inicia-se um processo de criação de “aulas avulsas de níveis médios e superior para formar quadros superiores da política e da administração da Coroa portuguesa sediada na Colônia” (HILSDORF, 2003, p. 36). Inicia-se, portanto, um processo de aceleração do desenvolvimento do campo educacional no Brasil, propício para a evolução das ideias da ilustração, que desencadearia na “Independência” do Brasil à coroa portuguesa.

## **1.2 A Escola brasileira no Império**

A chegada da Família Real ao Brasil e os anos seguintes marcaram um momento de extremo desenvolvimento da colônia portuguesa. Para além dos incentivos ao processo educacional e cultural brasileiro com a criação da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios

(1816) e a criação de diversas aulas avulsas e o incentivo à literatura brasileira e à cultura através da edificação de teatros, a vinda da família real ao Brasil possibilitou a abertura de comercialização do Brasil com as nações amigas através da abertura dos Portos brasileiros, permitindo, portanto, o comércio direto entre brasileiros e ingleses.

A “modernização” do Estado brasileiro com a permanência da Coroa Portuguesa no Rio de Janeiro elevou o Brasil em 1815 a condição de Reino Unido, deixando de ser uma colônia portuguesa e integrando-se ao Reino de Portugal. Certamente, como A. K. Manchester (1970) nos salienta, com a vinda de D. João VI para o Brasil houve grandes mudanças nos sistemas econômico, social e cultural da colônia que teriam um pequeno rompimento em 1820 quando suscitado em Portugal a Revolução Liberal do Porto.

Segundo Flávio José Gomes Cabral (2006) a revolução liberal do Porto consistiu inicialmente em um movimento militar localizado na cidade de Porto, mas dispersou-se rapidamente pelas demais regiões de Portugal, com o objetivo de libertarem-se “contra o despotismo e a regeneração contra a decadência” (CABRAL, 2006, p.391) os revolucionários decidem por convocarem a corte, colocando em xeque a monarquia absoluta de D. João VI que encontrava-se no Brasil; diante de tal cenário, o Rei de Portugal vê-se obrigado a retornar a Portugal, abrindo margens para um processo de Independência.

Politicamente o Brasil era composto por três agrupamentos políticos segundo Hilsdorf (2003):

- O “Partido Português”, dos absolutistas ou restauradores. Para eles o poder do Soberano está no **rei**. Sua base social é composta de militares e comerciantes portugueses mercantilistas, que tinham como programa manter a união Brasil-Portugal, com reconversão à situação de colônia;
- O “partido radical”, dos exaltados ou democratas. Têm o **povo** como Soberano. Sua base social é formada de pequenos comerciantes adeptos do livre comércio, artesãos, funcionários públicos, padres, advogados, jornalistas e letrados, como Januário Cunha Barbosa e Gonçalves Ledo, Cipriano Barata, Clemente Pereira, Borges da Fonseca e outros. Têm um programa liberal e democrático, com reivindicação de reformas políticas, do tipo descentralização político-administrativa, federação das províncias e sufrágil universal, além de reformas sociais, como abolição, trabalho livre e divisão das terras (reforma agrária) com extinção dos latifúndios.
- O “partido brasileiro”, dos moderados. É composto de grandes proprietários de terras, comerciantes ingleses, portugueses e brasileiros adeptos do comércio livre, a alta administração, jornalistas e outros letrados, cujo programa é liberal-conservador, ou seja, aplica o princípio liberal dos direitos individuais à preservação da propriedade escrava, o que mantém a ordem social escravista. Para eles o Soberano é a **lei**, ou seja, a Constituição. Defendem a independência da colônia, a monarquia

constitucional e centralizadora, a Igreja oficial (com a manutenção do regalismo) e o sufrágio indireto censitário, de base econômica. HILSDORF, 2003, p. 41-42).

É portanto o grupo dos moderados que irão realizar o processo de Independência, desta forma, alguns autores como J. Honório Rodrigues acreditam que o processo de independência consistiu em um movimento contra-revolucionário, pois modificou os campos políticos e jurídicos, mas mantiveram o campo econômico e social, a manutenção do *status quo* significou o massacre da revolta pernambucana (NOGUEIRA, 2012, p.12).

Analisar o campo político deste período faz-se necessário, pois é a partir da configuração do processo de independência com os moderados, que priorizavam a lei, que surgirá legislações brasileiras que minimamente refletem sobre o projeto educacional brasileiro. Estas legislações refletiam a classe política dominante, imprimindo seus projetos pessoais e coletivos ao campo educacional através da *nomos*, que consequentemente refletiam no ambiente escolar a partir do *habitus*, dos agentes do campo, *doxa* e o objetivo do projeto educacional; portanto, compreender o contexto político da época, é também compreender o campo educacional, visto que a partir do Brasil Império inicia um processo de criação de leis que norteiam o processo educacional.

A Constituição do Império promulgada em 1824, versou timidamente sobre o processo educacional e sua organização, sendo aprovado o ensino primário gratuito para todos e o ensino das ciências e das artes em colégios e universidades (art. 179, parágrafo 32 e 33). Cabe salientar que ao utilizar o termo “para todos” na Constituição de 1824 não significa um processo de universalização da educação; vivíamos um período em que a escravidão ainda perpetuava-se nas terras brasileiras e a sociedade era organizada e hierarquizada em: classe senhorial, povo, (classe senhorial dos proprietários) plebe (a massa dos homens livres e pobres) e coisas (escravizados e indígenas). Portanto, se faz de extrema importância pontuar que: “a preocupação com o povo expressa por eles **não** significava a preocupação com a plebe, isto é o povo hodierno” (HILSDORF, 2003, p. 43), tampouco com os escravizados e escravizadas, e nativos e nativas.

As discussões realizadas na Comissão Constituinte (anterior à promulgação tímida da Constituição) e apresentadas à Assembleia como um projeto de Constituição foram segundo Tirsa Regazzini Peres (2005) suprimidas por um golpe de Estado implementado



em 12 de novembro de 1823, entretanto, refletem bastante a mentalidade que pairava sobre o Brasil Império.

O Art. 251 do projeto constitucional referia-se à responsabilidade do governo em instituir leis e decretos sobre “[...] o número de estabelecimentos úteis e sua constituição”. O Art. 252 instituiu, de modo genérico, a liberdade de ensino, consignada nestes termos: “É livre a cada cidadão abrir aulas para o ensino público, contanto que responda pelos abusos”. História da Educação De acordo com o projeto constitucional de 1823, para os brancos ou supostamente brancos haveria educação escolar formal, conforme o disposto no Art. 250. Para os índios, haveria catequese e civilização e, para os negros, emancipados lentamente, haveria educação religiosa e industrial, nos termos do Art. 254 (PERES, 2005, p.4)

Mesmo que não aprovada as propostas da Comissão Constituinte na Constituição de 1824, o debate respectivo ao processo educacional não cessou. A necessidade de formação de cidadãos qualificados para colocar o projeto de desenvolvimento nacional em curso atentou a classe senhorial à obrigatoriedade de se debater a educação no Império. Em 1826 a Comissão de Instrução Pública da Assembleia Legislativa cuidou de elaborar um plano integral do ensino público que também não foi aprovado e, portanto, não foi efetivado.

Em 1827, um projeto “limitado ao ensino das ‘primeiras letras’, deu origem à Lei de 15 de outubro” (Peres, 2005, p. 4-5). Segundo Hilsdorf (2003) “o texto da proposta [...] referente à escola primária foi para o plenário, mas sofreu tantas emendas que, quando obteve aprovação como lei, em 15/10/1827, estava reduzida à manutenção das aulas avulsas públicas de primeiras letras de origem pombalina para meninos e, esta sim, uma inovação, também para as meninas” (HILSDORF, 2003, p. 44), entretanto, Peres (2005) afirma que no corpo da lei estava prescrito a obrigatoriedade “em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos deveriam existir, desde que necessárias, escolas de primeiras letras; além das escolas para meninos, deveriam existir também escolas para meninas” (PERES, 2005, p. 6)

A legislação, *nomos*, portanto, também “definiu o ensino mútuo como a forma de organização das aulas de primeiras letras das localidades mais populosas”. Os procedimentos metodológicos (*habitus*) do ensino mútuo utilizavam-se da “oralização, a escrita em caixas de areia e os silabários impressos em quadros murais (cartazes) para as atividades de ensino e aprendizagem em grupo, diminuindo as despesas com livros, papel e tinta”, essas práticas metodológicas, em nossa perspectiva, influenciaram a forma de organização do espaço escolar e o próprio processo de formação de professores sendo

compreendida enquanto uma interferência da *nomos* institucionalizada pelo Estado brasileiro no *habitus* escolar do Império (HILSDORF, 2003, p.44).

Em 1834, o debate referente à importância da descentralização do Estado para possibilitar a autonomia das forças locais de legislar sobre o próprio espaço aonde residiam, inseriu o Ato Adicional de 1834 a Constituição de 1824 e deu providências para a criação das Assembleias Legislativas Provinciais que teriam a responsabilidade de legislar em sua respectiva província. Tal feito segundo Peres (2005) “foi o acontecimento que determinou efeitos mais duradouros e amplos na política educacional brasileira” (PERES, 2005, p, 8).

Este acontecimento pode ser compreendido como essencial para a política educacional brasileira pois, mesmo que não seja possível ignorar a centralização do poder presente no Império brasileiro, houve neste período uma partilha das competências entre as Assembleia Legislativa Geral, as Assembleias Legislativas Provinciais e a iniciativa privada, pois permitia a criação de novas escolas elementares, secundárias e superiores pelas Assembleias Provinciais e responsabilizando-as pelo ensino das primeiras letras, e cursos de formação de professores enquanto a Assembleia Geral deveria responsabilizar-se pelo ensino superior e as aulas próprias na capital do país (HILSDORF, 2003, p. 46-47).

A pseudo descentralização como intitula M. de Lourdes Mariotto Haidar (2008), dividiu responsabilidades educacionais com as províncias, entretanto para adentrar as universidades sob responsabilidade do poder central, os estudantes do ensino secundário administrado pelas províncias deveriam passar por um teste. O Poder Central criou somente um estabelecimento de Ensino Secundário, o Colégio Dom Pedro II em 1837, que permitia acesso direto as instituições de ensino superior.

O Colégio Dom Pedro II era encarado como um estabelecimento modelo do ensino secundário do Brasil Império. Em 1838 o Colégio inseriu os estudos simultâneos e seriados a exemplo dos colégios franceses, e continha um currículo que compunha-se de disciplinas como: “línguas latina, francesa, grega e inglesa, a gramática nacional e a retórica, a geografia e a história, as ciências naturais, as matemáticas, a música vocal e o desenho.” (PERES, 2005, p.9)

Aos poucos as províncias começaram a abandonar a política de implementação dos liceus e ginásios, pois as instituições de ensino secundário das províncias não eram equiparadas aos estabelecimentos dos colégios da Corte, e, portanto, sua existência não garantia o acesso ao ensino superior. Desta forma, o ensino acabou “sendo oferecido pelos particulares na forma de cursos **avulsos** das disciplinas preparatórias aos exames de ingresso” (HILSDORF, 2003, p. 47). Nota-se portanto, que neste período o ambiente escolar tem um currículo e objetivo específico: formar uma classe intelectual para acesso às universidades e a consolidação da nação, configurando-se o início da divisão tão enfatizada atualmente: “A escola dos ricos Vs Escola dos pobres”.

Segundo Boris Fausto (1994) em seu livro “História do Brasil”, as escolas secundárias no seu total continham 12.000 alunos matriculados, enquanto as Academias do Império tinham 8.000 alunos, sendo reforçada a compreensão de que a escola secundária era um propedêutico para as Academias do Império. A formação superior se consolidava como essencial para a construção da ideia de nação, reforçada pela criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro que teve fundação em 1838, e iniciou um processo de conhecimento do território brasileiro a fim de criar uma identidade nacional.

Já na década de 1850 o contexto educacional passa por diversas reformas na compreensão da necessidade de uma uniformização do processo educacional nacional. As primeiras reformas são advindas da administração do Ministro Couto Ferraz com o decreto 1.331<sup>a</sup>, de 17 de fevereiro de 1854, que entre outras providências:

criou a Inspeção Geral da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte, órgão ligado ao Ministério do Império e destinado a fiscalizar e orientar o ensino público e particular dos níveis primário e médio na cidade do Rio de Janeiro [...] Além disso, previu um sistema de preparação do professor primário e estabeleceu normas para o exercício da liberdade de ensinar (PERES, 2005, p. 11).

A repercussão nacional do decreto nas províncias fez com que o documento fosse reproduzido com suas especificidades nas localidades do império pelas Assembleias Provinciais. O regulamento de 1854, instituiu o ensino primário “obrigatório na Corte, com matrícula entre 5 e 15 anos, vedada aos escravos”. O currículo no 1º grau compreendia a: “instrução moral e religiosa, leitura e escrita, noções essenciais da geometria, princípios elementares da aritmética, sistema de pesos e medidas do município” (PERES, 2005, p.11). Já nas escolas de 2º grau o currículo era composto de:

desenvolvimento da aritmética em suas aplicações práticas, leitura explicada dos Evangelhos e notícia de História Sagrada, os princípios das Ciências Físicas e da História Natural aplicáveis aos usos da vida, geometria elementar, agrimensura, desenho linear, noções de música e exercícios de canto, ginástica, e estudo mais desenvolvido do sistema de pesos e medidas (PERES, 2005, p.11)

Em 1882, a proposta de Rui Barbosa de ampliação do ensino secundário em 1º e 2º classe, sendo a primeira específica para a apresentação da cultura geral e básica para a especialização técnica, e o segundo específico para o ingresso no Ensino Superior, foi aprovada. O Colégio Dom Pedro II instalou para atender a legislação os cursos de: “finanças, comércio, agrimensura e direção de trabalhos agrícolas, maquinistas, industrial, e de relojoaria e instrumentos de precisão”, entretanto, o ensino manual e mecânico era desprestigiado pela sociedade, sendo o ingresso no ensino superior valorizado pela população (PERES, 2005, p.13).

A insistente procura pelo acesso às instituições de ensino superior, referendou os colégios particulares, por terem um currículo específico para a preparação para as provas de acesso às instituições, que obtiveram em 1865 quantitativos estudantis superiores aos colégios públicos, sendo somente em Minas Gerais a exceção à regra (AZEVEDO, 1958, p. 96-97). Pode-se notar portanto que a educação no Brasil Império ainda estava permeada por uma desigualdade; mesmo que o ensino primário constituía-se enquanto obrigatório para homens livres segundo os cálculos de Liberato Barroso em “1867 cerca de 107.500 era o total de matrícula geral nas escolas primárias em todas as províncias, para uma população livre de 8.830.000. Aproximadamente, dos 1.200.000 indivíduos em idade escolar, apenas 120 mil recebiam instrução primária, ou seja, a décima parte da população, ou ainda um indivíduo por 80 habitantes” (PERES apud. AZEVEDO, 1958, p. 82).

Os anos de 1878 e 1879 foram importantes para o contexto educacional brasileiro, as implementações das reformas de Carlos Leôncio de Carvalho<sup>11</sup> modificou não somente o ensino primário e secundário da Corte, mas também estabeleceu normas para o ensino secundário em todo o país. Segundo Peres (2005) o Decreto de 20 de abril de 1878, introduziu a frequência livre e os exames vagos de preparatórios aos cursos superiores,

---

<sup>11</sup> Carlos Leôncio da Silva Carvalho (Rio de Janeiro, 18 de junho de 1847 — São Paulo, 9 de fevereiro de 1912) foi um advogado, professor e político brasileiro. Na política do Império do Brasil, foi membro ativo do Partido Liberal (então na oposição). Em 5 de janeiro de 1878 subiu ao poder o Partido Liberal, com o conselheiro João Lins Vieira Cansanção de Sinimbu como presidente do Conselho de Ministros (título equivalente ao de primeiro-ministro) e Carlos Leôncio da Silva Carvalho para a então denominada Pasta do Império

“e isentou os alunos acatólicos do estudo da religião, modificando o juramento exigido a concessão do bacharelado em letras” (PERES, 2005, p. 15). Já o Decreto de, 19 de abril de 1879, “instituiu mais ampla liberdade para abrir escolas e cursos de todos os tipos e níveis com a necessidade de inspeções para garantir condições de moralidade e higiene, e a possibilidade de lecionar sem passar por provas de capacidade (PERES, 2005, p. 15)

Na contramão das liberdades para instituições particulares e a ausência do Estado, Rui Barbosa posiciona-se através de dois pareceres em 1882 sobre a necessidade da presença do Estado para possibilitar a modernização do país através do ensino público e estatal e a constituição de novos cidadãos ativos e que terão direito ao voto após devidamente qualificados (Ministério da Educação e Saúde, 1942). Segundo Rui Barbosa, para Vera Valdemarin Gonçalves, é o Estado que pode praticar a ação educativa caracteristicamente protetora, garantidora, ampla, sistematizadora e múltipla.

Certamente, o posicionamento de Rui Barbosa correspondia a um anseio de uma educação que pudesse proporcionar uma educação que modernizasse o Estado brasileiro. A modernização ansiada por Deputados como Rui Barbosa dizia respeito não somente a possibilidade de expandir o sistema educacional, mas de romper com a Monarquia e o Império e construir uma nova forma de comandar o país. A instauração da República é marcada em 1889, entretanto, a coexistência entre o Império e a República pode ser compreendida desde a década de 1870.

A importação estava em alta, ao mesmo tempo que se importavam métodos educacionais, materiais didáticos e relatórios de ensino, há uma importação de organização política. Não cabia mais em um país que cumpria um processo de modernização econômica rejeitar a participação política de classes emergentes como os militares, cafeicultores e principalmente uma parcela das camadas médias urbanas.

O processo educacional já sofria influências dos republicanos anteriormente à Proclamação da República; o Manifesto Republicano de dezembro de 1870 apontava uma saída através de uma evolutiva conquista de poder político que deveria ser alçada através dos propagandistas republicanos que deveriam incentivar a população a olhar criticamente para o regime monárquico como corrupto e atrasado, e reconhecer na república a possibilidade de organizar um governo descentralizado, federativo, amigo da ordem e do progresso.

Segundo Marta Carvalho (1989) o público alvo deste processo constituía-se de imigrantes oriundos da chegada da família real para o Brasil. É necessário ponderar que o projeto nacional, de parte dos cafeicultores, correspondiam a construção da sociedade brasileira a partir de um processo de embranquecimento, fruto dos estupros que seria conhecida como “miscigenação” e posteriormente como a democracia racial.

A educação formal para os republicanos no império assumia um papel redentorista, ou seja, como uma possibilidade de resolução dos problemas sociais e de integração e disciplinarização dos imigrantes para o trabalho na grande lavoura cafeeira. O processo de transição do trabalho escravo racializado para o assalariado imigrantista configurava-se como um fato nas fazendas cafeeiras de São Paulo, que marginalizava ainda mais a população negra brasileira.

### **1.3 A instauração da república e os desdobramento da educação**

É no contexto de modernização cultural e econômica, com o trabalho livre assalariado, com o crescimento de setores de prestação de serviços e da pequena indústria, com a forte presença do capital estrangeiro e com a importação de ideias como o positivismo, o industrialismo e o ruralismo, que é possível realizar um rompimento com a monarquia, mas uma continuidade com o poder centrado nas mãos dos cafeicultores paulistas.

Tal configuração política desencadeou como é conhecido hoje: a República do Café com Leite, intitulada desta forma, visto a alternância de poder entre os cafeicultores de São Paulo e os produtores de leite de Minas Gerais desde 1894. A condução de presidentes destes dois Estados brasileiros, fazia parte de um projeto de poder de manutenção da classe agroexportadora nas prioridades do Estado brasileiro, relegando aos militares e industrialistas o segundo plano nas prioridades políticas e mantendo estruturas de dominação que permitissem a manutenção do *status quo*.

Os republicanos que ainda se configuram enquanto conservadores, viam os projetos educacionais como parte de um projeto maior de instauração e consolidação da república, portanto, implementa-se um projeto educacional condizente ao projeto de manutenção de

poder dos cafeicultores. É importante salientar que no **campo** político os embates dos **agentes** irão configurar o campo educacional e o seu funcionamento, ou *nomos*.

Desta forma, os republicanos cafeicultores que ocupavam os principais postos de poder político, compreendiam que o processo educacional deveria ser: antecipatório no que tange ao projeto maior da instauração da república; dualista, pois segundo a classe dominante, embora fosse necessário “fornecer ensino a toda a sociedade, não se tratava de fornecer todo o ensino para toda a sociedade” (HILSDORF, 2003, p.61), sendo assim, deveriam fornecer às massas a alfabetização, o ensino elementar e ensino profissional com defesa da Educação Popular, enquanto para as elites seria ofertado a educação científica.

Segundo Hilsdorf (2003) durante a república existe um maior enfoque com a qualidade do processo educacional. As escolas públicas monárquicas, a iniciativa privada comercial e a confessional católica passam a ser recusadas por serem consideradas corrompidas e atrasadas; por outro lado, as escolas particulares de responsabilidade dos americanos de confissão protestante, positivistas e cientificistas eram aceitas por ofertarem um ensino elementar enriquecido e um ensino secundário formativo para o mercado de trabalho.

O **campo** educacional, portanto, é estruturado por um conflito entre três **agentes**: o Estado Republicano, que acreditava em um processo formativo que deveria preparar o estudante para vivenciar a república e o mercado de trabalho industrial e intelectual através de uma pedagogia moderna; e a Igreja Católica, que ainda apegada aos valores cristãos e às pedagogias tradicionais (metafísica) fornecia uma educação que os preparava para a servidão à Igreja e ao campo religioso, e o Mercado que inicia a interferir no campo educacional.

Na Província de São Paulo tramitava na Assembleia Legislativa um projeto de lei que certamente mudaria o campo educacional da cidade, e influenciaria o país a agir favorável às modificações.

Seus pontos principais eram: no lugar de escolas de primeiras letras, a criação do curso primário, com estudos seriados, regulares e simultâneos divididos em três níveis e uso da metodologia intuitiva, baseada na observação; criação de um imposto para financiar o ensino público; criação de Conselhos (Provincial e Municipais) para a direção do ensino cujos membros seriam eleitos; e profissionalização do professorado, com a exigência do diploma de normalista

para a ocupação das cadeiras e a eliminação da figura dos professores 'leigos', isto é, não titulados (HILSDORF, 2003, p.65)

Tal legislação influenciou a Grande Reforma da década de 1890, que construiu um prédio para abrigar as instituições de ensino, treinou os professores na técnica de observação e reprodução, presente na Escola Modelo e criou os grupos escolares, agrupando as aulas avulsas primárias “em um único edifício, sob uma única direção e um corpo docente encarregado de classes de ensino simultâneo, progressivo e seriado de conteúdos reunindo crianças com o mesmo nível de aprendizagem” (HILSDORF, 2003, p.66).

Neste período ainda é impossível dizer sobre educação de massas na educação tradicional republicana, esses grupos escolares são espaços pensados para uma população trabalhadora já urbanizada e dedicados tanto a alfabetização mas a introdução e doutrinação das crianças aos símbolos da república. Carlos Monarcha (1999) irá defender que a introdução a uma educação de massas se dá após 1910, quando esses grupos escolares iniciam um atendimento em outros horários e permitem a participação de contingentes populacionais não urbanizados.

Entretanto é necessário salientar que existiam concomitantemente neste período influências políticas diversas que eram externalizadas e refletidas no processo educacional. A presença e mobilização dos socialistas, comunistas, imigrantes libertários e do movimento negro durante a Primeira República possibilitou a influência e oferta privada de escolas que destoavam da compreensão do Estado Republicano e Liberal. É através das escolas com ideologias libertárias no Brás, em São Paulo, por exemplo, que teremos a introdução dos métodos de Francisco Ferrer i Guardia no Brasil; teremos uma educação de negros através da mobilização do movimento negro com a criação de grupos para ensinar a ler e escrever que possibilitavam às:

[...] camadas populacionais negras atingiram níveis de instrução quando criavam suas próprias escolas; recebiam instrução de pessoas escolarizadas; ou adentravam a rede pública, os asilos de órfãos e escolas particulares (CRUZ, 2005, p. 27).

Além destes, os socialistas que acreditavam na possibilidade de influenciar o Estado Republicano e Liberal a acelerar o processo de universalização da Escola com uma defesa da Educação Popular e o pressionamento para a abertura de escolas operárias noturnas e profissionalizantes e a abertura de bibliotecas populares públicas. Muitas vezes foram



taxados de reformistas, mas acreditavam em uma “educação politizante do trabalhador em todos os espaços” (HILSDORF, 2003, p. 73).

Já os comunistas organizaram-se em 1922 no Partido Comunista Brasileiro (PCB) que buscava fazer a defesa de uma política educacional que apoiasse:

à escola pública, obrigatória, leiga e gratuita que o Estado liberal já oferecia; melhoria de vida e de condições de trabalho para professores (salário) e alunos (transporte, uniformes, livros, material de estudo); educação político partidária para a formação da consciência operária; e defesa da escola unitária, sem divisão em ensino profissionalizante e intelectual, proposta pedagógica que acompanhava a politécnica posta em prática na Rússia, nos anos 20, por Nádía Krupskaja (HILSDORF, 2003, p. 77).

As décadas de 1910 e 1920 foram marcadas por uma intensa disputa dos diversos campos da sociedade.

As crises da cafeicultura; a politização dos setores jovens das forças armadas em direção diferente da tradicional; o aparecimento de reivindicações de operários e setores sociais médio; o agravamento dos antagonismos nas camadas dominantes; a Guerra Mundial de 1914-18; a crise do capitalismo mundial iniciada com o crack em 1929; a Guerra Mundial de 1939-45; a substituição da hegemonia da Inglaterra, da Alemanha e da França pelos Estados Unidos da América do Norte; o aparecimento da União Soviética (URSS), da China e de Cuba como nações socialistas; a independência da Índia e das nações da África; o aparecimento do Egito e da Argélia, como nações independentes (IANNI, 1978, p. 8 - 9)

Embalados pelas mudanças em uma escala global e incentivadas pelo processo de modernização e industrialização brasileira incitada pelos tenentistas e comunistas que promoveram diversas revoltas ao longo da década de 1920, a sociedade caminhava para regulamentar a universalização de direitos. No campo educacional surgia, portanto, “Os Pioneiros da Escola Nova” que no seu amálgama traziam propostas de reformulação pedagógica progressistas.

Os escolanovistas iniciam um processo de fomentar o debate educacional no Brasil que estava fervilhando em colisões políticas. Esses enfrentamentos são refletidos no contexto educacional em uma disputa acentuada na década de 1930 após a chegada de Getúlio Vargas ao poder representando no campo político a retirada do poder das mãos dos republicanos latifundiários, oligarcas e agroexportadores para os tenentistas e industriais do período. As alterações no contexto do campo político, influenciaram as modificações no contexto econômico, através do incentivo à industrialização, o contexto

social com a democratização e diretamente no campo educacional com a Constituinte de 1934 e a necessidade de um Plano Nacional de Educação que era rivalizado entre:

Os Escolanovistas que defendiam a escola pública, gratuita, laica e obrigatória, formularam o **Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova**<sup>12</sup> para apresentar posicionamentos quanto ao contexto educacional e nortear o Plano Nacional de Educação (PNE) e demais decisões educacionais; já os católicos defendiam o ensino da doutrina religiosa na escola, a separação entre os sexos nos espaços escolares, o ensino particular e a responsabilidade da família quanto à educação (FREITAS, 2018, p. 51)

As mobilizações dos escolanovistas anterior à discussão do Plano Nacional de Educação com a tentativa de influenciar o contexto educacional dos Estados, a criação de entidades como a Associação Brasileira de Educação (ABE) em 1924 e posteriormente os enfrentamentos do período varguista dão início a um processo de visibilidade do processo educacional e a sua nova organização (HILSDORF, 2003, p.79)

#### **1.4 A Educação no período Vargas**

É, portanto, a partir da década de 1930 que inicia-se um processo de solidificação do projeto de construção de uma escola pública brasileira com atendimento universalizado. As mudanças estruturais no campo educacional, impulsionadas pelas discussões realizada pelos “Pioneiros da Educação Nova” são um impulsionador dos investimentos no sistema educacional brasileiro que encontrava-se ainda abrangendo somente a parcela mais rica da população brasileira.

As alterações significativas no campo político com a implementação de um projeto que visava a “Reconstrução da Nação” como nos salienta Alfredo Bosi (1992)

---

<sup>12</sup> Segundo Lemme (2005) o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova foi consequente de uma Conferência Nacional da Associação Brasileira de Educação com o objetivo de pressionar o governo federal adotar uma posição mais afirmativa e abrangente em relação aos problemas globais de educação e ensino, definindo uma verdadeira política nacional para esse setor. Para tanto, Getúlio Vargas esteve presente na Conferência instalando os seus trabalhos acabou por definir por duas questões importantes: a primeira consistiu na assinatura de um Convênio Estatístico entre o governo federal e os estados para adotar normas de padronização e aperfeiçoamento, das estatísticas de ensino em todo o País, e a segunda consistia na elaboração de um documento em que os mais representativos educadores brasileiros, atendendo à solicitação do chefe do Governo Revolucionário, procurariam traçar as diretrizes de uma verdadeira política nacional de educação e ensino, abrangendo todos os seus aspectos, modalidades e níveis. Aqueles que defendiam os interesses da Igreja Católica se retiraram do recinto em algum momento, por não concordarem com os rumos das discussões.

através de um acordo que aglutinava diversos setores da sociedade (militares tenentistas, juventude política, industriais e técnicos diplomados) como aponta Boris Fausto (1970), refletiram no contexto educacional, que objetivava uma formação que incentivasse a modernização nacional sem transformações sociais significativas.

Em 14 de novembro de 1930 foi criado o Ministério da Educação e Saúde, tomando posse Francisco Campos, que posteriormente decretaria a volta do ensino religioso facultativo afirmando a encíclica papal de 1922 que apontava que os direitos da Igreja seriam anteriores aos direitos do Estado em matéria educacional. No campo educacional fica evidente, portanto, que as disputas entre os agentes: Estado, Igreja, intelectuais da educação e a recente chegada das Forças Armadas marcariam a Era Vargas/Estado Novo, que segundo Hilsdorf (2003) já pode ser intitulado desta forma por conta de componentes presentes como o autoritarismo e o nacionalismo (HILSDORF, 2003, p. 91)

O projeto das forças armadas para influenciar no processo educacional seria composto pelo modelo “escola como quartel”

segundo o qual os militares teriam ação preventiva e repressiva em nome da segurança nacional, mediante duas estratégias: a educação pré-militar, que seria dada nas próprias escolas e o controle do importante ensino da educação física [...] assumindo a formação dos seus professores na Escola de Educação Física do Exército (HILSDORF, 2003, p. 94).

A proposta não se concretizou, entretanto, abriu uma janela para a influência do militarismo no processo educacional e na construção da nação.

Em 1932 o educador Fernando de Azevedo lançou o texto “A Reconstrução Educacional do Brasil” que fazia uma ampla defesa de uma escola universal, única, laica, gratuita, obrigatória e de total responsabilidade do Estado. Segundo Fernando de Azevedo, a escola é partícipe de um projeto nacional, e portanto, não poderia ser entregue a interesses particulares e muito menos consentir com um projeto excludente, afirmando que:

Em nosso regime político, o Estado não poderá, decerto, impedir que, graças à organização de escolas privadas de tipos diferentes, as classes mais privilegiadas assegurem a seus filhos uma educação de classe determinada; mas está no dever indeclinável de não admitir, dentro do sistema escolar do Estado, quaisquer classes ou escolas, a que só tenha acesso uma minoria, por um privilégio exclusivamente econômico (A RECONSTRUÇÃO EDUCACIONAL DO BRASIL, 1932, p. 2)

No ano de 1933 forma-se, portanto, a Assembleia Nacional Constituinte responsável por debater e produzir a Constituição de 1934, que segundo Hilsdorf (2003) configurou-se enquanto um produto que buscou atender as reivindicações dos vários agentes que disputavam o campo educacional no momento. A Constituição de 1934 garantiu segundo as pressões: da igreja o ensino religioso facultativo; dos militares a ênfase na educação musical, física, moral e cívica para o desenvolvimento dos valores nacionais; dos escolanovistas um sistema básico ampliado, integral e com a orientação metodológica da Escola Nova além da fixação de um percental mínimo obrigatório de aplicação de verbas públicas no ensino (HILSDORF, 2003, p. 98).

Os anos que seguiram houve um intenso investimento em uma educação de cunho nacionalista e de valorização de um currículo que com a presença da educação física, ensino da moral católica e da educação cívica a partir das disciplinas de História e Geografia do Brasil enfatizaram a formação de um cidadão compromissado com a construção da Nação. O Estado, portanto, modernizava a máquina pública através da criação de uma nova Constituição (1937) e de órgãos educacionais federais, como por exemplo: Ministério da Educação e Saúde (1931), o Conselho Nacional de Educação (1931), a Comissão Nacional do Ensino Primário (1938), o Fundo Nacional do Ensino Primário (1942), o Inep – Instituto Nacional do Estudos Pedagógicos (1938), o Instituto Nacional de Estatística (1934) que deu origem ao IBGE (1938), o Instituto Nacional do Livro, o Serviço de Radiodifusão Educativa, o Ince – Instituto Nacional do Cinema Educativo, e o SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

O Governo de Getúlio Vargas extremamente fiscalizador das ações no campo educacional instituiu “Leis Orgânicas” que buscaram regulamentar o ensino e o

cotidiano de professores e alunos: são visíveis no período do Estado Novo as **prescrições** de padronização da programação curricular e da arquitetura escolar, do controle do recreio e da disciplina, da adoção das classes homogêneas e do método único de leitura (analítico-global), do uso do uniforme, da verificação do asseio corporal, do incentivo à formação de bibliotecas e de clubes de leitura, de clubes agrícolas, exposições, excursões e jornais escolares, do escotismo, do cinema e rádio educativos, de grêmios e caixas escolares (HILSDORF, 2003, p. 102 – 103).

O período de governança de Getúlio foi marcado, portanto, por várias reformas na educação que resultaram na qualidade de formação de uma mão de obra para as recentes indústrias que modernizavam a nação, entretanto, pouco modificou a tradicional

dicotomia do ensino entre elites/ensino popular. As escolas continuavam divididas entre as que formavam intelectuais, e as que formavam trabalhadores para a mão de obra.

Considerando o apanhado no campo educacional dois novos agentes entram em jogo; os militares tenentistas que acreditavam na necessidade da Educação Física para educar os corpos e as mentes dos estudantes, e os próprios estudantes que ao final dos anos de 1937, mais exatamente em 13 de Agosto fundam a União Nacional dos Estudantes (UNE) que naquele momento serviria para defender os interesses dos estudantes universitários e secundaristas (POERNER, 1968, p. 127).

Os embates continuavam circundando as questões religiosas e a universalidade do processo educacional, já no campo escolar o *habitus* era permeado por escolas sem mistura de sexo, sendo as meninas direcionadas a um estudo com a presença do bordado, da cozinha e outros estudos que eram reservados às mulheres, além de uma forte disciplinarização do ensino. A *doxa* permeada pelo imaginário social era direcionado à compreensão da necessidade do processo educacional para a modernização do país, por isso a sua ampliação nacional.

### **1.5 Redemocratização de 1946 ao Golpe de 1964**

O Campo Político sofre modificações em 1946 com o processo de democratização através da instituição da Assembleia Constituinte para pensar a nova Constituição. As modificações do Campo Político agitam o campo educacional que revivem as discussões entre os pioneiros e a Igreja Católica para a disputa do controle do processo educacional que estava responsável por formar as mentalidades da população.

A configuração do Congresso, segundo Hilsdorf (2003), era formada por 177 deputados do Partido Social Democrático (PSD) e 88 deputados da União Democrática Nacional (UDN). Desta forma, os conservadores defensores do ensino da religião nas escolas e contrários ao monopólio do Estado no oferecimento de serviços educacionais eram maioria quando comparados com os deputados liberais que defendiam uma educação neutra, única, mista, leiga, gratuita e obrigatória.

Os debates referentes à expansão da escola pública foram secundarizados, em um país com mais de 50% de analfabetos; a democratização das escolas existentes e o

rompimento da ideia da “escola das elites” e a “escola dos trabalhadores”, existente no Brasil Império, também pouco foi alterada. O que podemos notar são os intensos embates dos agentes educacionais e políticos referentes ao debate do ensino religioso e mais tarde com a Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB), o enfrentamento entre o ensino público vs ensino privado.

Em 1948, Clemente Mariani convocou uma comissão de antigos “pioneiros” e preparou um projeto de LDB e a apresentou à Câmara dos Deputados para discussão, o projeto foi engavetado. Somente em 1955, 1958 e 1959 é que o Deputado Carlos Lacerda, apresentou substitutivos a LDB de orientação privatista e que defendia o pressuposto da primazia do direito da família de educar seus filhos, e colocando o financiamento das escolas privadas pelo poder público.

O Projeto Lacerda atendia os interesses comerciais de iniciativas privada organizada empresarialmente e aos ideólogos da Igreja Católica e provocou a reação imediata de educadores e intelectuais, que, superando suas divergências internas, desfecharam uma verdadeira “Campanha de Defesa da Escola Pública” cujo espírito pode ser sintetizado na palavra de ordem lançada pela UNE, na época: “Mais verbas públicas para a educação pública (HILSDORF, 2003, p. 110)

Não houve no período projeto de lei que causasse mais debate político do que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1961), que foi aprovada oferecendo subsídios na forma de bolsas de estudos e auxílio na manutenção da infraestrutura das escolas particulares, e mais uma vez reforçou a ideia de deixar o ensino religioso facultativo. A Lei 4.024/61 (LDB) aprovada no Congresso Nacional, apresentou-se com características liberais, determinando vitória portanto aos setores privatistas, que conseguiram manter suas escolas lucrando tanto daqueles que pagavam mensalidades para seus filhos estudarem nestes colégios, quanto recebendo recursos do Estado para a manutenção do ensino e das estruturas escolares (FREITAS, 2018, p. 63).

A continuidade de governos populistas que desaguou no governo de Jânio Quadros trouxe de forma rápida modificações que alertaram a sociedade para um rompimento real com o *status quo*. No campo educacional Jânio Quadros acreditou ser possível universalizar a educação na prática, e tomou, segundo Hilsdorf (2003), oito medidas para que isso ocorresse:

1. Redução dos períodos letivos dos grupos escolares, e funcionamento em três ou quatro turnos diferentes.

2. Instalação de classes de emergência.
3. Aumento do número de alunos por classe, que passou de 25 em 1935, para 40 em 1959.
4. Adoção do regime de promoção automática.
5. Construção de galpões de madeira, mobiliados com móveis feitos de caixote para a instalação das escolas elementares.
6. Aprovação compulsória de 80% dos alunos matriculados nos ginásios e nas escolas normas.
7. Criação de escolas normais e ginásios noturnos.
8. Instalação de secções, que funcionavam como extensões dos ginásios tradicionais que funcionavam em prédios de grupos escolares ou de escolas privadas.

As medidas de Jânio Quadros não afetaram somente o campo educacional; no campo econômico Jânio tentava reverter as medidas de abertura do mercado nacional para as indústrias estrangeiras promovidas por Juscelino Kubistchek. A reversão das medidas econômicas colocou em estado de alerta os udenistas que aliados aos militares efetuaram o golpe em João Goulart, o vice de Jânio Quadros que assume após a renúncia do mesmo. O Golpe efetuado em 1º de abril de 1964 marcou um novo projeto de políticas educacionais para o Brasil, que ainda tem muitos impactos no que refletimos e pensamos sobre a educação do nosso país.

## **1.6 Ditadura Militar e o campo educacional**

Como temos observado com as diversas exemplificações de diferentes temporalidades anteriores, disputar o campo educacional é disputar também o campo político e o projeto de nação. Isso porque **a escola tornou-se uma das principais instituições para auxiliar a implementação de projetos de nação**, através da doutrinação dos corpos e das mentes para a obediência e o não questionamento das regras.

Segundo Luiz Alberto Moniz Bandeira (1997) a implementação de uma Ditadura que colocaria no poder os militares brasileiros, era parte de um projeto de política internacional encabeçada pelos Estados Unidos da América, e territorializada nos países da América Latina.

Os EUA, sem dúvida alguma, tiveram responsabilidade pelo estabelecimento e sustentação de muitas ditaduras em vários países da América Latina, ao apoiarem as facções políticas mais dóceis aos seus interesses econômicos e políticos (BANDEIRA, 1997, p. 105).

O reflexo do que Bandeira (1997) relata na citação acima, pode ser vislumbrado no Brasil no campo educacional. Segundo Ângelo Ricardo de Souza e Taís Moura Tavares (2014) é inegável que: “A ditadura era herdeira da disputa permanente entre o público e privado no campo da política educacional” (SOUZA & TAVARES, 2014, p. 270) e, portanto, diversas medidas assumidas durante este período no campo educacional, priorizavam ora o privado, ora o público.

O projeto de Nação pensado pelos militares através da Escola Superior de Guerra tinha como eixos principais: “defesa da integridade e segurança nacional, paz social, preservação da democracia e afirmação da soberania nacional” (CLARK et al, 2006, p. 126). Tais eixos principais do projeto de nação instigou uma verdadeira caçada às ideologias divergentes dos militares autoritários, e imprimiu na sociedade e, conseqüentemente, na escola uma aparente homogeneidade do pensar.

O campo educacional no governo ditatorial vai ser norteada pela pedagogia tecnocrática apoiada na “teoria do capital humano”, debatido durante o seminário “A educação que nos convém” organizado pela principais forças políticas perpetuadas na República brasileira e que concordavam com o governo ditatorial, e imposta ao Brasil pela Agência Norte Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID). Tal teoria segundo Dermeval Saviani (2008):

se traduz pela ênfase nos elementos dispostos pela “teoria do capital humano”; na educação como formação de recursos humanos para o desenvolvimento econômico dentro dos parâmetros da ordem capitalista; na função de sondagem de aptidões e iniciação para o trabalho atribuída ao primeiro grau de ensino; no papel do ensino médio de formar, mediante habilitações profissionais, a mão de obra técnica requerida pelo mercado de trabalho; na diversificação do ensino superior, introduzindo-se cursos de curta duração, voltados para o atendimento da demanda de profissionais qualificados; no destaque conferido à utilização dos meios de comunicação de massa e novas tecnologias como recursos pedagógicos; na valorização do planejamento como caminho para racionalização dos investimentos e aumento de sua produtividade; na proposta de criação de um amplo programa de alfabetização centrado nas ações das comunidades locais (SAVIANI, 2008, p. 296).

Desta forma, ficou muito enfatizado a necessidade tecnocrática de formação e planejamento para a organização da gestão escolar e da educação nacional. No espaço



escolar o cumprimento ao pé da letra da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) no Art. 33 que diz:

a formação de administradores, planejadores, orientadores, inspetores, supervisores e demais especialistas de educação será feita em curso superior de graduação, com duração plena ou curta, ou de pós-graduação (BRASIL, 1971).

Obrigava que os cargos de gestores, fosse ocupado por profissionais da área da administração escolar, sendo que, se não houvesse profissionais da área, o cargo poderia ser ocupado por um professor. Segundo Bandeira (1997) conforme a legislação fica estabelecido que a valorização dos professores no cargo de direção só é realizada na ausência de profissionais do campo da administração escolar, o que segundo o autor, ainda “constituirá um caldo complexo para a gestão escolar nos dias atuais” (BANDEIRA, 1997, p. 275).

As exigências tecnocráticas vieram juntamente com orientações para planejamento e gestão do sistema educacional enviados pela Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), que em troca das exigências que pudesse moldar o saber dos brasileiros fornecia empréstimos financeiros para a tão sonhada modernização do país. Segundo Souza & Tavares (2014) para o recebimento dos recursos financeiros fruto dos acordos com a USAID:

o país contaria com a assessoria técnica dos EUA, mas teria que buscar efetivar uma proposta de gestão e planejamento que, inclusive, favorecesse a privatização das escolas, mas também que se estendia à formação de professores e à produção e distribuição de material didático (SOUZA & TAVARES, 2014, p.273).

O Brasil portanto, não seguia um projeto de nação que interessaria somente aos brasileiros, mas também aos Estados Unidos da América, que no processo educacional de formação de professores e na confecção de materiais didáticos imprimiam a sua ideologia, e organizavam qual seria o papel não só do Brasil, mas das outras nações na organização das Américas.

A reforma da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) realizada em 1971 criou os ensinos em 1º e 2º grau, garantiu a escola elementar com duração de 8 anos, e segundo Souza e Tavares (2014) mesmo que não possa ser considerada uma lei privatista, ela cedeu enormes benefícios ao setor privado através da oficialização de bolsas de

estudos e as indenizações de gastos por recursos do salário educação (SOUZA & TAVARES, 2014, p. 271). Os recursos investidos na educação privada são tantos, que ainda em 1981 o ensino primário de educação era composto por 70% de escolas privadas, demonstrando que o investimento na educação pública ainda se mostrava escasso (SOUZA & TAVARES, 2014, p. 271).

As palavras que norteavam o campo educacional no período ditatorial era planejamento e gestão, e, portanto, foram realizados segundo Souza e Tavares (2014) três Planejamentos Setoriais da Educação. O I Plano Setorial de Educação e Cultura (PSEC) colocado em prática de 1972 à 1974, tinha um:

caráter predominantemente economicista [...] e foi constituído por vários programas e projetos que versavam sobre as etapas e níveis de ensino, sobre a formação e remuneração docente e sobre a relação da educação com o mercado de trabalho (SOUZA & TAVARES, 2014, p. 276).

O Primeiro Plano Setorial de Educação, apontou que os militares preocupavam-se principalmente com a organização da modernização na nação, ajustando a escola para a preparação da mão de obra, e garantindo a submissão da população ao governo. Assim como o primeiro o II Plano Setorial de Educação e Cultura (PSEC) foi colocado em prática de 1975 a 1979 e segundo Bourdignon (2011) o Plano foi voltado para aumentar a mão de obra das exportações e do mercado interno.

É somente com o III Plano Setorial de Educação e Cultura (PSEC) vigente de 1980 à 1985 que iniciam debates mais populares referentes a educação, o recente processo de reabertura democrática com o governo de João Figueiredo encaminhou debates como a “universalização da educação obrigatória e a redução das desigualdades sociais e educacionais” (SOUZA & TAVARES, 2014, p 277). O Plano Setorial de Educação e Cultura (PSEC) não era uma ideia equivocada segundo os autores, entretanto, existia uma inexistência de diálogo com a sociedade ou com os educadores sobre os problemas educacionais do país, a inexistência de um planejamento de Estado, mas sim, um planejamento de governo focado no economicismo e sem uma verdadeira reflexão sobre os problemas educacionais configuravam-se enquanto problemas dos Planos para os autores.

## **1.7 Redemocratização e a Escola brasileira**

O período de redemocratização (década de 1980 e 1990) no contexto educacional, é percebida por alguns autores do campo educacional como décadas perdidas. Os desafios do contexto educacional eram enormes; segundo Romualdo P. de Oliveira (1992) a escola ainda não conseguia alcançar a população de forma a ser universalizada, nem erradicar o analfabetismo ainda presente na sociedade.

É certo que devemos reconhecer que a Constituição de 1988 traz novos rumos para o contexto educacional brasileiro, orientando segundo o art. 205 que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988)

O artigo alimentava uma nova *doxa* para o campo educacional, para além de formar para o mercado de trabalho, muito reforçado durante o Estado Novo, e o desenvolvimento cultural, a educação deveria ter como objetivo também a formação para o exercício da cidadania.

A proposta de universalização da educação, inseriu em uma sala de aula estudantes com diferenças socioculturais diversas. O estranhamento dos estudantes das camadas populares em uma escola pensada para as camadas médias, provocava segundo Hilsdorf (2003) a repetência e a evasão escolar. Tentou-se resolver o problema da evasão de diversas formas, o governo estadual de São Paulo no período (PMDB) pensou na possibilidade de postergar a avaliação do processo de alfabetização da 1ª para a 2ª série do ensino de 1º grau; já o governo municipal da capital paulista (PT) procurava transformar a atitude dos professores através de um diálogo de reflexão sobre o real papel social da escola, na perspectiva de conscientizá-los do que significa trabalhar com uma escola de massas (HILSDORF, 2003, p. 128 – 129)

C. R. Jamil Cury e M. Alice Nogueira (1985) as disputas do campo educacional entre o público e o privado não contavam mais com a participação da Igreja Católica; após o surgimento da Teologia da Libertação e da ascensão de padres progressistas que realizavam uma opção preferencial pelos pobres, a Igreja afastou-se da associação ao ensino privado, e este espaço foi ocupado pelos grandes empresários da educação que recebiam incentivos do governo federal com bolsas de estudos para ofertarem cada vez mais vagas e expandirem o ensino brasileiro.

Segundo Dermeval Saviani:

a década de 80, em particular, merece ser vista sob o prisma dos ganhos em relação aos aspectos da organização e mobilização dos educadores (com a fundação de associações e sindicatos), da política educacional de interesse popular (desencadeadas no âmbito dos poderes locais democráticos) e do desenvolvimento da consciência dos professores (que abandonaram posturas de apatia ou ingenuidade identificadas nos anos de repressão) (HILSDORF, 2003, p. 130)

Portanto, não deve ser compreendida enquanto uma década perdida. Em nossa perspectiva, a década de 1980, assim como as décadas que lhe sucede, são momentos de ampla reflexão sobre os rumos em que o processo educacional caminhará em nosso país, e mesmo que haja poucos resultados materializados no processo educacional, existem muitas mudanças que consistem no processo pedagógico e social.

O que vale salientar é que o curto período para a implementação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996 e do Plano Nacional de Educação (PNE) não surtiram resultados tão efetivos ainda. Foi com os governos de Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff que a educação para uma reflexão do real papel do ambiente escolar, entretanto, parece-nos que a educação tecnicista e levada a formar para o mercado de trabalho presente na Ditadura Militar ainda é refletida no campo educacional atual através das políticas neoliberais fomentadas para uma modificação econômica com reflexos no contexto educacional.

Os recentes debates no campo educacional dividem-se entre progressistas e conservadores que acirram as fileiras da disputa do projeto educacional. Os primeiros acreditam que a educação deve ser libertadora e contribuir para o respeito às diferenças e o exercício da cidadania e democracia; os segundos acreditam na preservação do **status quo**, dos valores tradicionais fundamentados no cristianismo e na submissão dos que distoavam das instituições tradicionais (Igreja, Família e Estado) e não aceitam a transformação social.

A inserção de um novo agente no Campo Educacional, inseriu na pauta novos debates conservadores. Segundo Cecília Loreto Mariz (2016) a atuação das Igrejas Pentecostais em Projetos Sociais desde a década de 1980, através da realização de eventos em presídios, assistencialismo, recuperação de dependentes químicos e demais trabalhos sociais, lhe empossaram legitimidade para debater e influenciar o social. A presença das igrejas nas famílias e formação do *habitus* individual, legitimou a Igreja enquanto importante instituição para construção e reflexão da sociedade.

A Igreja Pentecostal, portanto, passou a partir de 1980 a influenciar mais diretamente a sociedade; elegeu sua bancada no Congresso Nacional e nas Assembleias Legislativas, conhecida como Bancada da Bíblia, que adquiriu espaços de comunicação importantes para disseminação das suas ideias e valores e iniciou um processo de influenciador da sociedade, propondo Projetos de Lei que coincidiam com a cosmovisão religiosa, e orientando os seus fiéis a realizarem reflexões a respeito da sociedade que dialogavam com o conservadorismo, a preservação da estrutura social e das instituições como a: Igreja, Família e o Estado.

A interferência da igreja na escola no processo de redemocratização dá-se através da formação do *habitus* dos indivíduos, que conseqüentemente influencia o *habitus* da escola, gerando conflitos referentes ao respeito à diversidade de cosmovisões, e a demonização do diferente, mais presentes nas igrejas neopentecostais. Desta forma, falar na escola de cosmovisões não teocêntricas resultava em conflitos. A intolerância às cosmovisões que analisavam a realidade materialmente, e que colocavam em risco as estruturas as quais davam sustentação à Igreja, começaram a ser atacadas, de forma que falar de: Teoria Evolucionista, Teoria do Big Bang, Marxismo, Karl Marx, Política Nacional, diversidade de gênero e cultural, eram quase um inaceitável, pois “feria” a crença pessoal do familiar.

Um dos debates mais marcantes da década de 2010 foi referente à acusação da realização de uma “Ideologia de Gênero” nas escolas, e a Escola Sem Partido<sup>13</sup> que acusavam professores de doutrinarem estudantes para “deturpar” a sociedade e os valores tradicionais. O fato é que o campo educacional como reflexo da sociedade, ainda é permeado pela mentalidade dos séculos passados e pressionada a regredir culturalmente, tendo inclusive fatores que coincidem com elementos de influência jesuítica como: a disciplina militar, a hierarquia instituída, a submissão, e a conservação do *status quo* e dos poderosos.

Tais disputas que visavam a manutenção da cultura conservadora na sociedade, abriu espaço para a formação de grupos que agiam politicamente para preservar as estruturas de poder. O Movimento Brasil Livre (MBL), Vem pra Rua, Movimento Endireita Brasil (MEB), Revoltados Online são alguns exemplos destes grupos

---

<sup>13</sup> O projeto de Lei conhecido como “Escola sem Partido” proibia professores de utilizarem determinados referenciais teóricos em sala de aula para explicar determinados assuntos.

conservadores, que conseguiram influenciar uma parcela da população por meio da atuação nas redes sociais e formação de canais de dispersão de informação (BARON, 2016, p. 11)

Essas disputas permeadas na sociedade influenciavam a compreensão de mundo dos indivíduos e moldavam o *habitus*, de forma a influenciar no *habitus* escolar. Com o tempo o discurso da disciplina exacerbada, o ensino religioso confessional e a militarização das escolas públicas como uma forma de colocar ordem nas escolas, foram se consolidando socialmente, reforçando a *doxa* de que a escola deveria disciplinar os corpos e mentes para o convívio em sociedade.

As disputas entre o público e o privado no campo educacional ainda são existentes. A *doxa* presente no ambiente escolar, tem sido disputada diariamente, entretanto, em sua grande maioria a sociedade acredita que a escola deve formar para o mercado de trabalho, e disciplinar os corpos e as mentes para seguir as regras sociais e não afetarem o *status quo*. A *nomos* do campo educacional, tem sido pensada pela classe política que como um projeto de manutenção do *status quo*, e permanece independente do governo que centraliza o poder.

As discussões e enfrentamentos do campo educacional tem se expandido, tendo como principais discussões recentes como fazer a escola uma instituição de respeito à diversidade e às possibilidades de debater a indisciplina, exclusão, evasão, os conflitos culturais e a violência no ambiente escolar. A escola do século XXI, continua tendo que lidar com os problemas de evasão escolar, exclusão e indisciplina iniciados no processo de democratização do ensino, e a divisão da escola de ricos e pobres, entretanto, agora alguns outros problemas aparecem de forma mais incisiva, como a diversidade e a liberdade.

Estes paradigmas sociais, que nos colocam a refletir que todos devem ter as suas diferenças respeitadas, e a liberdade para realizar as suas escolhas sabendo das consequências de não seguir as normas sociais, aponta para o caminho da dificuldade no ambiente escolar. Quais são os valores, normas, objetivos e ideias que iremos estabelecer no ambiente escolar? Como essas normas e objetivos serão escolhidos? Os valores estabelecidos como *bons* derivam de que cultura? Poderá a escola ser multicultural?

Segundo Ana Ivenick (2019):

De fato, na perspectiva mais ampla do currículo, tem sido destacada a necessidade de se lidar com a diversidade cultural de forma positiva, diversidade esta que incide sobre variáveis de gênero, orientação sexual, raça, etnia, padrões religiosos, deficiências e outros, incluindo, ainda, a questão das identidades de imigrantes e refugiados no contexto educacional contemporâneo (IVENICK, 2019)

Estas reflexões são evidenciadas no dia a dia da escola, e pode ser compreendido como o *habitus* escolar , ou, a Cultura escolar, e tem relevantes relações com a História do Campo Educacional. As influências da legislação educacional são possíveis de ser sentidas na escola, mas as alterações no campo cultural podem ser vivenciadas nos conflitos entre os diversos agentes da escola.

A análise das políticas educacionais realizada de forma diacrônica neste primeiro capítulo é de extrema importância para compreendermos sincronicamente como estruturou-se a escola na atualidade, e como essas normas influenciam no *habitus* escolar , mas uma análise somente do campo das políticas educacionais, não nos permite compreender a realidade escolar que é muito mais diversa. A legislação diz uma coisa, mas como a legislação é colocada em prática pelos agentes do campo?

## CAPÍTULO II – O CAMPO EDUCACIONAL DO ESTADO DE GOIÁS NO TEMPO PRESENTE: SUCATEAMENTO, PRECARIZAÇÃO E O PROJETO DE DESCONSTRUÇÃO DO PROCESSO EDUCACIONAL GOIANO.

O presente capítulo tem por objetivo reconstruir e analisar no campo educacional os impactos da implementação das políticas neoliberais na educação goiana; a análise é realizada através de uma construção bibliográfica que busca nos apresentar que as ocupações secundaristas não dizem respeito somente a implementação do projeto das OS's, mas faz parte de um processo de contestação da implementação das políticas neoliberais na educação. Desta forma, é preciso compreender que ao longo da análise do campo educacional nota-se existências de especificidades e singularidades nas políticas educacionais estaduais que são condicionantes para a organização dos estudantes secundaristas que desencadeia nas ocupações em 2015 – 2016.

As políticas neoliberais no contexto educacional goiano, para além de precarizar a profissão docente e do gestor escolar através da inclusão das titularidades no piso salarial, não realização de concurso público para contratação, acúmulo de funções e tarefas, e uma cobrança excessiva, impôs modelos de organização escolar como referência que evidenciam e estimulam a disciplina extremada, a hierarquia militar, a meritocracia e o apego aos resultados quantitativos que demarcaram/demarcam a qualidade na educação.

Os medidores da qualidade educacional não tangem mais a formação de cidadãos críticos, participativos e propositivos, mas sim de indivíduos conteudistas que tenham capacidade de responder assertivamente as provas avaliativas do conhecimento. A escola torna-se na perspectiva neoliberal um balcão de negócios, um espaço lucrativo para os empresários da educação.

### **2.1 Compreendendo o Neoliberalismo no Contexto Educacional Brasileiro**

O campo educacional após o processo mais recente de democratização (1985) teve seu cenário impactado pelas influências da política econômica neoliberal. As ideias



inicialmente pensadas por Friedrich A. Hayeck e Milton Friedman que acreditavam no neoliberalismo como uma possível solução para a crise desenvolvida ao final dos anos 1960 influenciou governos federais brasileiros como de: José Sarney (1985), Fernando Collor (1990), Itamar Franco (1992), Fernando Henrique Cardoso (1995), Luíz Inácio Lula da Silva (2002), Dilma Rousseff (2013)<sup>14</sup>, Michel Temer (2016) e atualmente Jair Messias Bolsonaro (2018) (FREITAS, 2020, p. 84), que ao longo de suas governabilidades implementaram políticas econômicas neoliberais.

A desregulamentação da economia e as idéias neoliberais no Brasil tomaram corpo no início dos anos noventa. No entanto, foi durante a ditadura militar que começou o processo de dilapidação do Estado, especialmente no que diz respeito aos serviços públicos que garantem direitos sociais, transformando os serviços de educação e de saúde, entre outros, em meios de acumulação de capital. Sua principal estratégia foi a deterioração destes serviços e o financiamento do capital privado, criando, desta forma, condições políticas para o aparecimento da ideologia neoliberal (PIRES & REIS, 1999, p. 36)

Segundo Dúmenil & Lévy (2014) o neoliberalismo se caracteriza por um formato em que predomina o livre comércio e a livre mobilidade de capital, com a mínima intervenção estatal no que tange a implementação e desenvolvimento de políticas públicas para a assistência social; entretanto, Dardot & Laval (2009: 457-458), nos chamam a atenção que o sistema neoliberal não trata-se absolutamente do Estado Mínimo, mas sim de um Estado empreendedor, tornando-se mais dispendioso quanto às questões de financiamento de serviços essenciais à vida e ao desenvolvimento social, como serviços de saúde, educação e segurança pública.

Para a concessão de recursos financeiro oriundos dos programas de empréstimos para as nações subdesenvolvidas, o projeto neoliberal foi implementado no restante do mundo a partir do governo do presidente dos Estados Unidos da América Ronald Reagan (1981 – 1989) que em troca dos recursos financeiros fornecidos pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial e a participação da política pensada pelo G-7 exigiam a implementação do projeto econômico neoliberal que buscava a estabilização da moeda, a contenção de gastos com o bem estar social, abertura de mercados, a realização de uma reforma fiscal que visava a concentração de riquezas, possibilitando novos investimentos e a restauração de uma taxa “natural” de desemprego que

---

<sup>14</sup> Os governos petistas de Luíz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff participaram da lógica neoliberal, mas realizaram esforços efetivos para desmontar esta lógica a partir de uma maior participação social para pensar e cobrar a implementação de políticas públicas, aumentando investimentos em políticas sociais e construindo efetivas movimentações para garantir uma soberania nacional.

possibilitaria um cadastro de reserva e desvalorização da remuneração para os/as trabalhadores(as).

O Estado Mínimo proclamado pelos neoliberais consistia em um Estado que teria um papel claro e definido dentro da lógica do capitalismo monopolista, devendo ser mínimo para o social e máximo para o capital, em que a intervenção do Estado na política e na economia teria papel fundamental para garantir a acumulação que o capitalismo necessitava (ATAÍDES, 2005, p. 64)

Segundo Vieira (2000) a partir do governo de Fernando Collor (1990) o Brasil insere-se economicamente no cenário internacional que visava a reformulação do papel do Estado através da contenção de gastos. Poucos foram os investimentos do governo federal neste período (1990 – 1992) para a educação, sendo pensados somente programa de alfabetização como o PNAC (Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania) (VIEIRA, 2000, p. 92), que segundo Ataídes (2005) havia sido discutido na Conferência Joitien na Tailândia, demonstrando, portanto, que o Brasil seguiria os debates internacionais pautados pela política neoliberal que norteavam as políticas educacionais no Brasil.

O que devemos nos atentar principalmente para as últimas décadas no processo educacional corresponde a objetivação do ambiente escolar. A escola torna-se um espaço dedicado exclusivamente para corresponder as necessidades do capital e do neoliberalismo, importando-se, portanto, com a formação de mão de obra qualificada para a servidão do sistema econômico.

O governo de Itamar Franco (1992 – 1994) teve como pauta primordial o desenvolvimento do Plano Nacional de Educação (PNE), que apesar de contar com uma maior participação social para a sua construção através da Conferência Nacional de Educação para Todos, ainda contou com extrema interferência das políticas neoliberais através de organismos internacionais como o Banco Mundial. No governo de Fernando Henrique Cardoso (1995 – 2001) houve um aumento significativo no quantitativo de vagas oferecidas para o Ensino Básico e Superior inversamente proporcional ao quantitativo de recursos financeiros destinados ao sistema educacional, uma exigência maior de qualificação da formação de professores, como afirma Ataídes (2005), entretanto, para além das políticas econômicas refletirem a redução de investimentos na área social, não houve uma reflexão significativa sobre o objetivo da educação na formação de cidadãos críticos, *autônomos* e reflexivos sobre os diversos problemas presentes na sociedade.

Segundo Ataídes (2005), já neste período, o aumento do número de matrículas no ensino fundamental e médio fez com que a maior parte dos Estados e Municípios iniciassem um processo de arrocho salarial para os funcionários estatais, principalmente daqueles que trabalhavam na educação (ATAÍDES, 2005, p. 65). O arrocho salarial também era acompanhado da precarização do serviço docente e do sucateamento do espaço físico escolar.

A educação ocupa um papel estratégico no projeto neoliberal. De um lado, de preparação para o trabalho, garantia da formação do trabalhador sob nova base técnica: automação e multifuncionalidade. De outro lado, a consolidação da educação, inclusive a escolar, com função ideológica, de transmitir as idéias liberais. Assim o processo educativo incorpora as idéias de organização social oriundas do projeto neoliberal como a competição, o individualismo, a busca da qualidade etc (PIRES & REIS, 1999, p. 31)

Os governos de Luis Inácio Lula da Silva (2002 – 2010) e Dilma Rousseff (2011 – 2016) mesmo com programas teoricamente progressistas, ambos os presidentes tiveram de se render a acordos nacionais e internacionais para garantir a governabilidade. Mesmo que aparentemente os projetos progressistas eram colocados em prática, o projeto econômico implementado, que consequentemente afetou o sistema educacional tangia a um projeto que muitas vezes garantiu o progresso em relação à universalização do ensino, mas pouco efetivamente contribuiu para os debates do currículo e da cultura escolar.

Padilha (2015) nos alerta que “o que se viu foi a adoção de uma agenda controversa, que combinou a manutenção de propostas neoliberais com a inserção de temas progressistas” (PADILHA, 2015, p. 163). O que podemos notar é que nos Estados Governados por governos conservadores houve poucos avanços de temas progressistas, mas que a agenda neoliberal foi amplamente implementada como ocorreu no Estado de Goiás, sob gestão de governantes do PSDB, que foi impactado pelas políticas neoliberais tanto ou mais, do que nacionalmente. Segundo Nascimento (2016):

Esse conjunto de transformações que afeta o mundo na atualidade, exerce influência e atinge a vida escolar de várias formas. Analisando a escola no contexto das mudanças da sociedade contemporânea e enquanto instituição social, têm-se indagado sobre sua atuação diante das transformações culturais, políticas, econômicas e sociais, argumenta-se que elas são desdobramentos, principalmente, dos avanços da tecnologia, da reestruturação do sistema produtivo e desenvolvimento, do entendimento da atuação do Estado, das mudanças ocorridas nele e das modificações na organização do trabalho, no sistema financeiro e nas formas de consumo. Chamam este agregado de transformações, de globalização [...]

Os diversos governos que propagam essas ideias passam a ter os mais variados serviços públicos modificados, os investimentos diminuem e, principalmente, os mais pobres são atingidos em políticas sociais como educação, saúde,

segurança pública, moradia e programas sociais (NASCIMENTO, 2016, p. 30).

As formas de organização social, cultural e econômica são modificadas pelo processo de globalização que são imprimidos na sociedade; as distâncias são diminuídas pela intensa troca de informações promovida pelos meios de comunicação que nos permitem vivenciar diversas realidades em simultaneidade, desta forma, a formação educacional é modificada, apresentando a educação novos desafios que tangem a formação para uma realidade que exigem outras habilidades e competências<sup>15</sup>.

Tais modificações na realidade social imprimiram no ambiente escolar novos desafios para o processo de ensino e aprendizagem no estado de Goiás, que segundo Sergio Nascimento (2016) pode ser resumido com a frase: inovar para garantir qualidade. O discurso teórico da garantia de qualidade no Brasil é iniciado por Cosete Ramos ainda no Governo de Fernando Henrique Cardoso, tratando as escolas enquanto um balcão de negócios onde o cliente personificado no estudante exige um “produto” de qualidade (educação) que deve ser oferecido pelos agentes educacionais (NASCIMENTO, 2006, p.49). Desta forma, Cosete Ramos compara nitidamente o ambiente escolar ao ambiente empresarial ao personificar o estudante como cliente, ao defender a realização de treinamentos para a melhor atuação dos profissionais, e ao enfatizar a realização de premiações por resultados alcançados, mudanças e progressos (RAMOS, 1992).

Tais teorias impactaram diretamente a política educacional do Estado de Goiás nos últimos governos de Marconi Perillo (1999 – 2006) - PSDB, Alcides Rodrigues (2006 – 2011) - PSDB, Marconi Perillo (2011 – 2018) - PSDB e atualmente Ronaldo Caiado (2018 – 2022) – DEM, que implementaram políticas neoliberais no campo educacional ao qual o atual governo continua dando sustentação.

## **2.2 O Discurso da Qualidade na Educação e o respectivo Sucateamento das relações de trabalho.**

O discurso de qualidade educacional alinhada à política econômica neoliberal aprofundou o sucateamento educacional na prática, isto porque, segundo os teóricos do discurso da qualidade na educação, deveria ser implementado na realidade educacional

---

<sup>15</sup> Os termos Habilidades e Competências são utilizados no processo de pensamento para o Currículo presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). As habilidades e competências devem nortear o trabalho docente, o currículo e as metodologias utilizadas em sala de aula.

uma série de metodologias, planejamentos e estratégias que possibilitariam alcançar a tão sonhada educação de qualidade, que em nossa perspectiva estava alinhada muito mais aos resultados que fossem condicentes ao mercado de trabalho em uma economia neoliberal do que realmente ao processo de aprendizagem da autonomia e formação cidadã para participação da vida pública, como prevê a constituição.

W. Edwards Deming, autor utilizado por Cosete Ramos (1992) para referir-se a qualidade na educação, apresenta uma proposta de 14 pontos para estratégia de implantação de uma escola de qualidade presentes na Filosofia da Qualidade, sendo eles: constância de propósitos, avaliação no processo, transações de longo prazo, melhoria constante, treinamento em serviço, liderança, afastamento do medo, eliminação de barreiras, comunicação produtiva, abandono de cotas numéricas, orgulho de execução, educação e aperfeiçoamento e ação para a transformação (RAMOS, 1992 & NASCIMENTO, 2016)

A educação nesta perspectiva viu-se comparada a uma empresa a qual deveria formar seus profissionais para melhor rendimento “como se diretores, professores e alunos fossem treinados e tivessem a resolução das demandas das unidades escolares” (NASCIMENTO, 2016, p. 49). Eram metas: garantir através da meritocracia bonificações conforme os resultados alcançados e o cumprimento de metas, estimular a liderança do grupo gestor para a cobrança de resultados, delegação de funções e negociações para alcançar resultados efetivos para a escola, enquanto o professor deveria ser a liderança em sala de aula fomentando nos estudantes a contribuição para ao alcance dos resultados pretendidos. Sendo assim, nesta perspectiva, os profissionais da educação, enquanto lideranças, são responsáveis pelo fracasso ou sucesso educacional, ausentando o Estado da responsabilização do fracasso escolar.

Mas o que seria o fracasso escolar? Pode existir fracasso no processo educacional? Na ótica do discurso da qualidade educacional o fracasso educacional seria não conseguir cumprir com as metas determinadas pelos mecanismos estatais que estavam/estão alinhados à política neoliberal através dos documentos que tiveram fortes influências dos organismos internacionais como a BNCC, PNE e os PCN's (VIEIRA, 2000). Para a medição do fracasso ou sucesso escolar o Estado passa a implementar uma série de atividades avaliativas nacionais, tendo como o principal exemplo o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), que classificava as instituições escolares conforme o resultado avaliativo de estudantes da rede básica de educação.

Thiago Peixoto<sup>16</sup> (2010) salienta a educação como um elemento fundamental para o desenvolvimento econômico, e defende a necessidade de avaliação do sistema educacional, dos professores e gestores, que devem estar em constante “treinamento” para a consecução dos melhores resultados possíveis. Mesmo que concordemos com a necessidade da formação continuada e com a necessidade do sistema avaliativo para a averiguação da aprendizagem, discordamos do viés que os autores defendem para o campo educacional. Acreditamos que a educação deve ser um espaço de formação crítica reflexiva dos estudantes para a autonomia e a participação integral da vida pública, discordamos portanto do currículo implementado na educação que ainda baseia-se em uma construção conteudista, que pouco ensina aos estudantes valores e conceitos que o permitem fazer análises críticas da realidade social.

E é exatamente sobre a aversão ao modelo de educação que defendemos que Sergio Nascimento (2016) observa que alguns autores ligados à educação neoliberal, ou seja, os que defendem a qualidade na educação em uma visão neoliberal para o atendimento ao mercado, defendem que o currículo educacional é excessivamente amplo criticando a obrigatoriedade de disciplinas como Sociologia e Filosofia e afunilando na discussão recente da Reforma do Ensino Médio (2016) (NASCIMENTO, 2016, p. 60)

A transferência de responsabilidades do Estado para o grupo gestor escolar e os professores enquanto lideranças do ambiente educacional, e a responsabilização dos mesmo quanto ao fracasso escolar<sup>17</sup>, sobrecarregam os mediadores do processo educacional de responsabilidades para alcançar as metas estabelecidas pelos órgãos internacionais, e colocam em risco os seus salários, visto que o sistema neoliberal insere-se na ótica de remunerar e bonificar o cumprimento de metas através do discurso meritocrático (NASCIMENTO, 2016).

Esse modelo educacional foi amplamente implementado na política educacional goiana através do então Secretário de Educação e Cultura do governo Marconi Perillo (2011 – 2014) Thiago Peixoto. O economista de formação implementou na educação

---

<sup>16</sup> Thiago Peixoto é um economista e político brasileiro filiado ao Partido Social Democrático (PSD), formou-se em Economia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) e Pós Graduou-se em Gestão de Projetos pela Universidade da Califórnia. Cumpriu mandato de Deputado Estadual (2006 – 2009) Deputado Federal (2010 – 2013), sendo que neste períodos assumiu a Secretaria Estadual de Educação do Estado de Goiás (Seduc) Deputado Federal (2014 - 2017) aonde assumiu a Secretaria de Gestão e Planejamento e a Secretaria de Desenvolvimento.

<sup>17</sup> Observe que a responsabilização do grupo gestor e professores é SOMENTE respectivo ao fracasso escolar. Quando existem “sucessos e vitórias” no ambiente educacional na perspectiva neoliberal educacional, o sucesso tange a ótima gestão e organização realizada pelo Estado.

goiana a “Reforma Educacional: Pacto pela Educação” que tinha cinco pilares para garantir a qualidade no ambiente educacional e que merece destaque para que possamos compreender o processo de sucateamento da educação goiana que desencadeou no projeto de compartilhamento da gestão escolar não só com Organizações Sociais (OS’s), mas também com a Polícia Militar do Estado de Goiás.

O “Pacto pela Educação” que objetivamente tinha como proposta uma melhoria na qualidade educacional goiana, acabou por ser implementado de maneira prejudicial aos agentes do campo escolar, sobrecarregando os profissionais da educação com atividades desnecessárias e introjando poucos recursos para a infraestrutura escolar.

### **2.3 A Reforma Educacional Goiana: “Pacto pela Educação”**

Em 2017, em um trabalho publicado em anais de evento alertava sobre a necessidade de:

Compreender que as lutas que os estudantes secundaristas travaram recentemente (2015) contra o governo estadual, que queria implantar as Organizações Sociais nas administrações dos colégios públicos da macrorregião Anápolis, não são de agora e não surgiram do nada é de extrema importância para assimilar que o movimento estudantil tem avisado ao governo estadual que não aceitará modificações que prejudiquem a qualidade do ensino e da aprendizagem. As políticas neoliberais implantadas na educação de Goiás têm uma lógica espacial e temporal, e ela deve ser entendida na perspectiva de captar contra o que os estudantes secundaristas lutam (FREITAS, 2017, p. 83)

Reforço a necessidade de compreendermos que as ocupações secundaristas não correspondem a uma manifestação isolada contra uma determinada política educacional. As ocupações secundaristas são mais uma forma de protestar contra a implementação da política neoliberal no contexto educacional goiano, e é por isso que nos próximos subtópicos denunciaremos diversas reformas de cunho neoliberal no contexto educacional, visto que as ocupações são um reflexo da desmobilização do sistema educacional goiano.

Estas políticas neoliberais no contexto educacional goiano têm, para nós, como marco central a reforma educacional “Pacto pela Educação”, implementado durante o Governo de Marconi Perillo (2011 – 2014) através do economista Thiago Peixoto que esteve à frente da Secretaria de Educação e Cultura (SEDUC). A reforma estava organizada através de cinco pilares e vinte e cinco metas para garantir o “foco no aprendizado dos alunos e busca de forma definitiva mudar o futuro da nova geração de goianos” (GOIÁS, 2012a.)

A Reforma educacional “Pacto pela Educação” é esboçada para responder a problemas apresentados no próprio documento que dizem respeito: à queda sucessiva do Estado de Goiás no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb); à alta taxa de evasão escolar no estado, segundo o documento a cada 100 estudantes matriculados no Ensino Médio 27 evadem do ambiente escolar, o número é um pouco menor no Ensino Fundamental mas mesmo assim nos assusta, sendo de cada 100 estudantes matriculados 21 estudantes evadem do ensino fundamental no Estado de Goiás (GOIÁS, 2012a.).

Outros dados preocupantes e que justificam a necessidade de implementação de uma reforma educacional tange ao processo de aprendizagem do ensino de Português e Matemática. Segundo o documento da Reforma Educacional, após o término do ensino médio apenas “27% dos alunos que terminam o ensino médio alcançam o aprendizado adequado em Língua Portuguesa. Em Matemática, essa taxa é de apenas 8,9%. Ou seja, ao fim de 12 anos de estudos, 91 em cada 100 estudantes não conseguiram apreender o básico em Matemática” (GOIÁS, 2012a.).

Fica evidente a necessidade de realização de uma reforma educacional que garanta um processo real de aprendizado para os estudantes. Uma reforma que valorizasse a profissão docente, aumentasse a participação da comunidade escolar na realidade da escola, que integrasse o ensino dos conteúdos do currículo alinhados a uma formação cidadã crítica que garantisse autonomia e dialogasse com as distintas identidades subjetivas dos/as estudantes, uma reforma que melhorasse a estrutura física dos colégios para garantir um espaço ideal para o processo de ensino e aprendizagem.

Nesta perspectiva a Secretaria de Educação do Estado de Goiás pensa em cinco pilares centrais para a reestruturação do sistema educacional. O plano é estruturado nos seguintes pilares: I. Valorizar e fortalecer o profissional da educação; II. Adotar práticas de ensino de alto impacto no aprendizado do aluno; III. Reduzir significativamente a desigualdade educacional; IV. Estruturar sistema de reconhecimento e remuneração por mérito; V. Realizar profunda reforma na gestão e na infraestrutura da rede estadual de ensino (GOIÁS, 2012a.).

O projeto da reforma educacional foi muito bem estruturado, buscou apresentar falhas que pudessem ser solucionadas e apresentou propostas efetivas para buscar a melhoria da qualidade educacional, entretanto, na prática, notamos que o projeto acabou por cooptar o grupo gestor a cumprir metas, sucateou a estrutura física escolar, sobrecarregou professores e grupo gestor de atividades administrativas, desvalorizou a



carreira docente e intimidou os docentes a abrirem mão de sua autonomia para cumprir as metas estabelecidas.

Em todos os pilares da reforma educacional a Secretaria de Educação e Cultura pontuou: o que já foi feito, e o que a reforma pretende implementar, demonstrando assim as intenções da Secretaria de Educação para a implementação do projeto “Pacto pela Educação”. No primeiro ponto respectivo à Valorização e fortalecimento do profissional da educação a Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Goiás enfatizou que já havia implementado a obrigatoriedade de realização de cursos específicos para a candidatura ao cargo de direção escolar seguidos de processos avaliativos; a obrigatoriedade, após eleitos, dos diretores(as) de elaborarem um plano educacional nas unidades escolares e realizarem um curso de pós graduação em gestão escolar; além de apresentar um aumento de 45% nas gratificações recebidas aos diretores(as), que segundo a secretaria garantiria maior atratividade para esta importante função.

Segundo Nascimento (2016) nos alerta sobre os problemas referentes às políticas implementadas pelo governo do Estado. Segundo o autor:

“em 29 abril de 2011, foi publicado pela Secretaria de Estado de Educação de Goiás o Edital nº 0001/2011, que convocava as unidades escolares regulares e especiais, centros de educação e atendimento e núcleos de tecnologia que integram a Rede Estadual de Educação para o processo de escolha de diretores” (NASCIMENTO, 2016, p. 80)

Esta portaria definia que no ato da posse dos diretores eleitos democraticamente, a equipe gestora deveria assinar um termo de comprometimento aonde estariam elencadas “metas a serem alcançadas, os procedimentos de aferição da qualidade de ensino e as sanções por seu descumprimento, conforme critérios que seriam fixados pela Seduc” (NASCIMENTO, 2016, p. 81). Em um dos artigos a portaria definia que no caso de comprovação de situações de descumprimento da regra e norma estabelecidas, o grupo gestor poderia ser exonerado por ato do Secretário de Educação do Estado. Duas das metas que aparecem no documento e que nos chamam a atenção é: o cumprimento das metas do IDEB e a “aprovação da gestão por meio de processo de avaliação de seu desempenho de acordo com os critérios” (NASCIMENTO, 2016, p.81) estabelecidos pela Seduc, ou seja, a secretaria de educação e cultura estaria acima do processo democrático escolar.

Tais medidas já implementadas pela Seduc colocaria em risco a autonomia do grupo gestor de implementar um projeto de gestão que destoasse da lógica neoliberal presente nos sistemas de avaliação nacional como o Ideb; e impossibilitaria que a escola,

grupo gestor e professores pudessem garantir um processo educacional que se atentasse às necessidades e individualidades de conhecimento dos estudantes, pois os mesmos deveriam se deter aos conteúdos exigidos pelo Ideb.

No campo das gratificações para os profissionais que buscassem o espaço de gestão do ambiente escolar Nascimento (2016) compreende essa prática como um modelo de cooptação dos diretores para um apoio e colaboração para a execução da reforma educacional implementada pela Secretaria de Educação e Cultura (Seduc) e o alcance das metas estabelecidas pelo Plano Nacional de Educação (PNE) e as instituições internacionais. Em nossa perspectiva, a valorização dos gestores escolares é de extrema importância, todavia isso não pode ser utilizado como uma forma de cooptar os gestores a concordarem com metas que não são pensadas por aqueles(as) que vivenciam as dificuldades em suas especificidades e individualidades.

Em nossa perspectiva, que difere dos objetivos encontrados na educação neoliberal, a qualidade está presente não nos resultados de uma atividade avaliativa conteudista e baseada em uma Cultura escolar que valoriza o “decoreba” como nos salienta Vassoler e Evangelista (2014). A educação de qualidade para nós é aquela que proporciona aos estudantes a autonomia, criticidade, participação efetiva, reflexão a fim de formar cidadãos e cidadãs responsáveis com o combate às desigualdades e injustiças sociais.

Desta forma, os resultados presentes nas provas do Ideb pouco refletem uma educação de qualidade, e a coação e cooptação da direção escolar para alcançar essas metas dificultam ainda mais que alcancemos uma educação de qualidade, pois fere a autonomia, a democracia escolar, a participação dos agentes do campo escolar e desmotiva os profissionais da educação de utilizarem do processo criativo para solucionar os problemas do ensino e aprendizagem de crianças e adolescentes tão diversos e múltiplos, como constatado durante o período das ocupações secundaristas.

A Reforma educacional “Pacto pela Educação” firmou como propostas para **valorizar e fortalecer os profissionais da educação** o cumprimento do pagamento do Piso salarial, a realização de estágio probatório, a criação de carreiras atrativas para professores focando em três caminhos: a docência, a especialização pedagógica e o caminho da liderança. Foi também proposta a criação de uma Escola de Formação de Professores, e a Academia de Lideranças: a primeira buscaria auxiliar na formação continuada dos professores da rede com cursos certificados que trabalhariam metodologias inovadoras para serem utilizados em sala de aula, assim como a realização

da Residência Educacional com estabelecimento de instituições referência, onde professores da rede, durante o estágio probatório seriam “treinados” através da prática e do processo de tutoria para alcançar os melhores resultados na prática docente, já a segunda formaria lideranças para a atuação no ambiente escolar.

Poucas foram as políticas implementadas para a real valorização e formação continuada da carreira docente. A realização do estágio probatório, assim como a escola de formação de professores e a residência educacional nunca saíram do papel e foram efetivadas segundo Nascimento (2016 p. 86-87). Quanto à luta pela implementação do piso salarial estabelecido pela lei nº 11.738, sancionada pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 16 de julho de 2008, “os professores da rede estadual de Goiás entraram em greve reivindicando o cumprimento integral do reajuste salarial de acordo com a data-base, que já estava há mais de três anos sem ocorrer” (NASCIMENTO, 2016, p. 84) a resposta do governo estadual foi o encaminhamento à Assembleia Legislativa do Estado de Goiás (ALEGO) do PL nº 17.508/2011 que alterou os “vencimentos, a gratificação de desempenho e a gratificação de formação avançada”.

Assim sendo, a lei aprovada em plenário permitiu a possibilidade de incorporação das gratificações de titularidade ao vencimento, ou seja, professores(as) que tinham investido em suas formações continuadas realizando cursos de pós-graduação *latu sensu* (especializações) e *stricto sensu* (mestrados, doutorados) passaram a não receber um bônus pela sua formação continuada. Segundo Nascimento (2016): “foi como se a gratificação de pós graduação ou outros cursos de extensão fosse retirada, o que não possibilitou nenhum aumento salarial de fato”.

De fato, o governo do Estado de Goiás cumpria com a responsabilidade do pagamento do piso salarial presente no “Pacto pela Educação”, entretanto, para isso sacrificou profissionais que já investiam em suas respectivas carreiras e formação continuada, arrancando deles direitos presentes na Lei do Estatuto e o Plano de Cargos e Vencimentos do Pessoal do Magistério de Goiás. O resultado de tal atrocidade cometida contra os profissionais da educação desencadeou em uma greve da educação que se iniciou em fevereiro de 2012 e reivindicava

“que se respeitasse e cumprisse o valor do Piso Salarial Nacional para os Professores do Magistério Público da Educação Básica e o cumprimento do Estatuto de Cargos e Vencimentos do Pessoal do Magistério de Goiás no que se refere aos salários dos docentes” (NASCIMENTO, 2016, p. 85)

**Figura 1 – Manifestação de Rua contrário a retirada de titularidade dos professores (2012)**



Fonte: Site da União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES)<sup>18</sup>

As manifestações contaram não só com professores e servidores da educação, mas também com uma grande parcela de estudantes como apresentado na figura 1, demonstrando que a luta contra o sucateamento do campo educacional proliferado pelas políticas neoliberais na educação é uma luta também dos estudantes. Segundo Freitas (2017): “Ficou claro para nós que os estudantes tomaram protagonismo nas manifestações ocupando a “comissão de frente” com suas faixas, cartazes, uniformes e realizando suas ações habituais, entoando seus grito e levando a sua intensidade” (FREITAS, 2017, p. 90)

Jessica Wuiner, ex-presidente da União Goiana dos Estudantes Secundaristas (UGES), em entrevista para a União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES) ressalta que os(as) estudantes não estavam comparecendo às manifestações por uma intimidação dos professores da rede estadual, mas porque viram a precariedade que a escola pública estava caminhando. A mesma relata que “a estrutura física é de péssima qualidade, tetos que caem na cabeça dos estudantes, laboratórios fechados por falta de profissionais qualificados, colégios fechados, material didático de péssima qualidade, vivemos um desastre total na educação de Goiás” (UBES, 2012).

Os problemas apontados por Jéssica Wuiner são extremamente pertinentes para expor o processo em curso de sucateamento da educação; colégios que possuíam laboratórios de química, ciências, física, informática vislumbraram seus laboratórios

<sup>18</sup> Disponível em: <https://ubescomunica.files.wordpress.com/2012/02/anapolis-goias-4.jpg?w=696>  
<https://ubescomunica.files.wordpress.com/2012/02/anapolis-goias-4.jpg?w=696>

fechados pelo governo estadual que impôs a necessidade das escolas terem profissionais qualificados para cuidarem dos materiais nestes laboratórios, mas não financiou possibilidades de contratação destes profissionais, impedindo, portanto, um processo de aprendizado prático. Por fim, a greve teve término sem a possibilidade dos professores terem as suas titularidades resgatadas.

Quanto a criação da Escola de lideranças que foi implementado, ficamos com dúvida em que tipo de liderança o projeto educacional de Marconi Perillo, Thiago Peixoto e Alcides Rodrigues gostaria de formar. Concordamos com Nascimento (2016) quando o mesmo afirma que:

o líder educacional só poderia exercer a sua liderança se estivesse em concordância com as crenças e entendimentos destes e seus secretários estaduais de educação, defendendo suas políticas educacionais, se posicionando de forma favorável e argumentando de maneira positiva em relação a essas políticas, programas e projetos (NASCIMENTO, 2016, p. 87).

A dificuldade em compreender esse tipo de líder estava no fato de o comportamento político destas personalidades quando seus projetos eram confrontados, tangiam ao silenciamento, desmobilização dos movimentos, utilização da força e brutalidade do aparato estatal para contenção de manifestações contrárias às suas ações.

O segundo pilar do Pacto pela Educação diz respeito a adoção de práticas de ensino de alto impacto no aprendizado do aluno, as críticas tecidas neste pilar são, pelo Pacto pela Educação, referentes às dificuldades dos estudantes de assimilarem conteúdos e aprendizagens em Língua Portuguesa e Matemática, que segundo o texto do documento são “disciplinas que são base para as demais áreas do conhecimento” (GOIÁS, 2012a.). A dificuldade de aprendizagem dos estudantes levou a Secretaria de Educação e Cultura (Seduc) a repensar o papel do coordenador pedagógico, que teve a sua carga horária aumentada de 30h para 40h e inserindo uma jornada de formação continuada específico para coordenadores pedagógicos (GOIÁS, 2012a.).

As proposições da Reforma Educacional para alcançar um alto impacto no aprendizado dos estudantes versou sobre: o **aprofundamento do currículo** com a construção de um currículo base com a participação de profissionais da educação e consulta das reorientações curriculares já realizadas, a estruturação de materiais de apoio aos professores de acordo com o currículo. Os debates para a construção do currículo segundo Nascimento (2016) teve ampla participação dos profissionais da educação na intenção de debater e construir o currículo, entretanto, a participação dos profissionais “verdadeiramente foi somente para ratificar o que já havia sido predefinido de acordo

com a visão do processo de ensino e aprendizagem conforme avaliações externas” (NASCIMENTO, 2016, p.88); a propostas de realização de **tutorias pedagógicas**, que funcionariam como um Coaching pedagógico, para contribuir na capacitação dos coordenadores pedagógicos das diferentes regionais acumulando ao aumento da carga horária de trabalho dos coordenadores pedagógicos sobrecarregaram estes profissionais na perspectiva de fiscalizar a atuação pedagógica dos professores, fiscalizando e verificando os planos de aula dos docentes e frequência dos estudantes e preparação de relatórios para a subsecretaria deslocando o profissional de preocupar-se com as demais questões pedagógicas.

O sucateamento da profissão dos educadores pode ser percebida através da instabilidade com a contratação de professores temporários sem concurso público, com o pagamento de baixos salários, aumento da carga horária de trabalho, acúmulo de atividades, desvalorização do plano de cargos e carreira, cobranças excessivas de prazos e resultados destoantes da realidade da infraestrutura pedagógica oferecida a esses profissionais. Cobravam resultados impossíveis de serem alcançados com as condições oferecidas pelos órgãos gestores do sistema educacional goiano (Secretaria de Educação e Cultura de Goiás, Governo do Estado de Goiás).

As metas do Plano Educacional ainda previa: o desenvolvimento da **Educação em tempo integral**, melhorando a qualidade das unidades já existentes, investindo em gestão, políticas pedagógicas e ensino técnico, além da “ampliação do conceito de aluno em tempo integral buscando parcerias fora do espaço físico das escolas, como escolas de idioma, cursos de informática e ensino técnico” (GOIÁS, 2012a.); “não ocorreu nenhuma política específica e efetiva significativamente para que as escolas em tempo integral fossem diferentes das ações das escolas que não eram de tempo integral” (NASCIMENTO, 2016, p. 90).

A proposta de realização de um **novo ensino médio** com um modelo que pudesse garantir mais aprendizado e menores taxas de abandono, além de implementar um ensino profissionalizante concomitante com a realização do ensino médio regular não foi implementada em sua completude neste período. As metas relacionadas a **Educação de Jovens e Adultos Profissionalizante - EJA** também deixaram a desejar, o anseio de garantir um ensino aos jovens e adultos mais prático e “voltado para suas ambições profissionais” e lhes garantir o EJA Profissionalizante ficou restrito a escolas pontuais, e contou muito mais com os esforços dos professores em oferecer aprendizados mais práticos.

O Projeto de formulação de uma **Rede de Colaboração** aonde professores poderiam realizar trocas de experiências, com sugestões, compartilhando exercícios, práticas de gestão, e divulgar bons resultados dos trabalhos desenvolvidos nunca saiu do papel; já o **Investimento em soluções de TI para o Aprendizado**, o Programa UCA (Um Computador por Aluno) atendeu pouquíssimas escolas, mostrando que em muitos casos faltou à Secretaria de Educação e Cultura (Seduc) forças e recursos para a implementação da Reforma Educacional, comprovando as prioridades do governo estadual.

O terceiro pilar da reforma educacional intitulado: “Reduzir significativamente a desigualdade educacional” teve por objetivo a melhoria do aprendizado e desempenho de estudantes com baixo rendimento escolar e a diminuição da distorção idade série. Foram traçadas três metodologias para alcançar resultados significativos: 13. **Redução da Distorção Idade-Série**, que deveria ser alcançado através da estruturação de programas para a redução geral do analfabetismo com foco nas populações que abandonaram o sistema educacional antes de apreender a ler e escrever, e o oferecimento de programas de aceleração do aprendizado; 14. **Redução da Evasão e Reprovação**: através de um sistema de monitoramento por meio da internet para identificar os alunos infrequentes e que apresetam comportamento de potencial abandono, além de prevenir as reprovações através de ações de nivelamento de conteúdos, realizando intensas revisões anteriores a avaliações, revendo tópicos do currículo; 15. **Apoio às Diversidades**, através do aprofundamento de técnicas para o ensino especial, educação do campo e educação indígena (GOIÁS, 2012a.)

Este pilar nos chama extrema atenção pois a sua efetivação caminhava para a possibilidade de garantir ao Estado de Goiás melhores posições no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), já que a distorção idade série e a evasão escolar eram critérios que reduziam a nota do Estado neste sistema avaliativo, responsabilizando ainda mais os professores pela impossibilidade de aprendizado de estudantes com realidades tão diversas.

Nascimento (2016) nos salienta a necessidade de compreendermos que os problemas de evasão escolar e distorção idade série, devem ser entendidos muito mais amplamente do que somente quantitativamente. O autor aponta algumas possibilidades presenciadas em sua experiência na rede estadual goiana de casos que afirmaram a reprovação ou evasão, segundo ele:

Quanto a primeira questão: evasão escolar, na análise da permanência ou não do aluno na escola, deve-se levar em consideração a história de vida deste estudante, sua situação econômica e social, como sua família vive, seus preceitos e princípios e quais valores orientam sua conduta. Presencia-se diversos casos na educação básica, onde estudantes que estudavam no turno matutino, precisaram estudar no noturno, onde a carga horária é menor (já saem perdendo), para ajudar no sustento da família, precisavam trabalhar, caso não conseguissem um emprego passariam sérias necessidades. Muitos desses jovens não conseguiam prestar atenção nas aulas e explicações dos professores devido ao cansaço do dia inteiro de trabalho, outros, paravam de estudar, pois não davam conta de realizar as duas atividades. [...] Sobre a reprovação escolar, o professor é visto neste processo como o principal responsável pelo ensino e aprendizagem. Sem dúvida, o professor possui sua responsabilidade, entretanto, é preciso observar um conjunto de elementos necessários para que ocorra a aprendizagem de forma significativa, alguns deles são: a história escolar do estudante, se aprendeu o que deveria em cada série e se prosseguiu para a série seguinte dominando os conteúdos apropriados; a participação dos pais é outro elemento importante no acompanhamento dos estudos dos filhos, cobrando, exigindo que faça as tarefas de casa e se comporte de forma adequada na escola; se os professores possuem a qualificação suficiente e dominam as diversas ferramentas pedagógicas úteis para que os estudantes aprendam; a questão da situação econômica e social dos jovens também deve ser considerada com o devido cuidado, atenção, e se as políticas públicas (métodos, currículo, avaliações, infraestrutura, outros) para educação são planejadas levando em consideração as melhorias a curto, médio e longo prazo, compreendendo a educação, a escola, como um processo de formação para a vida, para a cidadania, para as relações de cooperação, solidariedade e não somente pensando no mercado de trabalho (NASCIMENTO, 2016, p. 91)

Concordamos com Nascimento (2016) que as análises sobre problemas tão incisivos não podem ser realizados de forma superficial e levando em conta requisitos somente quantitativos, é preciso atentar-se para os diversos fatores que garantem uma educação de qualidade, e a realidade de vida ao qual estudantes vivenciam ao longo de sua formação que são compostos por desafios econômicos, sociais, afetivos, culturais e educacionais.

No “chão da escola” o resultado deste pilar foi um extremo constrangimento dos professores nos conselhos de turma para garantir o máximo de aprovação, aumentando respectivamente suas notas no Ideb, e garantindo para suas escolas bonificações por resultados que auxiliassem o Estado de Goiás a tornar-se quantitativamente referência nacional. Na prática, estudantes que não dominavam conceitos e conteúdos das diversas áreas eram aprovados, escolas que acobertavam a evasão escolar registrando presença a “estudantes fantasmas”, e professores desmotivados pois sabiam que ao final do ano teriam que garantir a aprovação independentemente dos resultados de aprendizagem.

O quarto pilar do Pacto pela Educação visava a **estruturação do sistema de reconhecimento e remuneração por mérito**. Segundo Nascimento (2016): “A meritocracia, a premiação com um bônus é um dos principais pontos dessa reforma”



(NASCIMENTO, 2016, p. 92). De fato, percebemos ao longo dos outros pilares do pacto a presença da remuneração meritocrática com bonificações por metas alcançadas e pela ocupação de cargos de responsabilidade.

As propostas para o reconhecimento e remuneração por mérito tiveram impacto real na atuação de docentes, estudantes e gestores em sala de aula e na escola. Projetos como: **Prêmio Escola**, que premiava escolas que alcançaram metas traçadas pela Seduc com vinte mil reais; **Poupança aluno**, que premiavam inicialmente com mil reais estudantes que obtivessem resultado satisfatório nas principais avaliações educacionais (IDEGO, Porva Brasil, SAEGO e outras); **Educadores do ano**, que premiava alunos, docentes e gestores que se destacassem como referência educacional; **Bônus para servidores**, fornecendo bonificação para servidores que destacavam-se em seus respectivos trabalhos; e o desenvolvimento do **IDEGO – Índice de Desenvolvimento da Educação Goiana**, um método avaliativo da Secretaria de Educação e Cultura de Goiás (Seduca) realizado anualmente para avaliar o processo de aprendizagem dos estudantes e a qualidade da educação goiana.

As sucessivas tentativas de alcançar metas, trouxe:

para dentro da escola a concepção de uma empresa, de uma fábrica, de um negócio que atua com foco na produtividade em uma lógica empresarial-produtiva. O processo de ensinar e aprender passou a ser orientado pela premiação pecuniária, o conhecimento e o saber estabeleceu-se tendo como fim a premiação financeira e não pela sua importância para a vida, para a cidadania e como um instrumento e ferramenta de construção de desenvolvimento político, econômico e social justo e de oportunidades iguais (NASCIMENTO, 2016, p. 94)

O ambiente escolar foi permeado pela lógica empresarial, que alterou a rotina de aulas, os planos de aula dos professores, as metodologias utilizadas e as metas a serem alcançadas. A ação dos docentes passaram a estar ligadas intrinsecamente em alcançar resultados positivos nas provas de avaliação como Ideb, Idego, Saego e outras, como uma possibilidade de ter o seu salário, prejudicado pela incorporação de titularidades, implementado pelas bonificações. Os estudantes passam a competir entre si para serem os melhores da turma e conseguirem ser premiados com o valor da poupança aluno. O clima do ambiente escolar passa a ser um clima de extrema cobrança, individualidades, fiscalização excessiva, competitividade e rivalidade.

O aumento de estímulos econômicos tem na perspectiva de Nascimento (2016) um forte apelo para comprar o interesse dos estudantes ao invés de explicar para eles(as) a importância da educação em suas vidas e no processo de combate às desigualdades

sociais. Para o autor: “Tem-se claramente o aumento dos estímulos não pela importância da educação e estudos para a formação para a cidadania, para o mundo do trabalho e para a vida em si. Neste caso, está se tentando comprar o interesse e atenção do aluno” (NASCIMENTO, 2016, p. 98).

Libâneo (2011) caminha na mesma perspectiva ao afirmar que a bonificação e premiações são artifícios de encantamento e aliciamento do professor, além de ressaltar que a concessão da bonificação e premiação incentiva a competição entre as unidades escolares e docentes, destacando que a performance profissional do docente passa a ser analisada exclusivamente pelo desempenho do estudante em uma prova (LIBÂNEO, 2011).

Em 2011, Gustavo Ioschpe “sugeriu aos parlamentares do Congresso Nacional a criação de uma lei que obrigasse todas as unidades escolares públicas do Brasil a colocar uma placa com um metro quadrado com seu Ideb do lado da entrada principal de cada unidade escolar, em uma escala gráfica exibindo o valor da nota zero a dez, juntamente com a mesma placa deveriam estar o IDEB do município e do Estado” (NASCIMENTO, 2016, p. 101). A proposta foi apresentada ao Congresso Nacional pelo ex- deputado federal Ronaldo Caiado (DEM-GO) (hoje Governador do Estado de Goiás) através do PL nº 1530/2011.

As placas nas portas do colégio além de serem intimidadoras e muitas vezes vergonhosas, culpabilizam ainda mais o grupo gestor escolar sobre os resultados alcançados, como se uma atividade avaliativa pontual pudesse dar conta de avaliar todo um enorme trabalho realizado em busca de formação de jovens e adolescentes. O que notamos assim como Mascarenhas (2014) é que:

O que se configura é um processo de classificação das instituições educacionais cultivando a competição com base em um pensamento quantitativo, que não assegura qualidade e corrompe a esfera educacional que deve ter como meta a formação de indivíduos de forma ampla, colaborando para o desenvolvimento das potencialidades dos seres humanos. O processo educativo deve se desenvolver em uma visão de formação, humanização e não com caracteres deformativos, nem estimular a competição, a individualização e formas de relações mercantis (MASCARENHAS, 2014)

Mascarenhas (2014) nos trás apontamentos importantes a serem destacados. O projeto de Reforma Educacional Goiana acabou cultivando entre/nas instituições escolares a competição, individualidade, e formas de relações mercantis e conseqüentemente não garantindo qualidade no processo formativo dos indivíduos cooperando para o desenvolvimento de suas potencialidades.

O quinto pilar da reforma educacional visava **Realizar profunda reforma na gestão e na infraestrutura da rede estadual de ensino**, que buscava uma reorganização das funções administrativas do Estado, e uma retenção de gastos “desnecessários, na visão do Governo, no campo educacional. Sobre as ações do Governo Estadual que já estava em curso consta o Programa Edificar que por meio da Seduce e AGETOP buscava reformar as escolas e investir em suas estruturas físicas, e teve inicialmente um investimento de 6 milhões de reais.

Já no campo das propostas a Reforma educacional tinha como intenção: **Integração com os municípios** a fim de retomar o processo de municipalização do ensino fundamental; garantir a **excelência em Infra Estrutura** oferecendo mais investimentos na construção e reformas de escolas, fortalecendo o Programa Edificar, garantindo pequenos reparos e tornando o processo de levantamento, compras e prestação de contas mais ágil; **Otimização de gastos**, destinando recursos para áreas mais importantes e racionalizando gastos com apoio de consultoria especializada; alcançar a **Excelência em Gestão**, simplificando os principais processos, monitorando em tempo real as redes e seu trabalho, e fomentando boletins de transparência de desempenho de escolas, regionais e secretarias; e por fim, implementar **Escolas Modelo e Comunidade**, facilitando, simplificando e otimizando os processos básicos da escola, e dando enfoque na questão pedagógica escolar.

Nascimento (2016) nos disserta que a otimização dos gastos aumentou a burocracia, que segundo o autor, “se materializou através do papel-burocracia, ocorreu uma elevação significativa do uso de papéis nas mais diversas situações pedagógicas” (NASCIMENTO, 2016, p. 103). No que tange a infra estrutura dos colégios estaduais, o mesmo autor ao fazer um levantamento nos relata que poucas escolas foram construídas neste período, além de pouco investimento em construção e cobertura de quadras.

O que pode-se notar da Reforma Educacional “Pacto pela Educação” implementada em Goiás é a junção no campo do discurso da questão da qualidade na educação com a redução de “gastos” no contexto educacional, muito válido na política econômica neoliberal que enfatiza a necessidade de diminuir o Estado nas questões sociais. Entretanto, esta fórmula aplicada no contexto educacional segundo Libâneo (2011) acabou agravando expressivamente o sistema educacional.

Libâneo (2011) resume a reforma educacional da seguinte forma:

Fixação centralizada de objetivos, metas e competências do sistema de ensino, dentro de uma política de resultados; Introdução de métodos de avaliação para o sistema escolar por meio de testes estandardizados (medição da

aprendizagem a partir de parâmetros); Ensino de tipo tecnicista, instrumental, em que se mede a qualidade da aprendizagem com base na porcentagem atingida pelo aluno em conhecimentos determinados pelo sistema de ensino; Obtenção de resultados por meio de provimentos de insumos (textos didáticos apostilados, avaliação externa por testes, formas de capacitação de professores com custo baixo, gerenciamento, parcerias com empresas privadas, prêmios e bônus as escolas e professores bem sucedidos), sem atender a aspectos qualitativos. Descentralização do sistema visando autonomia das escolas e responsabilização dos professores pelos resultados, medida pela avaliação externa de desempenho (incentivo ao desempenho individual); Comparação de resultados entre escolas, professores e alunos, promovendo competição entre eles; Implantação de modelos empresariais de gerenciamento (metas quantificadas, valorização da meritocracia, incentivo ao desempenho individual, tutoria e **coaching**, monitoramento (LIBÂNEO, 2011, p.3).

Essa política educacional pautada em resultados quantitativos, implementada, passa a nortear a ação docente em sala de aula ao trabalharem exclusivamente os conteúdos estabelecidos nas matrizes das avaliações regionais e nacionais. A incorporação das titularidades ao piso incentivou a busca incessante dos docentes pelos bônus meritocráticos, fazendo com que professores esgotados e adoentados pela insatisfação de estar na sala de aula com salários baixos, tentarem puxar o último fôlego para ensinarem os estudantes os conteúdos das provinhas avaliativas.

Os estudantes desinteressados com as aulas conteudistas e com metodologias pouco participativas cada vez mais se desmotivaram do ambiente escolar. As cobranças realizadas aos professores faziam da escola um ambiente desprazeroso, que impactava diretamente a reação dos estudantes. Enquanto isso, a nota quantitativa das escolas goianas no Ideb conseguia êxito:

O Ideb da 4ª série/5ª ano, foi o seguinte: no ano 2004 o resultado foi 3.9, 2007 alcançou 4.3, 2011 chegou a 5,3 e, em 2013 conseguiu a meta de 6,0. Já na 8ª série/9ª ano, a pontuação foi: 2005 chegou a 3.3, em 2007 conseguiu chegar a 3.4, em 2009 foi de 3.6, em 2011 alcançou 4.0 e, em 2013 o resultado foi de 4.5. Com relação ao 3ª do Ensino Médio, no ano de 2005 foi de 2.9, em 2007 chegou a 2.8, em 2009 alcançou 3.1, em 2011 foi de 3.6, e, em 2013 o resultado foi de 3.8 (NASCIMENTO, 2016, p. 107)

Entretanto, o serviço educacional em Goiás cada vez mais, vinha sendo sucateado pelas políticas neoliberais implementadas a partir do Pacto pela Educação.

A necessidade de alcançar resultados quantitativos favoráveis na Educação, encaminhava uma real necessidade de garantir o *status quo*, e muitas vezes resgatar uma Cultura escolar que valorizasse a disciplina militar, a hierarquia através de relações de poder bem instituídas, a homogeneidade, e em muitos casos o autoritarismo, ou seja,

elementos presentes na *doxa* do campo educacional desde o surgimento desse campo no Brasil.

Cada vez mais frequente a Polícia Militar (PM-GO) era acionada no ambiente escolar para solucionar problemas de indisciplina, violência e criminalidade próprio das desigualdades sociais acirradas pela implementação das políticas neoliberais, não só no ambiente escolar, mas na sociedade como um todo. Em 2015, após implementação do Projeto “Pacto pela Educação” e alcançado o 1º lugar no Ideb nacional, a Secretaria de Educação, Cultura e Esportes (SEDUCE) decide por aumentar a sua parceria com a Polícia Militar de Goiás aumentando o número de escolas militares no Estado.

O que nós questionamos é: o que faz com que o Governo do Estado de Goiás, mesmo após ter alcançado os índices que gostaria na Educação, buscasse parcerias com instituições governamentais como a PM-GO que ainda não conseguia resolver os problemas da segurança pública, e que pouco tinham experiência de gestão educacional e pedagogias e metodologias da educação? Acreditamos que a resposta esteja no passado, e em como as noções de autoridade e disciplina foram construídas ao longo do desenvolvimento do campo educacional brasileiro, conforme analisamos no primeiro capítulo.

#### **2.4 Militarização das Escolas Públicas de Goiás e o Modelo a ser seguido.**

Os colégios militares de Goiás foram criados em 18 de junho de 1976, por meio da Lei nº 8.125 (GOVERNO DO ESTADO DE GOIÁS, 1976), entretanto, somente em 1999, durante a gestão de Marconi Perillo, que foi implementado o primeiro Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás (CEPMG). Até o ano de 2013 o processo de criação e implementação de colégios transferidos para a PM de Goiás teve passos tímidos, todavia, foi a partir de 2013 que o governo do Estado de Goiás acirra o processo de implementação de colégios militares através da militarização de 18 unidades no Estado.

Os anos de 2015 e 2017 não foram diferentes com 15 unidades e 25 unidades respectivamente. Para Alves & Ferreira (2020) para além dos motivos de aumento de casos de violência no ambiente escolar, a militarização foi vista como uma possibilidade

de vigilância e coerção de possíveis pós-movimentos grevistas que ocorreram em 2013 e 2015 e especificadamente em 2017.

O discurso utilizado para a militarização das escolas pelos órgãos públicos estava intrinsicamente ligado à ideia de que os jovens são mais violentos, sendo alguns envolvidos inclusive com a criminalidade. Sob este discurso se amparou a necessidade da defesa da ordem e *status quo* através da imposição da disciplina, hierarquia, autoridade excessiva para a consecução de bons resultados quantitativos e formação de cidadãos obedientes e disciplinados. Rêses e Paulo (2019) nos aponta que as ideias de militarização das escolas podem ter raízes do positivismo de Augusto Comte “que considerava a educação como prática essencial para anulação de tensões sociais” (RÊSES & PAULO, 2019, p. 704)

Alves e Ferreira (2020) e Oliveira (2016) nos atenta para o desenvolvimento da narrativa da construção de uma escola segura e que prime pela disciplina através do avanço do medo. Marcelo Lopez de Souza (2008) no livro “Fobópole: O medo generalizado e a militarização da questão urbana” nos traz uma reflexão incrível de como mudamos assustadoramente o formato da cidade pelo medo, causado pelo aumento da violência consequente das desigualdades sociais, consequentemente a escola também tem mudanças neste aspecto. É nesta perspectiva portanto, que a escola militar se insere enquanto uma saída possível para garantir “segurança” no ambiente escolar, e alcançar através do método militar de disciplina e hierarquia resultados quantitativos positivos.

Em consequência o ensino norteado pela “pedagogia militarista” coloca em risco a formação humanística da juventude, pois desrespeita as individualidades e subjetividades ao homogeneizar a todos(as) através das obrigatoriedades de corte de cabelo, uniformização e etc... não garantindo a expressão dos corpos diversos, constrói uma relação de sujeição à hierarquia e disciplina baseada no medo do ser que está em condições físicas, sociais e morais de dominar o outro (Polícia Militar) e ainda rejeita a criticidade e o questionamento, valorizando jovens docilizados e que concordem com a manutenção do *status quo*. Outra condição ainda nos preocupa: como pode uma instituição extremamente machista, racista e LGBTfóbica, como apresenta Rêses e Paulo (2019), cuidar da instituição de ensino que deve ensinar a convivência com a diversidade?

A Cultura escolar é permeada por uma forma de organização militar, sendo exemplificado através da “presença do sinal ou da sirene, o uso do uniforme, as fileiras,

a distribuição de cadeiras e mesas, o controle do diário com frequência, as disciplinas a serem cursadas, grade curricular e departamentos” (RÊSES & PAULO, 2019, p. 706). Quando militarizadas os estudantes são aprofundados no cenário militar como apresenta Alves e Ferreira (2020):

Com a implementação do modelo militar, os alunos passaram a ser enquadrados no GR-8, sistema de controle disciplinar comum a todas as unidades de CEPMG. Nele, os estudantes recebem a nota 8,0 no início do ano e, se eles se envolvem em situações que descumprem o regimento interno, têm essa média diminuída. [...] Os estudantes associam o interior da instituição escolar ao trabalho realizado pela PM na sociedade em geral. A chamada dos alunos à divisão disciplinar passou a ser pejorativamente denominada por eles de boletim de ocorrência (BO), e o registro da indisciplina dos alunos no GR-8 recebeu o apelido de fichamento. Corriqueiramente, os estudantes chamamos colegas de ficha suja, P2 (policial do serviço de inteligência da PM), fichado e registrado, entre outros adjetivos, naturalizando, assim, uma linguagem característica da polícia, estritamente militar (ALVES & FERREIRA, 2020, p. 6)

Já no campo metodológico os militares para alcançarem a disciplina e o medo da hierarquia, além de caminharem com armas letais pelos corredores do colégio, instituem um sistema de punições severas sob constante ameaça de expulsão, e de extrema vigilância e monitoramento. A escola passa a ser formulada como um grande Panóptico de Bentham:

Espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos em um lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados, onde um trabalho ininterrupto de escrita liga o centro e a periferia, onde o poder é exercido sem divisão, segundo uma figura hierárquica contínua, onde cada indivíduo é constantemente localizado, examinado e distribuído, isso tudo constitui um modelo compacto do dispositivo disciplinar (FOUCAULT, 2014, p. 192).

O extremo monitoramento e disciplina hierárquica no âmbito escolar tem como objetivo o “controle social capazes de ‘manter’ a ordem estabelecida vigente” sendo assim, “em nada a militarização das escolas goianas enfatiza algum aprimoramento pedagógico na construção do conhecimento por parte dos estudantes” (RÊSES & PAULO, 2019, p. 707).

A submissão, a vigilância excessiva realizada por militares armados nos corredores e até mesmo em sala de aula não atinge somente os estudantes, alguns professores reclamam da ausência de liberdade para trabalhar alguns conteúdos, metodologias ou pedagogias. Suas aulas são monitoradas de maneira direta ou indireta com intervenções ou não da coordenação pedagógica; alguns defensores do ensino militar salientam que os militares não intervêm nas questões pedagógicas, que ficam sob

responsabilidade do grupo gestor escolar, entretanto, a intimidação e a constante vigilância evidentemente interfere no trabalho docente.

O ambiente físico escolar é profundamente modificado, o que reforça o discurso favorável à educação militarizada. A cobrança de taxas mensais denominadas “contribuição voluntária” auxilia os colégios militares à manutenção da estrutura física, construção de quadras esportivas cobertas, piscinas para atividades desportivas, pintura do ambiente escolar, aquisição de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC’s) e aquisição de ar condicionados e climatizadores para salas dos gestores e salas de aula.

Todavia, a cobrança de taxas realizada pelas escolas militarizadas, mesmo que permita a melhoria na estrutura física da escola, fere o princípio da escola ser pública e gratuita, e mesmo com recomendação do Ministério Público do estado de Goiás (MP-GO) que posicionou-se contrário a cobrança de valores e ao estabelecimento de cotas para dependentes militares, as escolas continuam cobrando contribuições mensais. A escola militar mostra-se também elitista ao cobrar de seus estudantes um total de 701,50 R\$, no ano de 2018, no seu uniforme padrão para a aquisição de 17 peças obrigatórias para a composição do uniforme.

Para além das melhorias na estrutura física, notamos uma melhoria na organização do ambiente escolar e suas tarefas administrativas, que pode ser justificado pelo reforço de pessoal. Segundo Alves e Ferreira (2020) ao analisar um colégio militarizado em Aparecida de Goiânia cerca de 29 policiais militares foram incorporados em diferentes tarefas administrativas no colégio, possibilitando uma divisão de trabalho que garante mais efetividade diminuindo o acúmulo de funções e responsabilidades (ALVES & FERREIRA, 2020, p. 9 ).

É notável portanto, que a obtenção de resultados positivos dos colégios militarizados não dizem somente respeito da implementação de uma cultura disciplinar, hierárquica e de intensa supervisão, mas está ligado muito mais a implementação orçamentária das taxas cobradas dos responsáveis e do suporte mais efetivo da Seduce realizado a estes colégios, da seleção realizada dos estudantes através de provas, e do aumento de pessoal para a realização de tarefas administrativas no colégio. Certamente grupos gestores de colégios não militarizados conseguiriam desempenhar um melhor trabalho com o suporte recebidos pelos colégios militares.



Os colégios militares fazem parte do projeto de desmobilização dos trabalhadores da educação, de construção de mentes dóceis, de sucateamento do processo pedagógico educacional e implementação de uma política de cobranças, supervisões e fiscalização intensa que tanto foi implementado pela Reforma Educacional “Pacto pela Educação” e que conseqüentemente sucateou o processo de formação de mentes críticas, reflexivas, pensantes, que colocam o *status quo* em constante risco.

Desta forma, precisamos compreender o processo de militarização, como uma estratégia de reforço da política neoliberal educacional, e analisar que este processo, ainda em curso, reforça o discurso do quanto as parcerias no contexto educacional foram efetivas e renderam resultados positivos mas que na verdade velam um processo de socialização e desvalorização da criticidade dos estudantes. É este discurso que encaminhará a proposta da implementação de parcerias público-privada na saúde e educação.

## **2.5 Organizações Sociais na Educação Goiana.**

Em Janeiro de 2015 já circulavam entre os bastidores do Palácio das Esmeraldas o projeto de implementação das Organizações Sociais no Campo Educacional. O projeto que foi implementado na saúde goiana, e que em momentos diversos apresentou problemas, era visto como uma possibilidade para resolução dos problemas educacionais espelhado nas *Charter Schools* americanas, cuja gestão é compartilhada entre os setores públicos e privado, e garante uma maior autonomia, segundo o Estado através da Secretaria de Educação (JORNAL OPÇÃO, 2015).

O plano de implementação das Organizações Sociais (OS's) na educação goiana é complementação da política neoliberal explicada neste capítulo. O Estado sai de cena, diminui as suas responsabilidades com o social, e permite até mesmo nos serviços educacionais a liberdade do mercado a fim de aprofundar as desigualdades sociais e tem fortes vinculações com os projetos das escolas militares, visto que segue uma lógica de gestão compartilhada que exalta a disciplina militar e os métodos pedagógicos militares.

O Estado entende que a gestão terceirizada em parceria com o setor privado, pode-se alcançar uma qualidade de ensino ainda maior. O objetivo é repetir em outras unidades de educação o mesmo sucesso apresentado pelos colégios militares, cujo corpo administrativo é formado por oficiais e praças da Polícia

Militar e o corpo docente é preenchido por quadros da Secretaria de Educação. O que difere esses colégios dos demais é a disciplina aos moldes dos quartéis e o método pedagógico que exige mais comprometimento dos alunos (JORNAL OPÇÃO, 2015)

O processo de diálogo respectivo à implementação das Organizações Sociais segundo professores da rede básica, estudantes e professores universitários foi inexistente. A mudança, que segundo Tadeu Arrais (2016) pode ser considerada uma “mudança em um sistema, de uma filosofia” (AGÊNCIA BRASIL, 2016) não contou com o diálogo como uma ferramenta de organização do campo educacional. A ausência de diálogo com a comunidade escolar através de um projeto autoritário de implementação das Organizações Sociais pode ser confirmado com as falas do governador de Goiás Marconi Perillo direcionada a professores que manifestavam-se em um evento de entrega das Bolsas Atleta no Centro Cultural Oscar Niemayer. O governador disse as seguintes palavras segundo o Diário de Goiás (2020):

Alguns radicais, que querem achar que o Brasil é a Venezuela ou é Cuba, quiseram atrapalhar este evento. Talvez tentando me intimidar para que eu não viesse aqui. Radicais, pessoas que são acostumados à baderna, ao desrespeito, à deseducação. Mas eu tenho coragem de enfrentá-los, todos, de cabeça erguida. Estou aqui para trazer benefícios [...] Vocês não vão ganhar no grito. Eu tenho remédio para vocês. Quem tem voz e vez é o aluno, e não o baderneiro [...] Eu vou implantar as OSs para transformar a Educação de Goiás na melhor do Brasil, como eu fiz na Saúde. Não adianta querer ganhar no grito (DIÁRIO DE GOIÁS, 2020)

O que não é enfatizado pelo governador são os diversos escândalos envolvendo as Organizações Sociais na saúde. A atuação das Organizações Sociais já vem sendo acompanhada pelo Ministério Público do estado de Goiás que investiga diversos escândalos como a “geração de ‘caixa 2’” da Os’s que administrava o Hospital de Urgência da Região Sudoeste (Hurso). Segundo o Ministério Público de Goiás (MP-GO) “pode-se dizer, inclusive, que essas organizações possuem certo histórico de imbróglios e desacertos com a justiça no Estado” (JORNAL OPÇÃO, 2020).

O início de uma possível insegurança com o projeto de gestão compartilhada com parceria público privada pela comunidade escolar inicia com os péssimos resultados desenvolvidos na saúde goiana, além da precarização do trabalho, a falta de estabilidade dos profissionais e a ausência de materiais de trabalho; no contexto educacional a insegurança, reforçada pela ausência do diálogo de como funcionaria a gestão público privada na educação, que mais tarde foi acentuada com o chamamento das Organizações Sociais pelo Edital 001/2016, que causou aversão a comunidade escolar.

O edital de chamamento de Organizações Sociais na Educação tinha como objetivo a implementação deste formato de parcerias em 23 escolas da macrorregião Anápolis, sendo o Colégio Polivalente Frei João Batista, o segundo maior colégio do Estado de Goiás em quantitativo de estudantes, um dos envolvidos no projeto. A aversão ao projeto neoliberal pode ser explicada quando analisado o documento de chamamento das Organizações Sociais. Segundo o Edital 001/2016 de chamamento das Organizações Sociais:

Uma Organização Social (OS) é uma entidade **sem fins lucrativos**, uma associação, que, por cumprir determinados requisitos exigidos em Lei, é considerada apta para fazer parceria com o Estado nas áreas da saúde, cultura, educação, serviços sociais, etc (SEDUCE, 2016b) **Grifos do autor.**

Entretanto, como afirma Tadeu Arrais (2016) “essa é uma definição formal, franciscana, justificada por um arcabouço jurídico próprio”, visto que até mesmo a então Secretária de Educação, Raquel Teixeira teria manifestado que as Organizações Sociais lucrariam com o processo em um vídeo gravado (ARRAIS, 2016).

Segundo Arrais (2016) no artigo “O *grand tour* da educação goiana: capitalização pública do sistema privado via organizações sociais” ao realizar um levantamento de estimativas, sem comprovação de fonte, chegou a conclusão de que o valor repassado por aluno para uma escola localizada em Pirenópolis estava estimado entre 110,00 R\$ e 115,00 R\$ por aluno (ARRAIS, 2016), já com as organizações sociais segundo Edital 001/2016, o valor solicitado pelas instituições a ser repassado por aluno poderia variar entre 250,00 R\$ e 350,00 R\$, levantando na comunidade escolar repúdio do porque tal valor não poderia ser repassado ao grupo gestor que diariamente sofre de orçamentos apertados para a manutenção escolar.

As insatisfações não pararam somente no quesito econômico; assim como no ensino militar, o projeto de gestão compartilhada previa que as Organizações Sociais deveriam somente cuidar do processo administrativo, entretanto, no Edital 001/2016 estava previsto às Organizações Sociais a “definição de metas operacionais, indicativa de melhoria da eficiência e qualidade do serviço, do ponto de vista pedagógico, econômico, operacional e administrativo e os respectivos prazos e formas de execução” (SEDUCE, 2016b), o que define que as Organizações Sociais tem total liberdade para interferir na questão pedagógica dos colégios.

Os professores da rede básica, além de terem o seu trabalho pedagógico ameaçado de uma interferência, ainda se veem ameaçados de serem perseguidos pelas Os's a fim de pedirem transferências de seus colégios, ou terem o piso salarial não cumprido no caso dos contratos, isso porque o edital prevê que a Organização Social deveria:

Manter em seu quadro docente, no mínimo, 30% (trinta por cento) dos profissionais do magistério pertencentes ao quadro efetivo da SEDUCE. O restante da mão de obra necessária deverá ser contratada, sob regime da CLT (SEDUCE, 2015)

uma escola com 90% concursados, por exemplo, será uma escola com 10%, apenas, de gasto com mão de obra. Essa interpretação é perfeitamente plausível. Das escolas descritas objeto do primeiro **Edital de Chamamento**, algumas chegam a ter, em seu quadro, 79% de professores concursados. Não é claro como será a transferência de professores. A própria Secretaria da Educação argumentou em entrevista divulgada na SEDUCE; **“Os professores que não concordarem em atuar com as OSs poderão pedir transferência para outra escola”** (SEDUCE, 2015)

Atendidos os limites traçados pela Lei estadual nº 15.503, de 28 de dezembro de 2005 (art. 4º, IV e VIII), **poderá** o PARCEIRO PRIVADO utilizar como critério para remuneração dos empregados o piso salarial da categoria, bem como a celebração de acordos coletivos de trabalho vinculados ao cumprimento das metas estipuladas, à redução interna dos custos ou ao aumento da produtividade, sempre compatíveis com os praticados no mercado de trabalho (SEDUCE, 2016).

O termo poderá ao referir-se ao pagamento do Piso Salarial “funcionar como um condicionante bastante relativo” (ARRAIS, 2016), gerando insegurança exacerbada no grupo de docentes que tinham sua relação de trabalho condicionada por contratos estabelecidos com a Secretaria de Educação Cultura e Esportes (SEDUCE). Vale salientar que o estado de Goiás sofre de uma ausência de realização de concurso para preenchimento de vagas ociosas há décadas realizando contratações temporárias, e processos seletivos para contratação, segundo a Presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Goiás (Sintego) Bia de Lima:

as contratações temporárias são meio do qual o governo lança mão para economizar em cima dos educadores, que ganham um salário de miséria, vivem em constante estado de angústia, com a possibilidade de ter o contrato rescindido a qualquer momento e, quando adquirem experiência na rede, são dispensados, porque o contrato venceu (SINTEGO, 2015).

Aos estudantes os maiores receios transitam no campo da modificação da Cultura escolar, o cuidado com o espaço escolar, a modificação da *doxa*, e *nomos* do campo escolar, e a ausência de segurança do aprendizado com professores contratados que não compreendam a sua realidade social e os problemas presentes em sua comunidade. Nota-se a preocupação dos estudantes com o autoritarismo, a disciplina militar, ausência de

diálogo, a supressão das individualidades e subjetividades e a consolidação de hierarquias repressivas, alternado os agentes do campo e as relações de poder instituídas.

Percebe-se que a implementação de parcerias público/privadas no contexto educacional é o encaminhamento e “desenvolvimento” da política neoliberal de insenção do Estado na construção de políticas públicas de assistência social, na tentativa da diminuição do Estado e manutenção do *status quo* econômico, que acirra ainda mais as desigualdades sociais.

### CAPÍTULO 3 – *HABITUS*, CULTURA ESCOLAR E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA: O DIA A DIA NO CHÃO DA ESCOLA, OS CONFLITOS DO CAMPO ESCOLAR, E AS OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS.

No primeiro e segundo capítulo desta dissertação realizamos uma análise do campo educacional através da promulgação das políticas educacionais a partir da instituição Estado, ao longo da criação das instituições modernas e a partir da realidade contemporânea da educação no Estado de Goiás. Essa análise faz-se necessária para compreendermos que as instituições são interdependentes, a tal ponto que a mudança em uma determinada instituição pode afetar as demais instituições. Percebemos ao longo do primeiro e segundo capítulo, que as pressões exercidas pelo Congresso e sociedade civil, em muitos momentos, alteraram a realidade e o dia a dia das escolas e conseqüentemente a sua Cultura escolar/*Habitus* escolar .

Utilizaremos neste trabalho os termos Cultura escolar e *Habitus* escolar enquanto sinônimos, visto que ambos retratam a realidade das internalizações e modificações implementadas na escola que moldam e dão vida e significado ao dia a dia escolar. No campo da Cultura Escolar as pesquisas dos últimos anos buscaram enfatizar e questionar a Cultura Escolar muitas vezes esquecendo-se das influências dos diversos agentes para essa modificação; compreendemos que a utilização do termo *Habitus* escolar pode nos auxiliar na compreensão de que o *habitus* individual do sujeito sintetiza-se a cultura escolar para a formação ou modificação do *habitus* escolar.

Desta forma, este capítulo tem por objetivo construir através das narrativas, coletadas em entrevistas semi estruturadas dos/as estudantes secundaristas que ocuparam suas escolas, não só a Cultura escolar do Colégio Estadual Polivalente Frei João Batista (CEPFJB), mas a história de vida deste estudantes e suas **Consciências Históricas** que permitiram a sua participação no movimento, mas que também construíram através desta participação.

As perguntas que nos trazem até aqui nos fazem refletir sobre a construção de um ambiente escolar com uma Cultura escolar/*Habitus* escolar que exalte a coletividade, a construção coletiva do conhecimento, a autonomia estudantil, a criticidade e a participação; uma escola que seja mais atrativa, prazerosa, democrática e que tenha mais

diálogos do que muros. Mas, também nos indagamos como eram as histórias de vidas desses(as) estudantes, e quais valores e instituições permearam as suas vidas para que tomassem a decisão ousada de lutar pela coletividade e a justiça social.

Esta pesquisa restringir-se-á a pesquisar a ocupação do Colégio Estadual Polivalente Frei João Batista na cidade de Anápolis por dois aspectos, primeiro que este que vos fala, participou da ocupação deste colégio do dia 14/12/2015 até o dia 15/02/2016, portanto tendo um conhecimento de experiência e vivência dos acontecimentos que devem ser resgatados da memória ao longo do texto para uma escrita com maiores detalhes; segundo, pois a participação no processo de ocupação nos permitiu uma aproximação maior com os secundaristas deste colégio, e com suas famílias respectivamente, fomentando, portanto, o encaminhamento e hipóteses dos principais problemas desta pesquisa.

### **3.1 O campo educacional para além da construção das Políticas Educacionais.**

Segundo Dias (2005) uma instituição pode ser definida como:

Uma organização de normas e costumes para a obtenção de alguma meta ou atividade que as pessoas julguem importante. Instituições são processos estruturados por meio dos quais grupos e indivíduos se esforçam para levar a cabo suas atividades. Em outros termos, podemos afirmar que uma instituição é uma maneira definida, formal e regular de fazer alguma coisa (DIAS, 2005, p. 202).

Esta conceituação de instituição nos apresenta a necessidade de uma padronização e rotina para a efetivação de uma instituição.

Em nossa sociedade estamos rodeados de instituições que moldam aquilo que acreditamos ser correto e como devemos nos portar em cada espaço social, ou seja, moldam o nosso *habitus*. A escola, portanto, infelizmente ainda manifesta-se como uma destas instituições que tem uma funcionalidade social de, na maioria das vezes, com raras ressalvas, ensinar a nós as regras, valores e as formas “certas” de nos portarmos para que não subvertamos o *status quo*, dialogando com visões de sociólogos da educação como: Emile Durkheim e Max Weber . Acreditamos portanto que o ambiente escolar, pode ultrapassar a ideia de ser uma instituição reprodutora e conservadora do *status quo*

e permitir a seus agentes do campo um espaço de promoção de autonomia, liberdade e emancipação.

O nosso *habitus* subjetivo e individual, moldado através das experiências vivenciadas socialmente e nas diversas instituições, é formado e moldado a partir da “interiorização das estruturas sociais, do seu capital cultural [...] e organização do grau de importância de determinadas estruturas em nossas vidas” (BOURDIEU, 1989, p.22), portanto, a nossa relação com a instituição escola, com seus diversos agentes, com a sua cultura escolar, capital simbólico e *nomos* influencia a formação de nosso *habitus*, assim como nós influenciemos a instituição escolar a modificar o seu *habitus*/Cultura escolar.

Refletir sobre o campo educacional demanda que possamos debater sobre os diversos campos na perspectiva de Pierre Bourdieu (1989), portanto, nunca podemos estar distanciados da noção de escala, existe uma enorme necessidade de analisar nossos objetos/sujeitos de estudos em suas diferentes escalas sociais para compreender as suas interseccionalidades e seus elementos específicos. Portanto, quando analisamos o campo educacional e seus agentes na formação do *habitus* escolar, compreendemos que os mesmos mantêm-se a partir da articulação das interseccionalidades identitárias dos agentes, a partir de suas histórias de vida.

Cabe, portanto, ao analisar o campo educacional compreender que o mesmo é formado por diversas escalas. No primeiro capítulo desta dissertação fizemos uma análise do campo educacional no que tange a instituição da *nomos* e *doxa* do campo educacional, ou seja, da política educacional; no segundo capítulo nos dedicamos à perceber os constrangimentos institucionais e políticos que orientaram o campo educacional goiano; nesse capítulo nos debruçamos sobre a compreensão do campo escolar, ou seja, a pesquisa sobre a escola, não mais o campo educacional em uma escala macro, mas sim a escola na escala micro.

Sabemos, portanto, que a escala das políticas educacionais influenciam diretamente o campo escolar no que tange: a *doxa* que circunda na mentalidade da sociedade sobre o objetivo das instituições educacionais, o *nomos* (regras) que devem organizar o ambiente escolar, e conseqüentemente o *habitus*/cultura escolar. Todas as vezes que nos referimos às práticas legitimadas nas escolas utilizamos o conceito de *habitus* seguido de cultura escolar, isto porque estamos dispostos a realizar uma aproximação de conceitos.



Pierre Bourdieu (1989) ao trabalhar o conceito de *habitus* direciona-o sendo um sistema de disposições, modos de perceber, de sentir, de fazer, de pensar, que nos levam a agir de determinada forma em uma circunstância dada. Desta forma, o *habitus* de uma determinada instituição é um modo de agir legitimado pelos agentes dominantes do campo com determinado capital cultural; ou seja, aqueles que dominam o campo escolar, em sua maior parte das vezes professores(as) e gestores(as) escolar, legitimam como os demais agentes do campo devem se portar, agir, pensar e se comportar, instituindo assim um *habitus* escolar .

Dominique Julia (1995) ao conceituar Cultura escolar brevemente, nos salienta que:

poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização) (JULIA, 1995, p. 354).

Desta forma, existe uma estreita relação entre a Cultura escolar conceituada por Dominique Julia (1995) e a teoria de Pierre Bourdieu que abrange o campo, capital cultural, *habitus*, *nomos* e *doxa* quando para a análise do campo escolar. Ambos refletem sobre comportamentos e condutas que devem ser inculcadas nos indivíduos para serem aceitos em determinado campo, no caso o campo escolar.

A Escola, portanto, segundo Reinaldo Dias (2005) tem:

Como função fundamental, a educação contribui para a manutenção das sociedades, transmitindo suas ideias, valores, normas e costumes, de geração a geração, e, ao mesmo tempo, prepara os jovens para o desempenho de seus papéis sociais estabelecidos pela sua respectiva cultura. A educação é, portanto, um reflexo da cultura e, nas sociedades complexas e em permanente mutação como as de hoje, ela manifesta os conflitos de valores existentes na sociedade mais geral (DIAS, 2005, p.232)

Essa “transmissão” de conhecimento é compreendida pelos teóricos mais conservadores do campo educacional como uma funcionalidade para manutenção do *status quo* e uma maneira de salvaguardar a moral, entretanto, como bem nos salienta Dias (2005) em uma sociedade em permanente mutação existem constantes conflitos de valores existentes entre os diferentes agentes do campo.

Uma destas formas de contestação em nossa perspectiva foram as ocupações secundaristas que foram realizadas em diferentes estados do país sob premissas iniciais

diferenciadas, entretanto, compreendemos que a insatisfação com o *habitus* escolar/cultura escolar pode ser compreendida como uma padronização entre o grupo de estudantes que compõe o campo escolar.

Anteriormente à compreensão da contestação da cultura escolar, iniciamos um processo de compreensão da cultura escolar através da compreensão da *nomos* do campo educacional que não foi concluída em suas diversas escalas, portanto, vamos compreender a cultura escolar dentro do espaço escolar do Colégio Polivalente Frei João Batista.

### **3.2 Cultura escolar da Escola Moderna: uma análise conceitual.**

Como nos salienta Fabiany de Cássia Tavares Silva (2006) “existem inúmeras características que aproximam os comportamentos das escolas” (SILVA, 2006, p. 202) desta forma, compreender a escola como uma instituição que possui uma cultura/*habitus* próprio, forjado pelos seus agentes através das diversas disputas simbólicas e violências faz-se necessário mesmo que seja tarefa extremamente difícil.

Esta identificação da cultura escolar/*habitus* escolar faz-se dificultada pois além do *habitus* escolar ser constituído pela participação de diversos agentes que tem seu *habitus* constituído por diversas instituições; a cultura, assim como “a história das práticas culturais é, com efeito, a mais difícil de se reconstruir porque ela não deixa traço” (JULIA, 1995, p.15). Alguns autores têm tentado no âmbito da História da Educação dedicar-se a compreender a História da Cultura escolar através de estudos da instituição escolar mais detalhada e aprofundada em especificações do que fizemos no primeiro capítulo, entretanto, acabam por se esbarrar na ausência de materiais pedagógicos para análise (JULIA, 1995, p. 13).

Estudar a cultura escolar/*habitus* escolar mostra-se extremamente importante pois “A cultura escolar desemboca aqui no remodelamento dos comportamentos, na profunda formação do caráter e das almas que passa por uma disciplina do corpo e por uma direção das consciências” (JULIA, 1995, p.22)

Aqui percebemos que a escola assume o papel extremamente importante de influenciar os agentes de aprendizado na forma de ver o mundo, mas também de como

comportar-se através da violência simbólica. Segundo Julia (2001) a escola não é somente um espaço de transmissão de conhecimento, mas também um espaço de “inculcação de comportamentos e de *habitus*” (JULIA, 2001, p. 14).

A Cultura escolar “perpassa todas as ações do cotidiano escolar, seja na influência sobre os seus ritos ou sobre a sua linguagem, seja na determinação das suas formas de organização e de gestão, seja na constituição dos sistemas curriculares” (SILVA, 2006, p. 204). Quando refletimos sobre o ambiente escolar percebemos que a instituição escola possui um conjunto de práticas próprias do ambiente escolar, através do seu modo de gestão, organização hierárquica e muitas vezes ditatorial, o currículo, uma linguagem específica, homogeneização dos corpos e mentes e uma arquitetura de “instituições de sequestro”<sup>19</sup> (FOUCAULT, 2006).

A cultura escolar/*habitus* escolar pode ser percebida através do processo de observação do ambiente escolar, ou através do próprio processo de vivência, visto que a cultura escolar pode ser sentida e modificada no dia a dia da escola. Segundo Silva (2006) “a cultura escolar que é construída com base na interação cotidiana, direciona as escolas para diferentes formas de participação” (SILVA, 2006, p. 2), entretanto, não tem sido essa interação e abertura para participação que temos notado no ambiente escolar.

Nas entrevistas realizadas com os/as estudantes secundaristas que ocuparam seus colégios em 2015/2016 contra a implantação autoritária das Organizações Sociais (OS's), os mesmos, ao falarem sobre a cultura escolar do Colégio Polivalente Frei João Batista apontam para uma tentativa de homogeneização dos corpos e mentes, além de denunciarem a baixa participação dos estudantes na construção da cultura escolar/*habitus* escolar. O que percebemos é a mobilização, via violência simbólica, dos estudantes para a concretização dos projetos pensados pelo grupo gestor, mas não para refletirem sobre o processo.

Em entrevista para essa pesquisa realizada durante os meses de julho a dezembro de 2020, quando perguntado sobre a criação da *nomos* que organiza o dia a dia do

---

<sup>19</sup> As “instituições de sequestro” segundo Foucault, são instituições que levavam este nome por retirarem os indivíduos do convívio social, internando-os com o objetivo de treinar e controlar suas condutas e pensamentos. Tais instituições eram responsáveis por atitudes de vigilância e adestramento dos corpos e das mentes que abrigavam, por meio da disciplina.

ambiente escolar, que além de ser pensado a partir da cultura escolar/*habitus* escolar, mas que também molda a cultura escolar/*habitus* escolar, o estudante Regis Neto disse:

“Agora como foram formadas essas regras eu realmente não sei te informar, porque eu caí de paraquedas e as regras já estavam lá, só falaram assim “não você tem que seguir, tal, tal, tal...” eu falei “Caramba!”, aí eu fui nos primeiros meses questionando tudo, e sempre alguém “não, é dessa, dessa e dessa forma”, sempre de uma forma pacífica na verdade, sempre me instruindo, e eu falava “Ah se é assim beleza”, sempre tinha aquele jeitinho falando “ah, se você puder” aí eu falava “ah, então beleza” tirava e tals. Então assim, a questão de como elas foram formadas eu realmente não sei, mas a questão de como elas eram trabalhadas é até interessante, porque nunca foi uma coisa assim totalmente imposta, tinha “ah se você puder evitar”, agora realmente eu já vi casos lá em que pelo caso do aluno ter um *piercing* em determinado lugar que não dava pra tirar e ele justificava, era tranquilo” (FREITAS, REGIS. [Entrevista concedida a para compor a dissertação] Felipe Silva de Freitas. 2020)

As regras que normatizam a rotina do ambiente escolar como foi relatado pelo estudante “já estavam lá”, foram pensadas antes mesmo que o secundarista tenha se inserido no ambiente escolar e é reflexo de diversas temporalidades e culturas.

A escola como uma instituição moderna tem vivido um momento de tensão, assim como as demais instituições modernas, fruto de uma sociedade “moderna” que não foi preparada para lidar com a diversidade, a democracia, a autonomia e a gestão participativa. Realizando leituras de autores como Stuart Hall (1992); Grosfoguel (2006); Homi Bhabha (1988); Frantz Fanon (2008); Walter D. Mignolo (2000); Anibal Quijano (2000) e outros autores decoloniais, podemos compreender o projeto da modernidade de construção de um sujeito universal centrado na imagem do homem branco europeu, com determinado capital cultural erudito, e um conhecimento racional que deveria ser espelho para o restante do mundo.

Cabe, portanto, às instituições modernas, modelar as suas sociedades para imprimir o homem moderno nos diversos sujeitos sociais utilizando-se de violências simbólicas, ou até físicas como apresentadas nas escolas do início do século XX. A escola, portanto, assume a responsabilidade de inculcar nos sujeitos o *habitus* e o capital simbólico para formação do sujeito universal. Como garantir esse sujeito espelhado e lhe inculcar normas e valores? É aí que entra a cultura escolar/*habitus* Escolar.

O *habitus* escolar é formado através das relações sociais, os agentes hegemônicos do campo impõem quais são as características que devem ser exaltadas e menosprezadas pelo campo; normalmente exaltadas são características pertencentes aos agentes

hegemônicos, e menosprezada as características pertencentes aos demais agentes do campo. Tal *Habitus* escolar, pode ser modificado, pois a hegemonia (GRAMSCI, 2002), e o poder (ARENDR, 1972) não são estáticos, e ambos são atribuídos a quem os exerce, podendo ser roubados a qualquer momento, sendo possível, portanto, a modificação do *habitus* escolar caso haja uma modificação de quem exerce o poder e a hegemonia do campo.

O *habitus* escolar teve início na sua formação desde a criação da instituição escolar; os escritos da educação jesuítica (*Ratio Studiorum*) já nos apresentava características que ainda são presentes na educação moderna. Como já salientado em citação no capítulo 1 a educação jesuítica estava balizada em uma “obediência absoluta e sem limites aos superiores” ainda presente no ambiente escolar através da hierarquização dos agentes do campo, “a disciplina severa e rígida” ainda que transformada no contexto militar, ainda está presente enquanto exigência de disciplina; e “a hierarquia baseada na estrutura militar”, da época ditatorial, também está presente em muitas escolas na relação entre professor-aluno e grupo gestor-aluno.

Com o passar dos séculos, sentidos antigos vão sendo ressignificados a partir de novas lógicas e diretrizes, numa dialética entre passado, presente e futuro levando a instituição escolar e o *habitus* escolar a ganharem novos formatos, assim, sentidos como disciplina, autoridade e obediência vem sendo atualmente sintetizados pelas lógicas neoliberais, conforme apresentamos no capítulo 2. Desta forma, o que já era implementado sofria modificações, e outras atividades pedagógicas são implementadas para fomentar a instituição escolar, como: 1) a criação do currículo escolar que determina os conteúdos e metodologias que devem ser utilizadas para ensinar, que proporcionam pouca participação e interatividade dos estudantes; 2) a anulação das subjetividades dos estudantes ao mirar na formação de um homem moderno universal; 3) o não consentimento dos agentes hegemônicos do campo para que os estudantes possam se relacionar com o ambiente escolar e construir um sentimento de pertença com o espaço escolar, como requer a prerrogativa democrática.

Estas e outras práticas dos agentes hegemônicos do campo, geram insatisfações nos agentes submetidos às violências simbólicas do *habitus* escolar. Violências que são oficializadas na instituição escolar através de advertências, suspensões, expulsões e termos de compromisso, mas que também são utilizadas através dos mapas de sala,

redução de notas, repreensões pelos agentes hegemônicos e várias outras formas de violência simbólica realizadas.

### **3.3 A insatisfação dos estudantes secundaristas com a Cultura escolar.**

Em todos os momentos no ambiente escolar os estudantes secundaristas demonstram a sua insatisfação com a cultura escolar e com os indivíduos e instituições que determinam as regras da escola para o seu funcionamento, esta demonstração de insatisfação é antiga e vem segundo Joe Garcia (1999) sendo aperfeiçoada e refinada. A principal forma de demonstração desta insatisfação dá-se por meio da indisciplina, que pode ser compreendido segundo Garcia (1999) como uma incongruência dos critérios e expectativas assumidas pelo grupo gestor escolar.

A indisciplina no âmbito escolar em muitos casos não é compreendida pelos gestores e professores como uma forma de contestação: a padronização dos corpos e mentes realizados pela instituição escolar, a utilização de metodologias positivistas e antidemocráticas para o ensino, a gestão escolar autoritária e antidemocrática, a aplicação de conteúdos que são julgados pelos estudantes como irrelevantes para a vida, a exigência de uma disciplina e hierarquia militar, a negação da relação próxima com o ambiente escolar e etc...; até mesmo porque professores e gestores inculcaram como o correto esse conjunto de normas que compõem o *habitus* escolar, através do seu processo de escolarização e de convivência social; por variadas vezes deparamo-nos com resistências de mudanças dos docentes no presente pelo apego ao passado que lhe rende boas memórias, legitimando portanto a imposição de um *habitus* escolar ultrapassado para seus estudantes.

Ao longo dos anos da instituição escolar a “indisciplina”, como uma forma de protesto e revolta às situações impostas, foi aperfeiçoada; segundo Garcia (1999):

“Os anos 90 estão afirmando, ampliando e refinando o que poderíamos denominar de “bagunça engajada”. Isso ocorre, por exemplo, quando os alunos de uma turma de ensino médio, mesmo formada por grupos divergentes entre si, são capazes de se organizar e estabelecem atitudes indisciplinadas coletivas, que vão desde a prática de um mesmo tipo de tratamento evasivo durante as aulas de determinado professor, passando por estratégias para intimidar uma professora a ponto de forçar que esta abandone a escola, até processos complexos de contestação da orientação pedagógica dos professores e da escola” (GARCIA, 1999, p. 103)

Concordamos com Garcia (1999) quando nos remete a uma reflexão da indisciplina como uma importante peça para a formação de um cidadão crítico-reflexivo, isto porque é através do processo de contestação e reflexão que podemos formar o cidadão crítico. Para o autor:

“É necessário, ainda, superar a noção de indisciplina que a toma apenas como uma questão de comportamento. Se a escola se preocupar somente em resolver “problemas de comportamento” nunca chegará a ver a indisciplina resolvida. O “bom comportamento” nem sempre é sinal de disciplina, pois pode indicar apenas adaptação aos esquemas da escola, simples conformidade ou mesmo apatia diante das circunstâncias” (GARCIA, 1999, p. 105)

Entretanto, é exatamente o estudante que se utiliza deste processo de contestação, que é considerado por muitos grupos gestores como um “estudante indisciplinado”, o próprio processo de ocupação, que buscava contestar as OS’s mas também a lógica dada pelo campo educacional, foi encarada por grupos de docentes, gestores e por uma parte da sociedade civil enquanto baderna, bagunça e indisciplina. Fomos ensinados pelo *habitus* legitimado em nossa sociedade que entre ser disciplinado e utilizar-se do processo contestatório, é melhor que nos calemos e aceitemos as coisas dadas para não sofrermos as violências simbólicas da exclusão social. Entretanto formalmente a *nomos* do campo educacional através da legislação nos elucida a necessidade de formação de um cidadão crítico, reflexivo e interventor da realidade social, porém, na prática parece-nos que a sociedade e as instituições não aprovam as intervenções destes estudantes.

Considerando a legislação federal vigente, deseja-se a formação de aluno crítico, capaz de refletir e intervir sobre a realidade social, e exercer ativamente sua cidadania. Assim, tendo em vista a própria legislação e as diretrizes educacionais vigentes neste País, a escola deve desenvolver competências nos alunos tendo em vista tais finalidades. Mas particularmente o exercício do pensamento crítico na forma de contestação, por exemplo, ao ser exercitado dentro da escola, resulta em situações de conflito quando os professores não gostam ou não estão preparados para lidar com alunos que recorrem a esta forma de expressão. O fato é que este aluno contestador, membro de uma sociedade que está em processo de superação de uma cultura de repressão, não se conforma a aulas que considera “enfadonhas”, “desatualizadas”, “teóricas”, ou a relações “autoritárias”, “desumanas” ou “frias”, e manifesta seu descontentamento, o qual precisa ser analisado para além do rótulo de indisciplina, e ser pensado como expressão de uma consciência social em formação (GARCIA, 1999, p. 103).

Não podemos de maneira nenhuma confundir a contestação compreendida por alguns professores como indisciplina, com o desrespeito ao ser e às violências. Necessitamos compreender que quando os estudantes questionam determinadas características da cultura escolar/*habitus* escolar, o questionamento restringe-se a este campo, não devendo ser compreendido como um questionamento do ser professor, da sua

função, da sua formação, mas sim um questionamento de uma Cultura que coloca o/a professor/a como hierarquicamente superior e dotado de poder e hegemonia na relação escolar.

Todavia, existe uma parcela da população que decide por não se calar frente às imposições daqueles que se configuram enquanto agentes dominantes de um campo, e que aos poucos, a partir do seu *habitus* e práticas tem modificado o *habitus* legitimado pelo campo escolar, mas também pela sociedade como um todo. Indivíduos que atuando coletivamente têm modificado a cultura “moderna”.

Esta dissertação para além de analisar a instituição escolar, seu *habitus*, a implementação de violências simbólicas para alcançar o objetivo de padronização dos corpos e mentes, tem por principal objetivo analisar as incongruências e contradições da instituição escolar, mas também apresentar as resistências dos estudantes secundaristas frente a esta cultura, mas não só escolar, de respeito/acomodação quanto às hierarquias e ao *status quo*.

### **3.4 Há quem ouse pensar diferente: As ocupações secundaristas e o questionamento para além da implementação das Organizações Sociais na Educação.**

O final do ano de 2015 marcou uma nova página da cultura escolar para alguns agentes do campo educacional. No mês de dezembro desse ano determinadas escolas estaduais do estado de Goiás foram ocupadas por estudantes secundaristas. Espelhados nos protestos contra reorganização escolar no estado de São Paulo, que culminaram na ocupação das escolas, os estudantes secundaristas do estado de Goiás decidem por ocupar os seus colégios contra, segundo os estudantes em entrevistas, a maneira autoritária de implementação das Organizações Sociais nas escolas. Conforme narra o ex-secundarista Regis Neto:

“Mas de uma forma geral foi realmente por conta disso, por saber: caramba porque os caras estão fazendo isso sem aprovação de ninguém, só vai chegar e fazer e pronto acabou! Ninguém tem o direito de pensar: “Poxa por que?” ou “Nossa eu não gosto dessa ideia, por que tá acontecendo?” Então a partir do momento que a gente sabe que existem essas coisas, não o trem só chega acontece pronto, e a gente só vai saber quando o trem já está instalado... porque desculpa a sinceridade mas foi super jogatina, aquilo foi uma época que não tinha mais ninguém no colégio para falar: “Opa tem alguma coisa errada!”, os cara escolheram a época de férias para quando chegasse o próximo ano também já tava lá tudo feito, então alguma coisa errada tá aí para não abrir ao público



entendimento do que que vai acontecer, porque que está acontecendo.” (FREITAS, REGIS. [Entrevista concedida a para compor a dissertação] Felipe Silva de Freitas. 2020)

Mas também por não concordar que a escola fosse gerida por sujeitos desconhecidos da comunidade escolar, mas sim por aqueles(as) que já tinham dedicado suas vidas ao ambiente escolar, como apresentado pelo ex-secundarista Marcos Fonseca:

“Eu cheguei lá me falaram, eu nunca fui a favor muito do Governo Marconi, porque a gente já via o que vinha acontecendo na saúde, um governo autoritário, a gente sabia que gastava mais com mídia e com autopromoção do que com educação. E me falaram que ia vir OS’s, porque eu era muito apegado à direção da minha escola, eu sempre tive um relacionamento muito bom com a Alba e a Rosângela, que era diretora e vice, e com a coordenadora que era a Regina.

Então eu falei: “pera, se eles querem investir isso em pessoas que não conhecem a escola gerir, porque não pegar esse dinheiro que eles vão dar para o OS’s, e investir em todas as escolas, fazer a direção que está lá todo dia, os professores concursados que estão lá todos os dias, porque eles não gerir? Porque eles estão fazendo um bom trabalho até agora, o Polivalente fez uma quadra, não foi com verba pública, foi com o trabalho de professores, da direção e alunos para construir.” (FREITAS, MARCOS FONCECA. [Entrevista concedida a para compor a dissertação] Felipe Silva de Freitas. 2020)

As ondas de ocupações teriam um longo período de desenvolvimento no Brasil, Antônio Groppo (2018) faz uma divisão das ocupações em duas etapas. A primeira etapa constituiria ocupações em alguns estados como: São Paulo, Goiás, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Ceará com pautas individuais e específicas como: a contrariedade da reorganização escolar em São Paulo, a contrariedade à implementação do sistema de OS’s – Goiás, a contrariedade à precarização da educação pública – Rio de Janeiro e Ceará, que ocorreram entre o final do ano de 2015 e o início de 2016 (GROPPO, 2018, p. 93)

Especificamente no Estado de Goiás:

“27 escolas estaduais foram ocupadas entre dezembro de 2015 e janeiro de 2016. A principal demanda era a revogação da decisão do governo estadual de entregar a gestão das escolas a Organizações Sociais. O movimento também fez ressoar a insatisfação de setores estudantis com a militarização de diversas escolas públicas estaduais, cuja gestão tem sido entregue à Polícia Militar (PM)” (GROPPO, 2018, p. 95)

A tabela 1, abaixo, nos é apresentado a relação das 27 escolas estaduais ocupadas no Estado de Goiás, entretanto, é necessário salientar a existência da ocupação da Secretaria de Educação, Cultura e Esportes do Estado de Goiás (SEDUCE) que terminou com a prisão política de 18 pessoas, incluindo o professor universitário da Universidade

Federal de Goiás (UFG) Rafael Saddi, e a liberação de 13 menores de idade que também participavam da ocupação.

**Tabela 1: Relação de Escolas Ocupadas no Estado de Goiás**

Escolas Ocupadas	Cidade	Data da Ocupação	Data de Desocupação
Colégio Estadual José Carlos de Almeida	Goiânia	09/12/2015	25/03/2016
Colégio Estadual Robinho Martins	Goiânia	10/12/2015	26/01/2016
Instituto de Educação de Goiás	Goiânia	12/12/2015	20/02/2016
Colégio Estadual Bandeirante	Goiânia	14/12/2015	27/01/2016
Colégio Estadual José Lobo	Goiânia	14/12/2015	07/02/2016
Colégio Estadual Cecília Meirelles	Aparecida de Goiânia	14/12/2015	29/01/2016
Colégio Estadual Polivalente Frei João Batista	Anápolis	14/12/2015	15/02/2016
Colégio Estadual Francisco Maria Dantas	Goiânia	15/12/2015	26/01/2016
Colégio Estadual José Ludovico de Almeida	Anápolis	15/12/2015	06/02/2016
Colégio Estadual Ismael Silva de Jesus	Aparecida de Goiânia	16/12/2015	25/01/2016
Colégio Estadual Professor Pedro Gomes	Goiânia	16/12/2015	26/01/2016
Colégio Estadual Cora Coralina	Goiânia	16/12/2015	28/01/2016
Colégio Estadual de Aplicação Professor Manuel Caiado	Cidade de Goiás	16/12/2015	31/01/2016
Colégio Estadual Nova Cidade	Aparecida de Goiânia	16/12/2015	26/01/2016
Colégio Estadual Jad Salomão	Anápolis	16/12/2015	28/01/2016
Colégio Estadual Carlos de Pina	Anápolis	16/12/2015	06/02/2016
Colégio Estadual Padre Fernando Gomes de Melo	Anápolis	16/12/2015	08/02/2016
Colégio Estadual Américo Borges de Carvalho	Anápolis	16/12/2015	19/02/2016
Colégio Estadual Castelo Branco	Goiânia	17/12/2015	27/01/2016
Colégio Estadual Pré-Universitário	Goiânia	17/12/2015	15/02/2016
Colégio Estadual Villa Lobos	Aparecida de Goiânia	18/12/2015	27/01/2016
Colégio Estadual Presidente Costa e Silva	São Luís dos Montes Belos	22/12/2015	26/01/2016
Colégio Estadual Herta Layser Odwyer	Anápolis	23/12/2015	12/02/2016
Colégio Estadual Antesina Santana	Anápolis	06/01/2016	17/02/2016
Colégio Estadual Rui Barbosa	Aparecida de Goiânia	23/01/2016	25/01/2016
Colégio Estadual Doutor Mauá Cavalcanti Sávio	Anápolis	01/02/2016	19/02/2016
Colégio Estadual Professor Faustino	Anápolis	03/02/2016	03/02/2016

Fonte: FREITAS, 2020.

As ocupações secundaristas concentraram-se no eixo Goiânia-Anápolis, mas também ocorreram ocupações pontuais na Cidade de Goiás e em São Luís dos Montes Belos. No caso da última, os estudantes protestavam contra a imposição de militarização do Colégio Estadual Presidente Costa e Silva. Anápolis contou com a participação de 10

ocupações secundaristas, empatando com a capital Goiânia no quantitativo de escolas ocupadas.

As ocupações tiveram média de duração de 60 dias, tirando alguns casos específicos como o ocorrido no Colégio Estadual Professor Faustino, aonde estudantes do turno noturno arrombaram o portão do colégio e com violência física retiraram os estudantes secundaristas que ocupavam o colégio a força. Mas existiram casos de resistência para além dos 60 dias, como o caso da ocupação do Colégio José Carlos de Almeida que permaneceu ocupada por cerca de 106 dias contínuos.

### **3.5 A ocupação do Colégio Polivalente Frei João Batista e o funcionamento cotidiano da ocupação.**

A ocupação do Colégio Polivalente Frei João Batista teve início no dia 14 de dezembro de 2015 no período matutino, entretanto vale salientar que a preparação para o ato de ocupar o colégio deu-se anteriormente. Como salientei em entrevista cedida para a escrita do artigo, do qual atuei como co-autor, “Movimento de ocupação de escolas públicas-jovens estudantes contra a gestão da escola pública por organizações sociais” publicado na Revista Educativa por José Maria Baldino e Felipe Silva de Freitas (2016):

“Relembra que já em 11 de dezembro foi marcada uma reunião no Colégio Professor Faustino para ocupá-lo, mas o intento obteve êxito. Relembra que foram várias as tentativas de ocupação de Colégios no final de semana. Final e inicialmente em 14 de dezembro (período Matutino), adentraram e ocuparam o Colégio Polivalente Frei João Batista, respaldados pela decisão de uma assembleia com os estudantes presentes. rememora-se assim, que iniciara o que denomina como sendo a trajetória de resistência e de luta através da ocupação de escolas e na cidade de Anápolis” (BALDINO & FREITAS, 2016, p. 910)

Após a realização da reunião para a ocupação do Colégio Professor Faustino, figura 1, os estudantes reuniram-se na Praça Bom Jesus para debater a articulação de novas possibilidades de mobilização contra as Organizações Sociais na cidade como apresentado na figura 2.

**Figura 2 – Reunião no Colégio Professor Faustino para articulação da ocupação no Colégio**



Fonte: Arquivo Pessoal de Felipe Silva de Freitas

**Figura 3 – Reunião na Praça Bom Jesus para novas articulações de ocupação na cidade.**

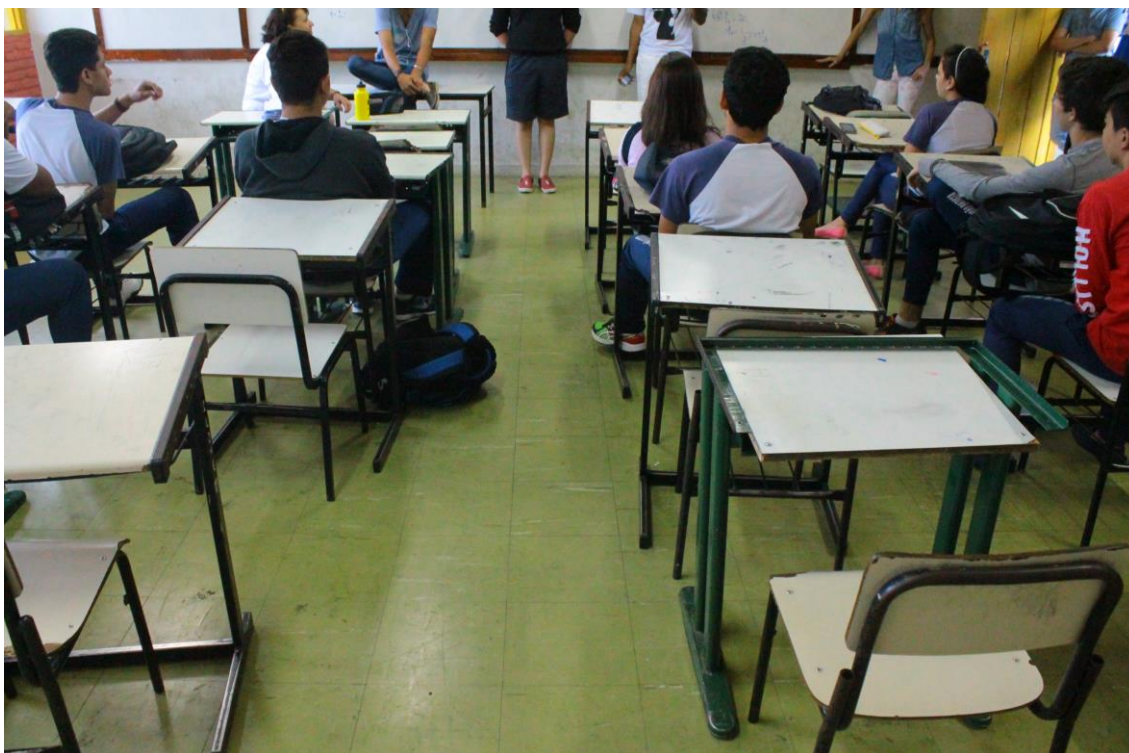


Fonte: Arquivo Pessoal de Felipe Silva de Freitas

Lembro-me que no domingo, 13 de dezembro de 2015, foi marcada uma ação que pretendia ocupar o Colégio Polivalente Frei João Batista, a reunião realizada no Galpão do Parque da Matinha não obteve sucesso para a ocupação do colégio, entretanto, possibilitou a organização para a ocupação do colégio no dia seguinte. A pouca presença de estudantes secundaristas do Colégio Polivalente Frei João Batista no domingo, e a ausência de estudantes no Colégio para a realização de uma assembleia democrática para deliberação da ocupação eram alguns entraves para que a ocupação ocorresse.

Foi, portanto, no dia 14 de dezembro de 2015, por volta das 10 horas da manhã, que professores, estudantes universitários e estudantes secundaristas adentraram o colégio e encaminharam-se para a única sala aonde estudantes terminavam de realizar a última prova do semestre, uma prova de recuperação. A sala tinha mais ou menos 15 estudantes, ouviram atentos(as) o que cerca de nove pessoas (estudantes universitários, estudantes secundaristas e professores da rede municipal) ligadas ao movimento de Ocupação das Escolas tinham a dizer sobre o projeto de implementação das Organizações Sociais em Goiás, e sobre o anúncio do que já havia acontecido em Goiânia com a Ocupação do Colégio Estadual José Carlos de Almeida (JCA) – (Imagem 3).

**Figura 4 – Assembleia de Ocupação do Colégio Polivalente Frei João Batista**



Fonte: Arquivo pessoal de Felipe Silva de Freitas

Na assembleia entre os estudantes secundaristas foi deliberada a ocupação do colégio, que se seguiu de intensa movimentação para a troca dos cadeados dos portões dos diferentes acessos do colégio, confecção de faixas (Imagem 4) e disseminação da informação da ocupação do Colégio Polivalente Frei João Batista para os demais estudantes secundaristas que não se encontravam na escola naquele momento.

**Figura 5 – Fixação da faixa confeccionada pelos ocupantes para sinalizar que o colégio encontrava-se ocupado.**



Fonte: Arquivo pessoal de Felipe Silva de Freitas

As mensagens circuladas pelo Whatsapp rapidamente chegaram aos demais estudantes secundaristas, e os convites para a participação da ocupação foram realizados e muitas vezes aceitos na intenção curiosa de acompanhar o que estava acontecendo em seus colégios, como salienta o secundarista Marcos Fonceca (2020) e Regis Neto (2020):

“Foi no último dia de aula, eu não tinha ido, porque eu não vou se hipócrita, a maioria das pessoas quando já passou, para de ir pra escola, eu não estava indo; e eu acordei com o grupo de Whatsapp dos alunos falando “ocuparam a escola, ocuparam a escola”, aí o Douglas, que foi um apoiador, me mandou mensagem falando: “Marquin, ta acontecendo isso e isso” e eu falei “rapaz, eu vou lá ver...”. Eu cheguei lá, aí eu não conhecia o Felipe, cheguei fiquei lá, tinha algumas amigas minha, fiquei olhando; tinha muita gente, muita gente”

(FREITAS, MARCOS FONCECA. [Entrevista concedida a para compor a dissertação] Felipe Silva de Freitas. 2020)

“Caramba, eu lembro de quando me mandaram mensagem, tipo assim: “não Regis, aparece aqui a gente já tá ocupando o colégio” e eu: “que?”, “não isso é aquilo a gente já vai começar a trancar o portão”, eu falei assim: “cara que que vocês vão fazer? Cadê os professores? o que que tá acontecendo?”, eu fiquei sem entender nada né, aí ele: “não sabe das ocupações que tá acontecendo?” eu disse: “não, sei, tava passando no jornal, lá no Rio, em Sampa, não to ligado, mas tá acontecendo a mesma coisa aqui?”, aí acho que foi o (?) me manda mensagem, foi o (?), nossa eu tô falando nome do cara você vai cortar né? Aí ele falou assim: “não tá acontecendo mais ou menos chegar aqui que a gente vai te explicar”, eu nem quis saber o que que era, eu falei assim poxa se o pessoal que eu conheço que é o pessoal que briga pelas mesmas lutas que eu, luta a mesma luta, tem o mesmo cotidiano de guerra que eu, uma guerra assim entre miúdos né, então alguma coisa tá acontecendo, eu vou lá para ver o que que é!

Então eu fui primeiro de curioso, eu falei: “não quero ver o que que é”, quando eu vi o que que tava acontecendo, qual era a proposta, e o porquê que isso tava acontecendo, chegou a isso aquilo na OS’s, Mano eu falei: “mano quando eu falar OS’s eu falei: nossa vai dar muita m\*\*, onde esse trem colocou a mão na saúde só deu bagunça, meu Deus do céu...” (FREITAS, REGIS. [Entrevista concedida a para compor a dissertação] Felipe Silva de Freitas. 2020)

Então eu fui primeiro de curioso, eu falei: “não quero ver o que que é”, quando eu vi o que que tava acontecendo, qual era a proposta, e o porquê que isso tava acontecendo, chegou a isso aquilo na OS’s, Mano eu falei: “mano quando eu falar OS’s eu falei: nossa vai dar muita m\*\*, onde esse trem colocou a mão na saúde só deu bagunça, meu Deus do céu...” (FREITAS, REGIS. [Entrevista concedida a para compor a dissertação] Felipe Silva de Freitas. 2020)

Rapidamente nos deparamos com uma escola recheada de estudantes secundaristas, professores da rede pública, professores universitários e comunidade escolar. Segundo Ana Paula de Oliveira Corti, Marcia Carla Corrochano e José Alves (2018), “a articulação entre o espaço virtual e o espaço real foi fundamental para a circulação da informação, a difusão das atividades e o enfrentamento das ações de repressão”. Ainda sem saber muito bem o que fazer trilhamos o primeiro passo; realizamos a acolhida dos estudantes e tentamos explicar o que estava acontecendo, o que a Secretaria Estadual de Educação, Cultura e Esportes planejava para implementar nos colégios estaduais, e apresentávamos a importância da presença e participação dos estudantes na luta.

A primeira roda de conversa com os estudantes secundaristas, apresentada na figura 5, contou com a presença de professores universitários da Universidade Estadual de Goiás (UEG) como: Professor Santana, Juscelino Polonial e outros, que após souberem do processo da ocupação, através da ampla divulgação pelas redes sociais, juntaram-se aos estudantes como apoiadores e solidarizaram-se com a luta compartilhando conhecimentos. A roda de conversa buscou realizar a explicação do quão prejudicial para

a gestão escolar, e conseqüentemente para a liberdade dos estudantes secundaristas a implementação das Organizações Sociais no sistema educacional do Estado de Goiás.

**Figura 6 – Roda de Conversa com Professores Universitários e Estudantes Secundaristas**



Fonte: Arquivo Pessoal de Felipe Silva de Freitas

Após a finalização da roda de conversa com os estudantes secundaristas e já no findar da tarde, inicia-se o primeiro ato de intimidação, a chegada de Policiais Militares (PM) fortemente armados, como descreve o secundarista Marcos Fonseca, perguntando sobre o movimento e realizando intimidações.

“Aí de repente chegaram duas PM lá pra questionar o movimento, porque teve assembleia dos estudantes mais cedo, decidiram ocupar a escola, colocaram a faixa “Polivalente está Ocupado”, e todo mundo lá dentro, quem era estudantes estava chegando, estávamos acolhendo todo mundo.

Ai de repente chega duas PM’s lá com fuzil, eu não entendi o porque do fuzil, porque contra aluno poh! Não tem coragem de subir o morro com fuzil e vai lá aluno, com fuzil; escondendo os nomes deles com colete; aí chegaram falando quem era responsável pelo movimento, aí a gente falou: “não tem responsável”, mas, aí a gente falou: vai lá Felipe conversar com eles, aí o Felipe foi, todo mundo menor, secundarista, primeira vez que passava por estas coisas; aí o Felipe já começou a gravar os policiais, os policiais não ficaram muito contente com o Felipe. O Felipe perguntou qual era o nome de vocês, eles negaram, aí



o Felipe quis ver, e colocou a mão no colete do policial, puxando para ver o nome; o policial ficou bravo, mas o Felipe falou assim: “É direito da população, você tem que mostrar os nomes”, só que os policiais foram muito pacientes, ficaram calados e quietos só falando: “a gente ta cumprindo ordens”, aí o Felipe lá, debatendo com eles, até que eles foram embora.” (FREITAS, MARCOS FONCECA. [Entrevista concedida a para compor a dissertação] Felipe Silva de Freitas. 2020)

A presença do aparato estatal fortemente armado não intimidou os participantes da ocupação, prática já esperada por conta das demasiadas ocorrências de intimidação que os secundaristas dos demais Colégios já haviam sofrido, mas alertou para a necessidade de organizarem-se para evitar conflitos.

Naquele dia, os ocupantes do Colégio Polivalente Frei João Batista realizaram uma assembleia e deliberaram o formato de organização das ocupações. Como nos aponta Antônio Groppo (2018) uma das características das ocupações diz respeito à “vivência da autogestão nos processos decisórios (nas assembleias), na manutenção do espaço escolar, na organização do movimento (via comissões) e nas atividades formativas” (GROPPO, 2018, p. 98), sendo assim realizado também no Colégio Polivalente Frei João Batista.

A assembleia geral deliberou que:

“Os Estudantes são divididos em Comissões (limpeza, segurança, alimentação, oficinas e de mídias e comunicação), inspiradas na experiência Chilena, conforme as normas de uma Cartilha que traça as orientações políticas para os movimentos sociais de ocupação de escolas. Em algumas Escolas estas Comissões não tinham jovens fixos para que na rotatividade todos tivessem oportunidade de conhecer as diversas atividades organizativas, e, aprendessem a relacionar-se com os outros” (BALDINO & FREITAS, 2016, p. 913)

E, também, deliberou sobre a realização de rondas noturnas com o intuito da segurança dos que ocupavam os colégios; o estudante secundarista Marcos Fonceca em entrevista nos relatou que:

“no primeiro dia a gente ficou muito apreensivo, porque tinha a chance deles jogarem alguma coisa pra dentro da escola como drogas, para desvalorizar o movimento e poderem entrar sem ter o mandato e do nada para acabar com o movimento. A gente fez ronda, a noite inteira revezando, um pouco dormia e um pouco fazia ronda, e assim começou o Polivalente neste dia” (FREITAS, MARCOS FONCECA. [Entrevista concedida a para compor a dissertação] Felipe Silva de Freitas. 2020)

Os dias seguintes foram marcados pela organização padronizada das ocupações secundaristas, ou seja, a gestão da escola foi feita a partir de comissões, que se dividiam para a limpeza do ambiente escolar, segurança noturna, preparação dos alimentos para consumo e a divulgação do movimento através das mídias como **facebook** e **whatsapp**,

buscando tanto a participação dos estudantes secundaristas, como também uma participação da comunidade para auxiliar nas doações de alimentos e oferta de atividades de oficinas, aulas de reforço e rodas de conversa.

As decisões adotadas na ocupação eram tomadas por meio de assembleias dos estudantes secundaristas; Marcos Fonceca (2020) salienta que o que ele mais adorou foi exatamente a forma em que a ocupação foi conduzida:

“Eu fiquei só no Polivalente Frei João Batistas, não sai de lá, porque eu adorei o jeito que foi lá, eu gostei de tudo, a coletividade, não tinha um indivíduo, eram todos; todas as decisões eram comunitárias; quem estava lá, os secundaristas iam para as assembleias, e votava, podia ter dois, iam os dois secundaristas e votavam; os secundaristas eram os mais importantes, as pessoas achavam que eram vocês, estudantes universitários, que decidiam e comandava, mas no Polivalente não.

A gente decidia tudo coletivo, dividia as tarefas, a gente recebia algumas doações de alguns professores, a gente ia atrás de doações, tinham oficinas, mas tudo cercado na coletividade. Não tinha um, tinha o grupo, as pessoas que tinham ocupado a escola sempre decidiam as coisas, quem fazia a comida, quem fazia isso, quem fazia aquilo...” (FREITAS, MARCOS FONCECA. [Entrevista concedida a para compor a dissertação] Felipe Silva de Freitas. 2020)

A maior participação dos estudantes secundaristas nas decisões dos rumos que as ocupações secundaristas tomariam, fez com que grande parte desses estudantes se sentissem responsáveis pelo ambiente escolar com um senso incrível de coletividade. “As ocupações, ao menos num primeiro momento, levaram à mudança de percepção dos estudantes em relação à sua escola, tida até então como desinteressante e distante” desta forma, os estudantes secundaristas realizam um processo de “apropriação da escola como espaço público, não como “algo do governo”, o que se constatou no cuidado com a limpeza e manutenção” (GROPPO, 2018, p. 103), cuidado que pode ser observado na figura 6 através do processo de limpeza do ambiente escolar, e na imagem 7 que traz os processos de revitalização da Praça do Colégio Polivalente Frei João Batista, onde, posteriormente, os estudantes fariam um jardim suspenso com garrafas pet.

A Ocupação do Colégio Polivalente Frei João Batista teve duração de 60 dias, atravessando as festas de final de ano que foram marcantes para os ocupantes dos colégios. Concordando com Groppo (2018)

“essa longa duração, certamente, trouxe desgaste físico, mental e emocional aos estudantes, e se deveram também a recusa dos governos em negociar, em quase todos os casos. Mas teve como resultado um maior impacto formativo aos ocupantes, permitiram a criação de maior solidariedade e identidades coletivas, inclusive graças às ameaças ou violências, e até mesmo gerou um

novo sentimento de pertença e responsabilidade para com a escola ou universidade” (GROPPO, 2018, p. 112)

Portanto, cabe-nos perguntarmos como foi essa formação para os estudantes secundaristas do Colégio Polivalente Frei João Batista? Quais eram as principais características das ocupações? Como elas auxiliaram os estudantes secundaristas no prosseguimento de suas vidas?

**Figura 7 – Limpeza no Colégio Polivalente Frei João Batista**



Fonte: Imagem retirada da Página: “Mobiliza Anápolis contra as OS’s na Educação”

**Figura 8 – Oficina de Revitalização da Praça do Colégio Polivalente Frei João Batista**



Fonte: Imagem retirada da Página: “Mobiliza Anápolis contra as OS’s na Educação”

### 3.6 A realidade diária da ocupação e sua organicidade

Evidentemente a escola moderna, em determinados casos, contribui grandemente com o caráter formativo de um cidadão crítico, entretanto, seu formato, *nomos*, *habitus/cultura* escolar, *doxa* e seus agentes e hegemonias introjetadas por um *habitus* que acredita na submissão dos estudantes ao grupo gestor escolar impede que o processo formativo destes estudantes seja mais eficaz e acelerado. Além disso, os valores priorizados na maior parte das escolas como: a individualidade, a competição, a rivalidade, aliado a um *habitus* de constantes testagens possibilitam a formação de um ambiente ríspido ao real objetivo da instituição escolar: a formação de cidadãos críticos e responsáveis com o funcionamento social harmônico. Groppo (2018) nos salienta que as ocupações secundaristas conseguiram “atingir alto senso de organização e conscientização, o que levou sua pauta para além da reorganização” (GROPPO, 2018, p. 97).

Durante a ocupação, os estudantes secundaristas nos apresentaram através das entrevistas um panorama diferenciado do processo de aprendizado que ocorreu no ambiente escolar, um processo de aprendizado que valorizava a coletividade, a responsabilização dos estudantes para com as decisões, a des-hierarquização do processo de ensino e aprendizagem, passou a valorizar o auxílio dos que aprendiam mais rápido com os demais.

O ex secundarista Marcos Fonceca nos salienta em entrevista que:

“A gente decidia tudo coletivo, dividia as tarefas, a gente recebia algumas doações de alguns professores, a gente ia atrás de doações, tinham oficinas, mas tudo cercado na coletividade. Não tinha um, tinha o grupo, as pessoas que tinham ocupado a escola sempre decidiam as coisa, quem fazia a comida, quem fazia isso, quem fazia aquilo...” (FREITAS, MARCOS FONCECA. [Entrevista concedida a para compor a dissertação] Felipe Silva de Freitas. 2020)

Além disso, Marcos Fonceca nos chama a atenção sobre o caráter formativo das ocupações para os(as) estudantes secundaristas e dos participantes da ocupação no que tange ao convívio com a diversidade e a formação de cidadãos críticos, responsáveis e respeitosos.

A ocupação nos proporcionou contato com áreas que a gente não tinha contato ainda. Com a diversidade, porque a ocupação reuniu pessoas de todos os gêneros, religiões, crenças, opiniões políticas; eu acho que a ocupação foi importante pra gente viver em diversidade, e aceita, entender e defender a

diversidade, defender o próximo, a escolha dos próximos, e a ocupação acho que nos proporcionou isso, nos tornou pessoas melhores e nos encorajou a defender os nossos direitos, não ficar calado aceitando tudo, não ser aquele voto de cabresto, não ser aquela pessoa que aceita tudo que político de A ou B discursar, e bater palma não, a gente quer saber o porque, a gente quer saber o porque disso, a gente vai a fundo, a gente lê uma PEC, a gente quer entender, a gente está no meio e a ocupação nos proporcionou isso: de fazer a diferença.

A gente fez parte de uma conquista política, a gente fez coisas que pessoas mais velhas não conseguiram, tinham pessoas que eram oposição do Marconi que não conseguiram fazer isso. A gente conseguiu com vontade e com os apoiadores, a gente fez um time muito bom e conseguimos, e isso nos encorajou para o resto da vida, não sei todos, mas eu passei a amar mais a política, e querer debater mais, procurar estudar mais, e sempre estar no meio dos assunto políticos, acho que me ajudou e ajudou várias outras pessoas também. (FREITAS, MARCOS FONCECA. [Entrevista concedida a para compor a dissertação] Felipe Silva de Freitas. 2020)

Diferentemente do que dizia o Governo do Estado de Goiás e a mídia aliada ao Governo do Estado, ao vivenciar o ambiente escolar durante o processo de ocupação podíamos perceber que ao invés de baderneiros, adjetivo atribuído aos estudantes que ocuparam seus colégios, tínhamos verdadeiros cidadãos críticos em formação através do cooperativismo e a coletividade.

O objetivo em comum compreendido por todos(as) os(as) ocupantes de seus colégios colocaram questões subjetivas e individuais no escanteio em busca do objetivo central: barrar o andamento do processo de compartilhamento com Organizações Sociais da gestão escolar. Para alcançar o objetivo proposto e contrapor o aparato estatal os estudantes secundaristas não poderiam deixar de apostar nas habilidades de qualquer estudante que seja, portanto, todos eram acolhidos com muito prazer e trabalhados em suas dificuldades, assim como contribuía com as suas qualidades.

As ocupações tornaram-se um verdadeiro espaço de acolhimento das diferenças, e possibilitador de desenvolvimento de um *habitus* e uma consciência histórica deslegitimada pelo *status quo*. Oliveira e Shaw (2016) trazem a fala de um secundarista que diz:

“Através da ocupação descobrimos que ao invés de perambularmos pelos corredores, presos a ordens ditadas para nós, existe um eu dentro de cada um de nós, que é capaz de formular nossas próprias ideias. A ocupação é libertadora, ela vem ensinando a mim e a diversos alunos que juntos possuímos o poder de mudar tudo a nossa volta, que temos o poder de mudar o mundo” (OLIVERIA; SHAW, 2016)

Neste espaço era possível reinventar a sociedade, construir novos laços, novas formas de aprender e fazer movimento, era possível reinventar-se, descortinar-se dos preconceitos e conhecer-se longe dos estigmas do certo e errado que a sociedade impõe.

O objetivo das ocupações secundaristas no Estado de Goiás segundo os(as) secundaristas que forma entrevistados(as) nesta dissertação diz respeito a tentativa de barrar o projeto das Organizações Sociais na Educação do Estado de Goiás, entretanto, cada qual nos pontua que as ocupações secundaristas ultrapassaram este objetivo que foi alcançado com a interferência do Ministério Público de Goiás. O Secundarista Marcos Fonceca (2019) nos aponta que para além de barrar as OS's a ocupação teve como objetivo: “de levar o aluno para próximo da gestão da escola, inteirar os alunos dos deveres e direitos, inteirar os alunos do movimento estudantil e da luta que os estudantes já passaram”.

Para o secundarista Regis Neto (2019) a ocupação ultrapassou o sentido de somente barrar as Organizações Sociais na Educação do Estado de Goiás, e serviu como uma injeção de ânimo para que adolescentes e jovens participassem da vida política de suas comunidades através da sua arte ou formação.

“Mais o que eu mais coloco em Foco assim que fez uma diferença muito grande para muitos lá, alguns que já se interessaram por política, outros que começaram a se interessar por política, aí hoje que eu tenho conhecimento que não estão na política propriamente dita mas participa de grupos que fazem um trabalho em prol da comunidade, que vivem sabe; inclusive eu sou um deles de uma área, e a área que eu não sou muito bom que eu não consigo, eu vejo que tem muitos colegas que estão lá, poxa, então eu sou bom nisso aqui eu vou ajudar a comunidade dessa forma” (FREITAS, REGIS. [Entrevista concedida a para compor a dissertação] Felipe Silva de Freitas. 2020)

Já a ex secundarista Giu (2019) comenta ao longo da entrevista que a ocupação a auxiliou em sua formação de senso crítico, experiência e conhecimento a respeito da política e organização da sociedade. Certamente, as ocupações secundaristas, ou seja, os dois meses de ocupação no Colégio Polivalente Frei João Batista, possibilitou aos estudantes secundaristas vivências formativas, de responsabilidade, e organização do ambiente escolar.

### **3.7 Os momentos de confraternização e o fim da ocupação secundarista no Colégio Polivalente Frei João Batista.**

Vivenciar a ocupação do Colégio Polivalente Frei João Batista, as histórias de vida de diversos secundaristas e viver 60 dias sob tensão de possíveis ameaças intangíveis nos encaminhou em uma imersão de autoconhecimento e empatia. Tivemos

conhecimento dos medos que nos afligiam, do que nos fazia felizes, do que nos unia, e às vezes o que nos dividia; aprendemos a resolver nossos problemas internos com diálogo, muitas vezes acalourado, mas que ao final encontrava uma resolução e que não nos impedia de focar no nosso objetivo maior.

Ao final da ocupação, os momentos de confraternização e risadas foram multiplicados, segundo Fonceca (2020) após a consecução do Governo do Estado de Goiás da liminar de desintegração de posse e a já organização para o findar do movimento de ocupação das escolas os estudantes decidiram divertir-se, ou seja, tornar a escola o espaço de aprendizado com alegria e diversão.

Cara, quando a gente sabia que iria perder a posse, a integração de posse, a gente falou assim “não, vamos divertir”, o Felipe arrumou uma lona, lá na escola tinha tipo um barranco que descia, a gente pegou essa lona, oohh, isso foi no final e foi somente um dia para as pessoas não dizerem que a gente ficava brincando lá, brincando nada, lutando por direito de filhos de vocês, de irmãos, de vocês mesmo que vão ver essa reportagem. A gente botou essa lona lá, jogou detergente nessa lona, a gente pulava, escorregava. Também os momentos de esportes eram sempre engraçados, que tinha uma família lá que ia, que eram apoiadores, que é uma família que eu sou amigo até hoje, e eles eram muito competitivos, o pai dele, a gente não sabia jogar vôlei direito e ele ficava brigando com a gente.

Tinha as piadas internas, tinham os poemas que a gente fazia para alguns apoiadores, a gente brincava do chicote, que tinha alguns meninos que estavam começando a namorar, aquelas brincadeiras de adolescente que marcaram. (FREITAS, MARCOS FONCECA. [Entrevista concedida a para compor a dissertação] Felipe Silva de Freitas. 2020)

Mas os momentos de diversão ultrapassaram os últimos dias da ocupação. Lembro-me com destreza do dia em que decidimos por realizar um churrasco na quadra da escola, ou das vezes que decidimos por grafitar a quadra e a caixa d'água, lembro-me das oficinas de capoeira, *break dance*, *parkour* e dança circular que deram vida a ocupação, nos animou e nos fez desafiar os nossos limites; das mesas de truco, dos campeonatos de *ping pong*, das atividades de vôlei e futebol na quadra a qual é lembrado por Marcos Fonceca e registradas em fotografias ao longo desta dissertação. É complicado explicar como em um período de 60 dias construímos uma conexão ímpar, que perduraria pelos próximos anos, chegando aos dias atuais.

**Figura 9 – Atividade de Volêi na Quadra do Polivalente Frei João Batista**



Fonte: Arquivo Pessoal de Felipe Silva de Freitas

**Figura 10 – Mesa de Truco na Ocupação do Colégio Polivalente Frei João Batista**



Fonte: Arquivo Pessoal de Felipe Silva de Freitas



**Figura 11 – Atividade de Ping Pong**



Fonte: Arquivo Pessoal de Felipe Silva de Freitas

**Figura 12 – Futsal na Quadra**



Fonte: Arquivo Pessoal de Felipe Silva de Freitas

**Figura 13 - Oficina de Capoeira**



Fonte: Arquivo Pessoal de Felipe Silva de Freitas

**Figura 14 – Roda de Break Dance**



Fonte: Arquivo Pessoal de Felipe Silva de Freitas

**Figura 15 - Oficina de Capoeira na Ocupação**



Fonte: Arquivo Pessoal de Felipe Silva de Freitas

**Figura 16 – Campeonato de Fifa no Playstation**



Fonte: Arquivo Pessoal de Felipe Silva de Freitas

**Figura 17 – Oficina de Parkour**

Fonte: Arquivo Pessoal de Felipe Silva de Freitas

As atividades realizadas na ocupação tinham diversos objetivos. Para além de ocupar o tempo dos ocupantes do colégio, pensávamos em atividades que possibilitassem promover um conhecimento diversificado e uma formação crítica, desta forma, anteriormente à realização da atividade sempre éramos surpreendidos com uma roda de conversa, que versava, muitas vezes, sobre a criminalização de tal atividade, como foi com o *Parkour*, *BreakDance* e a Capoeira, assim como explicações de suas origens como na Dança Circular e *Jazz* e *Yoga*.

Contamos com professores para a ministração das oficinas, mas também com estudantes secundaristas que se propunham à realização das oficinas trazendo o conhecimento construído através da educação informal/não formal. A troca intensa de conhecimento e vivências, medos, inseguranças e fragilidades durante as oficinas pode ter sido um dos fatores de aproximação dos ocupantes do Colégio Polivalente Frei João Batista.

Fragilizados pelo momento de insegurança para nós, ocupantes, não existiam motivos para fingirmos ser o que não éramos, ou fazer o que não queríamos; estávamos

despidos de todas as nossas máscaras usadas para corresponder às expectativas sociais que nos coagem diariamente a sermos quem não somos.

**Figura 18 – Pintura na Quadra de Esportes**



Fonte: Arquivo Pessoal de Felipe Silva de Freitas

Concordamos com o secundarista Regis Neto (2020) que um dos momentos mais emblemáticos da Ocupação do Colégio Polivalente Frei João Batista foram os momentos festivos. Regis Neto (2020) nos lembra do momento da festa de Natal como algo prazeroso:

Cara tem muita coisa; Tem um momento que eu mais gosto que é uma parada assim, que foi surreal, foi o natal, caramba que festa de Natal que a gente fez, só dos ocupantes aquela, ou... sabe porque que isso é muito importante para mim? Porque eu nunca gostei de Natal; a festa de Natal para mim sempre foi uma coisa muito chata, no quesito que eu falo assim, a minha família pesa o Rolê comigo o ano inteiro, só faz coisa errada, para jantar e fingir que nada aconteceu durante uma noite tá entendendo? E tipo assim, o que aconteceu naquela uma noite na ocupação, que nunca tinha acontecido comigo de: poxa tô passando Natal com uma galera foda, com um povo que eu gosto, com uma galera que gosta de mim, dava para ver que o pessoal lá que a gente se gostava, a gente se respeitava, que entendia uns aos outros, coisas que a gente não tinha. A Festa de Natal caramba, foi muito, foi uma parada assim surreal para mim mesmo, foi o momento que eu mais gostei, e alguns pontos da festa de Natal, a gente dançando lá na sala lá, as músicas: “aí eu gosto de tal música” “não então coloca” “Eu gosto da música” “Então coloca” e todo mundo curtindo e aquele lá foi tipo para mim foi realmente uma parada que mais me marcou foi a festa de Natal. Caraca eu tô passando o Natal no Colégio, que doideira, nunca que eu iria imaginar uma coisa dessa, com gente que eu não conhecia, alguns eu já conhecia muito tempo, alguns realmente eu não conhecia, eu peguei um vínculo tão grande eu falei caramba então tipo isso é a parada da ocupação saca? Não é só um vínculo político que a gente cria, é um vínculo de amizade social, é realmente são pessoas que você fala assim: “caramba eu não tô sozinho em todas as minhas dificuldades, em todos os meus ponderamentos, e nem todas as minhas adversidades de uma forma geral social, econômica, psicológica, sexual e tudo mais, então ver isso e ter um momento para descontração no meio de todo aquele burburinho que a gente tava tendo, a gente falou: “não hoje é um dia especial vamos aproveitar a gente aqui”, cara foi sensacional, nós decoramos o colégio, nossa foi muito doido aquilo foi fera demais da conta. (FREITAS, REGIS. [Entrevista concedida a para compor a dissertação] Felipe Silva de Freitas. 2020)

Certamente o Regis Neto (2020) não foi o único impactado pelos momentos festivos do Natal e Ano novo; momentos que pudemos fortalecer os laços de amizade compartilhar momentos e histórias, e nos fazermos presentes na vida uns dos outros. A nossa mesa do Natal foi farta, como nos mostra a imagem 20, contamos com cinco panetones, dois chesters, arroz, feijão e doces. Em uma conversa casual com um ocupante, o mesmo me lembrou que o motivo de tal fartura é que em muitos momentos não tínhamos o que comer na ocupação, e neste dia queríamos esbanjar. Contamos com a doação de professores, pais, amigos, familiares, vizinhos, para que a nossa mesa pudesse ser farta.

A decoração ficou por conta da imaginação dos ocupantes, que decidiram por decorar uma árvore que já existia no colégio e montar uma lista com o nome de pessoas importantes para a ocupação do Colégio Polivalente Frei João Batista para marcar a entrada do colégio. Tentamos lembrar de todos(as) aqueles(as) que mesmo não podendo estar presentes na ocupação nesta data, de alguma forma participaram e impactaram a nossa ocupação com auxílio, conselhos, apoio, participação ou mão de obra.

**Figura 19 – Decoração da noite de Natal na Ocupação do Colégio Polivalente Frei João Batista**



Fonte: Arquivo Pessoal de Felipe Silva de Freitas

**Figura 20 – Noite de Natal no Colégio Polivalente Frei João Batista**



Fonte: Arquivo Pessoal de Felipe Silva de Freitas

Além das festividades natalinas outras duas festividades marcaram o calendário da ocupação do Colégio Polivalente Frei João Batista. A primeira delas foi a festividade da virada do Ano, organizada pelos estudantes como uma noite de festa; desta forma, no local onde era situado o 6ºA/ 1ºA a sala tornou-se um espaço de festa, com direito a iluminação e muita música dançante como apresentado pela imagem 21. Em outros locais do Colégio, outros estudantes se divertiam jogando truco, compartilhando conversa, momentos e acima de tudo resistindo.

O segundo momento emblemático da ocupação secundarista foi a realização da Tarde Cultural da Ocupação do Colégio Polivalente Frei João Batista. Nesse dia, os estudantes abriram os portões da Ocupação para um bombardeamento de Cultura Rock, com apresentação de bandas renomadas na cidade de Anápolis. A tarde contou com famílias dos estudantes secundaristas que participavam da ocupação, a vizinhança, estudantes do colégio, professores, ocupantes e amigos e parentes das bandas. O evento conseguiu tirar a ocupação do marasmo e da rotina, e levar aos demais a importância da luta dos estudantes secundaristas em prol da sua escola.



**Imagem 21 – Festa de Ano Novo na Ocupação**



Fonte: Arquivo Pessoal de Felipe Silva de Freitas

**Imagem 22- Tarde Cultural do Polivalente Frei João Batista**



Fonte: Imagem retirada da Página: “Mobiliza Anápolis contra as OS’s na Educação”

### **3.8 “Não seremos os mesmos jamais” Quem eram estes estudantes antes da ocupação? Histórias de Vida e início do debate de formação de Consciência Histórica.**

Certamente os dias vivenciados na ocupação modificaram a forma dos estudantes secundaristas compreenderem o mundo, as suas nuances e entenderem o seu lugar no mundo caótico que nos impossibilita de realizar algumas reflexões a respeito do nosso local no mundo e nossas responsabilidades. Para compreender essas modificações inserimos dentro da entrevista realizada com os estudantes secundaristas questionamentos que dizem respeito à sua história de vida, a fim de compreender quais instituições primárias e secundárias foram fundamentais para moldar o seu modo de ver o mundo, e após, perguntas que nos ajudam a compreender se a ocupação foi significativa para esses estudantes compreenderem o seu local no mundo de forma diferenciada.

A metodologia História de Vida tem sido uma importante ferramenta para compreender a formação dos sujeitos através das conexões com grupos e instituições formadoras do seu *habitus originário* e porque não de suas consciências históricas. Estevão C. de Rezende Martins (2011) no artigo “História: consciência, pensamento, cultura e ensino” nos traz boas reflexões referentes ao como nossa história de vida e as instituições e grupos sociais que nos circulam podem influenciar na nossa consciência e nossa forma de agir no mundo. (MARTINS, 2011)

Na imagem abaixo produzida por Estevão C. de Rezende Martins iniciamos uma compreensão de como estamos inseridos em círculos que se conectam na intersecção, ou estão inclusos dentro de outro maior, representando as diversas histórias que uma pessoa possa possuir que influenciará no seu *habitus*, e, conseqüentemente, de sua consciência histórica. Somos influenciados em nossa consciência histórica desde o círculo histórico pessoal e familiar, até uma escala macro de um círculo da história geral e do mundo; desta forma, são esses círculos e as instituições e grupos, que muitas vezes os sustentam, que irão influenciar diretamente nosso *habitus* e consciência histórica.

Durante a reflexão da pesquisa sobre as ocupações secundaristas constatamos nos estudantes secundaristas um crescimento pessoal e o desenvolvimento de uma consciência histórica crítica. A partir disso, nos questionamos, portanto, quais seriam as influências de tal construção de uma consciência histórica crítica? Quais são as suas

histórias de vida e influências institucionais e grupais que permitiram que estes participassem de um movimento como das ocupações? Com qual consciência esses estudantes secundaristas chegam à ocupação e com qual consciência histórica saem da ocupação? A ocupação permitiu um desenvolvimento humano e crítico nesses estudantes?

**Figura 23 – Círculos Históricos por Estevão Martins.**

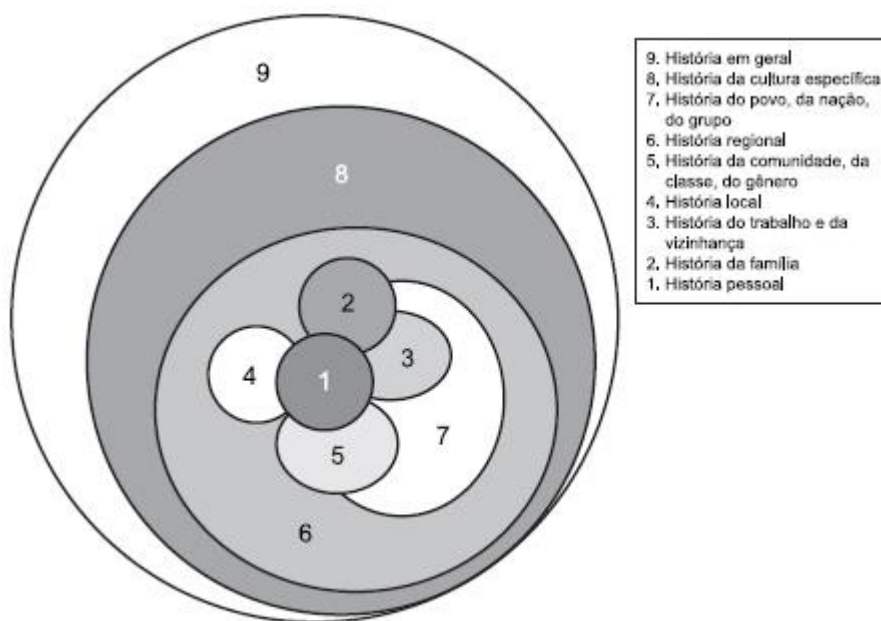


Figura 2 - A interdependência por círculos históricos.

Fonte: MARTINS, Estevão. História: Consciência, pensamento, cultura e ensino. **Educar em Revista**. no.42 Curitiba out./dez. 2011.

Nesta perspectiva ao realizar a entrevista semiestruturada com os estudantes buscamos realizar perguntas que trouxessem referências aos grupos primários de interação social: família, igreja, escola e etc... para perceber de onde veio as influências para a participação destes estudantes na ocupação. Tentamos compreender quem foram os agentes de incentivo da ação social e os valores que auxiliaram a participação como: justiça social, solidariedade, alteridade e coletividade.

Constatamos que todos os estudantes secundaristas entrevistados tiveram fortes influências familiares para o desenvolvimento de valores e características que pudessem auxiliá-los a ter um olhar diferenciado para a ocupação, além de todos terem forte apreço

e laços de afetividade com o ambiente escolar, demonstrado pela forma de que retratam o ambiente escolar, falam do grupo gestor e professores, e em alguns casos a quantidade de tempo e de atividades de responsabilidade com a escola que assumem internamente e externamente ao ambiente escolar.

O secundarista Marcos Fonceca (2020) nos traz referências importantes de como a sua ligação com o ambiente religioso ao desenvolver peças teatrais em casas de recuperação o auxiliou a desenvolver a alteridade e a ajuda ao próximo; também nos relata que a ideia de coletividade provém do ambiente familiar, em que o mesmo reside com avós, mãe e irmã e relata que lá “é um por todos e todos por um”. O secundarista nos relata que sempre foi muito questionador e “do contra”, inicialmente não consegue identificar de onde desenvolveu essa característica, mas quando questionado mais diretamente identifica no pai, que se separou de sua mãe muito cedo, a característica de questionar as coisas.

Marcos Fonceca (2020), chegou na ocupação com características que nos chamou atenção enquanto companheiros de ocupação. Muito determinado e destemido, criou imensa responsabilidade com a ocupação ao ponto de chegar um determinado momento ser o estudante secundarista que respondia pela ocupação na ausência dos demais. Seu vínculo de afetividade com o grupo gestor escolar e professores, provavelmente desenvolvido pela participação em programas como o Agente Jovem, que poderia ser comparado a um representante de turma, que o proporcionou idas a Goiânia para representar a escola, o colocava em uma condição de diálogo respeitoso com o grupo gestor escolar.

Após o término da ocupação Marcos Fonceca aproximou-se da JSB (Juventude Socialista Brasileira) juventude que proporcionou o mesmo a participar do Congresso da UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas) como delegado, representando os secundaristas do Colégio Polivalente Frei João Batista. O secundarista não hesita em dizer que a ocupação foi de extrema importância para a formação da sua consciência crítica, responsabilidade e compreensão do mundo e da diversidade.

Segundo ele: “A ocupação nos proporcionou contato com áreas que a gente não tinha contato ainda. Com a diversidade, porque a ocupação reuniu pessoas de todos os gêneros, religiões, crenças, opiniões políticas; eu acho que a ocupação foi importante pra gente viver em diversidade, e aceitar, entender e defender a diversidade” (MARCOS

FONCECA, 2020). Quando questionado a respeito das contribuições da ocupação na sua vida pessoal, familiar e profissional o mesmo nos relata que a ocupação o auxiliou a trocar o seu círculo de amizade, o aproximou dos projetos religiosos e o ensinou a se impor em suas ideias independente dos julgamentos sociais e principalmente o ajudou a:

“vê o mundo de outra forma, a gente deixa daquelas bobearias de adolescente, daquelas piadas preconceituosas, moço a ocupação ajudou muito, a gente amadurecer enquanto a isso. E a ocupação fez eu olhar com outros olhos para a escola, que é um bem muito mais valioso do que algumas coisas que as pessoas consideram importantes, eu acho que a educação é a base de tudo, porque pessoas bem educadas e pessoas que tiveram uma educação de qualidade, lá no futuro serão grandes pessoas para uma sociedade melhor” (FREITAS, MARCOS FONCECA. [Entrevista concedida a para compor a dissertação] Felipe Silva de Freitas. 2020)

Ainda que com 21 anos de idade, e sem curso superior Marcos Fonceca, conseguiu compreender que a escola é um bem de extrema importância para a sociedade, e para o desenvolvimento de uma sociedade fraterna, igualitária e justa.

Nossa segunda secundarista tem uma realidade um pouco diferente de Marcos Fonceca; Giu é uma garota perceptivelmente tímida, chegou a ocupação com 14 anos de idade (atualmente com 19 anos), de família classe média/alta, não se interessava por política, mesmo que a mesma participasse do time de vôlei do colégio Polivalente Frei João Batista. Mesmo com a sua timidez nos relatou que entende que a ocupação teve um papel fundamental para que os estudantes soubessem opinar, lutar por seus direitos e ter visão crítica do mundo. (GIU, 2020)

A entrevista curta e sucinta, visto que foi realizada a distância e por escrito, nos alertou para que sua avó foi a sua principal influência para o desenvolvimento de características e valores que vão ao encontro aos valores incentivados na ocupação. Giu (2020) relata que sua avó, pedagoga aposentada, no auge de sua juventude participou de manifestações e ocupações, o que a coloca para nós como a principal fonte de influência. Giu (2020) narra que a ocupação influenciou a sua vida profissional através do desenvolvimento do senso crítico que foi incrementado nas suas aulas de jazz que ministra. Entretanto, percebemos que a ocupação também contribuiu para que a secundarista compreendesse a importância da política e como esta pode alterar os rumos de nossas vidas.

Já o secundarista Regis Neto (2020) nos descreve uma realidade distinta dos demais; relata que sua mãe sempre foi muito presente em sua infância até os dias atuais,

relembra que já chegou na escola alfabetizado, pois sua mãe lia histórias para ele, enquanto criança, rememora da escola, tanto na alfabetização e ensino fundamental e médio, enquanto um lugar de muito aprendizado e carinho, e abrilhanta os olhos ao falar da biblioteca e dos livros que lia ao longo do ano.

Quando questionado se já havia participado de algum movimento político ou manifestação Regis Neto (2020) relata que participava do Café Literário, evento organizado pela bibliotecária do Colégio Polivalente Frei João Batista com auxílio de alunos leitores. Regis Neto contribuiu na organização no final do seu terceiro ano do ensino médio de gincanas solidárias realizadas no Colégio, que tinha por objetivo destinar alimentos às instituições de caridade e às funcionárias da limpeza do colégio que muitas vezes passavam por dificuldade, além de participar das Conferências de Juventude Municipal e Estadual. Regis recapitula com alegria de como ao realizar uma roda de break dance animou uma conferência levando não somente debates políticos mas também cultura aos participantes do evento.

Ao longo da entrevista percebemos que Regis Neto (2020) teve fortes influências familiares para ser um cidadão crítico, reflexivo e autônomo. Os relatos realizados ao longo da entrevista nos apontam para o quão importante é a formação familiar ligadas às ideias libertárias e autônomas para a formação do jovem crítico socialmente. Regis Neto (2020) ao falar das suas origens nos retrata da seguinte maneira:

“O meu ambiente familiar, a minha mãe é uma pessoa muito politizada uma pessoa que sempre participou de muito movimento, hoje em dia um pouco menos, mas a gente entende pela correria da vida, até eu participo bem menos do que eu gostaria e do que eu preciso enquanto cidadão mas assim, sempre sempre debates aí eu chegava com assunto novo e falava “Mãe, Mãe, esse aquilo, aquilo, aquilo, o meu ponto de vista é esse, mas se você quiser discordar do meu ponto de vista, você quiser um pouco mais de conteúdo lê tal livro”; então assim nunca foi uma coisa unanime dentro de casa, “porque dessa dessa forma” “a política é isso, isso e isso” sempre foi uma coisa assim: “o meu ponto de vista é esse se você quiser descobrir o seu ponto de vista aqui as ferramentas”, e isso desde 10, 11 anos de idade sempre teve isso muito forte” (FREITAS, REGIS. [Entrevista concedida a para compor a dissertação] Felipe Silva de Freitas. 2020)

O secundarista continua respondendo sobre as influências que recebeu de sua família para o desenvolvimento de ideias e valores que condizem com o que a ocupação pretendia, nos impressionando pela sua maturidade para realizar o debate de gênero, raça, classe e sexualidade durante a entrevista:

Nossa demais da conta, no quesito familiar principalmente, porque assim minha família é uma família de gente preta, gente pobre e gente realmente

assim, excluída da sociedade. O meu pai ele participava muito de grupo de dança de rua e direto, era criança sei lá 6, 7 anos de idade, meu pai me teve muito novo então na época ele tinha uns 25, 24, 25 anos, chegava lá cheio de porrada, de tomar porrada pra caramba, porque? porque o cara estirou um papelão no chão e foi dançar foi colocar música, e tá entendendo? “é porque vocês é tudo vagabundo vai arrumar um trampo e tals”, mas cara você fala poxa, isso aconteceu, isso aconteceu com ele, aconteceu comigo, e porque assim a gente não muda isso? Poxa eu faço parte da cultura negra não só pelo fato de: “ah, eu sou negro obrigatoriamente eu tenho que fazer parte da cultura negra”, quando a gente se engaja de falar assim ah caramba: “é a minha cultura, é a minha raiz, porque eu não tô fazendo algo, porque eu não estou mostrando, que poxa, faz parte de mim, eu tô deixando matar uma parte de mim”, entende?

Assim, lá em casa a gente tem três orientações sexuais diferentes, dentro de uma mesma casa, então assim são três pessoas com três vivências diferentes, três gostos diferentes. Então como que a gente não vai defender isso, deixa isso morrer, falar assim: “ah não a gente tem quer aceitar o que eles falam, eles estão certos” “não!”, eles não sabe o que a gente vive, então essa bagagem de: se você acha que você tá certo: luta por isso, luta pelo mecanismo certo, sempre tem um mecanismo certo para você defender tal causa ou causas. Então o quesito familiar ajudou muito, e quando eu fui para o colégio e isso só subiu porque aí eu tive muito mais bagagem que eu falo assim teórica e de conhecimento bruto, te dizendo: “não tal tal tal coisa, é isso de acordo com a história desde lá da época da escravidão tudo mais então assim quando aconteceu a separação dos reinados que quem era rico, ficou rico quem era pobre, era para continuar pobre”, então assim todo esse conteúdo de vida que eu tenho da minha família de conteúdo teórico que eu tenho do colégio me ajudou muito (FREITAS, REGIS. [Entrevista concedida a para compor a dissertação] Felipe Silva de Freitas. 2020)

O secundarista através de sua entrevista nos encoraja a lutar por aquilo que acreditamos, pela diversidade, pelo respeito às diferenças, pela autonomia de pensamento e pela criticidade, mas algo em sua fala nos chama atenção para a discussão da consciência histórica desenvolvida ou já obtida.

O que é de fato a Consciência Histórica e qual é o papel da escola e do grupo gestor para o desenvolvimento da consciência histórica crítica? Questionamentos não tão fáceis de responder, e que certamente renderia outra dissertação, ou até mesmo uma tese, entretanto, vislumbramos não esgotar o debate, mas pelo contrário iniciar reflexões que possam nos auxiliar na formação de seres críticos, autônomos, reflexivos e libertos de “pré-conceitos” instaurados por uma imposição cultural eurocentrada.

### **3.9 Consciência Histórica e Ocupações Secundaristas**

De forma sucinta, a consciência histórica é uma capacidade cognitiva resultante dos processos cognitivos e metodologias históricas como a narrativa, a compreensão da

temporalidade e outras, para a compreensão do passado histórico a fim de modelar a nossa identidade e atuação no presente, e projeção no futuro. Para Agnes Heller (1973) e Jörn Rüsen (2001), a consciência histórica configura-se como uma condição do pensamento humano, desta forma, todos os indivíduos que refletem sobre algo possuem inerentemente consciências históricas.

Segundo Luiz Fernando Cerri (2001) ao nos esboçar um panorama das discussões referentes à consciência histórica, pontua que para: Heller, a consciência histórica é inerente ao estar humano no mundo (desde a percepção da historicidade de si mesmo, que se enraíza na ideia de que alguém estava aqui e não está mais, e que eu estou aqui mas não estarei mais um dia) (CERRI, 2001, p. 99). A discussão encaminha para a compreensão de que a consciência histórica não é adquirida somente no ambiente escolar na disciplina de história, mas é formada inicialmente pelos grupos sociais e instituições que nos circundam, dialogando com Estevão Martins (ANO) quanto as discussões dos círculos históricos e conseqüentemente com Pierre Boudieu (ANO), quanto a formação do *habitus* originário.

Jörn Rüsen (2001) define consciência histórica da seguinte maneira: “(...) a soma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo” (RÜSEN, 2001, p. 51). Discordamos desta definição em partes, pois acreditamos que em muitos momentos de nossas vidas somos orientados pela consciência histórica de forma inconsciente e nem sempre reflexiva.

Dialogamos com Pierre Boudieu (ANO) para quem mesmo que nosso *habitus*, práticas e ações sejam permeadas por consciência histórica que nos permite a compreensão do passado, para atuação no presente e uma projeção do futuro, muitas vezes nossas projeções são inconscientes, influenciadas pelo nosso inconsciente calculado, nossas afetividades e subjetividades, permitindo questionar até que ponto nossa consciência histórica é totalmente reflexiva e consciente.

É fato que a imersão no ambiente da ocupação secundarista permitiu aos estudantes através das discussões referente: a) à repressão, realizada sobre o debate respectivo à ditadura militar; b) à diversidade, presente na ocupação através dos corpos diversos; c) às instituições de poder e à ordem vigente, vivenciada pelos estudantes através dos mandos e desmandos do governo estadual; d) à instituição escolar, através da vivência do ambiente escolar e de sua forma de funcionamento percebida diariamente,



permitiu uma compreensão do passado, que possibilitou o deslumbre dos estudantes à respeito do seu lugar identitário nos diversos espaços ao qual os mesmos transitam.

Essa consciência histórica possibilitou os mesmos a atuarem de forma diferenciada no dia a dia escolar, permitiu que os mesmos pudessem sentirem-se responsáveis pelo andamento da escola, fizeram-nos compreender que não são passivos das decisões do mundo que os circundam a fim de perceber que suas ações no presente amparadas no conhecimento do passado poderiam influenciar no porvir do cotidiano escolar e na construção da sociedade através da instituição escolar.

Essa compreensão da sua identidade no mundo permitiu que os estudantes ao entender as estruturas, as relações de poder e as disputas dos agentes, pudessem compreender o seus lugares de fala, suas posições, hierarquias, diferenças, relações de poder e como possivelmente eles poderiam subverter o *status quo* do ambiente escolar. O estudante Regis Neto (2020) narra em sua entrevista como os estudantes conseguiram a partir da ocupação compreenderem-se no mundo, suas identidades, e possibilitar a ação mais incisiva na realidade, relata que uma garota que não sabia do seu dom de expressar-se através da escrita, e que na ocupação compreendeu-se enquanto escritora.

a gente foi na parada da leitura, eu gosto muito de escrever, e eu falei: “não vamos fazer uma parada aqui, vamos fazer cartaz com poema”, e a gente colou lá do lado de fora na grade os poemas de autoria do pessoal eu falei: “caramba esse pessoal tem talento para isso!” muitos lá tem muito talento, inclusive uma colega que eu até conversei muito com ela hoje em dia tem talento demais para escrever, e uma coisa que ela descobriu lá que ela nunca tinha escrito, ela descobriu lá e até hoje ela escreve então uma parada muito massa (FREITAS, REGIS. [Entrevista concedida a para compor a dissertação] Felipe Silva de Freitas. 2020)

Após o término da ocupação secundarista, estudantes que participaram da ocupação imprimiram diversas tentativas de formação do grêmio estudantil para influenciarem diretamente e de forma organizada na realidade escolar. Tentativas que foram dificultadas e barradas pelo grupo gestor escolar que sempre colocava um empecilho diferenciado para que o Grêmio não fosse formado, mas sabemos que os estudantes secundaristas e participantes da ocupação ao despertarem suas consciências históricas reflexivas têm organizado ações que influenciam o dia a dia de sua comunidade como relatado.

**Felipe Freitas:** Então você acha que um dos objetivos da ocupação foi também esta formação política dos indivíduos para participar da vida política da comunidade, não da política tradicional partidária, mas da política da vivência?

**Regis Neto:** Sim, isso eu falo pelo menos lá no meu bairro foi muito categórico isso, foi como uma injeção de ânimo porque eu vi assim a minha turma de adolescentes dos meus colegas de badeco, de correr na rua descalço, todo mundo hoje em dia os cara realmente fazem pela comunidade; uns trabalham na comunidade, outros fazem projetos culturais para a comunidade, entendeu, então assim você para e pensa caramba o que começou alguma coisa assim que a gente não sabia que ia dar certo, de alguma forma deu certo porque tem gente lá batendo de porta em porta para saber como é que estão os moradores do bairro: “não como é que você tá? não só vem aqui a sua residência você tá precisando de alguma coisa?” tá certo a gente não... não vou mentir não, quis dizer que a gente faz tudo de graça, porque ninguém vive de graça, mas o enfoque o que esse pessoal teve de arrumar alguma coisa rentável para ser sustentar que auxiliam comunidade foi de pelo menos 70% do pessoal que eu conheço sabe ou tão trabalhando como agente saúde abre no mercadinho e fazendo cestas para o pessoal do bairro então tipo caramba, o cara abriu o mercado para comunidade dele e sempre tira uma parte do que rende do que entra destinada a quem não pode comprar. Poxa aonde é que o cara aprendeu isso? aí eu fui trocar ideia aonde este aprendeu e cara, “não cara aprendi lá na ocupação!” caramba ser pela comunidade, entendeu?

A ocupação secundarista conseguiu influenciar não somente a consciência histórica dos participantes da ocupação, mas também da comunidade local que circundou e participou de forma distanciada do movimento, comprovando, portanto, que a consciência histórica nunca é um processo individualizado, mas coletivo, formador de identidade, de afinidades, promovido não só de forma reflexiva e consciente, mas também através da afetividade, da construção de relações de pertencimento e exemplificação, que se instauram no indivíduo como disposições duradouras, que passam a constituir seus *habitus*.

Falar de ocupação secundarista, falar de movimentos sociais é também dizer sobre construção de consciências históricas que permitam a valorização de valores de solidariedade, justiça social, diversidade e tantos outros já enfatizados nesta dissertação e que são impulsionados em um momento pandêmico como o que vivenciamos na atualidade.

### **3.10 Pequenas reflexões a respeito do ambiente educacional e a possibilidade de construção de uma escola diferenciada.**

Após a participação nas ocupações secundaristas, e na realização das entrevistas é perceptível que a pauta maior das ocupações goianas da primeira fase dizem a respeito sobre a necessidade de barrar o avanço da implementação das Organizações Sociais na Educação, entretanto, podemos perceber também que os estudantes secundaristas

buscavam algo mais, buscavam o rompimento de condicionantes coloniais que estruturam a nossa sociedade, e esteve/está presente na cultura escolar diariamente.

Os estudantes secundaristas ousaram questionar o tripé de dominação colonial rompendo com uma lógica do homem moderno racional de uma educação individual, competitiva e que deve inserir os valores do homem universal<sup>20</sup>, mostrando à sociedade novas possibilidades de desenvolvimento do sistema educacional com base no cooperativismo e ressignificação da cultura escolar (JULIA, 2001), dos espaços do ambiente escolar, conquistando a escola como um território de resistências dos estudantes secundaristas e tornando-a um lugar (YI-FU TUAN, 1983), que vincula afetividade e responsabilidade com o espaço escolar. Além de ousarem questionar a sociedade de uma forma geral, pressionaram os professores e gestores a pensarem na diversidade presente no ambiente escolar e na sua forma de funcionamento, exigindo uma maior participação dos estudantes nas decisões escolares e na construção do conhecimento.

A escola deve ser espaço de participação da comunidade, espaço de construção de conhecimento autônomo e libertário, não cabe neste espaço nossos pré-conceitos, que nos cerceiam a construir algo libertador como o conhecimento. Para além disso, precisamos refletir que:

“a escola é um bem público, e toda a comunidade escolar tem por direito a participação ativa nas decisões da vida escolar [...] A juventude tem a força de se opor às imposições, mas também de construir projetos que acreditem que seja possível. A escola deve, portanto, aproveitar-se da força da juventude para estruturar uma educação libertadora, mas para isso, dependemos do compromisso de professores e grupos gestores que permitam a reflexão liberta de amarras e imposições. Somente assim poderemos avançar em uma sociedade liberta das opressões” (FREITAS, 2020, p. 170-171).

Garantir aos estudantes espaço de participação na vida escolar, é garantir a eles o aprender a participar da vida pública, “devemos cada vez mais responsabiliza-los da necessidade de influenciar na vida escolar e social, através do processo de fiscalização, legislação e gestão” (FREITAS, 2020, p. 171).

Construir uma escola participativa esbarra em diversas dificuldades, entretanto, os resultados do trabalho coletivo e dos resultados positivos conquistados com a

---

<sup>20</sup> Ao longo da construção da Modernidade nos foi apresentado o modelo de homem que deveríamos nos espelhar; algumas características nos chamam mais atenção como a racionalidade e objetividade, entretanto o homem universal restringe-se a somente uma possibilidade de homem, negando assim a possibilidade de existência de várias outras possibilidades.

participação dos diversos agentes é significativo e renovador de esperanças de construção de um mundo melhor. Que as escolas possam romper com seus muros, e construir pontes de acesso á comunidade, de forma que a comunidade escolar possa influenciar e participar positivamente do dia a dia escolar.

#### 4. Considerações Finais

A instituição escolar atravessou por diversas mudanças em sua existência. A presença da igreja, a organização do Estado para o desenvolvimento educacional, a universalização do ensino, a presença dos militares, o avanço do capitalismo na organização educacional, as investidas do conservadorismo, a presença latente da sociedade civil para reflexão e crítica do ambiente escolar e várias outras modificações que movimentaram o campo educacional e a realidade escolar, todavia, o tripé ancorado na hierarquia militar, disciplina excessiva e a homogeneização dos corpos e cultura através do controle e inculcamento do *status quo* sempre pairaram sobre a instituição escolar e ainda faz-se presente na maior parte das instituições educacionais contemporâneas.

É notável após os estudos realizados no primeiro capítulo desta dissertação que a instituição escolar ao longo do tempo foi utilizada para efetivar projetos nacionais que necessitavam de um processo de inculcação e subjulgação de determinadas culturas através da cultura escolar permeada pela disciplina, hierarquia e homogeneização. Ainda hoje notamos no âmbito da instituição escolar a presença dessas características no ambiente escolar e a presença da coerção através de violências simbólicas para a homogeneização de corpos e mentes.

É preciso salientar também que nos processos acontecidos no âmbito do campo educacional, permeado pela agencia de diversos sujeitos e instituições, salientamos a presença e organização das instituições capitalistas que nas últimas décadas tem se organizado em instituições educacionais que buscam intervir na realidade escolar de diversas formas (seja com material didático, fornecimento de palestras e cursos ou até mesmo visando administração escolar).

Desta forma no segundo capítulo desta dissertação, defendemos a ideia de que o processo de neoliberalismo na educação não deu-se somente com a tentativa de implementação das organizações sociais, mas sim com a implementação do Pacto pela Educação, que buscava através de cinco pilares o aperfeiçoamento do sistema educacional do Estado de Goiás, entretanto, o que podemos constatar através da realidade que vivenciamos enquanto estudantes, mas também com os apontamentos realizados por

Nascimento (2016) é que o sistema educacional goiano atravessou por uma verdadeira precarização do sistema.

O acúmulo de atividades para professores da rede estadual, acompanhada da desvalorização salarial dos professores com a inclusão das titularidades ao piso salarial, as intensas atividades de avaliação de rendimento escolar dos estudantes (SAEGO, IDEGO, IDEB e outras), a cooptação dos gestores do ambiente escolar com aumento salarial, o irrisório investimento na estrutura física dos colégios aliado ao fechamento de laboratórios, além da responsabilização docente pelo “fracasso” escolar deram possibilidades para se reforçar o discurso de que o corpo docente não tinha capacidade e habilidade para realizar a gestão financeira do ambiente escolar.

O discurso governamental, portanto, busca apresentar a sociedade civil que somente o processo de gestão pedagógica escolar é demasiadamente complexa, o que coloca o corpo docente como incapacitados de assumirem a responsabilidade de gerir administrativamente/financeiramente o ambiente escolar. É pois então envolvido neste discurso, impulsionado pela acumulação de atividades docentes causadas pelo próprio Estado, que o governo tenta implementar a proposta de gestão das Organizações Sociais no ambiente escolar.

A proposta de espelhar-se nas escolas americanas Charters Schools, não discutida com a sociedade civil, causou estranheza nos professores, estudantes e comunidade escolar, que já vivenciavam no Estado de Goiás processos de parcerias de compartilhamento da gestão escolar com a Secretaria de Segurança Pública (Colégios Militares). Contrários a este processo, e vendo-se de mãos atadas para realizar um diálogo com a Secretária de Educação que colocava em ação cada vez mais rápida o processo de terceirização da gestão escolar, estudantes, professores e a comunidade escolar decidem por ocupar os colégios estaduais no Estado de Goiás como forma de denunciar e barrar os avanços da implementação da terceirização.

As ocupações secundaristas configuraram uma forma de ação coletiva que possibilitou não somente barrar o avanço do sistema capitalista no campo educacional, com a instituição das Organizações Sociais, como o desenvolvimento nos agentes que participaram ou não, como desvendado ao longo desta dissertação, desta ação coletiva de suas consciências históricas, compreendendo seu local no campo de disputas do poder e permitindo os mesmos a realizar leituras e reflexões sobre a sua existência no mundo,

compreendendo o passado, sua atuação no presente enquanto sujeitos históricos e projetando seu futuro.

Ao total o Estado de Goiás contou com 30 ocupações de colégios estaduais, sendo 10 dessas escolas na cidade de Anápolis. Dentre as 10 escolas anapolinas ocupadas encontra-se o Colégio Estadual Polivalente Frei João Batista, composta de uma realidade distinta, o colégio continha cerca de 1,6 mil estudantes matriculados residentes nos mais diversos bairros da cidade, um corpo docente complexo composto por mais de 50 docentes, demonstrando a potencialidade do Colégio para o atendimento da comunidade.

O Colégio Polivalente Frei João Batista foi ocupado a partir do dia 14 de fevereiro de 2015, após a realização de uma assembleia com os estudantes presentes no ambiente escolar que deliberou unanimemente pela aprovação da ocupação do colégio. Iniciou-se ali portanto, a ocupação daquele colégio que duraria por longos 60 dias. Ao longo destes dias os estudantes organizaram-se para a manutenção do ambiente escolar, vivenciaram momentos de tensão, trocaram experiências, participaram de oficinas, rodas de conversas, organizaram campeonatos, participaram de manifestações de rua e de outras atividades que permitiram o desenvolvimento de consciência histórica, fruto de um processo de vivência e reflexão dos processos de formação do seu *habitus* e das relações de poder presentes nas relações sociais.

Não podemos negar que os participantes da ocupação chegaram ao ambiente escolar com suas bagagens de vivências, experiências e aprendizados, fruto do processo de relação e internalização dos espaços e instituições que os mesmos tiveram contato ao longo da formação do seu *habitus* e conseqüentemente consciência histórica. Porém, no ambiente escolar, com o processo de ocupação secundarista e a intensidade da convivência e formação intensiva por 60 dias, os estudantes puderam perspectivar compreender a realidade que os circundavam por outros olhares e realizar distintas reflexões.

Além do desenvolvimento da consciência histórica, o processo de ocupação permitiu aos estudantes secundaristas, com o desenvolvimento da consciência histórica e a realização da territorialização do ambiente escolar o desenvolvimento de um sentimento de pertença com a sua escola, que possibilitou o melhor cuidado com o patrimônio material e imaterial do ambiente escolar, além da formação de cidadãos/cidadãs mais

participativos(as) nas decisões da vida escolar e pública que influenciariam a sua forma de ver e agir no mundo.

Nota-se através das entrevistas realizadas que na formação de seu *habitus*, os ocupantes do Colégio Polivalente Frei João Batista tiveram uma intensa presença familiar, seja pelos pais ou avós, que nortearam seu processo educacional de forma autônoma, livre e garantindo a liberdade do pensar diferente. Essa constatação nos encaminha para a ortogação de nossa hipótese de que os grupos primários são essenciais para a formação de um(a) cidadã(o) crítico, reflexivo, autônomo e que busca incansavelmente a liberdade.

Entretanto é importante ir além, sabemos que esta dissertação não findará os debates sobre ações coletivas dos estudantes, consciência histórica, ou construção de um ambiente escolar mais participativo, mas convidamos aos que aqui chegaram a refletir sobre o real papel da escola na vida e formação de cidadãos/cidadãs críticos(as) e participativos da vida pública. É possível inverter os valores vigentes da sociedade capitalista como a individualidade, a competição, a rivalidade por valores como a solidariedade, coletividade, parceria no ambiente escolar? É possível remover muros e construir pontes a fim de fazer com que a escola seja um espaço agradável aonde os estudantes não queiram ir embora, mas sim ficar e somar para a construção de uma escola melhor e conseqüentemente de uma sociedade melhor?

As ocupações secundaristas nos enchem de esperanças e vitalidade ao acreditar que é possível fazer com que a escola seja um espaço de aprendizagem não só de conteúdos presentes no currículo tradicional, mas também de vivências, experiências, formas de participação ativa na sociedade, autonomia, e conhecimento liberto dos pré conceitos existentes. A escola e seus agentes precisam entender que é necessário ensinar muito mais do que somente conteúdos programáticos, precisamos muito mais do que somente 30 horas semanais no ambiente escolar, e com certeza não será de forma autoritária, hierárquica, e podando suas subjetividades que convenceremos aos estudantes a necessidade de aprendermos sobre o nosso lugar no mundo e como intervirmos para melhorá-lo.

É preciso questionar; questionar a Cultura escolar arcaica, nossas metodologias ultrapassadas, o conteúdo desatualizado, nossos pré conceitos, nossas vivências, experiências, nossos valores, nossa atuação no campo, as relações de poder, o porque



ensinamos, pra quem ensinamos, como ensinamos e aonde ensinamos. É a partir destes questionamentos que os estudantes secundaristas repensaram a função da escola, e passaram a amar o espaço escolar, porque a partir daí compreenderam a efetividade da escola em suas vidas e na vida de terceiros.

As ocupações secundaristas obtiveram êxito não somente ao barrar a intervenção do Governo Marconi Perillo (PSDB) na imposição das Organizações Sociais na Educação como também na formação de agentes mais conscientes para atuar na sociedade, entretanto, é necessário levantar diários para modificar a Cultura, que reflete na Cultura escolar, ainda muito arraigada pelas colonialidades.

## 5. Fontes

### **Entrevista com o Secundarista Marcos Fonceca**

**Nome:** Marcos Fonceca de Souza

**Colégio que Ocupou:** Colégio Estadual Polivalente Frei João Batista

**Bairro:** Adriana Park

**Município:** Anápolis

**Estado:** Goiás

**Idade:** 21 anos

**Gênero:** Masculino

**Raça:** Branco

**Religião:** Protestante

**Opção Sexual:** Heterossexual

**Renda Família:** 2 Salários Mínimo

**Profissão dos pais:** Pai (Empreendedor) Mãe (Guerreira – Construção Civil)

**Escolarização dos pais:** Pai Bacharel em Direito/Mãe Ensino Médio Completo

**Felipe Freitas:** Entrevista com o secundarista Marcos Fonceca que participou da Ocupação do Colégio Polivalente Frei João Batista. A nossa pesquisa faz parte do Projeto de Pesquisa: “As Ocupações Secundaristas em Goiás (2015 – 2016): Consciência Histórica e uma nova perspectiva para a Educação” sob orientação da Professora Thais Alves Marinho, e é uma pesquisa que busca compreender como que os estudantes secundaristas insatisfeitos não só com a questão das OS’s, mas também com a Cultura escolar tenta modificar a escola; e aí as nossas perguntas são variadas Marcos, elas vão desde compreender a sua História, a sua trajetória de vida antes de você chegar para ocupar os colégios, para entender quem era o Marcos, quais foram as instituições que te formou, qual a importância dessas instituições, até após as ocupações. O que as ocupações formaram na sua vida.

Então vamos começar porque são muitas perguntas, e eu quero começar com uma questão disparadora, você já assistiu alguns vídeos da ocupação, eu passei aqui para você, e aí a primeira pergunta que eu quero te fazer é: Na sua visão o que os estudantes podem fazer hoje para contribuir com as mudanças sociais e políticas do nosso país? A gente está vivenciando um processo que a educação vem sendo sucateada a nível nacional e estadual e com essa crise do Corona Vírus também, e o que você acha que os estudantes podem fazer para contribuir para essas mudanças?

**Marcos Fonceca:** Boa Tarde Felipe, respondendo a sua pergunta: eu acho que, toda escola, primeira ação deve ser formar o Grêmio Estudantil, trazer os alunos a entenderem como funciona o regimento da escola e o que está acontecendo, porque antes da ocupação eu não tinha essa noção, a gente estava lá, e para o governo nós éramos só dados, só índice, então trazer o aluno e conscientizar ele, o dever dele primeiro e depois o direito que ele tem, que a escola é mais do que só ensinar, ela deve prestar serviço a comunidade, ela tem que formar o aluno, o aluno tem que entender e ajudar os professores e diretores a construir uma escola melhor. Eu acho que os alunos devem estar mais antenados, e isso parte também da direção abrir esse leque para os alunos, porque enquanto eu estudei o Grêmio era algo até temerário, eu tentei implantar lá, por uma fatalidade no final do ano não deu certo, mas, os diretores também devem ter essa transparência com os alunos, de falar: olha vocês tem direito a isso, tem que formar o Grêmio, que é uma coisa importante, porque eu acho que os alunos tem que ter sim direito nas decisões da escola, tem que dar um pouquinho mais de responsabilidade para eles, para eles entenderem o quão são importantes, que não são só mais um na escola, que não são só índices e médias, são partes importantes, são fundamentais na escola. Aprendendo isso na escola, ele já sai de lá querendo influenciar na sociedade, querendo entender o valor dele na sociedade, e com isso começa cidade, Estado e assim por diante.

**Felipe Freitas:** Conte-me um pouco sobre como foi a sua trajetória escolar...

**Marcos Fonceca:** Sim, eu comecei o pré em uma escola particular que nem existe mais, que ela não tinha licença, mas eu fiz. No ano que eu fiz o pré, no ano seguinte acabou o pré, aí eu fui fazer o 1º ano na Escola Municipal Clóvis Guerra, mas como eu já sabia ler e escrever, com 1 mês eles me puxaram para a 2º ano. Fiquei do 2º ao 8º na Escola Municipal Clóvis Guerra, até uma crítica aqui que que achei ridículo acabarem com o 9º ano nas escolas, porque eu acho que tem que finalizar e depois no ensino médio a pessoa

parte para outra caminhada, mas eu fiquei até o 8º e depois eu fui para o Polivalente Frei João Batista.

**Felipe Freitas:** Como que foi a sua experiências nessas escolas, o que você via nessas escolas, como é que foi? Como era o dia a dia na escola?

**Marcos Fonceca:** O dia a dia no Clóvis Guerra eram muito monótona, mesmo que as diretoras, tentavam e conseguiam, na época era até referência de escola municipal em Anápolis, Escola Municipal Clóvis Guerra, mas era tudo com esforço das diretoras, não tinham nada da Prefeitura na época quando começou, aí teve o governo do Gomide, começou a vir material, mas aí a gente via que por exemplo: no esporte, era a Professora Josy que lutava para formar time, mas partia dela, e nada de cima. Na época tinha aquele Mais Educação que tinha percussão, grafite, capoeira, que era algo extracurricular, que você ia no contra turno e fazia. Eu tentei fazer percussão mas eu não tinha talento, mas era algo muito legal esse Mais Educação, mas só, a escola não era muito aberta a comunidade, as vezes ia aquela Escola Viva, mas acabou também, no finalzinho não estava indo mais.

Agora no Polivalente não, no Polivalente já abriu um pouco a minha cabeça. O esporte era mais valorizado, tinha treino depois da aula, quando eu comecei colocaram futsal depois da aula; Volei sempre teve, é uma cultura do Polivalente sempre ter vôlei. Até que os professores vão lá, dão aula de graça só pra ter o vôlei, mas sempre é algo que acontece. E no Polivalente em 2015, o Governo do Estado implementou aquele Agente Jovem, para substituir o Grêmio, e a primeira leva do Agente Jovem foi muito boa, não porque eu estava, mas tinha pessoas muito boa; tinha o Regis, a Cecília, o Luís, o Gabriel Bueno, tinha a Jessica, tinha pessoas que os professores escolheram a dedo, aí depois eu fui tirado do Agente Jovem, usaram a desculpa que eu não tinha o perfil, e começou a virar baderna, não eram mais pessoas pontuais que pensava o futuro da escola, findou o projeto no Polivalente, mas eu acompanho o grupo de outras cidades que estão ativos.

Mas é isso, a escola, é igual eu falei, a gente sabia que tinha direitos, mas não cobrava, e era aquela coisa. Mas a experiência geral foi boa!

**Felipe Freitas:** Tu acha que a escola era atrativa enquanto estudante?

**Marcos Fonceca:** O Polivalente pelo nome, mas as coisas começaram a mudar, já pessoas no meu 3º ano as pessoas saíram da escola, porque a escola deixou de ser atrativa, porque

lá sempre teve cultura de esporte, o Polivalente sempre foi referência nisso, cultura. Eu acho que não só ela, as escolas tem que dar um upgrade sobre isso, com cultura, educação, lazer para os estudantes e para a comunidade.

**Felipe Freitas:** O ensino médio então você fez no Polivalente...

**Marcos Fonceca:** Sim...

**Felipe Freitas:** Fala um pouquinho sobre essa relação entre professor/alunos, o ensino, como era o ensino, se era um ensino de qualidade, como era a questão dos alunos na escola, as regras, enfim, tudo que existia no colégio.

**Marcos Fonceca:** Cara, os professores do Polivalente são excelentes, a maioria são excelentes. Então, dão conteúdo, não deixam nada a desejar, só que... muito alunos fazem o oba-oba, e aí fica aquela coisa: Ah, a escola pública, aquela coisa...

Mas parte também dos alunos, de chamar o aluno e depositar responsabilidade para os alunos também. Posso citar alguns professores que eu admiro até hoje?

**Felipe Freitas:** Pode!

**Marcos Fonceca:** Eu admiro a Priscila; o Sérgio; a Juliana que foi a professora de Matemática, eu adoro a Juliana; a Juliene que é a irmã dela; o Roberto de química; a Gracielle; a Lourdes, que eu acho que se aposentou, a Lourdes de História, excepcional a aula da Lourdes; a Sandra de Química, também é uma excelente professora; e não posso esquecer o Fernando, que hoje é chefe de cozinha, mas ele foi excepcional. Então são professores que davam o máximo, e você percebia que eles se entregavam, mas que as vezes por falta de estrutura e incentivo, não podiam fazer mais.

E as regras, lá tinha uma pessoa que colocava a escola na linha, que é a Regina. A Regina, ela ditava a escola igual uma orquestra, ela era a maestra; então tudo era a Regina, a Regina que resolvia. Até que as regras lá eram respeitadas, a Regina conseguia ter esse controle, e o contato com os professores dependia de você, é igual o contato como a vida, se você tratar eles bem, eles te tratam bem; claro que tem alguma relação que não era muito boa, que vai alongando, mas a escola em si tinha um quadro de professores muito bom; o Polivalente sempre prezou por isso, e pode se dizer que o Ensino era de qualidade.

Tinha projetos que... fiquei muito chateado que no meu 2º ano cortou, que era o projeto de cultura, você lembra?

**Felipe Freitas:** Como que era?

**Marcos Fonceca:** Era assim, cada sala, ou era região do país ou eram outros países, e faziam tipo sarau, ou exposição desse país, era uma coisa muito linda, aí na minha vez, não teve, eles cortaram esse projeto, mas a Gláucia, a Professora Gláucia fez por salas, e cada sala dividiu os grupos. Mas era um projeto que parava a escola, no segundo ano do ensino médio parava a escola ia pra quadra, fechava a quadra, aí cortaram esse projeto eu fiquei muito triste, eu acho que tem que voltar.

**Felipe Freitas:** Mas as regras, como elas eram formadas? Eu lembro que, pelo menos na época que eu estudava no Polivalente, existiam muitas regras, desde o vestuário, desde o comportamento em sala de aula, fora da sala de aula nos momentos de recreação, quero que você fale um pouco disso...

**Marcos Fonceca:** O vestuário, calça com o brasão da escola, calça azul escura; camiseta padrão, branca com as mangas azul escuras, mudou, ficou horroroso na minha época era bonito, brincadeira... Mas eu acho que isso, eu até entendia, eu sempre fui muito de debater as coisas, eu sempre chegava lá, e eu tinha um relacionamento muito bom com a Regina, então eu chegava lá e ela falava: “Marcos, eu tenho que fazer isso, porque tem um aluno que não tem a condição de vir com uma calça jeans, que não tem uma camiseta...”, então eu concordo com a parte do uniforme, eu acho válido e muito correto.

O Polivalente era muito cheio de regra, você não podia andar de mãos dadas, você não podia andar abraçado com seu companheiro ou companheira, na hora do intervalo/recreio, como era ensino médio que eu peguei era coisa mais tranquila, mas quando eu fiquei o primeiro ano no Ensino Fundamental era aquela loucura, mas é coisa de criança, mas eu lembro mais é do Ensino Médio que eu estava mais inserido na escola, no banheiro tinha tipo uma preocupação, então ficavam com medo da droga, o povo todo mundo tinha medo de droga, então se a gente demorava muito no banheiro tinha os fiscalzinho que ficava andando; fechava os pavilhões da sala, você tinha que sair da sala, e ia todo mundo pro pátio e ficava lá, não podia ficar ninguém em sala de aula. As regras... Agora tem uma coisa que eu achava ridículo, se você fosse sem o uniforme eles te

emprestavam, e ficava escrito “EMPRESTADO” em rosa fluorescente na camiseta e na calça, eu acho isso ridículo.

O horário, a Regina tinha um caderninho dela com o horário, se você fosse marcado 3 vezes seu pai tinha que ir na escola, são esse tipo de coisa que ditava a... como eu disse ela era a maestra da escola, a maior parte das regras partia dela e mantinha a ordem.

**Felipe Freitas:** Agora vamos um pouquinho sobre a sua história, bom antes do movimento de ocupações, você já tinha participado de alguma ação social, política, de lazer, ou religiosa na escola ou fora dela?

**Marcos Fonceca:** Antes da ocupação, eu sempre desde muito novo, eu fazia peças de teatro em casa de recuperação, em igreja e em lugares de pessoas carentes. Eu sempre fiz essas coisas, com a escola, um pouco antes da ocupação eu tinha participado de movimentos, por causa do Agente Jovem, eu fui para Goiânia para representar a escola. Mas tirando a parte da religião eram coisa bem rasas, eram mais focadas na religião, mas não tinham nada sobre a escola, muito pouco.

**Felipe Freitas:** Então a questão do teatro era ligado a religião?

**Marcos Fonceca:** A religião e a ação social.

**Felipe Freitas:** Antes da Ocupação você se interessava por política?

**Marcos Fonceca:** Sim, tanto que eu fui escolhido para ser Agente Jovem, eu sempre tinha esses debates. O povo falava que eu gostava de responder, mas não era, eu gostava de debater e entender as coisas, vira e mexe eu era representante, vice... É que meu comportamento não era, eu não era aquele aluno exemplar 10, é que eu olhava eu prestava atenção, mas sempre estava, tanto que um professor antes me avisou sobre as OS's, o que iria acontecer, mas como eu não tinha muita informação, só gostava, aí eu falei assim: “Ah, isso awe deve ser coisa da cabeça dele”, mas eu sempre gostei sim, sempre conversei com adultos sobre política desde novo, eu acho que todo mundo tem que se inteirar e, não é nem gostar, as pessoas tem que falar sobre, porque é uma coisa muito importante!

**Felipe Freitas:** Você consegue identificar alguém que tenha sido determinante na formação de suas ideias sobre política?

**Marcos Fonceca:** Você é um deles, que lá no começo da ocupação a gente tinha conflito quase todo dia, mas você foi uma dessas pessoas. Alguns professores também, a gente vai absorvendo um pouco de cada pessoa que a gente convive...

**Felipe Freitas:** Antes da ocupação por exemplo, alguém que tenha te influenciado e que foi determinante na sua formação política?

**Marcos Fonceca:** Antes não...

**Felipe Freitas:** Você não consegue identificar ninguém?

**Marcos Fonceca:** Não, uma pessoa não, porque eu sempre era do contra, eu gostava de saber. A minha família tinha um candidato e eu falava: “Não, porque eu tenho que votar nesse candidato”, eu não votava e eu falava: “Mãe, porque você vai votar nele? Ele é assim, assim, assim...”

**Felipe Freitas:** Você acha que essas perguntas, esse instinto de questionar as coisas em você, foi espelhado em alguém? Alguém próximo de você questionava muito as coisas?

**Marcos Fonceca:** Meu pai...

**Felipe Freitas:** Seu pai questionava muito as coisas...

**Marcos Fonceca:** A gente não conversava sobre política, mas meu pai. Meu pai questiona muito as coisas, gosta de saber...

**Felipe Freitas:** E como foi a relação com seu pai, você cresceu com ele?

**Marcos Fonceca:** Não, eu cresci com minha mãe, meu avô e minha vó, mas meu pai foi presente. Não vivemos juntos, mas quando precisava, ele estava quase todo final de semana lá, tira algumas brigas que sempre tem, a gente fica um tempinho sem conversar, mas vira a mexe a gente está lá, a convivência é boa, apesar de tudo a gente é amigo.

**Felipe Freitas:** Existem algumas ideias que são centrais para o processo de ocupação, você consegue falar algumas delas?

**Marcos Fonceca:** Da ocupação que a gente participou?

**Felipe Freitas:** É, tipo assim, conceitos e valores que são centrais. Por exemplo, coletividade, é um central...



**Marcos Fonceca:** Central e foi... Eu fiquei só no Polivalente Frei João Batistas, não sai de lá, porque eu adorei o jeito que foi lá, eu gostei de tudo, a coletividade, não tinha um indivíduo, eram todos; todas as decisões eram comunitárias; quem estava lá, os secundaristas iam para as assembleias, e votava, podia ter dois, iam os dois secundaristas e votavam; os secundaristas eram os mais importantes, as pessoas achavam que eram vocês, estudantes universitários, que decidiam e comandava, mas no Polivalente não.

A gente decidia tudo coletivo, dividia as tarefas, a gente recebia algumas doações de alguns professores, a gente ia atrás de doações, tinham oficinas, mas tudo cercado na coletividade. Não tinha um, tinha o grupo, as pessoas que tinham ocupado a escola sempre decidiam as coisa, quem fazia a comida, quem fazia isso, quem fazia aquilo...

**Felipe Freitas:** E você acha que houve influência da sua família para a formação dessas ideias de coletividade, de união?

**Marcos Fonceca:** Sim, minha família sim, porque lá a gente sempre ajuda um ao outro. A gente é uma família pequena também, moram 5 pessoas juntos, mas sempre aquela coisa, um por todos e todos por um, essas ideias. Mas na ocupação eu também apreendi muito, eu deixei muita coisa para trás, foi muito importante para a minha vida.

**Felipe Freitas:** Como começou o movimento de ocupação na sua escola?

**Marcos Fonceca:** Foi no último dia de aula, eu não tinha ido, porque eu não vou se hipócrita, a maioria das pessoas quando já passou, para de ir pra escola, eu não estava indo; e eu acordei com o grupo de Whatsapp dos alunos falando “ocuparam a escola, ocuparam a escola”, aí o Douglas, que foi um apoiador, me mandou mensagem falando: “Marquin, ta acontecendo isso e isso” e eu falei “rapaz, eu vou lá ver...”. Eu cheguei lá, aí eu não conhecia o Felipe, cheguei fiquei lá, tinha algumas amigas minha, fiquei olhando; tinha muita gente, muita gente. Aí de repente chegaram duas PM lá pra questionar o movimento, porque teve assembleia dos estudantes mais cedo, decidiram ocupar a escola, colocaram a faixa “Polivalente esta Ocupado”, e todo mundo lá dentro, quem era estudantes estava chegando, estávamos acolhendo todo mundo.

Ai de repente chega duas PM's lá com fuzil , eu não entendi o porque do fuzil, porque contra aluno poh. Não tem coragem de subir o morro com fuzil e vai lá aluno, com fuzil; escondendo os nomes deles com colete; aí chegaram falando quem era resonsável pelo movimento, aí a gente falou: “não tem responsável”, mas, aí a gente

falou: vai lá Felipe conversar com eles, aí o Felipe foi, todo mundo menor, secundarista, primeira vez que passava por estas coisas; aí o Felipe já começou a gravar os policiais, os policiais não ficaram muito contente com o Felipe. O Felipe perguntou qual era o nome de vocês, eles negaram, aí o Felipe quis ver, e colocou a mão no colete do policial, puxando para ver o nome; o policial ficou bravo, mas o Felipe falou assim: “É direito da população, você tem que mostrar os nomes”, só que os policiais foram muito pacientes, ficaram calados e quietos só falando: “a gente ta cumprindo ordens”, aí o Felipe lá, debatendo com eles, até que eles foram embora.

Aí no primeiro dia a gente ficou muito apreensivo, porque tinha a chance deles jogarem alguma coisa pra dentro da escola como drogas, para desvalorizar o movimento e poderem entrar sem ter o mandato e nada para acabar com o movimento. A gente fez ronda, a noite inteira revezando, um pouco dormia e um pouco fazia ronda, e assim começou o Polivalente neste dia, os outros dias foram, igual daquelas mil pessoas que estavam ali naquele dia, foi raleando, raleando, raleando, e foram para outras escolas também, foi o CEJLA o segundo colégio ocupado, foram um pouco para o CEJLA porque teve um problema lá no Polivalente, uma candidata quis entrar lá, e a gente não aceitou muito bem porque o combinado era esse: nada de viés político, então a gente convidou a candidata e a pessoa que deixou ela entrar para se retirar da ocupação, essa pessoa juntou um movimento e foi para o CEJLA, mas foi um movimento muito bom, foi para o CEJLA, ocupou o CEJLA e deu tudo certo.

Mas foi assim que começou no Polivalente...

**Felipe Freitas:** Vocês chegaram a usar alguma cartilha, ou um material que explicava como organizar a ocupação. Como por exemplo a Cartilha “Como Ocupar o seu Colégio” que os estudantes de São Paulo utilizavam?

**Marcos Fonceca:** Cara o Polivalente a gente quis fazer sempre uma coisa diferente, a gente ficou combinado o seguinte, a gente tudo ia se reunir para se decidir, os ocupantes, igual eu falei anteriormente, a gente ia para a nossa sala de reunião que depois virou tipo um QG, a gente sentava e discutia, debatia, esses assuntos, era sempre na democracia, sempre por voto; algumas pessoas questionavam mas era assim, a gente não seguiu muito a cartilha não, porque a gente também era pessoas totalmente diferentes e a gente tentou criar um clima de harmonia e que todo mundo poderia se sentir a vontade, porque você morar na escola o povo pensa que é mil maravilhas e não é tão legal assim não, a gente

passa por algumas dificuldades, mas foi maravilhoso sabe, uma experiência maravilhosa, mas é isso sabe, as decisões eram sempre em reuniões e em democracia, em votações.

**Felipe Freitas:** Porque você participou das Ocupações?

**Marcos Fonceca:** Eu cheguei lá me falaram, eu nunca fui a favor muito do Governo Marconi, porque a gente já via o que vinha acontecendo na saúde, um governo autoritário, a gente sabia que gastava mais com mídia e com autopromoção do que com educação. E me falaram que ia vir OS's, porque eu era muito apegado a direção da minha escola, eu sempre tive um relacionamento muito bom com a Alba e a Rosângela, que era diretora e vice, e com a coordenadora que era a Regina.

Então eu falei: “pera, se eles querem investir isso em pessoas que não conhecem a escola gerir, porque não pegar esse dinheiro que eles vão dar para o OS's, e investir em todas as escolas, fazer a direção que esta lá todo dia, os professores concursados que estão lá todos os dias, porque eles não gerir? Porque eles estão fazendo um bom trabalho até agora, o Polivalente fez uma quadra, não foi com verba pública, foi com o trabalho de professores, da direção e alunos para construir.

Eu na época era muito leigo e eu falei: “não, não sou a favor disso e vou ocupar”, porque não tem lógica uma pessoa querer dar para terceiros algo que é um direito público, que é um direito básico a educação de qualidade, gratuita, e eu falei “vou ocupar, e comprei a ideia, e lá fui amadurecendo”

**Felipe Freitas:** E quanto tempo você participou da ocupação?

**Marcos Fonceca:** Os dois meses. Tipo as festas, eu dava uma saída, porque eu também tinha a família, eu ficava uns dois, três dias fora. Quando eu ia pessoas meio estranhas eu também dava uma afastadinha, mas eu sempre estava lá, eu fiquei eu acho que nesses dois meses, eu fiquei fora uns dez dias, eu estava todos os dias lá.

**Felipe Freitas:** Alguma organização, movimento como partido, sindicato, outro grupo participou e ajudou a ocupação? Caso sim, qual foi e como foi esse auxílio?

**Marcos Fonceca:** Não, no Polivalente não, porque a hora que a gente falava assim: “a gente não quer apoio de siglas e sim de pessoas” as pessoas não queriam apoiar.

**Felipe Freitas:** E o Grêmio? Existia Grêmio na sua escola, caso sim qual foi a participação dele na Ocupação?

**Marcos Fonseca:** Não, não tinha grêmio, tinha os Agentes Jovens, e todos ficaram empenhados, mas os que mais ficaram empenhados foi eu e o Regis, tanto que o Regis foi para o Herta. Mas não tinha Grêmio, era até um assunto meio proibido lá, porque o último Grêmio tinha não sei oque, não sei o que...

**Felipe Freitas:** O último Grêmio era o que eu tinha feito parte da gestão...

**Marcos Fonseca:** Era o seu...

**Felipe Freitas:** Você chegou a fazer parte de algum coletivo durante a ocupação? E este coletivo ainda existe?

**Marcos Fonseca:** Você fala o coletivo de pessoas?

**Felipe Freitas:** Não, um coletivo organizado. Tipo uma juventude organizada, algo do tipo...

**Marcos Fonseca:** Não, não, não, eu acho que a gente perdeu a oportunidade de fazer...

**Felipe Freitas:** Ouve conflitos internos durante a ocupação? Comente!

**Marcos Fonseca:** Muito, porque são pessoas que pensam diferente. Eu e o Felipe a gente teve conflito direto, tinha o Tales que era um apoiador também, então tinha muito conflito, mas a gente sempre segurava a emoção, pensava e escolhia a melhor opção, mas tinha muito conflito. Até internamente tinha um grupo de alunos que não estavam participando, que queriam entrar na escola e ameaçaram tirar a gente a força, aí a gente se uniu e nãoi aconteceu, a gente disseminou os meninos, a gente entrou no grupo deles no whatsapp e a gente começou a falar bem da ocupação, e acabou.

Mas conflitos internos tinha de mais, porque são ideias neah, ideias contra ideias, mas na grave, nada a vir de vias de fato e discussão acalourada, mas o debate podemos dizer assim.

**Felipe Freitas:** Quais foram as principais dificuldades que vocês passaram durante a ocupação?

**Marcos Fonceca:** A comida, porque tinha dia que você sabia que ia comer e no outro dia você não sabia se iria comer, dormir, banheiro. Porque o banheiro lá, a sorte nossa é que no Polivalente tinha o banheiro lá do fundo que você tinha uma maioria privacidade, mas mesmo assim não era aquela coisa, não era mil maravilhas; e o medo, porque a gente vivia cercado de P2 de PM, a gente não sabia o que eles poderiam fazer conosco, porque a gente não tinha ideia, porque a gente que era secundarista era uma coisa meio incerta, porque a gente tinha 15, 16, 17 anos, nunca tinha vivenciado isso, era a primeira vez.

Aqui em Anápolis é um pessoal muito conservador, não tem essas ideias loucas, loucas não, eu falo loucas no bom sentido. Lutar pelos direitos, e a gente tinha medo disso, medo de sair na rua e estar vigiando, porque tinha um dossiê no fórum com as nossas fotos, e a gente estava bem preocupados com isso

**Felipe Freitas:** Que tarefas você participou na ocupação?

**Marcos Fonceca:** Cara, foram tantas. Eu participei de, fora os esportes que era futsal, vole, basquete, até tentei jogar basquete, tinha os debates, tinha aula de reforço, os debates, tinha roda cultural, tinha oficinas, tinha oficina lá de apontar para cuidar do jardim da escola, teve aula de Yoga, teve uma lá que eu não participei que tinha vela que eu esqueci o nome porque me falho a memória, tinha xadrez, tinha truco, a gente falava até com os pais, tinha essa parte de falar com os pais. EU ia lá na porta saber, a gente conscientizava eles, explicava o que era OS, o porque que a gente estava lutando, isso era uma coisa que a gente fazia todo dia, todo dia eu ia lá na porta, recebia os pais, falava com os pais, foram isso...

**Felipe Freitas:** Vocês se organizavam em comissões, nas ocupações certo?

**Marcos Fonceca:** Certo!

**Felipe Freitas:** Você participou de alguma comissão?

**Marcos Fonceca:** Sim cara, mas agora me lembrar o nome da comissão. Tinha a comissão da cozinha que era o Douglas e o Thales, ah sim, tinha a comissão da vigilância, eu participava da comissão da vigilância; tinha a comissão dos esportes, que cuidava da quadra, até que um dia eu briguei com o Felipe, que o Felipe escondeu a bola de futsal, pra gente não jogar futsal e ele jogar vôlei, ele jura que não, mas escondeu.

Eu ficava também na comissão de recepção, que eram as pessoas que recebiam os pais dos alunos que queriam saber, eu acho que foram essas três comissões.

**Felipe Freitas:** Qual foi a importância das redes sociais e da internet para a ocupação, e fazer uma análise se elas foram positivas ou negativas.

**Marcos Fonceca:** A internet nos deu a oportunidade de mostrar que dentro da escola não estava acontecendo o que era falado, não estava acontecendo depredação, vandalismo, que a gente estava sempre cuidando da escola. A escola ficou até melhor do que quando estava tendo aula; então a internet foi fundamental, porque a gente conseguiu levar para as pessoas em casa o que estava acontecendo lá dentro, coisa que sem a internet não tinha como.

Mas também tem um lado negativo, que através da internet as pessoas estavam atacando a gente, só que a gente segurava, respirava e não respondia no mesmo nível. A gente respondia com atitudes, diferentes, mostrando como estava a escola, debatendo e levando para o debate ideológico, coisas que as pessoas fogem.

**Felipe Freitas:** Vocês fizeram discussões sobre quais assuntos durante a ocupação e como eram feitas essas discussões?

**Marcos Fonceca:** As discussões foram feitas em rodas de conversa, e os assuntos eram as OS's, o principal, mas também a Educação no Brasil, em Goiás e também em nível municipal em Anápolis. A gente debatia o cenário político na atualidade, a gente debatia o jovem na política, o estudante na política, a gente debatia esses assuntos.

**Felipe Freitas:** Durante a ocupação o que foi o mais gratificante para vocês e o mais frustrante?

**Marcos Fonceca:** O mais gratificante foi as OS's não ter entrado. Foi a gente ter conseguido barrar, porque aqui em Goiás o negócio é o seguinte, o Marconi nunca tinha perdido nada; o que ele queria ele consegui e pronto, a gente conseguiu barrar as OS's que na saúde ele conseguiu colocar, a gente conseguiu inflar.

E o mais frustrante foi a audiência pública, porque colocaram um pai despreparado, que o pai de um aluno de uma escola que a gente nem sabe se existe mesmo, um aluno que a gente não conhecia, que não representava nada em Anápolis, acho que

audiência pública foi algo bem frustrante, porque a gente pensava que teríamos voz, e a gente não teve voz.

**Felipe Freitas:** O pai e o estudante foi escolhido pelo movimento de ocupação?

**Marcos Fonceca:** Não, a gente nem sabia quem era, quando a gente chegou lá a gente se perguntou: “quem são essas pessoas?”, eu pensei assim: “eu quero estudar na escola do filho desse cara, porque não tem lógica”. O Polivalente que é Estadual era referência em Anápolis na época, não sei hoje como está, não era mil maravilhas, o cara que era do interior, era de uma cidade que era um distrito de Anápolis falar que era aquelas mil maravilhas não tinha lógica.

**Felipe Freitas:** Quais eram os principais objetivos da ocupação, no seu entender, e você acha que eles foram conquistados em algum aspecto?

**Marcos Fonceca:** O primeiro objetivo era o “Não as OS’s” que a gente conquistou, mas a ocupação também tinha o intuito de levar o aluno para próximo da gestão da escola, inteirar os alunos dos deveres e direitos, inteirar os alunos do movimento estudantil e da luta que os estudantes já passaram e tem que levar até hoje os direitos. Acho que consegui um pouco, a escola ficou, a direção ficou mais precavida, porque um fato curioso: toda semana tinha o burburinho de ocupar a escola de novo, aí eu era chamado lá em cima escondido e ela falava assim: “Marcos vocês vão ocupar de novo?” e eu falava assim: “Alba a gente não vai ocupar de novo, por agora, por esse motivo não, porque a gente não tinha outra escolha, porque se a gente ficasse calado naquele momento no final do ano, janeiro ou fevereiro já estava OS, a gente não tinha o que fazer, então a gente fez isso, mas a gente conseguiu sim, a gente conseguiu alcançar os objetivo.

**Felipe Freitas:** Como foi a reação da sua família com a sua participação nas ocupações?

**Marcos Fonceca:** Cara a minha mãe eu agradeço a Deus, porque minha mãe é muito tranquila, você conhece ela, eu falei: “mãe tá acontecendo isso, isso, isso, na escola, eu vou ficar lá porque é o que eu acredito”. O meu pai já não, ele ficava com aquelas piadinhas “ah você está dormindo na escola”, aí eu dei aquela cortada “pai você estudou direito, você sabe que é um movimento legal, não tô fazendo nada de errado” mas era isso, aceitaram bem, de certa forma aceitaram bem, quando viram que era um movimento justo, minha mãe desde do começo, mas meu pai com o passar dos dias viu que era o

movimento a ser feito mesmo, a gente conseguiu e teve o apoio muito bom da minha família.

**Felipe Freitas:** Como foi o processo de desocupação da escola?

**Marcos Fonceca:** Eles conseguiram a liminar de desintegração de posse para o dia 15 de fevereiro de 2016, foi pacífico, a gente teve uma assembleia de todas as escolas ocupadas, aí teve uma votação, algumas escolas queriam continuar, algumas pessoas, aí a gente falou: “olha, os apoiadores tinham que voltar para as universidades deles, e iam ficar só os secundaristas, e eu acho que ia ficar muito perigoso” porque iam ficar muitos menores de idade, e também já tinha conseguido barrar as OS’s, então eu acho que foi o momento certo.

Então foi com tristeza, a gente se despediu no Polivalente, o grupo que ficou até o final, a gente saiu só no último dia mesmo, bem no último dia a gente se reuniu, a gente ficou lá, e foi pacífico, não teve conflito nem nada, eles falaram e a gente saiu igual a gente começou, a gente não queria conflito com ninguém, a gente só queria os nossos direitos, e a gente conseguiu, a gente saiu quietinho e no outro dia já teve aula, eu já voltei pra escola nem tive férias.

**Felipe Freitas:** Depois das ocupações você se aproximou de algum partido político, sindicato, movimento, coletivo? Você tem simpatia por algum deles? E se você não participa, você considera a possibilidade de se aproximar em um futuro próximo, porque?

**Marcos Fonceca:** Quando eu sai eu me aproximei da JSB (Juventude Socialista Brasileira), porque era uma juventude e ia ter o congresso da UBES então eu me aproximei. Eu consegui ir representar a minha escola, eu fui enquanto delegado para a votação na UBES, e cara pra falar pra você, eu posso estar em um partido de extrema esquerda ou extrema direita eu sempre vou concordar com ideias, a ideia pode ser horrível para o meu partido, mas se ela for boa para a maior parte da população eu compro a ideia.

Eu me defino assim, e não tenho nenhum apego por nenhum partido ou sindicato não, igual eu disse, eu gosto de estar no meio, eu gosto de interagir, e amo isso, é uma coisa que eu gosto de debater mas sem essas paixões por partido ou sindicato.



**Felipe Freitas:** Aos secundaristas que participaram destas ocupações, quais foram as possíveis principais influencias que esta participação pode ter trazido para essas pessoas, e como essa influencia pode ter auxiliado essas pessoas a serem cidadãs e cidadãos?

**Marcos Fonceca:** A ocupação nos proporcionou contato com áreas que a gente não tinha contato ainda. Com a diversidade, porque a ocupação reuniu pessoas de todos os gêneros, religiões, crenças, opiniões políticas; eu acho que a ocupação foi importante pra gente viver em diversidade, e aceita, entender e defender a diversidade, defender o próximo, a escolha dos próximos, e a ocupação acho que nos proporcionou isso, nos tornou pessoas melhores e nos encorajou a defender os nossos direitos, não ficar calado aceitando tudo, não ser aquele voto de cabresto, não ser aquela pessoa que aceita tudo que político de A ou B discursar, e bater palma não, a gente quer saber o porque, a gente quer saber o porque disso, a gente vai a fundo, a gente lê uma PEC, a gente quer entender, a gente esta no meio e a ocupação nos proporcionou isso: de fazer a diferença.

A gente fez parte de uma conquista política, a gente fez coisas que pessoas mais velhas não conseguiram, tinham pessoas que eram oposição do Marconi que não conseguiram fazer isso. A gente conseguiu com vontade e com os apoiadores, a gente fez um time muito bom e conseguimos, e isso nos encorajou para o resto da vida, não sei todos, mas eu passei a amar mais a política, e querer debater mais, procurar estudar mais, e sempre estar no meio dos assunto políticos, acho que me ajudou e ajudou várias outras pessoas também.

**Felipe Freitas:** Você acredita quem um novo movimento das ocupações é hoje possível neste novo cenário que nós vivemos no nosso país?

**Marcos Fonceca:** Cara é mais arriscado por causa do governo federal, eu acho que eles são bem... Na época o atual presidente era um Deputado e ele era bem contra as ocupações e era fervescente que não gostava, ele era bem... E eu acho que hoje é mais arriscado, mas hoje também tem outras formas da gente conseguir, eu acho que hoje a internet tem um poder muito maior que em 2015/2016, eu acho que hoje da pra fazer um movimento bem legal sem precisar ocupar a escola.

Mas eu acho que se precisar sim, eu li uma noticia que era Fake News, mas que a gente nunca se sabe, que queriam privatizar as gestões das escolas municipais, era Fake News, mas eu até falei pra você: “Cara, se precisar tem que ir, tem que lutar mesmo” eu

acho que hoje tem que estudar mais pra fazer, não pode ser como foi de ultima hora, em cima da hora, hoje tem que ser um movimento mais orquestrado, mais pensado e com mais cautela, algo bem mais cuidadoso.

**Felipe Freitas:** Você completou o ensino médio, ingressou no ensino superior, fez algum curso após sair, enfim, e a participação nas ocupações teve alguma influência na sua trajetória escolar?

**Marcos Fonceca:** Cara eu não ingressei no ensino superior ainda, eu fiz cursos no SENAI e no SENAC, mas não ingressei ainda. Mas influenciou sim, até os 16 anos eu tinha um sonho, eu vou fazer essa faculdade, depois da ocupação mudou totalmente meu sonho, então eu tive que me reorganizar no segundo ano do ensino médio. Mas mudou sim, eu vou lutar por esse sonho, eu sei que o tempo tá passando, mas eu vou conseguir, mas ajudou muito, a gente vê o mundo de outra forma, a gente deixa daquelas bobagens de adolescente, daquelas piadas preconceituosas, moço a ocupação ajudou muito, a gente amadurecer enquanto a isso. E a ocupação fez eu olhar com outros olhos para a escola, que é um bem muito mais valioso do que algumas coisas que as pessoas consideram importantes, eu acho que a educação é a base de tudo, porque pessoas bem educadas e pessoas que tiveram uma educação de qualidade, lá no futuro serão grandes pessoas para uma sociedade melhor. E foi isso cara, a ocupação ajudou muito com o meu crescimento.

**Felipe Freitas:** Você trabalha atualmente, em que? E você acredita que as ocupações podem ter influenciado na sua entrada e permanência no mundo do trabalho?

**Marcos Fonceca:** Hoje eu sou autônomo, eu tô querendo ter uma loja online, to começando, mas eu trabalhei, eu era jovem aprendiz. Ajudou porque a gente descobre os direitos dos jovens, que a gente tinha direito a ser Jovem Aprendiz, coisa que não eram muito faladas na época, mas agora a gente está bem interagido e ajudou sim na minha experiência de trabalho. Também por conta da pandemia, que nós estamos passando por uma pandemia, mudaram o cenário, mudou muita coisa, mas ajudou sim!

**Felipe Freitas:** Sobre a religião, qual era o seu envolvimento antes das ocupações, e como ficou depois?

**Marcos Fonceca:** Bem na época (antes) das ocupações eu não estava frequentando regularmente, mas depois da ocupação eu mudei um pouco a minha visão, mas continuou da mesma forma, em 2018 eu voltei a dirigir teatro por uma igreja e eu acho que a

ocupação em relação a minha religião só me deu coragem para expressar as minhas ideias que eu já tinha, mas afetar, não afetou não.

**Felipe Freitas:** E na sua vida pessoal e familiar, houve mudanças desde o tempo das ocupações? E se houveram quais foram elas?

**Marcos Fonceca:** Familiar não, mas pessoal a gente troca o círculo de amigos, deu uma aumentada, o tipo de amizades deu uma mudada, vários tipos de coisas...

**Felipe Freitas:** Perguntar agora, se você ainda conserva alguma relação de amizade profissional ou social com outras pessoas que ocuparam a escola com você e eu quero que você comente isso, e quero que você possa falar o nome dessas pessoas.

**Marcos Fonceca:** Dos que não eram os meus amigos eu tenho contato com o você, que você agora é pré candidato a vereador, e eu estou com você na sua campanha te ajudando, te auxiliando; tem o Igor que é o rapaz que ocupou lá que é apoiador, e que nós somos amigos, aqueles amigos que ficam um tempo sem se ver, mas quando ser vê bota o papo em dia; os demais já eram amigos, eu já conhecia, por causa de vôlei, de varias coisas eu já conhecia a maioria. Mas na ocupação assim foi você e o Igor, são pessoas que eu conheci por causa das ocupações.

**Felipe Freitas:** Em quem você votou para Presidente e Governador nas ultimas eleições e porque?

**Marcos Fonceca:** Cara, governador aqui em Goiás já estava meio que definido, ai eu comecei a ouvir as propostas, ouvir as propostas e eu votei no Daniel Vilela, porque eu gostei das propostas dele, é um cara novo, então foi algo que eu pensei: “Cara eu gostei das ideias desse cara, vou votar nele mesmo que eu já siaba o final da eleição”. Agora para presidente eu votei no Ciro!

**Felipe Freitas:** Defina em uma palavra o que o Movimento das Ocupações representou para você.

**Marcos Fonceca:** Uma palavra?

**Felipe Freitas:** Dificil neah?

**Marcos Fonceca:** Dificil, mas uma palavra: Igualdade!

**Felipe Freitas:** Porque?

**Marcos Fonceca:** Porque a gente viu que a gente dependia das outras pessoas, a gente viu que a gente vive em coletivo, não sou eu nem você que vai fazer a diferença e sim um todo, e lá dentro a gente viu isso de verdade, porque a gente dependia um do outro, er5a só a gente lá, era momento de tensão era a gente, momento de alegria era a gente, e isso com pessoas totalmente diferentes, que se tornaram igual lá dentro, então igualdade, independente de qualquer coisa a gente tem que respeitar o outro como a gente quer ser respeitado, se as pessoas compreendessem isso, ia acabar com a maior parte dos problemas do país.

**Felipe Freitas:** Tem alguma lembrança que você quer compartilhar sobre o momento de ocupação, algo engraçado, algo divertido, algo legal?

**Marcos Fonceca:** Cara, quando a gente sabia que iria perder a posse, a integração de posse, a gente falou assim “não, vamos divertir”, o Felipe arrumou uma lona, lá na escola tinha tipo um barranco que descia, a gente pegou essa lona, oohh, isso foi no final e foi somente um dia para as pessoas não dizerem que a gente ficava brincando lá, brincando nada, lutando por direito de filhos de vocês, de irmãos, de vocês mesmo que vão ver essa reportagem. A gente botou essa lona lá, jogou detergente nessa lona, a gente pulava, escorregava. Também os momentos de esportes eram sempre engraçados, que tinha uma família lá que ia, que eram apoiadores, que é uma família que eu sou amigo até hoje, e eles eram muito competitivos, o pai dele, a gente não sabia jogar vôlei direito e ele ficava brigando com a gente.

Tinha as piadas internas, tinham os poemas que a gente fazia para alguns apoiadores, a gente brincava do chicote, que tinha alguns meninos que estavam começando a namorar, aquelas brincadeiras de adolescente que marcaram. Ah um dia a gente estava discutindo, e o Felipe fez tipo um Big Brother pra me tirar da sala, tinha 10 pessoas mais ou menos, só que o mais votado foi ele (risos), foram esses momentos que engraçados marcaram, tiveram muito mais, mas eu vou ficar até amanhã aqui falando

**Felipe Freitas:** Pode falar, não tem problema, até amanhã. Mas não só os engraçados mas os momentos de tensão também...

**Marcos Fonceca:** Eu não estava nesta noite, eu estava, eu acho que era festa de final de ano, tinham manifestações em outras escolas, a gente foi e deixou duas pessoas na escola

vigiando, mantendo a ocupação, aí um dos caras ouviu um barulho e quis sair da escola, ele ficou louco, e todo mundo falando: “vamos perder a ocupação, vamos perder a ocupação”. Mas o momento mais tenso foi quando, dizendo eles que eram alunos do EJA do Professor Faustino, estavam querendo bater nos secundaristas lá dentro, a gente saiu correndo do Polivalente, correndo mesmo, para quem não sabe é uma distância de 2 a 3 quilômetros...

**Felipe Freitas:** É acredito que sim, um pouco mais talvez...

**Marcos Fonceca:** A gente saiu correndo, até o Professor Faustino, eu e mais cinco amigos, pra chegar lá e defender os meninos, a gente estava preparado pra tudo lá, falamos: “ah, não vamos deixar os meninos apanhar”. Mas a gente chegou lá tarde, a gente ficou sabendo tarde, já tinham invadido a escola, a polícia já tinha chegado e agente perdeu aquela ocupação, mas só de ocupar uma escola do lado da Sub Secretaria já foi válido, mas foi bem tenso, a gente correndo na rua, um amigo perdeu a carteira. São aqueles momentos que a gente fala assim: “Caramba!” mas a gente saiu correndo pra tentar defender os amigos.

Também teve um momento de tensão, não foi com a gente, quando uma mãe foi espancada neah, em uma escola de periferia da cidade, agora eu não lembro o nome da escola. Foi o Jad?

**Felipe Freitas:** Não sei...

**Marcos Fonceca:** Foi uma escola em que uma mãe foi agredida, espancada não, foi agredida por um policial, e a gente ficou também bem tenso, porque se aconteceu lá o que poderia acontecer com a gente, e eu lembro disso, e a gente ficou bem balançado...

**Felipe Freitas:** E o pós ocupação, você notou que houveram mudanças no cotidiano da escola? Ou acabou a ocupação voltou tudo ao normal, não mudou nada...

**Marcos Fonceca:** Cara o polivalente era aquele negócio, eles não podiam falar que estavam apoiando, mas a maioria estavam. Então eu não sofri muita represália por causa disso, eu nem os outros alunos, mas o aluno lá: até que foi pra outra escola que foi a Giu, que dava a cara a tapa, que estava lá todo dia, a Giu foi para o CEJLA. Mas eu não sofri tanta represália por conta disso, porque eles não podiam por conta dos serviços deles, eu entendo totalmente, mas poderiam dar uma posicionada, mas... Mas voltou tudo ao

normal, aquela coisa, já que a OS's não entrou eles ficaram satisfeitos; alguns professores mudaram comigo sim, alguma coordenadora ficou me cassando, mas deu tudo certo terminei o ensino médio, tive que largar algumas coisas que eu fazia para não chamar atenção, então eu fiquei um pouco mais na minha, mas mudou pouca coisa, para a escola mesmo só a conscientização, tipo os alunos estão de olho, os debates ficou melhor também nas aulas, mas é isso...

**Felipe Freitas:** E você disse durante a entrevista que os objetivos da ocupação era combater as OS's e ao mesmo tempo formar a juventude. Essa formação da juventude é para o processo de fiscalização da escola, mas também você disse que houve momentos de reflexão sobre o processo educacional, o que vocês refletiam sobre a escola, sobre a importância da escola, o que ela poderia mudar, o que você acha hoje com a cabeça que você tem mas também com lembrando das coisas que você pensava na época, o que você acha que a escola deveria mudar para ser uma escola mais agradável?

**Marcos Fonseca:** Na época a gente discutia sobre... Porque a escola tem muitos assuntos que ela não gosta de tocar, que eu acho que deveria tocar, que é a política. Não você defender um partido como alguns professores fazem, não. Você explicar, você trazer, não é forçar, mas você induzir ao debate, o aluno expor a opinião dele, não você lá como acontece, começa a defender siglas e não para, não. É você induzir o aluno a debater, a expor a opinião dele que é normal. É falar de economia, é falar de cultura, de educação, de esporte... induzir o aluno a pensar, a debater e não só os números, tanto que no Polivalente não era assim, você sabe que existem escolas que fazem de tudo para não reprovar o aluno, o Polivalente enquanto eu estudei lá eles não tinha isso, "passou passou, não passou amém". Mas é induzir os alunos a pensar, fazer ele uma mente pensante, e não índice.

Eu acho que a gente falava bem nisso, é tipo levar um trabalho diferente, um trabalho que o aluno saia para a comunidade e vai fazer uma pesquisa de campo, sair na rua perguntando, então é algo bem, a gente queria que o aluno tivesse maior contato com os problemas da vida. Igual lá, as OS's, eu acho que a escola viesse induzindo o aluno a pensar a ter opinião dele, a ter opinião política dele, não ter vergonha, eu acho que a ocupação teria sido muito mais forte e teria alcançado muito mais coisa, porque poderia ter traçado objetivos muito maiores, que a gente teria pessoal, e material humano para fazer. A gente teve número reduzido porque? Só foi para a ocupação quem já pensava por

si de política. Quem o amigo tentou ajudar a pensar, agora eu acho que a escola tinha que fazer isso.

Igual tem pessoas que a gente convive com pessoas que estão estudando ainda, que quando a gente fala de política as pessoas falam “ ah não, não quero nem falar disso” não é assim. É por isso que a gente está hoje do jeito que está. Não é esse governo, são todos os governos, as pessoas não estão interessadas, as pessoas não fiscalizam, fazem manifestação e nem sabem o porque estão manifestando. A maioria das pessoas vão lá, por exemplo: a Dilma esta ruim, vamos pra rua! O Bolsonaro esta ruim, vamos pra rua! Mas porque? O que que você defende? O que que você pensa? Ai tem que fazer o aluno, e tem que fazer isso na escola, desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio, a pessoa sair já com uma ideia diferente. Só que a gente sabe que nunca vai ser assim porque pessoas informadas, massa de manobra, é mais fácil pra você levar para o lado A, lado B, ou lado C.

E a gente pensava isso, que a escola deveria dar uma base melhor, só que para isso tem que ter o investimento do governo estadual, federal e municipal. Querendo ou não tem que ter investimento, querendo ou não tem que ter verba, destinar verba. Porque uma pessoa bem educada, uma pessoa bem formada, uma pessoa com cultura, a chances dela ir para o mundo do crime, eu nem falo das drogas, mas do mundo do crime é menor. Porque ela vai ter sonhos, se você botar uma escola de qualidade na periferia que dê esporte, cultura lazer, cara você tira homens do tráfico, você tira mulheres, você tira massa, você tira munição deles, porque a gente sabe como funciona, os criminosos pegam os menores porque a consequência é branda, e eles entram no crime com 12, 13 anos. Se eles tivessem a oportunidade de fazer uma roda de cultura, tipo Hip Hop, Rap... A escola trazer isso, só que hoje em dia a gente não tem, acho que tem que partir de cima, se o governo mandar uma verba destinada a isso têm. Porque a gente sabe que o mundo de hoje as coisas funciona com dinheiro, se mandar uma verba para isso nem que seja algo mecânico, a pessoa vai estar lá só por conta do salário dela, logo vai levando jovens e vai surgindo pessoas com amor, vão surgir pessoas com amor pra isso.

O lugar mais fácil de tirar o jovem, e munir ele de informação, é a escola, porque ele já esta lá. Você chega lá e fala “No contra turno vai ter tal coisa, tal coisa” o jovem vai, não pode 100% porque nunca vai, mas 50% já vai, já são pessoas que vão estar lá e já não vão estar fazendo coisas erradas na rua. Eu acho que o debate era esse, a escola se

rum bem para a comunidade, expandir a escola para além do muro, fazer a escola ser abraçada pela comunidade e dar em troca esses frutos.

**Felipe Freitas:** Após as ocupações você acha que a escola conseguiu alcançar isso, a reivindicação de vocês de abraçar a comunidade?

**Marcos Fonceca:** Não, porque toda a tentativa que tivemos de formação do grêmio eles ficaram empurrando. A gente queria fazer isso com o Grêmio que era a forma mais fácil, eles ficaram empurrando, empurrando, empurrando, usando mil desculpas, e não conseguiu e eu acho que está ficando cada vez pior, porque a gente está vendo aí, em âmbito municipal a votação do ISSA do servidor público nós tomamos um calote, e eu acredito que a nível estadual o governo não está investindo em educação, nem o federal, ta sendo sucateado. Enquanto eles não verem a importância da escola e da educação a gente não vai conseguir fazer nada, porque tem que ser de cima, a gente tem que cobrar de cima, e esse ano é um ano de eleição, só que as pessoas votam não por ideias, as pessoas votam por amizade, então enquanto a sociedade não der um up...

Porque não é só cobrar do professor, não é só o professor, é o pai, igual a gente estava lembrando de um pai de um companheiro da ocupação, que a gente fez a reunião de pais na escola, a gente reuniu os pais pra gente explicar o que era OS's, aí um pai pediu a palavra, porque a maioria estavam descontente, a maioria dos pais estavam com cara fechada, um pai pediu a palavra e ele deu um show. Ele falou assim, eu lembro até hoje: "Vocês não querem que volte as aulas para que seus filhos estudarem, você querem que voltem as aulas para os seus filhos saírem de casa, para não ficarem atrapalhando vocês." Ele arreventou no que ele falou lá, e é isso. Quando os pais entenderem a importância da escola e tirarem do professor, porque a educação básica, o respeito a gente aprende em casa, a escola deve te munir de informação, de matéria e cultura, e é isso que a escola faz, e tem coisa que vem de casa, e enquanto as pessoas não falarem assim "não, vamos caminhar junto com a escola, pais, estudantes, professores, direção, governo" a escola vai estagnar porque um depende do outro.

Não adiantou o apoio só dos alunos pra isso, tinha que ter os professores, tinha que ter a coordenação, tinha que ter o governo... era uma grande oportunidade para o governo fazer algo diferente, porque não vão ganhar, não é rentável. Eu acho que a gente estagnou, não mudou nada. Mudou pra gente e não pra escola...



**Felipe Freitas:** Tá certo, brigado pela participação, pela entrevista, se quiser falar alguma coisa tá aí aberto pra você poder mandar seu recado!

**Marcos Fonseca:** Quero agradecer pela oportunidade de poder falar um pouco da ocupação, espero que tenham mais oportunidade porque tem muito mais coisas porque foi algo bem intenso, foram dois meses bem intenso. Agradecer mesmo, e estamos ai, estamos de olho, agora de outras formas não como estudante, como cidadão, e é isso ai Felipe, muito obrigado pela oportunidade!

## **Entrevista com o Secundarista Regis Neto**

**Nome:** Regis Neto

**Colégio que Ocupou:** Colégio Estadual Polivalente Frei João Batista e Colégio Estadual Herta Laysen

**Bairro:** Parque dos Pirineus

**Município:** Anápolis

**Estado:** Goiás

**Idade:** 22 anos

**Gênero:** Masculino

**Raça:** Pardo

**Religião:** Sem Religião

**Opção Sexual:** Demisexual

**Renda Familiar:** 3 Salários Mínimo

**Profissão dos pais:** Mãe – Jornalista/Professora

**Escolarização dos pais:** Superior Completo

**Felipe Freitas:** Entrevista com o ex secundarista Regis Neto que estudou no Colégio Polivalente Frei João Batista. Regis é assim que você quer ser identificado na entrevista: Regis Neto.

**Regis Neto:** Sim...

**Felipe Freitas:** Vamos para as perguntas do roteiro que já foi compartilhado, só tem algumas outras que são algumas surpresas. Na sua visão, o que as/os estudantes podem fazer hoje para contribuir com as mudanças sociais e políticas em nosso país?

**Regis Neto:** Cara, eu acho que a princípio a gente tem que, o critério principal agora é a mudança de frase: “Política não se discute”, acho que enquanto a gente tiver arraigado com isso, que os nossos pais, os nossos avós transmite pra gente, algumas pessoas um pouco mais velhas transmite “ah política não se discute” a gente não vai ter a mente aberta pra entender que a política não é esse monstro de sete cabeças, o estudo da política, das questões sociais que abrangem toda a nossa sociedade, cultural também, é gratificante e

é realmente uma questão que depois que você entende o porque, o que você pode fazer quando você entende a questão, tudo que permeia ela, os quesitos sociais, econômicos, religiosos de uma forma, você acaba tendo o prazer em participar da política, eu acho que falta isso nos jovens, o prazer de estar engajado na política, porque a gente é instruído desde cedo que isso ou é coisa de gente muito mais velha, ou é coisa de gente muito estudada, ou é uma coisa que não é acessível pra gente, a gente não precisa saber disso.

Então eu acho que o princípio básico é mudar essa raiz que tem em todos nós, de ah a gente não discute isso, não a gente tem que discutir isso, tem que ser tudo pautado e a gente tem que entender, porque, em uma mesma cidade um exemplo a nossa aqui, a gente percebe que os quesitos políticos é muito variado, do bairro que eu moro e de um bairro do centro da cidade. Então a visão política das pessoas são muito diferenciadas de acordo com as vivências dela, de acordo com os quesitos socioeconômicos dela, então é uma coisa muito mais difícil de se mudar são os quesitos socioeconômicos, é muito mais complicado, mas essa questão da acessibilidade a livros, a revistas, a entrevistas, a conteúdos políticos, culturais, para o entendimento de “ah como funciona tal lei? Porque que isso existe?”, então assim, quando a gente disponibiliza isso e incentiva a molecada jovem a falar: “poxa, você pode apreender isso é uma coisa bacana pra você entender” isso já muda muito, acho que esse é o princípio básico para conseguir fazer essas coisas mudarem, é um trabalho gradual, trabalhinho de formiguinha, mas aos poucos a gente consegue.

**Felipe Freitas:** Conte-nos um pouco sobre a sua trajetória escolar; qual o nome da escola em que cursou o Ensino Fundamental? Como foi sua experiência escolar nesse período?

**Regis Neto:** Cara, eu comecei a estudar muito cedo, eu comecei a estudar com 3 anos de idade em casa. Minha mãe sempre me alfabetizou em casa, já lia muito pra mim quando eu era criança, quando eu comecei a estudar no Escola Municipal Dom Alexandrina, no bairro Alexandrina, e quando eu entrei lá eu já entrei sabendo escrever, fazer continha de mais, então assim, lá do pré até o sexto ano eu estudei lá, e eu tenho poucas lembranças, a maioria das lembranças que eu tenho eram das brincadeiras que tinha; e lá uma das coisas que eu gosto muito até hoje, inclusive meu irmão teve a oportunidade de estudar lá, e eu bem mais velho, via os conteúdos que ele trazia para casa, é que não mudou a pegada de cultura; as brincadeiras culturais realmente é um presente o que as professoras fazem para os alunos de lá, elas realmente enfocam nesta questão da cultura, exemplo:

“ah, hoje a gente vai entender o saci Pererê, a História do Saci Pererê, ou então, hoje a gente vai fazer o conto da Cuca, essas brincadeiras de roda” então assim, eu lembro muito disso lá, e é uma coisa assim que nossa, nas outras escolas que eu passei eu não via isso, porque a gente ainda tem muito aquele defeito de se apegar a culturas estrangeiras e deixar o nosso lado, e a coisa que eu mais tenho nítida era isso, principalmente assim na época das festas juninas, Caramba! Era algo realmente muito bonito, o pessoal pegava lá desde de Março até a época de Junho e fazia muito trabalho, não só na questão da comida típica, que é da época junina, mas tudo que permeia: Os contos dos caboclos... então assim: é realmente uma coisa que eu me lembro muito dessa época, a coisa que eu mais gosto dessa época também de ter estudado lá.

**Felipe Freitas:** E o Ensino Médio, em qual escola fez? Fale um pouco sobre o ambiente, os professores, os alunos, o ensino.

**Regis Neto:** Cara, aí eu já sou suspeito pra falar, porque eu tenho um apego emocional muito grande pelo Polivalente neah, que eu estudei lá, de uma forma geral eu posso resumir que tudo lá contribuiu pra o fortalecimento de uma bagagem de casa e da escola que eu passei o Ensino Fundamental, pelo fato de que muitos dos professores que ensinam lá serem pessoas de uma sagacidade, uma sagacidade de vida muito grande, do entendimento de poder falar assim: “Aluno A não vive a mesma vida de um aluno B, então vamos saber o que que cada aluno tem, vamos ajudar o que que cada aluno precisa” e o ambiente lá era muito propício para novas descobertas, eu me descobri muito naquele colégio em vários quesitos, por exemplo: eu gostava muito de ler desde pequeno, eu lia muito gibi, e quando eu descobri que a biblioteca de lá era aberta ao público, que eu podia, eu disse “caramba, eu vou começar a ler uns livros”, e comecei como todo jovem com a cultura pop: Harry Potter, Percy Jackson... e fui lendo, fui lendo, fui ganhando e durante algumas aulas de História e Geografia de dois professores que eu tenho um carinho enorme até hoje, converso muito com eles, todas as vezes que a gente se encontra eu tiro um tempo e a gente conversa muito, e através destas aulas eu fui falando: “Caramba, será que tem algum conteúdo sobre isso?” e quando eu fui ver lá na biblioteca tinha muitos, muitos livros sobre esses assuntos. Então foi lá na biblioteca que egui

u fui criando uma paixão sobre alguns livros políticos: Hegel, Marx, muito, muito, muito, até alguns contos clássicos de filosofia, filosofia moderna: Descartes, que até hoje é um dos filósofos que eu mais gosto.

Não só neste quesito de leitura, mas também no quesito esportivo, eles realmente incentivam muito o pessoal, “nossa você é bom nisso, vamos, vamos, vamos participar de campeonatinho na cidade, vamos treinar” todos os professores nesse quesito também, além dessa questão cultural e esportiva no cotidiano mesmo, eram professores mas também eram seres humanos, eles não só chegavam e falavam: “hoje é isso aquilo e aquilo, tarefa...” não, as vezes a gente estava lá sentado e vinha um professor aleatório e conversar, e a gente pensava, nossa é um ser humano assim como eu; porque as vezes a gente tem que desmistificar essa parada de que o professor está lá para passar o conteúdo e nada mais do que isso, o aluno está lá para escutar e nada mais do que isso; dá para desenvolver um laço, um laço social bom de conversação: “nossa como foi seu dia, bom dia”, quantas vezes o professor ou o aluno chega na sala, não fala um bom dia e fica por isso mesmo, isso acaba desenvolvendo um atraso de o aluno falar: “nossa eu não gosto de tal matéria por causa do professor disso, disso, disso...”, aí quando o professor te dá a abertura de você além de ser um aluno ser próximo dele, ou até considera-lo um amigo, você vai ter dificuldade em algumas matérias, mas pelo fato de falar: “Caramba, ele me ajudou com isso aqui, vou tentar fazer uma média” você acaba aprendendo mais, você acaba tentando...

Igual no começo eu tinha muita dificuldade com uma certa matéria e a professora também... eu falava “Caramba qual foi? Eu não bati com ela o que aconteceu?” e depois da primeira vez que eu troquei ideia com ela eu falei: “Caralho, quem estava errado era eu, eu acho que ela foi desse jeito e eu não soube absolver” quando eu entendi, tudo mais, cara deslanchou e até hoje eu sou muito apegado nesta matéria, e me ajudou muito na faculdade, então assim, lá eu tenho realmente, além de todo quesito apego emocional e apego de memória, eu posso falar com toda categoria que nada mudou, porque eu tenho dois irmãos, os dois irmãos estudaram lá, são duas pessoas de duas personalidades totalmente diferentes da minha, pensamentos diferentes, doutrinas diferentes, mesmo sendo da mesma casa cada um tem seu ponto de vista, e todos os nossos três pontos de vista foram igualmente aceitados no mesmo ambiente, então isso é bacana porque assim, eu sei disso de mim, eu sei disso dos meus amigos que são pessoas diferentes, então aquele é realmente um ambiente que te abraça, aquele colégio é um ambiente que te abraça para apreender a ser um bom profissional no futuro, mas ser uma boa pessoa, uma pessoa que consegue as coisas por exemplo assim: tem muitos colégio que incentivam o aluno: “você tem que passar em tal vestibular, você tem que ter tal formação”, mas eles

não te ensinam “pô, você tem que ser uma boa pessoa, você tem que tratar as pessoas dessa e dessa forma” e lá eles te proporcionam tanto um quanto o outro de maneira igual, isso é muito bacana!

**Felipe Freitas:** Fala um pouquinho, você já falou um pouco sobre essa relação professor aluno, ensino, como era o ensino, se era um ensino de qualidade, como era a questão dos alunos na escola, as regras, enfim, tudo que permeia a cultura do colégio, o dia a dia do colégio. Tenta lembrar algumas coisas que te marcaram.

**Regis Neto:** Eu lembro de muitas coisas que me marcaram. Como todo bom colégio, aonde tem muito adolescente sempre teve um ambiente de muita brincadeira, de curtição, de muitos risos e tudo mais, mas também sempre foi um ambiente muito sério. O que eu acho mais interessante que não só os alunos como os professores tinham muito bem o equilíbrio disso, porque assim, raro eram os alunos que não tinham essa mesmo **modus operandi** de “ah vamos tirar uns 30 minutinhos aqui para fazer uma baguncinha, pra trocar uma ideia, pra conversar e tudo mais, e depois pum, gente eu preciso de atenção aqui”, então assim, eu acho que era um respeito mútuo; tanto dos professores de entender que poxa, são adolescentes, eles precisam do momentos deles, quanto dos alunos, a grande maioria, realmente eram 90% dos alunos, eram raros os casos de alunos que não estavam nem aí pra nada, mas esses alunos eles sempre ficaram meio sufocados na dele porque até os outros alunos não concordavam com isso; então assim, realmente era um ambiente onde o ensino foi fenomenal, professores extremamente inteligentes, com formações muito boas, inúmeros professores com currículos impecáveis, uma história acadêmica muito boa, então isso tudo proporcionou, além de ser pessoas muito boas, pessoas que assim, seres humanos fenomenais, de você ir de “busão” pra escola com a sua professora...

É muito engraçado essa relação de “Caramba, eu acordei cedo tô no terminal e minha professora esta no mesmo ônibus que eu, o que que eu faço até chegar na sala pra ter aula com ela? A gente vai trocando ideia do dia a dia!” então assim, isso constrói um vínculo com os alunos, e não foi só uma ou duas professoras, foram várias as professoras que a gente teve essa oportunidade de realmente criar um vínculo, então isso realmente fortalece a questão de “Poxa, ele realmente te uma coisa pra me passar e eu vou apreender” aí quando é o meu momento de passar alguma coisa da nova juventude, eles tinham essa abertura para “Poxa, eu quero absorver um pouquinho pra poder entender o que se passa na minha sala”. Então era realmente um ambiente muito equilibrado no

quesito o aluno tem o seu momento, o professor tem seu momento, e realmente muito desbalanceado em um quesito conteúdo, porque eram professores fenomenais, caramba, que realmente te passavam conteúdo de uma forma que você “Caramba, eu detestava matemática, e hoje eu amo matemática”, então é uma coisa desbalanceada perto de alguns outros casos do aluno entrar odiando uma matéria e sair odiando a matéria eternamente, sabe, mesmo você não sendo bom em algumas matérias, por exemplo: até hoje eu não sou muito bom em biologia, mas todos os meus professores me ajudaram muito, tanto é que: caramba, eu tenho um carinho enorme por inúmeros professores de biologia que eu tive lá.

**Felipe Freitas:** E as regras? Eu lembro que, pelo menos na época que eu estudava no Polivalente, existiam muitas regras, desde o vestuário, desde o comportamento em sala de aula, fora da sala de aula nos momentos de recreação, quero que você fale um pouco de como eram essas regras e de como elas eram formadas?

**Regis Neto:** Cara, as regras, eu hoje com a maturidade que eu tenho eu entendo o porque de algumas regras; na época que eu era adolescente eu ficava “ah porque que não pode blusa de banda, ou blusa de time, tanto faz, cada um tem o seu...”, hoje eu já entendo um pouco mais do porque não deveria ter, sabe. Eu sempre fui um cara, na época eu gostava de usar o cabelo muito grande então eu usava o cabelo tipo gigante, e eu não entendi o porque que eu não podia prender o cabelo com uma bandana, ou uma xuxinha, e o que que tem a ver, usar piercing, brinco tudo mais, hoje a gente entende um pouco; hoje eu entendo um pouco, eu ainda tenho um certo receio quanto a isso, porque eu acho que a personalidade da pessoa tem que realmente ser uma coisa única da pessoa, tirar isso da pessoa é como tirar uma parte dela, eu entendo os lado dos alunos, porque quando eu tenho que entrar em algum lugar que eu tenha que me desfazer dos meus brincos, do meu piercing, tudo mais, eu fico receoso, algum lugar que eu tenha que tampar as minhas tatuagens eu fico meio triste, porque até hoje a gente não pulou essa fase? “Pô isso daí, já parou neah?”. Só que assim, pelo fato da maioria lá ser adolescentes e pré-adolescentes, a gente ainda tem um certo conhecimento do preconceito, ou das piadinhas, das brincadeiras, ou até mesmo a questão do “a minha banda é melhor que a sua, o meu time é melhor que o seu”.

Agora como foram formadas essas regras eu realmente não sei te informar, porque eu caí de paraquedas e as regras já estavam lá, só falaram assim “não você tem que seguir, tal, tal, tal...” eu falei “Caramba!”, aí eu fui nos primeiros meses questionando tudo, e

sempre alguém “não, é dessa, dessa e dessa forma”, sempre de uma forma pacífica na verdade, sempre me instruindo, e eu falava “Ah se é assim beleza”, sempre tinha aquele jeitinho falando “ah, se você puder” aí eu falava “ ah, então beleza” tirava e tals. Então assim, a questão de como elas foram formadas eu realmente não sei, mas a questão de como elas eram trabalhadas é até interessante, porque nunca foi uma coisa assim totalmente imposta, tinha “ah se você puder evitar”, agora realmente eu já vi casos lá em que pelo caso do aluno ter um piercing em determinado lugar que não dava pra tirar e ele justificava, era tranquilo. Pelo menos na minha época era assim.

**Felipe Freitas:** Você acha que a escola era atrativa enquanto estudante?

**Regis Neto:** Cara, eu voltava pra casa revoltado por não ficar mais tempo no colégio, tinha vez que eu ia até fora do horário, durante a tarde ou a noite lá principalmente pra biblioteca, pra ficar com a professora que ficava na biblioteca, eu tenho um carinho muito grande por ela, eu adoro ela. Então tipo assim, era muito atrativo porque te proporcionava essa condição, porque eu tenho pra mim que se o aluno, é um aluno de determinado colégio, e o colégio tem disponibilidade de horário tanto pra uso da biblioteca, da quadra para uso esportivo, recreativo, ou até literário mesmo, tem muitos colégios que a gente não vê a disponibilidade “não a gente te o horário mais a gente não pode disponibilizar por conta das regras”, quais são essas regras que impedem o aluno de usufruir do colégio? Porque se o aluno esta lá ele está usufruindo, então esse é o princípio básico.

Então como lá nunca teve esse negócio de você não pode usufruir, sempre teve: você pode, ah eu falo muito da biblioteca porque eu fiquei muito mais tempo na biblioteca, principalmente no meu terceiro ano, do que dentro da sala, digamos assim. Então a gente tinha alguns limites: “ah, só pode tantos alunos, pra não ficar todo mundo fora da sala”, então são coisas cabíveis e entendíveis, mas de uma forma geral sempre podia ter acesso, sempre podia ter acesso a quadra, horário vago, até depois da aula se conversasse direitinho com os professores “não, a gente consegue” então assim, eu sempre achei a escola muito atrativa por conta disso, me proporcionou muitos momentos extracurriculares, no quesito esportivo, no quesito literário que até hoje eu carrego pra mim, sabe...

**Felipe Freitas:** Antes do movimento das ocupações, você já tinha participado de alguma ação social, política, de lazer ou religiosa, na escola ou fora dela?



**Regis Neto:** Tanto dentro quanto fora; dentro do colégio eu participei do café literário, inclusive participei quase todos os cafés literários lá, inclusive no meu terceiro ano quem foi responsável pela organização do café literário fui eu, juntamente obviamente com o resto do pessoal mas quem deu a ideia, porque o pessoal estava morto; “ah não, não eu falei vamos, vamos, ou terceiro ano nós tem que fazer isso aqui sabe”, então café literário foi o que eu tenho mais em mente, mas também os projetos que a gente teve lá da gincana solidárias foi muito bacana, projetos esportivos para arrecadação de alimentos, tanto para alguns funcionários da escola que a gente que estava passando por um perrengue muito grande naquela época, e de uma forma geral todo mundo, as coisas os preços estavam muito alto, então a gente conseguiu destinar parte para instituições filantrópicas, e outra parte para o pessoal mesmo que trabalhava lá no colégio, a tia da limpeza que tava precisando então a gente conseguiu foi uma parada muito bacana e fora eu fui convidado para aquela Conferência da Juventude

**Felipe Freitas:** Conferência Nacional de Juventude.

**Regis Neto:** Eu participei da Municipal da Estadual que inclusive foi lá em Goianésia a Estadual. No quesito político essa foi a minha maior participação e foi uma participação bem ativa na verdade, e lá foi bacana porque além dessa questão, eu já tinha uma bagagem cultural antes me ajudou muito lá porque, dava para ver que estava com pouco foco nessa questão cultural era mais projetos políticos, eu falei não poxa a gente tá mexendo com isso também mas o que seria da gente também sem um pouco de lazer cultura, e enganjei lá com uma galera que dançava Break também, lá também pessoal de outra cidade e na minha cidade eu danço também, então dá para fazer umas oficinas aqui, a gente elaborar uma oficina do dia para noite e “Rai pô”, a oficina deu gente para caramba foi muito divertido, então dos projetos que eu mais lembro mesmo são esses dos projetos culturais dentro do colégio da questão do regionalismo dos estudos regionais que a gente fazia dos comes e bebes depois com danças e brincadeiras, a questão do café literário que para mim foi a que eu mais me lembro tanto pelo fato de ter tomado muita bronca em várias matérias de vários professores tipo: “você só fica na biblioteca isso aquilo e como você vai passar de ano”, e dessa questão da conferência da Juventude.

**Felipe Freitas:** Antes das ocupações você se interessava por política?

**Regis Neto:** Eu sempre me interessei por política, eu acho que é uma coisa assim que é inata minha, mas também é muito desse ponto é por conta da minha do meu ambiente familiar.

**Felipe Freitas:** Aí você já respondeu as próximas três perguntas que seria perguntar se existe algum a influência da família ou de alguém na sua formação política, mas vamos pular as três, e vamos para a pergunta se existe alguma ideia que foi central no processo de ocupação; quando você pensa nas ocupações secundaristas, se tem um conceito base que você fala assim: “As ocupações é isso, as ocupações conseguiu trazer alguma coisa entre vocês”.

**Regis Neto:** Eu acho assim, pelo menos na época a coisa que eu mais conversava com pessoal, aqueles momentos assim que a gente olhava durante a tarde com 4 horas da tarde e as oficinas tinham acabado o pessoal que não dormia lá ia para casa tudo mais a gente tava lá organizando limpando a escola para poder dormir olhava para um olhar para outro e falava: Caramba mano ocupação acho que é isso mesmo: dá poder ao povo, dá um pouco de representatividade para a gente, porque eu acho que um dos principais conceitos, não o maior, mas um dos maiores é isso: é representatividade para um grupo social que ele está tecnicamente ou ele é categorizado como não capaz, ou com um pouco conteúdo, e que a gente sabe que não é bem assim, a gente sabe que nós somos tão capazes quanto, e muitas vezes temos mais conteúdos, mais conteúdos diversos que eu digo, do que muitas pessoas que já estão na política há muito tempo; e uma frase que eu costumo rebater muito com esse argumento, é aquela assim: “porque na na minha época isso aquilo” porque quando a gente vai pegar pessoas que já tem esse Jabá, a gente fala caramba mas na sua época de juventude foi a quantas décadas atrás, entendeu, então assim, quando a gente vai comparar um político hoje em dia ou uma pessoa que participa de algum, que tem algum vínculo político que seja, por que fala assim “que tá na época a gente fazia assim assim assado” e aí você vai ver a juventude do cara já tá 20, 30 anos atrás e quanta coisa mudou já em 20 anos, e eu falo porque quanta coisa já mudou nesses 5 anos de ocupação, hoje em dia eu olho para mim com as atitudes que eu tinha 5 anos atrás e falo cara se eu tivesse feito um pouco mais disso, disso a coisa tinha até mais tinha chegado a proporções maiores, a proporções mas na qual grupos que não tavam sabendo teriam ficado sabendo na época, que só ficou sabendo muito depois então tipo isso que; eu acho que é um enfoque entender que a nossa juventude ela que é responsável pelas políticas da nossa Juventude. Porque como é que você vai ortogar poder a um cara que não vivenciou que a

gente vive, sabe por exemplo: assim um caso muito grande desse é o supondo lá um cara que foi jovem uns 30 anos atrás na época dele não existia políticas tão fortes quanto existiu contra homofobia, contra racismo, contra a segregação quanto existe hoje só que quem está vivenciando essas políticas de adequação somos nós, nós que fazemos: “ou isso aí tá errado” “ou nós temos que fazer aquilo ali para mudar alguma coisa” e o cara lá de cima muitas vezes não entendi isso, então acho que esse é o principal ponto das ocupações secundaristas: entender que quem ocupa somos nós, quem elabora as coisas para nós tem que ser a gente, tem que ser a gente que tá vivendo a gente que malemar, desculpa do jargão, a gente que tá tomando porrada da polícia da sociedade, que ela fala c\*\*\*\* isso aqui é cultura isso aqui não é bandidagem não brother; poxa se eu tô girando de cabeça na rua isso é cultura isso não é bandidagem, só que sabe como que é a galera mais antiga não vai entender eles não vivenciam, então acho que é isso a ocupação. É vivenciar o que só nós vivenciamos, entender o que nós entendemos, então é fazer o que a gente acha que é bom para nós, porque a gente tá vivendo poxa. Agora a política para juventude sei lá por uma Juventude daqui a 20 anos, quem vai ter que a elaborar é ele, porque é uma sociedade totalmente diferente da qual a gente vive, então a gente tem que quebrar esse ciclo de tirar “na minha época”, na sua época passou agora vamos deixar nova geração fazer a parte deles entendeu: dá poder a nova geração.

**Felipe Freitas:** E tu acha que essas ideias que você colocou aqui de poder ao povo, de representatividade, de vivência tem influência de alguns grupos para você conseguir trazer essas reflexões ou instituições. Instituições que eu falo é família, escola, igreja, enfim... as instituições que você passou na sua vida, talvez te auxiliou a criar essas ideias?

**Regis Neto:** Nossa demais da conta, no quesito familiar principalmente, porque assim minha família é uma família de gente preta, gente pobre e gente realmente assim, excluída da sociedade. O meu pai ele participava muito de grupo de dança de rua e direto, era criança sei lá 6, 7 anos de idade, meu pai me teve muito novo então na época ele tinha uns 25, 24, 25 anos, chegava lá cheio de porrada, de tomar um porrada pra caramba porque? porque o cara estirou um papelão no chão e foi dançar foi colocar música, e tá entendendo? é porque vocês é tudo vagabundo vai arrumar um trampo e tals, mas cara você fala poxa, isso aconteceu, isso aconteceu com ele, aconteceu comigo, e porque assim a gente não muda isso? Poxa eu faço parte da cultura negra não só pelo fato de: “a eu sou negro obrigatoriamente eu tenho que fazer parte da cultura negra”, quando a gente se engaja de falar assim ah caramba: “é a minha cultura, é a minha raiz, porque eu não tô

fazendo algo, porque eu não estou mostrando, que poxa, faz parte de mim, eu tô deixando matar uma parte de mim”, entende?

Assim, lá em casa a gente tem três orientações sexuais diferentes, dentro de uma mesma casa, então assim são três pessoas com três e vivências diferentes, três gostos diferentes. Então como que a gente não vai defender isso, deixa isso morrer, falar assim: “ah não a gente tem quer aceitar o que eles falam, eles estão certos” “não!”, eles não sabe que a gente vive, então essa bagagem de: se você acha que você tá certo luta por isso luta pelo mecanismo certo, sempre tem um mecanismo certo para você defender tal causa ou causas. Então o quesito familiar ajudou muito, e quando eu fui para o colégio e isso só subiu porque aí eu tive muito mais bagagem que eu falo assim teórica e desconhecimento bruto, te dizendo: “não tal tal tal coisa, é isso de acordo com a história desde lá da época da escravidão tudo mais então assim quando aconteceu a separação dos reinados que quem era rico, ficou rico quem era pobre, era para continuar pobre”, então assim todo esse conteúdo de vida que eu tenho da minha família de conteúdo teórico que eu tenho do colégio me ajudou muito, tanto é que no meu trabalho hoje em dia pelo fato de eu ser o mais novo eu sou que tem as ideias mais controversas do pessoal que tem lá seus 50 60 anos, aí quando eles vai trocar ideia comigo eles falam assim: “Ué não é que eu nunca tinha parado para pensar nesse ponto de vista”, mas por que eles viveram uma sociedade onde era comum tudo que a gente tem como absurdo.

**Felipe Freitas:** Como que começou o movimento de ocupação na sua escola, tu lembra?

**Regis Neto:** Caramba, eu lembro de quando me mandaram mensagem, tipo assim: “não Regis, aparece aqui a gente já tá ocupando o colégio” e eu: “que?”, “não isso é aquilo a gente já vai começar a trancar o portão”, eu falei assim: “cara que que vocês vão fazer? Cadê os professores? o que que tá acontecendo?”, eu fiquei sem entender nada né, aí ele: “não sabe das ocupações que tá acontecendo?” eu disse: “não, sei, tava passando no jornal, lá no Rio, em Sampa, não to ligado, mas tá acontecendo a mesma coisa aqui?”, aí acho que foi o (?) me manda mensagem, foi o (?), nossa eu tô falando nome do cara você vai cortar né? Aí ele falou assim: “não tá acontecendo mais ou menos chegar aqui que a gente vai te explicar”, eu nem quis saber o que que era, eu falei assim poxa se o pessoal que eu conheço que é o pessoal que briga pelas mesmas lutas que eu, luta a mesma luta, tem o mesmo cotidiano de guerra que eu, uma guerra assim entre miúdos né, então alguma coisa tá acontecendo, eu vou lá para ver o que que é!

Então eu fui primeiro de curioso, eu falei: “não quero ver o que que é”, quando eu vi o que que tava acontecendo, qual era a proposta, e o porquê que isso tava acontecendo, chegou a isso aquilo na OS’s, Mano eu falei: “mano quando eu falar OS’s eu falei: nossa vai dar muita m\*\*, onde esse trem colocou a mão na saúde só deu bagunça, meu Deus do céu, porque assim eu já estava estudando para concurso, eu sempre gostei muito da área da saúde, e sempre tive a questão de querer entrar na área de saúde, e por esse fato eu sempre estudei muito sobre, e a gente tem inúmeros casos que aonde as OS’s colocou a mão na saúde, acabou, acabou, acabou com tudo. Eu falei: “mano se isso acontecer que acabou com tudo ainda mais em Polivalente que é um colégio aonde a nossa liberdade de expressão é alguma coisa assim muito valorizada, não digo que ela é totalmente Libertinária, mas ela é muito valorizada, tem aqueles pontos que olha, tal coisa assim a gente prefere que não aconteça, a gente entende, porque a gente também não vai chegar e vai querer mudar as coisas de uma hora para outra, mas é devagar a gente vê que a gente tem liberdade para isso; e pelo que a gente conhece tanto dessas organizações como das organizações militares, onde a pessoa suga toda sua sua personalidade e fala assim:” f\*\*\*-se quero que ele joga fora eu falo que você tem que ser tal tal coisa”. eu falei: “nossa ainda mais eu que a galera que nem cabeludo, que gosta de uma fita mais alternativa, não mano vamos ver o que que é”, aí eu sentei conversei com você e foi a mesma época que eu conheci você, e você me falou não é dessa, dessa forma eu falei: “não cara a gente realmente tem que fazer alguma coisa aqui”, aí daí para frente eu entrei no movimento até o máximo que deu.

**Felipe Freitas:** Vocês chegaram a utilizar alguma cartilha ou um material que explicava como organizar uma ocupação, como por exemplo a cartilha “Como Ocupar uma Escola”.

**Regis Neto:** Caramba, eu não não eu não sabia da existência dessa cartilha, eu fui saber dessa cartilha quando você me mandou o roteiro, aí eu falei: “caramba!” aí eu fui dar uma olhada, dá uma olhadinha e falei “nossa eu não sabia disso naquela época”, mas o mais engraçado é o seguinte, é que a gente meio que tinha, não é um roteiro, é uma coisa assim “a gente, é dessa e dessa forma forma, tá acontecendo tal tal, a gente pode fazer dessa dessas”, tanto que na primeira reunião que a gente teve, lá naquela sala de cinema, vocês vieram com a papelada, todos negócio foi explica olhando para gente explicando para a gente, e eu falei: “caramba!”; então não sei se foi como a cartilha, como ela é hoje, porque já são cinco anos, mas sim, a gente teve não só no começo quanto durante a gente foi elaborando o nosso próprio projeto, que a gente tinha que se adequar nossa própria

realidade Anapolina, porque é uma dessas cartilhas pelo menos que eu entendi dela é uma coisa assim: o bruto para se adaptar, então a gente meio que adapto as coisas assim “Puff, não dessa forma vai acontecer porque nós sabe...” então realmente a gente teve só que a gente foi adaptada muitas coisas mas com o decorrer, principalmente a questão da confecção dos cartazes, de entrar em contato com grupo de docentes do colégio, que nossa alguns foram muito fácil outros foram uma tranqueira para conseguir falar para você viu, mas assim graças a isso esses mecanismos a gente meio que conseguiu.

**Felipe Freitas:** Como vocês decidiam o que ia ser alterados da cartilha, como vocês iam agir em alguma circunstância?

**Regis Neto:** Pelo fato da gente ser um agente nunca denominou um líder, sempre foi uma questão assim que votação, “a o quê que vocês acham disso? - ah eu não acho...”, então sempre foi uma coisa debatida ponderada e pontuada; como a gente ponderava os assuntos os fatos a tal tal a gente pode ir trabalhar dessa forma, como vocês acha? aí vem as votações, o que tem que ser mudado? aí vem as votações estão sempre alguma coisa assim eu não digo 100% unanime, porque sempre tinha alguma divergência do ponto de vista de um outro o outro, mas sempre uma coisa bem democrática.

**Felipe Freitas:** Legal, porque você participou da ocupação?

**Regis Neto:** Primeiro porque, eu ia falar um negócio muito errado mas um linguajar muito... tem que pensar muito para não falar, porque acaba falando coisa errada aqui. Mas de uma forma geral foi realmente por conta disso, por saber: caramba porque os caras estão fazendo isso sem aprovação de ninguém, só vai chegar e fazer e pronto acabou! Ninguém tem o direito de pensar: “Poxa porque?” ou “Nossa eu não gosto dessa ideia, por que tá acontecendo?” Então a partir do momento que a gente sabe que existem essas coisas, não o trem só chega acontece pronto, e a gente só vai saber quando o trem já está instalada... porque desculpa a sinceridade mas foi super jogatina, aquilo foi uma época que não tinha mais ninguém no colégio para falar: “Opa tem alguma coisa errada!”, os cara escolheram a época de férias para quando chegasse o próximo ano também já tava lá tudo feito, então alguma coisa errada tá aí para não abrir ao público entendimento do que que vai acontecer, porque que está acontecendo. Então assim eu sempre fui um cara que não gosto de ser deixado para trás, você passado a perna, e ser passado a perna pelo órgão que deveria estar auxiliando a gente, é uma dor assim incalculável, porque sim

caramba os cara deveria estar pela gente e eles estão contra a gente, isso é a causa principal.

**Felipe Freitas:** Quanto tempo você participou da ocupação?

**Regis Neto:** Eu fiquei desde o primeiro dia, eu não me recordo quanto tempo foi, mas eu sair um mês antes, um mês e meio antes dela acabar total, de realmente acabar toda aí foi por motivos pessoais né tudo mais. mas eu fiquei praticamente nela toda

**Felipe Freitas:** Tu ficou, eu estava na ocupação, então eu sei em parte. Você ficou em dois colégios, você poderia me dizer um pouco sobre esse processo, quanto tempo você ficou no Polivalente, quanto tempo você ficou no Herta Layser? Como foi esse processo de ir para o Herta? Porque você foi para o Herta mesmo sendo secundarista do Polivalente.

**Regis Neto:** Cara eu fiquei, eu acho que eu fiquei quase a mesmo tempo nos dois, foi pouca coisa que eu fiquei a mais no Polivalente, porque até que a gente conseguiu organizar as coisas para poder ir para o Herta se passou um tempinho, acho que foi uma coisa de uma, duas ou três semanas á mais um pouco no Polivalente. Minto até um pouco menos, uma semana e meia uma semana; e o principal fator de eu ter ido para o Herta foi porque o pessoal do Herta foi atrás da gente, eles viram a coisa aconteceu e falaram: “poxa aí nosso colégio também tá na lista...”, e aí entendeu? Aí eu falei caramba realmente né, aí o pessoal foi atrás da gente, só que o grupo deles era muito pequeno de pessoas, diferente do pessoal do Polivalente que sempre foi instigado a pensar pela sua própria cabeça, e por buscar essa questão de: “nossa a gente precisa entender de política”, lá no outro colégio eram poucas as pessoas, e eu falo porque aquele colégio, é o colégio da minha comunidade, eu moro lá próximo só que eu estudava no Polivalente. Aí como eu conhecia aquele cotidiano, conhecia tipo 80% dos alunos de lá eu falei: “não tem que ajudar esse povo daqui, eu tenho que dar um jeito”, e a gente foi, foi atrás do grupo docente, lá raríssimos as pessoas do grupo docente lá que eram que estavam do nosso lado diferente de alguns outros colégios que a gente conseguiu o grupo docente em maça apoiar a causa e tudo mais, então assim, principalmente da questão da diretoria que na época cara foi ferrenha atrás da gente, se dependesse da diretoria e a gente dormia na rua, na calçada porque não queria nem abrir Colégio, até que a gente foi conversando, conversando, conversando dando um jeitinho e acabou conseguindo, então assim foi um pouco mais difícil por conta disso; pelo não conhecimento dos alunos, pela restrição e

medo de retaliação que a diretoria tava tendo/teria e acabou tendo um pouco dos pais dos alunos mas principalmente a retaliação aconteceu por desinformação da própria diretoria; a diretoria não sabia o que estava acontecendo, passou umas coisas para os pais, os pais ficaram sem entender nada, achou que a culpa era nossa, até que a gente foi conversar com os pais e explicar aí que eles entenderam a questão, então assim foi um pouco mais complicado lá no Herta Laysner, mas foi muito gratificante lá, a gente também teve muito bastante oficinas lá e tudo mais, e a galera que participou lá diferente do pessoal do Polivalente que a grande massa foi os alunos e os parentes a galera que participou lá no Herta Laysner foi uma galera esporádica da própria comunidade; apareceu uma senhorinha lá é bem velhinha 60, 70 anos e foi lá ver o que que tava acontecendo, não sabia o que que era e foi lá, e eu falei: “caramba que da hora o pessoal da comunidade!”, os vizinhos lá do prédio Senhorzinho, tinha, até tem um comércio lá do lado, o cara lá do Comércio falou: “não o que que vocês estão precisando, isso aquilo, eu gostei da ideia de vocês sabe caramba” porque assim no Polivalente a gente foi muito nós por nós, assim teve muito auxílio mas quem fazia a mediação do auxílio que a gente estava tendo aquela alimentação, dos materiais de limpeza para tá cuidando do colégio todo mais, foi a gente e os nossos familiares, lá não pessoal da comunidade olhou e falou: “nossa que doido!” e Pumba brotou lá do nada, isso é muito bacana, foi complicado mas no final foi bem gratificante.

**Felipe Freitas:** Tu sente uma diferença entre um colégio que esta dentro da comunidade como o Herta, de um colégio grande e que vai para além dos moradores do bairro como é o Polivalente?

**Regis Neto:** Demais da conta, eu falo porque na segunda Escola Fundamental que eu estudei, que a escola lá do meu bairro, 90% dos alunos que estudam lá vão para o Herta, e lá do lado do Herta tem mais três escolas fundamentais, então são quatro escolas fundamentais e todas essas quatro escolas vão para o Herta, então nunca saiu daquele convívio, raros são os casos de alunos que vem de longe; diferente do Polivalente que tem um colégio assim que agregou alunos do outro lado da cidade entendeu, então a gente vê que são vivências diferentes.

Onde existe uma pluralidade de pensamentos de quesitos socioeconômicos, porque ela tinha de tudo no Polivalente, tinha até nego bairro distante do centro, de bairro carente, até gente lá dos bairros mais... até de condomínio fechado tinha gente que



estudava lá, então você para e pensa caramba, o cara tem oportunidade do cara pagar qualquer Colégio mas ele tava lá, porque que ele tava lá? Essa diferença de pessoas a gente vê que, caramba faz uma diferença porque quando você troca ideia com uma pessoa que tá de um lado da cidade, aí você troca ideia com outra pessoa tá lá na mesma sala que você que mora lá do outro lado da cidade, você diz: “Poxa!” essa pluralidade ajuda muito; diferente do outro colégio, como as pessoas estão inseridas naquela mesma rotina dele, onde eles estudam na escola do bairro, vão para o colégio do bairro, trabalha nas lojinhas do bairro, e raramente vou no centro para pagar uma conta, comprar uma coisinha assim ou outra, então assim assim, você ver que realmente esse regionalismo esse bairrismo entre aspas, então assim você ver que as pessoas se apegam demais, elas tem muito temor a mudanças que podem acontecer, eles estão habituados a rotina deles a vidinha deles que qualquer coisa que fuja do que eles conseguem palpar ou entender já é motivo de um alvoroço total, e foi o que aconteceu lá, principalmente no começo nas duas primeiras semanas que a gente estava lá.

**Felipe Freitas:** Houve alguma organização ou movimento como partido, sindicato, outro grupo que participou ou ajudou a ocupação? Caso sim quais foram e como foi essa ajuda?

**Regis Neto:** Cara, eu não me lembro de todos, mas tem dois que eu me lembro, que foi a alguns advogados da OAB, eles foram lá para tá auxiliando a gente no quesito de advocacia caso fosse necessário; e também o pessoal da UniEvangélica, eu me lembro que alguns estudantes da Unievangélica inclusive que alguns eram ex-alunos passou a informação para os alunos do curso, mesmo que não eram estudantes, lá foram, lá ajudar a gente, alguns até deram aula reforço, ajudaram a gente nas oficinas com reforço escolar, os alunos de algum curso de engenharia que eram bons em matemática foram lá e ajudavam o pessoal que tava ruim em matemática; e são as duas instituições que eu me lembro assim, eu não me lembro de outras, até porque eu não tive contato com as outras, eu já estava distante ou fazendo outras coisas na época mas que eu me lembro bem mesmo só essas duas.

**Felipe Freitas:** E o Grêmio? Existia Grêmio na sua escola? Caso sim qual foi a participação dele na ocupação?

**Regis Neto:** Não tinha, eu acho que o último ano foi o ano que vocês estudavam lá, tanto é que no meu ano não teve mais, aí eu não sabia como fazer, o pessoal já estava tão engajado no quesito cultural do colégio, da questão do café literário, do grupo de leitores

do grupo de declamação, que a gente tinha, que a gente fazer poema para poesia e de tudo mais que eu acabei focando só nessa; então acho que ninguém se interessou no engajamento para grêmio estudantil na época.

**Felipe Freitas:** E agente jovem existia?

**Regis Neto:** Não que eu me recordo.

**Felipe Freitas:** Você chegou a fazer parte de algum coletivo durante a ocupação? E esse coletivo ainda existe?

**Regis Neto:** Não, não participei.

**Felipe Freitas:** Houve conflitos internos durante a ocupação? Comente.

**Regis Neto:** Conflitos internos entre os pessoal acho que teve só na... pelo menos o que eu participei de um conflito, mas não foi um conflito, foi uma discussãozinha calorosa na verdade, foi essa questão de: “Poxa a gente tá precisando de ajuda no Herta, porque o pessoal não tá indo para o outro só tá deixando um pouco a gente lá?”, porque o pessoal tava muito apegado na minha escola o meu colégio, chegou no momento em que a gente tava ocupando 6 colégios, e a galera dos colégios estava cada um nos seus colégios, até para reunir para fazer as manifestações na rua tava complicado, porque tinha que disponibilizar a gente: “vamos lá!” então teve que falar: “não gente colégio aqui é Colégio, a gente tá todo mundo na lista negra do governo então ele já tá todo mundo no mesmo barco saca!”, então aconteceu uma discussãozinha calorosa nem esquisito tinha gente que não queria auxiliar os outros colégios, até nessa questão de distribuição de alguns alimentos que ela estava precisando material de limpeza tudo mas um certo receio do pessoal do distribuidor compartilhar na verdade!

**Felipe Freitas:** Quais foram as principais dificuldades que vocês passaram durante a ocupação?

**Regis Neto:** Eu tenho lá no Polivalente, foi a dura da polícia, que puts grila, umas parada tão nada a ver que os cara estava alegando que meu deus do céu. A gente sempre sabe que vai ter uma dura dos guardas do governador, que a gente sabe que na época tava bem assim mesmo tava bem explícito, porque o pessoal que eu falo assim, dos policiais militares que apareceram lá, pelo menos os fardados eles tinham modo operandi de uma forma, e os P2 que tava aparecendo lá meu amigo, você sabia que era cachorro mandado,

desculpa o jargão, mas era cachorro mandado sim a gente sabia. Esse foi um dos quesitos mais complicado, e principalmente nesse quesito a gente teve que trabalhar muito a questão das rondas noturnas, sempre tinha que ter alguém acordado para ver se não tinha jogado alguma parada lá dentro para depois querer colocar a culpa em nós. Pra falar: “Ah os caras tão usando isso aqui, tá virando bagunça!”, então sempre teve esse quesito lá, no Herta Laysner também teve esse problema, inclusive os caras chegava lá e cortavam a energia desligava e tinha que sair “nego” no escuro para poder ligar a luz lá com medo porque você não sabe se tá lá algum dos caras pra te dar uma dura e tals. E a questão complicada lá no Herta também foi essa questão que eu já tinha falado do grupo de diretoria com os pais, porque a direção não sabia o que que era, passou para os pais, os pais ficaram com medo, os pais passaram medo para os filhos, depois vai trocar ideia com nós, até explicar que focinho de porco não era tomada, que não era daquele jeito.

E o diretor eu realmente não entendi o que passa na cabeça do diretor; com a gente ele tava não isso aquilo: “tô com vocês vamos juntar os pais para conversar!”, quando junta os pais para conversar meu amigo, o discurso do cara foi totalmente contrário: “porque eu não estou junto com eles, a ideia foi deles” isso aqui quebrando o pau em cima, eu olhei para o lado, olhei para o outro: “Uai que que você tá falando cara você não falou nada disso” eu não entendi por que? medo de retaliação do cargo que ele ocupa, então assim eu não tô julgando o cara, eu entendo esse medo do cara, mas eu entendo que ele foi muito mais covarde em ortogar culpa em criança adolescente de 16, 17 anos do que um cara de 40 anos assumir as coisas, então realmente foi uma covardia imensa isso, mas casos a parte isso acontece.

**Felipe Freitas:** Vocês se organizavam em comissões, você participou de alguma comissão durante a ocupação e quais foram as tarefas que você desenvolveu durante a ocupação?

**Regis Neto:** As duas principais que eu participei, eu sempre ajudava a todas, mas as principais que eu participei foi a da limpeza, para revitalização do colégio, porque cara o mato tava grande, a gente foi lá capinar mato, foi varrer, foi pintar trem, foi lavar banheiro. Porque as tia da limpeza não tava lá, mas a gente também não pode bagunçar e deixar, e a questão assim da parte cultural também a questão das danças, a questão também da capoeira, que a gente tinha uma galera que foi lá e viu que a gente e falou: “ah vem cá vamos fazer aí, vai dar certo!” principalmente porque lá no Polivalente além de

mim, tinha muito pessoal que dançava, o colega nosso também jogava capoeira então ele sabia como fazer as coisas, então muito mais graduado do que eu nesse quesito para ensinar tanto, mas lá no Herta Layser não tinha, aí eu peguei e falei: “não me arruma uns tatames aqui, vamos dançar levei o meu aparelho de som, meus materiais de dança, ensinei um Workshop para os meninos, na época eu tava muito engajado também na dança, então assim tudo que eu pude aprender passar para as meninas: “não vamos fazer isso aqui tal coreografia”, tanto que é que na época da ocupação os meninos saíram de lá sabendo dançar 5 coreografia diferentes, coisas assim que demora uma semana, duas semana para prender, o pessoal já tava tão animado porque não tinha nada para fazer lá, o pessoal chegava lá na ocupação e olhava para a cara do outro, “e aí o que que a gente vai fazer aqui?” e eu falava: “não, vamos dançar, vamos dançar”, e dançar as músicas que os meninos gostavam e tudo mais, e a galera lá da minha comunidade é uma galera muito ligada essa questão do hip hop, uma galera que assim que é uma ânsia muito grande pelo movimento hip hop, então qualquer um que roda de cabeça lá: “nossa que daora, quero aprender”, isso foi uma coisa que me ajudou muito.

Como eu já sabia, eu falei: “não vou apertar esse ponto aqui, e aqui que eu vou ganhar o pessoal”, que eles vão entender aqui que a gente que vem da rua a gente tem que brigar pela rua, e quando eu falo brigar pela rua não essa parada de gangue tá ligado? É brigar pela nossa comunidade, a rua é a nossa comunidade, brigar pelos menor da nossa comunidade não se envolver com crime mano, saca? De ter oportunidade de estudar, de dançar, vamos fazer cultura, vamos grafitar um muro, manda uma arte ali, vamos pintar ele, vamos deixar um bagulho bonito colorido, vou chamar atenção do povo, arte, então foi ali que eu consegui ganhar o pessoal!

A principal coisa que eu me lembro foi essa, e também como não eram todos que gostavam de dançar, por vergonha, alguma coisa, a gente foi na parada da leitura, eu gosto muito de escrever, e eu falei: “não vamos fazer uma parada aqui, vamos fazer cartaz com poema”, e a gente colou lá do lado de fora na grade os poemas de autoria do pessoal eu falei: “caramba esse pessoal tem talento para isso!” muitos lá tem muito talento, inclusive uma colega que ela até conversa muito com ela hoje em dia tem talento demais para escrever, e uma coisa que ela descobriu lá que ela nunca tinha escrito, ela descobriu lá e até hoje ela escreve então uma parada muito massa.

**Felipe Freitas:** E tu lembra quais eram as ocupações que existiam, mais ou menos, além destas que você...

**Regis Neto:** Caramba, eu me lembro da do colégio, e tava tendo a uma outra, acho que foi numa câmara alguma coisa assim não foi? Só que ela tava meio desvinculada gente, foi lá em Goiânia se eu não me engano, foi na mesma época; eu realmente não me recordo mas foi alguma coisa assim uma parada, tanto que é que nem foi os secundaristas estavam lá, já era um pessoal mais ativista da política mesmo, que eu me recordo só essa que foi só essa, porque foi na mesma época sabe.

**Felipe Freitas:** Mas de comissões no Colégio, você disse: ah tinha comissão de limpeza, de cultura; tinha algumas outras comissões que você se lembra?

**Regis Neto:** Ah sim! Tinha o pessoal que divulgava nas redes sociais, divulgava para os pais que chegavam lá, auxiliavam os pais como a tirar dúvida e tudo mais, tinha um pessoal que cuidava da biblioteca, porque naquela época a biblioteca e a quadra elas ficaram abertas ao público, então tinha alguém monitorando lá: “não vamos lá um livrinho aqui, ah não pode sair com o livro porque não é propriedade nossa da escola, mas você tá aqui você pode ler!”, você pode ter os materiais das bolas, a mesa de tênis de mesa tava tudo lá disponível para o pessoal, então tinha essas comissões do esporte; tinha um pessoal que ficava em prol de cozinhar, que caramba, que comida gostosa mano, muito boa mesmo. Tinha o pessoal lá também dos Workshop, que a gente teve, a gente teve muito bacana o Workshop de teatro, de dança, de cinematografia que caramba, foi sensacional aquele workshop de arte no caso de desenho, tudo mais, então assim realmente teve muitas comissões diferentes, a gente nunca tinha tempo para ficar à toa, igual o pessoal falar: “os estudantes tão à toa, tão fazendo nada!”, a gente sempre tava fazendo alguma coisinha foi muito bacana.

**Felipe Freitas:** E qual foi a importância da internet e das redes sociais para a Ocupação? E se elas foram positivas ou negativas.

**Regis Neto:** Cara essa questão a rede social ela nunca é 100% positiva, sempre vai ter um algum espírito de porco lá que vai utilizar o mesmo vínculo que você usa para denegrir o movimento, e aconteceu demais, tinha a questão assim lá: “os alunos estão dormindo lá, e eles estavam usando droga, tá rolando orgia e tremedeira!”, aí você vai ver quando a gente chegava lá tinha 5, 6 “negos” dormindo todo mundo babando, roncando, realmente

assim, e quando tinha os outros que ficava acordado pelo aquele quesito que eu falei para você da dura da polícia tudo mais, mas tipo assim é coisas absurdas falavam uso de droga lá dentro, e quando você via lá tinha um pai de família lá, teve um dia inclusive que a gente abriu que teve show de rap lá, tudo mais, e durante o dia durante a parte da manhã do acontecido geral na redes assim: “Ah porque o pessoal tá lá para usar droga!” quando o pessoal chegou lá, os pais de família com as crianças de 5 e 6 anos de idade no show de rap dos cara, os cara cantando, fazendo rima, e caramba falando poxa o que a gente usava para divulgar, sempre tinha um outro que ia lá para fazer alguma coisa, e quando a gente ia ver quem que era a pessoa, que a gente entra no perfil da pessoa, nunca nem viu na cidade, a pessoa então a gente falava assim: “caramba, quem que é essa pessoa, que eu nunca nem vi essa pessoa no colégio, ela nem é do bairro entendeu?” então assim foi muito benéfico essa questão da do compartilhamento de informações que a gente tava tendo lá dentro, tipo: “Ah não gente a gente tá fazendo, quem tiver com dificuldade a gente vai ter uma oficina de matemática para quem quiser um reforço escolar tudo mais”, mas sempre teve também os lados negativos, sempre os vínculos e os lados negativos eram muito apelativos no quesito usuário de droga, prostituição, e trenhera, e cara não tinha nada disso lá entendeu?

**Felipe Freitas:** Vocês fizeram discussões sobre quais assuntos durante a ocupação e como foram feitas essas discussões?

**Regis Neto:** A gente teve muita muita discussão, nesse quesito principalmente, sobre tipo assim: o que que está acontecendo no nosso cenário juvenil; hoje em dia a que ponto chegou para tá acontecendo essas ocupações; o que são, e para que servem as OS's, porque não adianta você brigar com um monstro invisível que você não conhece, então muitos alunos estavam lá no movimento sem nem saber o que que era OS's, descobriram o que era uma OS's através do movimento, entendeu? Então nunca foi um tiro no escuro, a maioria das conversas que a gente teve foi isso, foi realmente não só levado para o quesito de: “Ah, ocupar, movimento, mídia, isso aquilo”, não, tinha uma parte política, tinha uma parte realmente muito bem estruturada de política por trás de desenvolvimento político da sociedade desde lá da época do militarismo a gente começou a pegar de lá, gente “Poxa naquela época, estava acontecendo tal, tal, tal coisa, com as OS's não são iguais mas acontece tal, tal coisa, a gente tem alguns exemplos dos Colégio Militar que acontece tal, tal coisa” e foi desenvolvendo um papo que foi acontecendo de um

acontecimento histórico para um acontecimento cotidiano, em inúmeros pontos, no ponto social.

Poxa gente a gente tá no colégio aonde a gente abraça todo mundo, então por que é diferente isso, nossa a gente tá aqui o que que vai acontecer tal coisa quais vão ser realmente os alunos que vão continuar poder continuar aqui? Porque não vai ser todos os alunos que vão se adequar! Porque tal aluno é cabeludo, o outro tem um piercing, ou a Sexualidade de tal aluno muitas vezes pode não ser aceitado, ou se “aceitado” muitas vezes pode ser rotulado. Então “Poxa que ponto que a gente vai ter que chegar, vai ter que chegar a tal ponto para depois a gente poder brigar para que não aconteça?”. Então foi essas discussões mais pautadas que a gente teve: então assim o que que você sabe e o que que vai acontecer com você, e o que você tá sabendo de tudo como isso vai influenciar você ou influenciar os seus familiares que vão tá estudando no colégio entendeu?

**Felipe Freitas:** Durante a ocupação o que foi mais gratificante para você e o que foi mais frustrante? Comente.

**Regis Neto:** Mais gratificante para mim, no momento em si, foi esse apego que a gente teve por inovar no quesito assim: “poxa tal aluno gosta de tal coisa, vamos fazer uma oficina sobre isso! Ah poxa aquele aluno tá péssimo, então quem é que é bom em matemática? Você pode ajudar aquele cara ali? Não na hora!”. Poxa então que mais nem abrilhantou os olhos foi essa disponibilidade de saber: “poxa, sou bom em alguma coisa posso ajudar aquele menino, se aquela pessoa ruim tal coisa ela pode me ajudar!” que isso é o colégio esse deveria ser o ambiente escolar, não só de aluno para professor como de aluno para aluno entendeu? Então esse é o ponto que assim, esse é o ponto que mais... mesmo com todos os problemas que a gente teve, com todas as duras, com todas as dores de cabeça, foi a coisa que mais me fez querer tá lá dia após dia, por causa disso, todo dia era uma expectativa nova, “Poxa quem é o que vai ajudar o próximo aqui, o que que tá acontecendo, o que que a gente vai elaborar aqui para fazer uma parada nova?” e isso foi muito bom sabe.

E eu acho que a parte mais complicada, que mais me frustrou, foi essa questão de muitos dos moradores da comunidade, brigar contra a gente, assim eu não vou ser hipócrita de dizer que o benfeitor não pode ter dura de ninguém, cara a gente sabe que ninguém agrada todo mundo, certo? Nem todo pensamento que pode ser bom para mim,

para você, para terceiros, vai agradar os terceiros entendeu? A gente sabe disso as coisas são dessa forma, mas o pessoal esquecer que poxa, eles já tão pagando por isso, eles já têm o direito de tal coisa, e aí vem um cara sucatear e outorgar terceiros e tu vai pagar duas vezes o trem! ‘Ah mas eles não podem, isso, aquilo!’ eles não podem, não podem, mais a gente sabe que sempre pode acontecer, sempre tem jeito de acontecer. Então tipo assim, a pessoas não abrem os olhos para pensar: “caramba, que ele tá fazendo isso não é dever do Estado? Porque ele tá tendo que, o estado não tem dinheiro para isso? Aonde está sendo jogado o dinheiro que deveria ser os colégios, entendeu?” Então essa é a parte que o pessoal esquece, o pessoal ver o movimento, mas não vê o de trás do movimento, não só a parte positiva do movimento, que eu falo assim das ocupações, mas também a parte do governo; eles esquecem, eles só querem ver... o povo se liga muito para treta, enquanto eles puderem fomentar a discussão eles vão estar comentando ou para um lado para o outro, a gente sabe disso, tanto é que alguns momentos a gente teve que cortar alguns integrantes que os caras já tava querendo fomentar a discussão, cara e a gente falava: “Gente não é assim, a gente não vai ganhar briga na violência, tem que ser com calma tem que ser com jeito, a gente tem que mostrar para eles que a gente é diferente!”, então essa fomentação foi uma coisa assim que realmente às vezes a gente tem que segurar, tinha que ter paciência porque foi difícil!

**Felipe Freitas:** Quais eram os principais objetivos da ocupação, no seu entender? Você acha que eles foram conquistados em algum aspecto?

**Regis Neto:** Sim, o principal, eu não vou falar o principal, mas um em cheque foi a questão da instalação das OS’s, coisas que foi derrubada, ainda bem. Mas assim, para mim como indivíduo particular e membro das ocupações, integrantes das ocupações, que eu digo o que eu mais vi foi essa de realmente saber: “Poxa não sou o único que acha que política é importante para a juventude, tem mais gente como eu da mesma faixa etária que eu, que também tá lutando a mesma briga, que comprou a briga entendeu; E o que exemplo que eu falo tipo comprar briga é realmente comprar briga, de falar poxa eu não sei o que que é isso; então vamos descobrir o que que é isso vamos entender o porquê que a gente tá brigando contra isso não é só brigar por conta de um Monstro Invisível, não é só tá lá para só para fazer peso, não, tinha um porque tá lá. Mais o que eu mais coloco em Foco assim que fez uma diferença muito grande para muitos lá, alguns que já se interessaram por política, outros que começaram a se interessar por política, aí hoje que eu tenho conhecimento que não estão na política propriamente dita mas participa de



grupos que fazem um trabalho em prol da comunidade, que vivem sabe; inclusive eu sou um deles de uma área, e a área que eu não sou muito bom que eu não consigo, eu vejo que tem muitos colegas que estão lá, poxa, então eu sou bom nisso aqui eu vou ajudar a comunidade dessa forma.

**Felipe Freitas:** Então você acha que um dos objetivos da ocupação foi também esta formação política dos indivíduos para participar da vida política da comunidade, não da política tradicional partidária, mas da política da vivência?

**Regis Neto:** Sim, isso eu falo pelo menos lá no meu bairro foi muito categórico isso, foi como uma injeção de ânimo porque eu vi assim a minha turma de adolescentes dos meus colegas de badeco, de correr na rua descalço, todo mundo hoje em dia os cara realmente fazem pela comunidade; uns trabalham na comunidade, outros fazem projetos culturais para a comunidade, entendeu, então assim você para e pensa caramba o que começou alguma coisa assim que a gente não sabia que ia dar certo, de alguma forma deu certo porque tem gente lá batendo de porta em porta para saber como é que estão os moradores do bairro: “não como é que você tá? não só vem aqui a sua residência você tá precisando de alguma coisa?” tá certo a gente não... não vou sair não quis dizer que a gente faz tudo de graça, porque ninguém vive de graça, mas o enfoque o que esse pessoal teve de arrumar alguma coisa rentável para ser sustentar que auxiliam comunidade foi de pelo menos 70% do pessoal que eu conheço sabe ou tão trabalhando como agente saúde abre no mercadinho e fazendo cestas para o pessoal do bairro então tipo caramba, o cara abriu o mercado para comunidade dele e sempre tira uma parte do que rende do que entra destinada a quem não pode comprar. Poxa aonde é que o cara aprendeu isso? aí eu fui trocar ideia aonde este aprendeu e cara, “não cara aprendi lá na ocupação!” caramba ser pela comunidade, entendeu?

**Felipe Freitas:** Como a sua família reagiu à sua participação na ocupação?

**Regis Neto:** Cara foi muito suave na verdade, a minha mãe tava na ocupação comigo entendeu, minha mãe dormiu lá comigo, minha mãe meus irmãos, então tipo: nesse quesito eu acho que foi muito bom, porque assim um dos maiores medos que muitos ocupantes tinham é a retaliação familiar; Retaliação da população a gente já sabia que ia sofrer, mas muitos lá tinham medo da retaliação familiar, entendeu? O pai pensava que moleque tava lá de vagabundagem; ou que filha tava mexendo com umas fita errada, entendeu? Então pelo menos para mim foi muito tranquilo, como eu já havia dito minha

mãe também sempre foi essa mulher que tava muito para frente, sempre participou de Grêmio, minha mãe participou de Grêmio lá no Virgílio Santillo sabe, até na época da faculdade dela ela era gremista e isso aquilo e tal, então tipo assim ainda bem que eu tivesse auxílio dela. Minha mãe cozinha o pessoal lá, tem uma taxão uma panelona lá e levava para lá para fazer um arroz pro pessoal, e perguntava: “não gente, vocês estão precisando de alguma coisa?” e levava colchão lá de casa, coberta, trem mano... Minha mãe é muito doida, minha mãe é doida demais.

**Felipe Freitas:** Como foi o processo de desocupação da sua escola?

**Regis Neto:** Essa questão, eu não cheguei a estar presente; eu estava estudando, estudando para conta de quesitos pessoais, que eu tinha que tá estudando para poder fazer meu concurso e tudo... aí foi chegando na a gente (informação) eu vi que o movimento tava baixando, o pessoal do governo já tava vendo que não ia dar certo, foi largando de mão, aí foi acontecendo... pelo que eu vi como espectador, porque já não estava inserido diariamente no movimento, como espectador eu vi lá que tava desocupando realmente dessa forma gradual, e acontecendo até de forma pacífica na verdade não teve mais percalços... bom pelo menos é o que eu lembro de verdade, já que eu não tava mais presente.

**Felipe Freitas:** Você se aproximou de algum partido político, sindicato, movimento ou coletivo depois do fim da ocupação? Tem simpatias por algum deles? [No caso da negativa]: Você considera a possibilidade de se aproximar em um futuro próximo? Por que?

**Regis Neto:** Eu não estou participando, desde que eu sai de lá eu nunca fui um cara muito voltado ao partidarismo, certo? Eu sempre fui um cara muito voltado para minha comunidade, então essas políticas de comunidade até hoje, se for o caso eu fazer eu faço, sempre que tenho que preciso eu tô no meio, mas assim eu não desconsidero a chance de entrar e tudo mais, eu é porque o meu perfil sempre foi um perfil de colocar a mão na massa, de tá no meio da muvuca, nunca foi o meu perfil de estar de trás da mesa e discursar para o pessoal, certo? Então a minha parada sempre foi aquela parada de: “não eu posso mostrar para o pessoal que a gente consegue fazer as coisas, aqui nós dois...” mostrar mais com exemplos práticos que poxa eu posso ser bom para minha comunidade mesmo sendo um cara que as vezes as tiazona topa na rua e atravessa a rua para não passar do meu lado pelo menos esteriótipo que eu digo... mas aí engraçado é o seguinte, é

exatamente isso, eu nunca precisei mudar meu esteriótipo porque lá na minha comunidade eu ando, eu trabalho batendo de casa em casa, certo? E eu não escondo minha tatuagem, eu não escondo meus piercings, todo mundo me conhece de badeco lá, e todo mundo sabe como eu sou, então tipo assim, isso é bom porque a nova geração que tá crescendo lá na minha comunidade vê que você não precisa se rotular para tá fazendo alguma coisa, você pode estar inserido no meio político social sem necessariamente estar inserido na política, e você pode sim se inserir na política sendo quem você é, você não precisa se camuflar em um grupo para ser como aquele grupo, entendeu?

**Felipe Freitas:** Às/Aos secundaristas que participaram das ocupações, quais foram as principais influências que essa participação pode ter trazido para eles, como pessoas e cidadãs e cidadãos?

**Regis Neto:** Cara eu tenho alguns exemplos práticos disso, de aceitação, que muitos deles não se aceitavam, eu digo assim, isso é até um quesito mais pessoal, na verdade, mas assim pelo convívio e pelo entendimento de pessoas que estavam aqui muitas vezes, que era da mesma idade, ou era um pouco mais velha e que já estavam um pouco mais ciente de como era a nossa realidade, uma aceitação religiosa de: poxa, com o é que eu posso falar isso, esse estigma cristão, nem sempre é bom, se você não gosta por que que você tem que ser? Em relação a orientação sexual, nada disso define, você pode participar de tudo isso e ser uma pessoa particular, as duas pessoas não necessariamente tem que ser a mesma no mesmo lugar... você pode ter sua vida pessoal e sua vida política... coisas que a mim eles não sabiam é isso, porque eles tinham muito medo de poxa mas eu sou de tal jeito, como é que eu vou estar em tal lugar, então não tem nada a ver uma coisa com a outra, então isso foi bem bacana. E também muitos deles, hoje em dia, são líderes natos, são líderes assim, nos respectivos lugares que eles passam, na questão do trabalho, na questão da família, até mesmo assim nas subdivisões da minha comunidade, lá próximo ao Herta Laysner, é que é assim, no bairro onde eu moro, no bairro onde é o Colégio, dos dois bairros que estão do lado mesmo sendo da mesma comunidade tem algumas vivências diferentes; Inclusive tem até uma parte lá, que é um bairro de uma galera mais bem de aquisição que eu falo, e faz parte da comunidade porque ta lá no mesmo círculo sabe... Então assim, poxa se você atravessar a rua é uma coisa, e se você atravessar outra rua é outra; só que no final das contas é tudo a mesma coisa, e não necessariamente você tem que se trajar como tal, para fazer o bem para sua comunidade, e eles foram aprendendo isso, e foram crescendo não só no estatura mas também sabedoria, um

trocadilho aí, e foram vendo que eles podem ser o que é, eles estão engajados na política e tão fazendo bonito, tão fazendo bonito demais. Igual essa colega minha tá escrevendo absurdo, tá com projeto de lançar um livro, infelizmente não deu por causa do momento, mas poxa, você pega uma menina que aprender a escrever lá, se libertou, se deu o ar da Graça de poxa, eu quem sou, eu sei o que eu posso fazer, e agora tá aí voando alto, poxa é uma parada gratificante demais, você olha: caralho, eu de alguma forma eu ajudei essa pessoa; Poxa isso é ótimo explode...

**Felipe Freitas:** Você acredita que um novo movimento como o das ocupações é hoje possível e mesmo necessário, em nosso país?

**Regis Neto:** Ah com certeza, a possibilidade se torna ainda maior, principalmente por fatos, como é que eu posso falar, os fatos sociais mesmo. Essa questão, a gente hoje passa por tanta, pega desde o começo do ano até agora quantas coisas a gente não viu na mídia sobre preconceito, sobre racismo, sobre homofobia tudo mais caramba... a nossa comunidade já tá mudando, as pessoas vão ter que aceitar isso, seja gradual ou tomando porrada da vida, que eu falo assim no choque, falando: “esse seu preconceito aí, não vai rolar não!”, ou seja através do que a gente pode fazer, e eu não falo só sobre ocupações no quesito político, mas organizações de movimentos onde a gente expõe o nosso viver, falar “Carambola, tá certo, vocês não precisam concordar, ninguém é obrigado a concordar com nada, mas aceitar/respeitar vocês infelizmente ou felizmente para nós, felizmente vocês vão sim” porque a mesma rua aonde você anda é a rua que eu ando, a mesma cidade onde eu nasci é a mesma cidade você nasceu, assim aí importante isso, hoje em dia para as pessoas entenderem que caramba, todo mundo tem o seu espaço, todo mundo tem o seu momento, todo mundo pode fazer aquilo que acha que lhe convém de uma forma que todos crescem com isso, entendeu? Aí as pessoas querem cercar: “não você só pode ser isso aqui se você for dessa forma, você só pode ser alguém na vida se você não tiver tatuagem, não tiver pircing, você não pode escutar tal musica” caramba, século 21 gente vamos lá né, a gente já tinha que ter passado disso há muito tempo; até hoje a gente ta batendo na mesma tecla: que poxa racismo, homofobia... gente século 21 vamos lá, vamos fazer alguma coisa para mudar isso... “Ah o que a gente pode fazer?”... não vamos juntar uma galera aí que é pró, vamos fazer uma passeata na rua, uma parada organizada, vamos mostrar para os caras que a gente é gente, saca? Eu pago pau pra parada LGBT, sensacional, uma parada bonita de se ver, tá vendo? Ai o povo fala: “Ah o cara é gay...”, mano que que tem uma coisa a ver com a outra, o cara é gay o que que o

cara faz pela sociedade dele? Muitas vezes é o cara lá que ajuda o mendigo na rua, que tem um projeto social, que fez um curso de direito e ta defendendo a causa de alguém que precisa, mano o que que tem a ver uma coisa com a outra, entendeu?

Então tipo assim, hoje em dia no meu ponto de vista, é um pouco distante da questão das ocupações porque foram voltadas mais para essa questão monetária, que a gente sabe, essa questão de vamos dar uma ênfase aqui pra gente tirar um lucro, só que lá dentro a gente aprendeu sobre isso, e hoje aquela galera que sofreu aquilo é a galera que luta para que não aconteça mais para as próximas gerações. Então tipo assim, isso é importante demais para a gente ter a nossa visibilidade e falar assim: “poxa o mundo jovem de hoje em dia tem espaço dele, ele pode lutar pelo que acha que é certo, ele luta pela identidade dele, entendeu? E coisa que hoje a gente vê muito, a mídia transmite confiança para gente; você pega plataforma de filmes na Netflix cara eu pago um pau para a Netflix porque muito dos conteúdos lá, das série sempre tem um capítulo específico sobre preconceito, sempre tem um ou dois casais lgbs, então caramba isso é muito bonito de ver, você fala: caralho, a gente tá ganhando em representatividade assim... tá devagar de tudo, mas poxa assim que começa, nada vem do nada igual uma bola de neve em avalanche, não, as coisas são graduais, mas tá dando certo, só que a gente vai esperar? essa é a pergunta que eu faço pra todo mundo quando eu troco ideia: “a gente vai ficar esperando? Ou a gente pode fazer alguma coisa para acelerar o processo? porque tem gente morrendo aí enquanto a gente tá aí de mão atada... então vamos desatar e vamos correr junto com esse pessoal.” Então acho que hoje em dia tanto se faz importante, quanto é muito mais fácil para a gente tá fazendo... Poxa a mídia tá aí, vamos soltar na mídia, vamos fazer um projeto para dar certo, a gente sabe que dá certo, agora a gente está tão habituado na nossa zona de conforto que muitas vezes a gente esquece que o cara que tá do meu lado ali às vezes ele tá passando esse perrengue dentro de casa, e eu não tenho uma palavra que conforto pro cara... Porque as vezes o povo esquece de olhar para o lado, e faz importante demais a gente tá pensando nisso hoje em dia...

**Felipe Freitas:** Você completou o Ensino Médio? Ingressou na Educação Superior? A participação nas ocupações teve alguma influência em sua trajetória escolar?

**Regis Neto:** Eu conclui a faculdade, o ensino superior, eu me formei na área da saúde e a ocupação ela sempre foi um dos fatores de eu tá na área da saúde por causa disso, porque lá um dos principais debates que a gente tava tendo é sobre humanização a gente sempre

falou muito sobre isso: a humanização, e a gente sempre pautou isso, a humanização em tudo que a gente faz; e um dos maiores exemplos que a gente tem de desumanização são as OS's na área da saúde, então eu sempre falei: “eu tenho que fazer alguma coisa e por onde eu começo, não então eu vou começar a fazer alguma coisa na área da Saúde vou começar a trabalhar”, e toda vez que eu vou, que eu passo na casa de alguém, ou que eu atendo alguém no consultório ou coisa assim, eu falo, pode ser o cara mais pobre de marré deci, o cara mais vai ser tratado da mesma forma, com todo carinho, todo respeito, com toda humanização possível para falar: “cara eu sei que muitas vezes você pode estar passando uma parada, mas eu tô aqui para te ajudar, estou aqui para te mostrar que você é um ser humano tão quanto qualquer outro”, então tipo assim, isso foi a coisa que eu mais bato na tecla de tudo que me ajudou foi essa questão de todo dia eu tenho que lutar para ser uma pessoa mais humanizada em tudo que eu faço, nos meus estudos, no meu atendimento ao público, no meu convívio com as pessoas até com pessoas estranhas, por exemplo a gente tá tão habituado a ser bonzinho com quem são nossos amigos e ser um cuzão com quem a gente não conhece, porque? “Ah eu não gosto da pessoa”; a beleza mas o respeito é o mínimo a humanização é o mínimo que você tem que dar pela aquela pessoa; então assim isso foi uma coisa muito fixada na minha cabeça desde a época da ocupação.

**Felipe Freitas:** Você trabalha atualmente? Em que? Acredita que a participação nas ocupações teve alguma influência em sua entrada ou permanência no mundo do trabalho?

**Regis Neto:** Demais da conta, eu sou agente de saúde, meu trabalho é passar na casa das pessoas, é o dia inteiro batendo na casa das pessoas e sabendo como é que a pessoa tá, às vezes a gente pega um de idosos lá que não tem convívio com os familiares, foram deixados de lado, então tipo assim cara você ficar lá 45 minutos do dia da pessoa muda de um tanto porque falta amor, falta atenção para aquelas pessoas, ou às vezes a gente pega umas pessoas assim no quesito de vulnerabilidade maior e você coloca a pessoa como se a pessoa fosse um rei e a pessoa olha que fala: “caramba!” entendeu? Tipo assim não só dentro da casa das pessoas, às vezes ela não tá passando um aconteceu um caso recentemente, só por miúdos aqui, eu tava passando em uma casa, tinha uns rapazes do lado de fora, e tinha um senhor que tinha acabado de estacionar uma motinha uma gradinha para recolher recicláveis, 4 cara do lado de fora e ninguém nem virou o rosto para cumprimentar o cara, eu tinha acabado de sair da casa do cidadãos, mas bati na casa

do lado mas ninguém saiu, eu olhei para o cidadão que estava lá juntando o reciclável “eu falei:

Eu: Bom dia, tudo bem com o senhor?” cara ele olhou pra mim assim num susto, tipo eu achei até que ele esqueceu que era humano,

Ele falou: “Bom, e o senhor?”

Eu: “Bem, só no rala neah?”

Ele: “é trabalhando muito e você?”

Eu: “não pode parar, a gente tem que ganhar o pão de cada dia da forma que a gente consegue né”

Ele: “não pois é também tô trabalhando demais!”

Eu: “não eu vou chegar lá, pessoal não me atendeu aqui”

Aí tive que dar o balão no quarteirão né,

Eu: “não fica com Deus, Deus abençoeo senhor aí, bom trabalho pro senhor!”

Ele: “não obrigado!”

Cara aí eu fiz a volta no quarteirão e passei lá, eu vi um sorriso tão bonito estampado no rosto do cara, eu me perguntei: Caramba, será quanto tempo faz que esse cara não ganha um bom dia? Entendeu?, então tipo assim isso não ajudou muito, essa questão de entender o que que a minha comunidade precisa, às vezes minha comunidade nem precisa de tanto de dinheiro, as vezes ela precisa de entendimento, de uma compaixão sabe? Poxa ajudou para caramba, isso desde lá da época, então tipo, época tá doido!

**Felipe Freitas:** Sobre a religião, qual era o seu envolvimento antes das ocupações e como ficou depois?

**Regis Neto:** Caramba, meu envolvimento com religião sempre foi um envolvimento muito... como é que eu posso falar? Nunca foi primário, eu nunca fui um cara de ficar lá dentro dos templos, um cara que dobra o joelho e reza para caramba, essa essas coisas... E até hoje continua muito isso, eu tenho a minha fé, tenho a minha devoção, mas eu entendo que o que importa para mim é ser uma boa pessoa, é aquela frase: “a religião certa é você ser uma boa pessoa” a doutrina que você escolhe, é uma coisa que te agrada,

uma coisa que é particular sua, agora ser uma boa pessoa é uma coisa inquestionável incontestável na verdade, porque eu acho que este é o princípio de ser uma pessoa, não falo religiosa, mas uma pessoa espiritual, uma pessoa que tem empatia pelo outro, fazer o bem que você faz é o bem que você recebe.

**Felipe Freitas:** Houve mudanças relevantes em sua vida pessoal e familiar desde o tempo das ocupações? Quais?

**Regis Neto:** Nossa demais da conta, taxado de vagabundo por uma outra parte da família foi o que mais aconteceu, sempre foi o cara que: “nossa você tinha tudo para ser uma pessoa diferente disso aquilo” e aí vai o maluco faz tatuagem na cara, pircing, e trenheira, e só porque eu sempre fui um cara que se destacou muito dentro da minha família; que minha família é uma família que não tem muito conhecimento, é uma família que mal fazia um segundo ano entendeu, ensino médio no caso, então eu fui o primeiro a formar na faculdade, fui o primeiro a ter um emprego muito bom, e mesmo assim sempre rotulado do cara errado: porque eu escolhi não tá lá dentro das igrejas, porque eu escolhi não usar as roupas que eles usam, porque eu escolhi ficar do lado dos caras que tá errado perante Deus e a sociedade ou qualquer coisa, eu sempre fui a ovelha negra da família; Ainda bem que a gente tinha minha mãe, que também era a ovelha negra da família e meus irmãos também, então fora nós quatro, foda-se o resto da família tava martirizando a gente.

**Felipe Freitas:** Você ainda conserva alguma relação de amizade, profissional ou social com outras pessoas que ocuparam a escola com você? Comente.

**Regis Neto:** Eu ainda tenho algum contato, muito pouco, alguns de vista, principalmente do pessoal que tava na minha comunidade, alguns por rede social, mas assim muito raro porque eu não, eu não ando tendo tempo para redes sociais, nunca fui muito de estar, mas agora principalmente pelo fato de como eu já tinha dito, que acho que as coisas a gente tem que parar de postar muito, e começar a fazer mais; então sempre que eu tenho tempo para cuidar da planta, eu gosto muito de planta, pra tá cuidando das plantas do canteiro centrado do meu bairro, eu tô regando, o povo olha para mim e fala: “o que que esse cara tá fazendo? mas poxa isso faz uma diferença, varrer a porta de casa, ou sei que não tá no seu horário de trabalho mas você pode vim cá, minha mãe tá precisando de aferir pressão, tem como você fazer um encaminhamento pro SUS, pô estou indo, e é nessas daí que eu topando com algumas das pessoas que estavam lá, agora por rede social tem pouquíssimo



ou quase nada, deixa eu contar, o pessoal até acha que eu sou cuzão por não responder, mas não é gente não seu c\*\* é realmente falta de tempo mesmo, 200% de falta de tempo.

**Felipe Freitas:** Em quem você votou para presidente e governador nas últimas eleições? Por que?

**Regis Neto:** Eu votei em presidente. O meu ponto de não ter votado foi por falta de conhecimento do candidato B vou dizer assim candidato B certo, para não citar nomes, por falta de conhecimento da carreira dele, eu estava tão voltado em outro negócio que eu acabei realmente ficando muito lapso, não acompanhei nada, não conhecia os projetos nada, eu estava muito desligado. E o candidato A, é porque ele é para mim ele é literalmente um analfabeto político, eu falo que ele é um cara trouxe, ele é um bocó político; eu não considero ele um cara mal, ruim, eu considero ele um cara bocó, é um cara que se você falar: nada com nada, ele vai entender nada, e ficar nisso. Agora a galera que permeia ele, foi o principal motivo de eu não querer votar, porque são pessoas más, e má índole, de mau caráter, pessoa extremamente ruins, que se camuflam por trás de um pseudônimo de religioso, de bondoso, de milico, eu vou falar milico aqui, é tipo de gente assim que cara, eu não gosto nem perto de mim, porque eu sei que são pessoas ruins. Agora se eu tivesse entendido um pouco mais, se eu tivesse pesquisado um pouco mais sobre o outro candidato eu teria voltado nele sim.

Agora para Governador foi mais ou menos a mesma coisa, mas na real eu fiquei muito feliz de nosso antigo Governador não ter ganhado, de ter perdido de lavada nas eleições que a gente teve, para mostrar que tá vendo, a gente guarda as coisas e no momento certo a gente tem que fazer igual a gente fez, mostrar que o nosso poder tá lá, tá certo que eu fui relapso pra caramba, a gente entende que poxa quando a gente vota, “mas o meu direito de votar em branco ou nulo” mas você tá gastando no super poder à toa, eu sei que nessas ultimas eleições eu gastei meu super poder assim, eu não fiz nada, então eu tenho que aceitar qualquer coisa que vier, e que eu fui... Mas assim eu entendo isso, e entendo também que foi um lapso meu, mas eu tava com tantos outros problemas tanto outras coisas na cabeça que acabei me desligando um pouco, tô voltando agora para tá interado com o que tá acontecendo.

**Felipe Freitas:** Defina, em uma palavra, o que o movimento das ocupações representou para você.

**Regis Neto:** Eu acho que a palavra seria: crescimento. Por que me ajudou a crescer em tantos aspectos diferentes, aspectos políticos, aspectos sociais, aspectos intrapessoal, e interpessoal de uma forma muito abrangente na verdade, cultural também porque eu tive acesso a modo de vida que eu não conhecia; até então eu tinha conhecimento de quem que era mas... entendeu? aí quando você chega perto da pessoa: “não, não tem religião não mano” “Eu sou da Umbanda” “Sou do Candomblé” “Sou Espírito” Caramba como é que é?

Não eu sou escritora. O que você escreve? Nossa que doido como é que é? Não eu danço... O que que você dança? Igual aquele colega lá da ocupação que dançava balé, eu sempre achei muito doido o balé e eu nunca tive contato com ninguém que dançava balé, quando ele falou que dançava balé eu falei: “nossa cara, eu danço break, ou me ensina umas coisas aí” e ele foi me ensinar balé e eu falei Caraca que doido, muito fera, tá entendendo?

E assim eu acho que crescimento é isso. Você aglomera conhecimento, você aglomera... como é que eu posso falar uma palavra, não só conhecimento, mas também vivência e isso tudo te faz crescer enquanto uma pessoa, e te dá asas e raízes saca? eu falo assim, você tem raízes em querer uma parada boa que te faz crescer sempre, mas você tem asas para poder voar e desbravar, você tem o peito aberto para falar: “não é dessa forma, é dessa forma que vai ser”. Porque muitas vezes quando você não participa desse tipo de realidade, de diversas pessoas, de diversos jeitos diferentes, de diversas formas diferentes, com pensamentos diferentes, com vivências diferentes, com o quesito socioeconômico diferentes, políticas diferentes, e você só está inserido no seu grupinho o seu mundo fecha, seu mundo social é aquilo, você não cresce, você não voa; agora quando você estoura essa bolha e vê que o mundo é muito mais do que você imaginava, você só vai para cima.

**Felipe Freitas:** Encerrando a nossa entrevista, eu queira que você deixasse uma mensagem, alguma coisa que você queira falar, que talvez ainda não falou, ou alguma lembrança que você queira rememorar aqui pra gente, pode rememorar, tirar do baú, lembrar aquelas memórias marcantes.

**Regis Neto:** Cara tem muita coisa; Tem um momento que eu mais gosto que é uma parada assim, que foi surreal, foi o natal, caramba que festa de Natal que a gente fez, só dos ocupantes aquela, ou... sabe porque que isso é muito importante para mim? Porque eu nunca gostei de Natal; a festa de Natal para mim sempre foi uma coisa muito chata, no quesito que eu falo assim, a minha família pesa o Rolê comigo o ano inteiro, só faz coisa

errada, para jantar e fingir que nada aconteceu durante uma noite tá entendendo? E tipo assim, o que aconteceu naquela uma noite na ocupação, que nunca tinha acontecido comigo de: poxa tô passando Natal com uma galera foda, com um povo que eu gosto, com uma galera que gosta de mim, dava para ver que o pessoal lá que a gente se gostava, a gente se respeitava, que entendia uns aos outros, coisas que a gente não tinha. A Festa de Natal caramba, foi muito, foi uma parada assim surreal para mim mesmo, foi o momento que eu mais gostei, e alguns pontos da festa de Natal, a gente dançando lá na sala lá, as músicas: “aí eu gosto de tal música” “não então coloca” “Eu gosto da música” “Então coloca” e todo mundo curtindo e aquele lá foi tipo para mim foi realmente uma parada que mais me marcou foi a festa de Natal. Caraca eu tô passando o Natal no Colégio, que doideira, nunca que eu iria imaginar uma coisa dessa, com gente que eu não conhecia, alguns eu já conhecia muito tempo, alguns realmente eu não conhecia, eu peguei um vínculo tão grande eu falei caramba então tipo isso é a parada da ocupação saca? Não é só um vínculo político que a gente cria, é um vínculo de amizade social, é realmente são pessoas que você fala assim: “caramba eu não tô sozinho em todas as minhas dificuldades, em todos os meus ponderamentos, e nem todas as minhas adversidades de uma forma geral social, econômica, psicológica, sexual e tudo mais, então ver isso e ter um momento para descontração no meio de todo aquele burburinho que a gente tava tendo, a gente falou: “não hoje é um dia especial vamos aproveitar a gente aqui”, cara foi sensacional, nós decoramos o colégio, nossa foi muito doido aquilo foi fera demais da conta.

**Felipe Freitas:** Se você quiser deixar alguma mensagem, está aberto!

**Regis Neto:** Cara, a mensagem que eu deixo para todo mundo é essa: se que se você tiver uma oportunidade por menor que seja de fazer a diferença ou de participar de algo que faça a diferença vai! Às vezes pode ser complicada, às vezes você pode estar indo contra alguém ou algum familiar tudo mais mas vai... além de ser uma experiência única é uma experiência gratificante ao ponto de você olhar para trás, igual a 5 anos atrás, você olha para trás e fala “eu não mudaria nada, eu não mudaria nada, não mudaria nem um dos perrecos que eu passei lá”. Pra falar a verdade, o máximo que eu acho que eu faria assim, que eu mudaria, porque hoje como eu sou um cara mais instruído, eu não falo mais inteligente eu falo mais vivido, até porque 5 anos muda a gente demais da conta, inclusive esse negocio de de ir para faculdade muda muito a gente, assim alguns ponderamentos que eu teria, mas nada de tão relevante eu faria praticamente as mesmas coisas, não

deixaria de estar lutando pelo que eu acho que é certo, e esse é a principal coisa: “se você achar alguma coisa certa e boa para você, independente do que os outros falam cara, vai atrás; é oq eu torna feliz, é o que te torna realizado? É o certo pra você!

**Entrevista realizada com a secundarista Giu (À distância)****Dados da/do ocupa**

Nome/Nome social: Giulliana Trícia Almeida Costa

Pseudônimo (escolhido pela/pelo ocupa): Giu

Escola ocupada: Colégio Estadual Polivalente Frei João Batista

Bairro: Setor Sul

Município: Gama

Estado: DF

Idade: 19

Gênero: Feminino

Raça: Branca

Religião: Sem religião

Orientação sexual: Heterossexual

Renda familiar: 10.000

Profissão dos pais/responsáveis: Pedagoga e Policia Federal (ambos aposentados)

Escolarização dos pais/responsáveis: Superior Completo

**Felipe Freitas:** Conte-nos um pouco sobre a sua trajetória escolar; qual o nome da escola em que cursou o Ensino Fundamental? Como foi sua experiência escolar nesse período?

**Giu:** Colégio Estadual Polivalente Frei João Batista, foi um bom colégio em questão disciplinar, professores capacitados... Pena que o colégio não tinha verba para trazer melhores projetos e inovações para os alunos.

**Felipe Freitas:** E o Ensino Médio, em qual escola fez? Fale um pouco sobre o ambiente, os professores, os alunos, o ensino.

**Giu:** Colégio Estadual José Ludovico de Almeida também tinham ótimos professores e uma direção capacitada.

**Felipe Freitas:** Você acha que a escola era atrativa enquanto estudante?

**Giu:** Pouco atrativa, como foi citado anteriormente acredito que as escolas precisam inovar mais, apesar de muitos professores proporcionar uma aula diferenciada a maior parte não eram com muitos atrativos.

**Felipe Freitas:** Fala um pouquinho sobre essa relação entre professor/alunos, o ensino, como era o ensino, se era um ensino de qualidade, como era a questão dos alunos na escola, as regras, enfim, tudo que existia no colégio.

**Giu:** Tinha professores disciplinados que cumpriam sua obrigação, os alunos uma grande maioria cumpria com suas obrigações e uma minoria indisciplinada onde a direção/coordenação conseguia controlar com eficácia e também cumprir com as funções coerente com seus cargos.

**Felipe Freitas:** Mas as regras, como elas eram formadas? Eu lembro que, pelo menos na época que eu estudava no Polivalente, existiam muitas regras, desde o vestuário, desde o comportamento em sala de aula, fora da sala de aula nos momentos de recreação, quero que você fale um pouco disso...

**Giu:** Concordo, sempre houve muitas regras! Em ambos colégios. Desde a hora em que chegávamos, em sala de aula, intervalo e na saída.

**Felipe Freitas:** Antes do movimento das ocupações, você já tinha participado de alguma ação social, política, de lazer ou religiosa, na escola ou fora dela?

**Giu:** Não, foi a primeira.

**Felipe Freitas:** Antes das ocupações, você se interessava por política?

**Giu:** Não, inclusive a ocupação abriu minha mente para prestar mais atenção na política.

**Felipe Freitas:** Você consegue identificar alguém que tenha sido determinante para a formação de suas ideias sobre política?

**Giu:** Eu diria que os ocupantes e professores a favor das ocupações na época foram os mais determinantes, até nos dias atuais!

**Felipe Freitas:** Houve influências de sua família para a formação dessas ideias? Caso sim, quais? De quem?

**Giu:** Sim. Principalmente minha avó! Aposentada em pedagogia no DF, inclusive ela também participava de ocupações e manifestações quando jovem.

**Felipe Freitas:** Houve outras pessoas que foram importantes para sua formação política?

**Giu:** Minha família, alguns amigos e professores.

**Felipe Freitas:** Existem algumas ideias que são centrais para o processo de ocupação, você consegue falar algumas delas?

**Felipe Freitas:** E você acha que houve influência da sua família para a formação dessas ideias de coletividade, de união?

**Giu:** Com certeza.

**Felipe Freitas:** Como começou o movimento para a ocupação de sua escola?

**Giu:** Começou com uma grande participação e apoio dos alunos.

**Felipe Freitas:** Por que participou da ocupação?

**Giu:** Após conversar com outras pessoas que participavam entendi o movimento e a causa e o quão era importante.

**Felipe Freitas:** Quanto tempo participou da ocupação?

**Giu:** Desde o primeiro dia até o último, se não me engano foi por volta de 62 dias.

**Felipe Freitas:** Quais foram as principais dificuldades que vocês passaram durante a ocupação?

**Giu:** Acredito ter sido com indivíduos contra as ocupações.

**Felipe Freitas:** Qual foi a importância da Internet e redes sociais para a ocupação? Elas foram positivas ou negativas?

**Giu:** Positivamente, ajudou a espalhar informações e manifestações.

**Felipe Freitas:** Vocês fizeram discussões sobre quais assuntos durante a ocupação? Como foram feitas essas discussões?

**Giu:** Me recordo de falar muito sobre as desvantagens da terceirização nas escolas e como seríamos influenciados com a mesma.

**Felipe Freitas:** Durante a ocupação, o que foi mais gratificante para vocês? E o que foi mais frustrante? Comente.

**Giu:** Gratificante foi aderir tanto conhecimento e uma experiência incrível de ver que todos podemos lutar pelos direitos. Frustrante foi ver muitas pessoas com mentes fechadas e alienadas lutando contra as ocupações.

**Felipe Freitas:** Quais eram os principais objetivos da ocupação, no seu entender? Você acha que eles foram conquistados em algum aspecto?

**Giu:** Objetivo de lutar contra sistema e impedir atitudes que iriam prejudicar tanto a gestão das escolas quanto aos corpos docentes e discentes. Sem dúvidas influenciaram para que não houvesse a terceirização.

**Felipe Freitas:** Como a sua família reagiu à sua participação na ocupação?

**Giu:** Eram de acordo e apoiaram.

**Felipe Freitas:** Como foi o processo de desocupação da sua escola?

**Giu:** foi um processo tranquilo, tendo vista que os ocupantes deixaram as escolas limpas e organizadas tanto no processo da ocupação quanto na hora de desocupar.

**Felipe Freitas:** Você se aproximou de algum partido político, sindicato, movimento ou coletivo depois do fim da ocupação? Tem simpatias por algum deles? [No caso da negativa]: Você considera a possibilidade de se aproximar em um futuro próximo? Por que?

**Giu:** Não, pois apesar de entender a importância, não sei lidar.

**Felipe Freitas:** Às/Aos secundaristas que participaram das ocupações, quais foram as principais influências que essa participação pode ter trazido para eles, como pessoas e cidadãos e cidadãos?

**Giu:** Saber opinar, saber que você pode lutar pelos seus direitos e ter visão crítica ao que o sistema quer impor.

**Felipe Freitas:** Você acredita que um novo movimento como o das ocupações é hoje possível e mesmo necessário, em nosso país?

**Giu:** Sem dúvidas. O Brasil precisa urgente de um movimento que mostre a descontentação da população

**Felipe Freitas:** Você completou o Ensino Médio? Ingressou na Educação Superior? A participação nas ocupações teve alguma influência em sua trajetória escolar?

**Giu:** Sim e agora estou na educação superior. Sim as ocupações influenciaram na minha vida em um todo.

**Felipe Freitas:** Você trabalha atualmente? Em que? Acredita que a participação nas ocupações teve alguma influência em sua entrada ou permanência no mundo do trabalho?

**Giu:** Trabalho. Sou professora de balé e jazz. Não diretamente, mas indiretamente pois agora tenho um senso crítico que não era trabalhado no dia a dia.

**Felipe Freitas:** Sobre a religião, qual era o seu envolvimento antes das ocupações e como ficou depois?

**Giu:** Não influenciou, não tenho envolvimento com religião mesmo antes da ocupação.

**Felipe Freitas:** Houve mudanças relevantes em sua vida pessoal e familiar desde o tempo das ocupações? Quais?

**Giu:** Não

**Felipe Freitas:** Você ainda conserva alguma relação de amizade, profissional ou social com outras pessoas que ocuparam a escola com você? Comente.

**Giu:** Sim, mantemos boas relações e acredito que todos tiveram uma boa experiência social.



**Felipe Freitas:** Em quem você votou para presidente e governador nas últimas eleições?  
Por que?

**Giu:** Não votei. Não tinha idade compatível.

**Felipe Freitas:** Defina, em uma palavra, o que o movimento das ocupações representou para você.

**Giu:** Determinação.

## 6. Referências Bibliográficas

HELLER, Agnes. **Uma teoria da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**. Brasília: Editora da UnB, 2001.

ARENDT, Hannah. **Da Violência**. Brasília, Editora da Universidade de Brasília. 1985.

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ARRAIS, Tadeu Alencar. **Ciência x zumbis: quando a batalha começa na escola**. Ilustrações Priscila Barbosa. Goiânia, GO: Ed. Besta, 2020.

ATAÍDES, Marcos de Augusto Marques. **Sintego: Lutas, Vitórias e Derrotas na Década Neoliberal**. 2005. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1958.

BALDINO, José Maria; FREITAS, Felipe Silva de. Movimento de Ocupação de Escolas Públicas – Jovens Estudantes contra a gestão da escola pública por Organizações Sociais. **Educativa**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 902 – 926, set./dez. 2016.

BANDEIRA, Moniz. O Golpe de 64 como fenômeno de política internacional. In: TOLEDO, Caio Navarro de (org.). **1964: visões críticas do golpe: democracia e reformas no populismo**. Campinas, Editora da UNICAMP, 1997.

BARON, Letícia. Os novos movimentos de direita no Brasil e o discurso partidário: ambivalências e contradições. **Cadernos de Pesquisa Política**. N. 13, p. 1-29, 2016.

BRASIL. **Lei 4.024/1961**, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://wwwp.fc.unesp.br/~lizanata/LDB%204024-61.pdf>. Acesso em: abr. 2020.

BRASIL. **Lei Federal 5.692/1971**. Disponível em: [http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/15692\\_71.htm](http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/15692_71.htm). Acesso em: abr. 2020.

BRASIL. **Lei 9.394/1996**, Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: abr. 2020.

BRASIL. **Constituição Federal do Brasil (com Emenda 59/09)**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: abr. 2020.

BOSI, A. “A educação e a Cultura nas Constituições Brasileiras”. BOSI, A (Org.). **Cultura brasileira: temas e situações** . 2º ed. São Paulo. Ática, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **Questions de sociologie**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984.

BOURDIGNON, G. **O planejamento educacional no Brasil**. Fórum Nacional de Educação, 2011. Mimeografado., Disponível em: [http://fne.mec.gov.br/images/pdf/planejamento\\_educacional\\_brasil.pdf](http://fne.mec.gov.br/images/pdf/planejamento_educacional_brasil.pdf). Acesso em: abr. 2014.

CABRAL, Flávio José Gomes. Os efeitos da notícia da revolução liberal do Porto na Província de Pernambuco e a crise do sistema colonial no nordeste do Brasil (1820 – 1821). **FRONTERAS de la historia: Revista de Historia Colonial Latinoamericana** – Instituto Colombiano de Antropología e Historia. Vol. 11. Bogotá Colombia. 2006.

CLARK, J. U.; NASCIMENTO, M. N. M.; SILVA, R. A. A administração escolar no período do governo militar (1964-1984). **Revista Histedbr On-line**. N.especial, p. 124-139, ago/2006.

COHN, Clarice. Culturas em Transformação: os índios e a civilização. São Paulo **Perspectivas**. Vol.15 n.º.2. São Paulo. Apr./June. 2001. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392001000200006&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392001000200006&script=sci_arttext&tlng=pt) Acessado em 15/05/2020 às 20:12.

CRUZ, Mariléia dos Santos. **Uma abordagem sobre a história da educação dos negros**. In: ROMÃO, Jeruse (org). História do negro e outras histórias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

CURY, C. R. Jamil e NOGUEIRA, M. Alice. “O atual discurso dos protagonistas das redes de ensino”. Cunha, L. A (org.). **Escola Pública, escola particular e a democratização do ensino**. São Paulo|: Cortez, 1985

DARDOT, P.; LAVAL, C.. **La nouvelle raison du monde. Essai sur la société néolibérale**. Paris: La Découverte, 2009.

DUMÉNIL, G.; LÉVY, D. **A crise do neoliberalismo**. São Paulo: Boitempo, 2014.

PIRES, M. F. C.; REIS, J. R. T. **Globalization, neo-liberalism and universities: a few considerations**. Interface \_Comunicação, Saúde, Educação, v.3, n.4, 1999.

DELEUZE, GILLES. Post-Scriptum sobre as Sociedades de Controle. Conversações: 1972-1990. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 219-226.

DIAS, Reinaldo. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

FANON, Frantz. Os Condenados da Terra. Editora UFJF. Juiz de Fora, 2005. 374 p (Coleção Cultura, v. 2)

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**, São Paulo: Edusp/FDE, 1994.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 30: historiografia e história**. São Paulo: Brasiliense, 1970.

FREITAS, Felipe Silva de. **A Greve Estudantil de 1959: Contexto, História, Educação e Memória**. 2018. 146p. Trabalho de Conclusão de Curso. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006

GOMES, Candido. A escola segundo os paradigmas do consenso e do conflito. In: GOMES, Candido (Org.). **A Educação em Perspectiva Sociológica**. São Paulo: EPU, 1985.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Vol. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

GROPPO, Luís Antônio; COSTA, Adriana Alves Fernandes. **O movimento de Ocupações estudantis no Brasil**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018. 328.p

GRUPPI, L. **O conceito de hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro: Graal. 1978.

GOIÁS. **Secretaria de Estado de Educação de Goiás**, 2011c. Disponível em: <<http://www.see.go.gov.br/especiais/pactopelaeducacao/>>. Acesso em: 17 nov. 2020.

GONÇALVES, V. V. **“O Liberalismo Demiurgo: estudos sobre a reforma educacional projetada nos Pareceres de Rui Barbosa”**. São Paulo: FEUSP, 1994.

Haidar, M. de L. M. A instrução popular no Brasil antes da República. In: BREJON, M (Org.). **Estrutura e funcionamento do ensino de 1º e 2º graus**. São Paulo: Pioneira, 1973. p. 37-51.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. **Histórias da Educação Brasileira: Leituras**. São Paulo: Cengage Learning, 2017.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Américo Vespúcio – Novo Mundo: Cartas de viagens e descobertas**. L&PM Editores Ltda. Porto Alegre. 1984.

IVENICK, Ana. A Escola e seus desafios na Contemporaneidade. **Revista Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**. Vol. 27 no. 102. Rio de Janeiro Jan./Mar. 2019.

JULIA, Dominique. “La culture scolaire comme objet historique”, **Paedagogica Historica**. International journal of the history of education (Suppl. Series, vol. I, coord. A. Nóvoa, M. Depaepe e E. V. Johanningmeier, 1995, pp. 353-382).

MANCHESTER, A. K. “A Transferência da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro”. Keith, H. H. e Edwards, S. F (orgs.) **Conflito e continuidade na sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1970.

MARIOTTO, Haidar, M. de L. **O ensino secundário no Império brasileiro**. São Paulo: Grijalbo/Edusp, 1972.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. Obras completas de Rui Barbosa: Reforma do ensino secundário e superior. 1942.

MONARCHA, C. **A escola normal da praça: o lado noturno das luzes**. Campinas: Edunicamp, 1999.

NASCIMENTO, Sérgio Inácio do. **O pacto educacional do governo de Goiás (2011-2014): a ideologia da reforma**. 2016. 119 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Territórios e Expressões culturais do Cerrado) – Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2016.

NETO, Alexandre Shigunov; MACIEL, Lizete Shizue. O ensino jesuítico no período colonial brasileiro: algumas discussões. **Educar em Revista**. No.31. Curitiba, 2008.

Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602008000100011&script=sci\\_arttext#n9a](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602008000100011&script=sci_arttext#n9a)

NOGUEIRA, Octaciano. **1824** – Coleção Constituições brasileiras). 3. Ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2012. 105p.

OLIVEIRA, Amanda de; SHAW, Camila. Da inspiração nos secundaristas ao diálogo com a pós graduação. **Boletim ANPEd**: “Ocupações”. Nov. 2016. Disponível em: <http://www.anped.org.br/news/da-inspiracao-nos-secundaristas-ao-dialogo-com-pos-graduacao-ocupacoes-seguem-gerando>. Acesso em 02/fev/2021.

PADILHA, Caio Augusto Toledo. A política de educação especial na era lula (2003-2011): Uma opção pela inclusão. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, nº 66, p. 160-177, dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8643708/11224>. Acesso em: março de 2019.

PALMA FILHO, J. C. Pedagogia Cidadã – Cadernos de Formação – História da Educação – 3. ed. São Paulo: PROGRAD/ UNESP/Santa Clara Editora, 2005, p. 29-47

PEIXOTO, Thiago. **Educação: o desafio de mudar**. Goiânia: Kelps, 2010.

PEREIRA, Elaine Aparecida Teixeira. O conceito de campo de Pierre Bourdieu: possibilidade de análise para pesquisa em história da educação brasileira. **Revista Linhas**. Florianópolis, v.16, n. 32, p. 337-356, set./dez. 2015.

POERNER, Artur José. O Poder Jovem: História e Participação Política dos Estudantes Brasileiros. 1º ed. Civilização Brasileira. 1968.

RAMOS, Cosete. **Excelência da Educação**. Rio de Janeiro, Qualitymark Ed, 1992.

RAMOS, Cosete. **Pedagogia da Qualidade Total**. Rio de Janeiro, Qualitymark Ed, 1994.

**A RECONSTRUÇÃO EDUCACIONAL DO BRASIL**: Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. 1932. Disponível em: [http://www.convenio1931.ence.ibge.gov.br/web/ence/Libania\\_ReconstEducBrasil.pdf](http://www.convenio1931.ence.ibge.gov.br/web/ence/Libania_ReconstEducBrasil.pdf)

RINALDI, Renan Amauri Guaranha. Missões, colégios e aldeamentos jesuíticos no Brasil Colônia: ocupação territorial das Capitanias do Sul (1549-1759). 2014. 149 p. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2014

SAVIANI, Dermeval. “**Os ganhos da década perdida**”. *Presença Pedagógica* (nov./dez. 1995): 51-61.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. **História de Portugal**. 3. ed. Lisboa: Verbo, 1980. v. 2: A formação do Estado Moderno (1415-1495).

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. **História de Portugal**. Lisboa: Verbo, 1982. v. 6: O despotismo iluminado (1750-1807).

SOUZA, Ângelo Ricardo de & TAVARES, Taís Moura. A gestão educacional no Brasil: os legados da ditadura. **RBP**. V. 30, n. 2 p. 269-285, mai./ago. 2014.

STAROBINSKI, Jean. *Le remède dans le mal: critique et légitimation de l’artifice à l’Âge des Lumières*. Paris: Gallimard, 1989

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. **Pierre Bourdieu: a teoria na prática**. *Rev. Adm. Pública* [online]. 2006, vol.40, n.1, pp.27-53. ISSN 0034-7612. <https://doi.org/10.1590/S0034-76122006000100003>.

UBES. GO: **Greve da rede de Estadual de ensino completa 11 dias**. Disponível em: <http://ubes.org.br/2012/go-greve-da-rede-de-estadual-de-ensino-completa-8-dias/>  
Acesso em: 19 nov. 2020.

UBES. **Estudantes goianos de olho na greve!** Disponível em: <http://ubes.org.br/2012/estudantes-goianos-de-olho-na-greve/> Acesso em: 19 nov. 2020

VIEIRA, Sofia Lercha. **Política Educacional em Tempos de Transição ( 1985 – 1995)**. Brasília: Plano, 2000.

VILLALTA, L. C. “O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura”. Souza, Laura de M (org.). **História da Vida Privada**, 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

VILHENA, L. dos S. “Cartas Soteropolitanas”. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, VII, 20 (1946): 288-306.